

The *New York Times* #1 best-selling series

THE LAST OLYMPIAN

PERCY JACKSON & THE OLYMPIANS BOOK FIVE

RICK RIORDAN

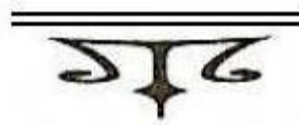
O Último Olimpiano

O ÚLTIMO OLIMPIANO



PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS
LIVRO CINCO

O
ÚLTIMO
OLIMPIANO



RICK RIORDAN

TRADUZIDO POR



: mafia dos livros :

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
OS VOLUNTÁRIOS.....	7
UM	
EMBARCO EM UM CRUZEIRO COM EXPLOSIVOS.....	8
DOIS	
EU CONHEÇO ALGUNS PEIXES PARENTES.....	19
TRÊS	
EU GANHO UMA ESPIADA EM MINHA MORTE.....	27
QUATRO	
NÓS QUEIMAMOS UMA MORTALHA DE METAL.....	36
CINCO	
EU DIRIJO O MEU CACHORRO PARA DENTRO DE UMA ÁRVORE.....	44
SEIS	
MEUS BISCOITOS SAEM QUEIMADOS.....	49
SETE	
MINHA PROFESSORA DE MATEMÁTICA ME DÁ UMA CARONA.....	58
OITO	
EU TOMO O PIOR BANHO DE TODOS.....	67
NOVE	
DUAS COBRAS SALVAM A MINHA VIDA.....	74
DEZ	
EU COMPRO ALGUNS AMIGOS NOVOS.....	85
ONZE	
NÓS QUEBRAMOS UMA PONTE.....	94
DOZE	
RACHEL FAZ UM ACORDO RUIM.....	100
TREZE	
UM TITÃ ME TRAZ UM PRESENTE.....	110

CATORZE	
PORCOS VOAM.....	117
QUINZE	
QUÍRON DÁ UMA FESTA.....	129
DEZESSEIS	
SOMOS AJUDADOS POR UM LADRÃO.....	138
DEZESSETE	
EU SENTO NO TRONO QUENTE.....	148
DEZOITO	
MEUS PAIS VÃO A LUTA.....	156
DEZENOVE	
NÓS DESTRUÍMOS A CIDADE ETERNA.....	160
VINTE	
NÓS GANHAMOS PRÊMIOS FABULOSOS.....	169
VINTE E UM	
BLACKJACK É ROUBADO.....	177
VINTE E DOIS	
EU SOU JOGADO.....	181
VINTE E TRÊS	
NÓS DIZEMOS ADEUS, MAIS OU MENOS.....	188
PROPAGANDAS.....	192

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, a mafia dos livros impressiona com mais um livro traduzido.

Não seria ético deixar de observar que a mafia é um conjunto, uma comunidade (literalmente), sendo assim todos nós fazemos parte dela, mesmo que sejamos apenas “comentaristas”. Há também aquelas pessoas que contribuíram traduzindo, revisando, montando o e-book, ou de alguma outra forma. Elas merecem mérito e reconhecimento, por deixaram de fazer muitas coisas de sua vida pessoal para se dedicar a esse e-book, enfrentarem a pressão de todos e o mais importante: dividirem seus conhecimentos com os outros. Chegará um dia em que vocês serão recompensados. Por enquanto, pedimos que continuem perto de nós, fazendo a felicidade de muitos. Muito obrigado, de coração, por seus feitos heróicos.

Muito obrigado ao Raul, por ter começado esse grande ciclo de amizades, criando um espaço para as pessoas que prezam a leitura. Que os Deuses te recompensem!

Muito obrigado a todas as pessoas que apoiaram os tradutores e revisores, as que aguentaram e não colocaram pressão nos tradutores que ainda estavam dentro do prazo. Às vezes é difícil se conter. *The Last Olympian* é um livro muito empolgante, o que nos fez comentar “como anda o capítulo tal?”, sem querer colocar pressão, ou talvez, apenas um pouquinho. Mas é difícil para os dois lados, esperar é difícil, mas se não fossem os tradutores e revisores nós não teríamos nem pelo que esperar. Ter que encarar a tradução não deve ser fácil para ninguém, mas eles aguentam, e isso faz com que eu seja fã deles.

No desenvolvimento desse livro, a amizade entre todos nós se tornou maior e nos tornou mais próximos. Tenho certeza que muitas pessoas riram lendo aquelas bobagens do nosso “novo Chat” ou se seguraram para não ler os spoilers (aquelas tentações de amarelinho!). Nós nos unimos por uma causa, e essa nos fez mais próximos. Agora a causa se encerra, mas isso não significa que iremos nos separar. Nós temos uma coisa em comum: A paixão por Percy Jackson e os Olimpianos. Ainda vamos conversar muito, ainda nos divertiremos, ainda vamos ver os filmes e, talvez, nos encontrar nas estréias. Teremos tempo pela frente. Esse pode ser o último volume de Percy Jackson e os Olimpianos, mas sabemos que Rick Riordan está nos preparando mais uma saga com Percy. Teremos mais livros para traduzir pela frente, e continuaremos fazendo o que fazemos agora: Traduzir, Revisar, Colocar Spoilers, Colocar Pressão, Brincar, Apenas conversar. Sendo assim, muito obrigado por nos darem dias mais felizes.

Sentiremos falta de Percy, Annabeth, Grover, Thalia, Tyson, Luke, Nico, Rachel, Quíron, Zeus, Poseidon, Hades, Atena, Senhor D., Ares, Hera, Perséfone, Afrodite, Sally, Apolo, Hermes, Ártemis, Deméter, Clarisse, Silena e outros milhares de personagens brilhantes que a mente poderosa de Rick Riordan nos proporcionou. Mas nós sabemos que isso é apenas o começo, haverá mais.

Agora, aproveitem sua última jornada com Percy Jackson e Os Olimpianos.

Fiquem por perto, e podem ter certeza que eu ficarei,

Gabriela Emanuelli Gonçalves

OS VOLUNTÁRIOS

Agradeço à todos aqueles que participaram da tradução, revisão, estruturação, leitura final, entre outras funcionalidades diversas que desempenhamos para compor este livro de capa á contra-capá.

Entre estes, destacam-se alguns nomes, aos quais devemos grande respeito e agradecimentos:

Agradecemos aos nomes citados abaixo, aos voluntários anônimos e aos esquecidos.

Organização Responsável: . mafia dos livros.

Editor Chefe: Raul Nogueira Fernandes

Organização: Felipe Vizentim e Anderson Almeida

Comando: Felipe Vizentim

Apoio à Organização: Raphael Pompeu, Anderson Almeida, Guilherme Macedo, Mariana Albuquerque, Rosane Rodrigues, Cibele Hamburg, Gabriel, Gabriela Gonçalves

Revisão Final: Mari Trindade

Leitura Final: Mari Trindade

Estruturação e Detalhes Finais: Raul Nogueira Fernandes

Tradução: Raphael Pompeu
Felipe Vizentim
Fernando
Jane
Ricardo Pina
Felipe Blergh
Luisa Oliveira
Mark

Revisão: Anderson Almeida
Rosane Rodrigues
Jéssica Sara
Lucas Silva
Cibele Hamburg
Lais Curado
Mariana Albuquerque
Anna Catherine
Gabriel
Iago
Isabella
Mari Trindade

UM



EMBARCO EM UM CRUZEIRO COM EXPLOSIVOS

O fim do mundo começou quando um pégaso pousou no capô do meu carro. Até então, minha tarde estava ótima. Tecnicamente, eu não deveria estar dirigindo porque eu não faria dezesseis anos por mais uma semana, mas minha mãe e meu padrasto, Paul, levaram a minha amiga Rachel e a mim para uma área privada na praia em South Shore, e Paul nos emprestou seu Prius para uma voltinha.

Agora, eu sei o que você está pensando, *Puxa, isso foi muito irresponsável da parte dele e blá, blá, blá*, mas Paul me conhece muito bem. Ele me viu fatar demônios e saltar janelas de escolas que estavam explodindo, então ele provavelmente achou que dirigir um carro por alguns quilômetros não era a coisa mais perigosa que eu já tinha feito.

De qualquer forma, Rachel e eu estávamos dando uma volta. Era um dia quente de agosto. O cabelo ruivo de Rachel estava preso em um rabo de cavalo e ela usava uma blusa branca por cima do maiô. Eu nunca a tinha visto usar qualquer coisa além de camisetas maltrapilhas e jeans rabiscados, e ela parecia como um milhão de dracmas de ouro.

“Oh, pare aqui mesmo!” ela me disse.

Nós estacionamos em uma colina em que podíamos ver o Atlântico. O mar sempre é um dos meus lugares favoritos, mas hoje estava especialmente legal – de um verde brilhante e suave como vidro, como se meu pai o estivesse mantendo calmo só para nós.

Meu pai, falando nisso, é Poseidon. Ele pode fazer esse tipo de coisa.

“Então.” Rachel sorriu para mim. “Sobre aquele convite.”

“Oh... Certo.” Tentei soar animado. Quer dizer, ela tinha me chamado para ir para a casa de férias da família dela em St. Thomas por três dias. Eu não recebia muitas ofertas como essa. A ideia da minha família de férias chiques era um fim de semana em um chalé acabado em Long Island, com alguns filmes alugados e pizzas congeladas, e os pais da Rachel estavam dispostos a me levar com eles para o Caribe.

Além disso, eu realmente precisava de férias. Esse verão tinha sido o mais difícil da minha vida. A ideia de dar um tempo, mesmo que por poucos dias, era realmente tentadora.

Ainda assim, alguma coisa grande estava para acontecer a qualquer dia. Eu estava “de sobreaviso”, esperando uma missão. Pior ainda, semana que vem seria meu aniversário. Tinha essa profecia que dizia que quando eu fizesse dezesseis anos, coisas ruins aconteceriam.

“Percy,” ela disse, “eu sei que o momento é ruim. Mas *sempre* é ruim para você, não é?”

Ela tinha um bom argumento.

“Eu realmente quero ir,” afirmei. “É só –”

“A guerra.”

Assenti. Não gostava de falar sobre isso, mas Rachel sabia. Diferente da maioria dos mortais, ela podia ver através da Névoa – o véu mágico que distorce a visão humana. Ela vira monstros. Conhecera alguns dos outros meio-sangues que estavam lutando contra os Titãs e seus aliados. Ela até estivera lá no último verão quando o fatiado Lorde Cronos saiu de seu caixão em uma terrível nova forma, e ganhara meu respeito permanente por ter cravado uma escova de cabelo de plástico azul no olho dele.

Ela colocou a mão no meu braço. “Só pense nisso, ok? Nós não vamos partir por mais alguns dias. Meu pai...” A voz dela vacilou.

“Ele está complicando a sua vida?”

Rachel sacudiu a cabeça com desgosto. “Ele está tentando ser *legal* comigo, o que é quase pior. Ele quer que eu vá para a Academia Clairon para Moças no outono.”

“A escola onde sua mãe estudou?”

“É uma escola idiota de aperfeiçoamento para garotas de sociedade, lá em New Hampshire. Você consegue me ver em uma escola de aperfeiçoamento de socialites?”

Eu admiti que a ideia soava bem estúpida. Rachel gostava de projetos de arte urbana e alimentar os sem-teto e ir a comícios de protesto para “Salvar o Pica Pau de barriga-amarela ameaçado de extinção” e coisas assim. Eu nunca a tinha visto sequer usar um vestido. Era difícil imaginá-la aprendendo a ser uma socialite.

Ela suspirou. “Ele acha que se fizer um monte coisas legais pra mim, eu vou me sentir culpada e ceder.”

“E é por isso que ele concordou em me deixar ir com vocês nas suas férias?”

“Sim... mas Percy, você estaria me fazendo um grande favor. Seria *muito* melhor se você estivesse lá conosco. Além disso, tem uma coisa que eu quero falar –” Ela parou abruptamente.

“Alguma coisa que você quer falar?” perguntei. “Você quer dizer... tão sério que temos que ir a St. Thomas para falar sobre isso?”

Ela franziu os lábios. “Olhe, só esqueça isso por agora. Vamos fingir que somos duas pessoas normais. Nós saímos para dar uma volta de carro, e estamos vendo o oceano, e é bom estarmos juntos.”

Eu sabia que algo a incomodava, mas ela sorriu bravamente. A luz do sol fazia o cabelo dela parecer fogo.

Nós tínhamos passado bastante tempo juntos esse verão. Eu não tinha exatamente planejado dessa forma, mas quanto mais sérias as coisas ficavam no acampamento, mais eu me via precisando ligar para Rachel e fugir, apenas para ter espaço para respirar. Eu precisava lembrar a mim mesmo que o mundo mortal ainda estava lá, longe de todos os monstros que me usavam como saco de pancadas particular.

“Ok,” falei. “Só uma tarde normal e duas pessoas normais.”

Ela assentiu. “E então... hipoteticamente, se essas duas pessoas gostassem uma da outra, o que seria preciso para o garoto estúpido beijar a garota, hein?”

“Hã...” Eu me senti como uma das vacas sagradas de Apolo – lenta, burra e muito vermelha. “Hum...”

Não posso fingir que não havia pensado sobre Rachel. Ela era muito mais fácil de lidar do que... bem, do que algumas garotas que eu conhecia. Eu não precisava me esforçar muito, ou prestar atenção no que dizia, ou torturar meu cérebro tentando entender o que ela estava dizendo. Rachel não escondia muito. Ela deixava você saber como ela se sentia.

Não tenho certeza do que teria feito em seguida – mas eu estava tão distraído que não notei a forma negra gigante descendo do céu até que quatro cascos pousaram no capô do Prius com um *WUMP-WUMP-CRUNCH!*

Ei, chefe, disse uma voz em minha cabeça. *Carro legal!*

O pégaso Blackjack era um velho amigo meu, então tentei não ficar muito irritado pelas crateras que ele tinha acabado de colocar no capô; mas eu não achava que o meu padrasto ficaria muito contente.

“Blackjack,” suspirei. “O que você –”

Então vi quem estava cavalgando em suas costas, e soube que o meu dia estava para ficar mais complicado.

“E aí, Percy?”

Charles Beckendorf, conselheiro sênior do chalé de Hefesto, faria a maior parte dos monstros chorarem por suas mães. Ele era enorme, com músculos definidos por trabalhar nas forjas todos os verões, dois anos mais velho que eu, e um dos melhores campistas ferreiros. Ele fazia coisas mecânicas realmente engenhosas. Um mês antes, ele tinha colocado uma bomba de fogo grego no banheiro de um ônibus turístico que estava carregando um monte de monstros pelo país. A explosão tinha acabado com uma legião maléfica inteira de Cronos assim que a primeira harpia deu descarga.

Beckendorf estava vestido para o combate. Ele usava uma couraça de bronze no peito e elmo de guerra com calças de camuflagem pretas e uma espada atada a sua cintura. Seu saco de explosivos estava lançado sobre seu ombro.

“Está na hora?” perguntei.

Ele assentiu austeramente.

Um caroço se formou na minha garganta. Eu sabia que isso estava vindo. Estávamos planejando isso há semanas, mas eu meio que esperava que nunca acontecesse.

Rachel olhou para Beckendorf. “Oi.”

“Oh, ei. Eu sou Beckendorf. Você deve ser Rachel. Percy me contou... uh, quero dizer, ele mencionou você.”

Rachel ergueu uma sobrancelha. “Sério? Isso é bom.” Ela olhou rapidamente para Blackjack, que estava batendo as patas contra o capô do Prius. “Então, acho que vocês têm que ir salvar o mundo agora.”

“Algo assim,” Beckendorf concordou.

Olhei para Rachel desamparado. “Você pode falar pra minha mãe –”

“Eu falo pra ela. Tenho certeza que ela já está acostumada com isso. E vou explicar ao Paul sobre o capô.”

Assenti, agradecendo. Imaginei que essa talvez fosse a última vez que Paul fosse me emprestar seu carro.

“Boa sorte.” Rachel me beijou antes mesmo que eu pudesse reagir. “Agora, vá andando, meio-sangue. Vá matar alguns monstros pra mim.”

Minha última visão dela foi sentada no banco do motorista do Prius, de braços cruzados, observando enquanto Blackjack fazia círculos cada vez mais altos, carregando a mim e a Beckendorf para o céu. Eu me perguntei sobre o que Rachel queria falar comigo, e se viveria o suficiente para descobrir.

“Então,” Beckendorf disse, “acho que você não quer que eu mencione essa pequena cena a Annabeth.”

“Oh, deuses,” murmurei. “Nem mesmo pense nisso.”

Beckendorf deu uma risada abafada, e juntos planamos sobre o atlântico.

Já era quase noite quando avistamos nosso alvo. O *Princesa Andrômeda* brilhava no horizonte – um enorme navio de cruzeiro iluminado de amarelo e branco. De longe, você acharia que era apenas um navio de festas, não o quartel general do lorde Titã. Então, enquanto se aproxima você poderia notar a gigante figura na proa – uma donzela de cabelos negros em uma túnica grega, amarrada com correntes com um olhar de horror em seu rosto, como se ela pudesse sentir o fedor de todos os monstros que estava sendo forçada a carregar.

Ver o navio de novo fez minhas entranhas se retorcerem. Eu quase tinha morrido duas vezes no *Princesa Andrômeda*. Agora ele estava indo direto para Nova York.

“Você sabe o que fazer?” Beckendorf gritou acima do vento.

Assenti. Tínhamos feito testes nos estaleiros de Nova York, usando navios abandonados como alvos. Eu sabia o quão pouco tempo tínhamos. Mas também sabia que esta era nossa melhor chance de acabar com a invasão de Cronos antes mesmo dela começar.

“Blackjack,” eu disse, “nos deixe no convés mais baixo da popa.”

‘*Xá comigo, chefe*,’ ele disse. *Cara, eu odeio ver esse barco.*

Três anos atrás, Blackjack tinha sido escravizado no *Princesa Andrômeda* até conseguir escapar com uma pequena ajuda minha e dos meus amigos. Imaginei que ele preferiria ter seu rabo trançado como o Pequeno Pônei do que voltar para cá.

“Não espere por nós,” eu disse a ele.

Mas, chefe –

“Confie em mim,” falei. “Nós sairemos daqui sozinhos.”

Blackjack dobrou suas asas e mergulhou em direção ao barco como um cometa negro. O vento assoviava em meus ouvidos. Eu vi monstros patrulhando os níveis superiores do navio – mulheres-cobra *dracaenaes*, cães infernais, gigantes, e os demônios humanóides conhecidos como telequines – mas nós passamos por eles tão rápido que nenhum soou o alarme. Nós descemos na popa do navio, e Blackjack abriu suas asas, pousando suavemente no deque inferior. Desmontei, me sentindo enjoado.

Boa sorte, chefe, disse Blackjack. *Não deixe eles te transformarem em comida de cavalo!*

Com isso, meu velho amigo voou para noite. Tirei minha caneta do meu bolso e a destampeei, e Contracorrente se expandiu ao seu tamanho máximo – noventa centímetros de bronze celestial brilhando nas sombras.

Beckendorf puxou um pedaço de papel de seu bolso. Pensei que fosse um mapa ou algo assim. Então percebi que era uma fotografia. Ele olhava para ela na luz fraca – o rosto sorridente de Silena Beauregard, filha de Afrodite. Eles começaram a sair no último verão, depois de anos do resto de nós dizendo, “Cara, vocês gostam um do outro!” Mesmo com todas as missões perigosas, Beckendorf esteve mais feliz este verão do que eu já o havia visto até então.

“Nós vamos conseguir voltar para o acampamento,” prometi.

Por um segundo eu vi preocupação em seus olhos. Depois ele colocou seu velho sorriso confiante.

“Pode apostar,” ele disse. “Vamos explodir Cronos em um milhão de pedaços de novo.”

Beckendorf foi na frente. Nós seguimos por um corredor estreito até a escada de serviço, como tínhamos praticado, mas congelamos quando ouvimos barulhos acima de nós.

“Eu não me importo com o que o seu nariz diz!” rosou uma voz meio-humana, meio canina – um telequine. “A última vez que você farejou um meio-sangue, acabou sendo um sanduíche de carne!”

“Sanduíches de carne são bons!” rosou uma segunda voz. “Mas isso é cheiro de meio-sangue, juro. Eles estão a bordo!”

“Bah, é o seu *cérebro* que não está a bordo!”

Eles continuaram a discutir, e Beckendorf apontou para as escadas. Nós descemos o mais silenciosamente possível. Dois andares abaixo, as vozes dos telequines começaram a sumir.

Finalmente nós chegamos a uma escotilha de metal. Beckendorf falou sem emitir som, “casa de máquinas.”

Estava trancada, mas Beckendorf tirou um alicate da mochila e partiu o ferrolho como se fosse feito de manteiga.

Dentro, uma fileira de turbinas amarelas do tamanho de silos se agitava e zunia. Manômetros de pressão e terminais de computadores revestiam a parede oposta. Um telequine estava debruçado sobre o console, mas ele estava tão envolvido em seu trabalho, que não nos notou. Ele tinha aproximadamente um metro e meio de altura, com pelo preto e liso de foca e pés pequenos e atarracados. Ele rosnava e murmurava enquanto digitava no teclado. Talvez estivesse mandando mensagens para seus amigos no carafeia.com

Dei um passo à frente, e ele ficou tenso, provavelmente cheirando alguma coisa errada. Ele saltou para o lado em direção a um grande e vermelho botão de alarme, mas eu bloqueei seu caminho. Ele sibilou e investiu contra mim, mas com um golpe de Contracorrente ele explodiu em pó.

“Um a menos,” disse Beckendorf. “Agora restam uns cinco mil.”

Ele me jogou uma jarra com um espesso líquido verde – fogo grego, uma das mais perigosas substâncias mágicas do mundo. Então ele lançou outra ferramenta essencial para heróis semideuses – fita adesiva.

“Prenda aquele no console,” ele disse. “Eu cuidarei das turbinas.”

Começamos a trabalhar. A sala estava quente e úmida, e em pouco tempo estávamos encharcados de suor.

O barco continuava andando. Sendo o filho de Poseidon e tudo, eu tenho noção perfeita no oceano. Não me pergunte como, mas eu sabia que estávamos a 40.19° Norte, 71.90° Oeste, andando a 18 nós, o que significava que o barco chegaria ao porto de Nova York ao amanhecer. Esta seria nossa única chance de pará-lo.

Eu tinha acabado de amarrar uma segunda jarra de fogo grego nos painéis de controle quando ouvi o som de passos no metal – tantas criaturas descendo as escadas que eu podia ouvi-las acima das máquinas. Não é um bom sinal.

Eu troquei um olhar com Beckendorf. “Quanto tempo?”

“Tempo demais.” Ele deu um tapa em seu relógio, que era o nosso detonador por controle remoto. “Eu ainda tenho que conectar o receptor e carregar. Mais dez minutos no mínimo.”

Julgando pelo som dos passos, nós tínhamos uns dez segundos.

“Vou distraí-los,” eu disse. “Te vejo no ponto de encontro.”

“Percy –”

“Me deseje sorte.”

Ele parecia que queria discutir. A ideia toda era entrar e sair sem sermos vistos. Mas nós teríamos que improvisar.

“Boa sorte,” ele disse.

Eu passei pela porta.

Meia dúzia de telequines estava descendo rapidamente as escadas. Eu os atravessei com Contracorrente tão rápido que eles nem conseguiram gritar. Continuei subindo – passei por outro telequine, que ficou tão assustado que deixou cair sua lancheira Lil’ Demons. Eu o deixei vivo – em parte porque achei sua lancheira legal, em parte para que ele pudesse soar o alarme e fazer com que seus amigos me seguissem ao invés de irem para a sala de máquinas.

Irrompi por uma porta no deque seis e continuei correndo. Tenho certeza de que o corredor acarpetado um dia deve ter sido muito macio, mas com os últimos três anos de

ocupação de monstros o papel de parede, o carpete, e as portas duplas haviam sido arranhados e cobertos por limo de forma que parecia agora mais como a garganta de um dragão (e sim, infelizmente, falo por experiência própria).

Na minha primeira visita ao *Princesa Andrômeda*, meu velho inimigo Luke, para manter as aparências, tinha mantido alguns turistas atordoados a bordo, envoltos pela Névoa, desse modo eles não percebiam que estavam em um navio infestado de monstros. Agora eu não via sinal algum de turistas. Odiava pensar no que havia acontecido a eles, mas eu meio que duvidava que eles tiveram permissão para ir para casa com seus prêmios do bingo.

Alcansei a área externa, um grande shopping que ocupava todo o meio de navio, e congelei. No meio do pátio havia uma fonte. E a fonte estava ocupada por um caranguejo gigante.

Não estou falando “gigante” do tipo pague R\$15.99 e coma-tudo-o-que-conseguir no rei do caranguejo do Alasca. Estou falando *gigante* do tipo maior do que a fonte. O monstro se erguia três metros para fora da água. Seu casco era manchado de azul e verde, suas pinças eram maiores do que meu corpo.

Se você já viu a boca de um caranguejo, toda espumosa e nojenta com pelos, você pode imaginar que este não parecia muito melhor expandido para o tamanho de um outdoor. Seus lustrosos olhos pretos me encaravam, e pude ver inteligência neles – e ódio. O fato de ser filho do deus do mar não iria me fazer ganhar pontos com o Sr. Carrancudo.

“*FFFFffffff*” ele sibilou, espuma marítima gotejando de sua boca. O cheiro saindo dela era como o de uma lata de lixo cheia de restos peixe que tinha sido deixada ao sol por uma semana.

Alarmes soaram. Logo eu teria muita companhia e tinha que seguir em frente.

“Ei, carrancudo.” Fui andando pela borda do pátio. “Eu só vou passar ao seu redor e –”

O caranguejo se moveu com uma velocidade absurda. Ele saiu da fonte e veio direto para mim, com as pinças estalando. Corri para dentro de uma loja de presentes, derrubando araras de camisetas. Uma pinça arreventou as paredes de vidro e atravessou o lugar. Eu voltei para o lado de fora, respirando pesadamente, mas o Sr. Carrancudo se virou e me seguiu.

“Ali!” Disse uma voz na bancada acima de mim. “Intruso!”

Se eu queria criar uma distração, fui bem sucedido, mas não era ali que eu queria lutar. Se eu fosse apanhado no centro do navio, viraria comida de caranguejo.

O crustáceo demoníaco me atacou. Eu o cortei com contracorrente, arrancando a ponta de sua garra. Ele sibilou e espumou, mas não pareceu muito machucado.

Tentei me lembrar de alguma coisa das histórias antigas que pudesse me ajudar com essa coisa. Annabeth tinha me dito alguma coisa sobre um caranguejo monstro – algo sobre Hércules tê-lo esmagado sob seu grande pé? Isso não ia funcionar aqui. Esse caranguejo era um pouco maior do que os meus Reeboks.

Então um pensamento estranho me ocorreu. No natal passado, minha mãe e eu tínhamos levado Paul Bayck para nosso velho chalé em Montauk, aonde íamos desde sempre. Paul tinha me levado para pescar caranguejos, e quando ele conseguiu uma rede cheia dessas coisas, ele me mostrou como os caranguejos têm uma fissura em seu casco, bem no meio de suas barrigas feias.

O único problema era chegar à barriga feia.

Olhei para a fonte, depois para o chão de mármore, já escorregadio por causa do rastro do caranguejo. Ergui minha mão, me concentrando na água, e a fonte explodiu. Água borrifou pra todo lado, até três andares acima, encharcando os balcões, os elevadores e as janelas das lojas. O caranguejo não se importou. Ele amava água. Ele veio de lado até

mim, batendo as pinças e sibilando, e eu corri direto pra ele, gritando, “AHHHHHHHHH!”

No momento antes de colidirmos, eu me joguei no chão no estilo beisebol e escorreguei no chão de mármore molhado direto para debaixo da criatura. Foi como deslizar sob um veículo armado de sete toneladas. Tudo que o caranguejo tinha que fazer era sentar e me esmagar, mas antes que ele entendesse o que estava acontecendo, eu atingi a fissura em seu casco com Contracorrente, soltei o punho, e dei impulso para sair atrás dele.

O monstro estremeceu e sibilou. Seus olhos se dissolveram. Sua concha se tornou vermelho vivo enquanto seu interior evaporava. O casco vazio caiu no chão com um estrondo e se amontoou pesadamente.

Não tive tempo para admirar meu trabalho manual. Corri para a escadaria mais próxima enquanto a toda minha volta monstros e meio-sangues gritavam ordens e desembainhavam suas armas. Eu estava de mãos vazias. Contracorrente, sendo mágica, reapareceria no meu bolso mais cedo ou mais tarde, mas por enquanto estava presa em algum lugar embaixo dos destroços do caranguejo, e eu não tinha tempo de reavê-la.

Na área de elevadores do deque oito, duas *dracaenae* se arrastavam cruzando o meu caminho. Da cintura para cima elas eram mulheres com pele verde e escamosa, olhos amarelos e línguas bifurcadas. Da cintura para baixo tinham dois troncos de cobras ao invés de pernas. Elas seguravam lanças e redes com pesos, e eu sabia por experiência que elas poderiam usá-las.

“O que é isssso?” disse uma delas. “Um prêmio para Cronosss!”

Eu não estava com vontade de brincar de cobra-cega, mas na minha frente estava uma bancada com uma maquete do navio, como um painel do tipo VOCÊ ESTÁ AQUI. Arranquei o modelo do pedestal e o arremessei na primeira *dracaena*. O barco bateu na cara dela e ela caiu com o navio. Pulei por cima dela, agarrei a lança de sua amiga, e girei com ela. Ela bateu no elevador e eu continuei correndo em direção à proa do navio. “Pegue-o!” ela gritou.

Cães infernais latiram. Uma flecha que não sei de onde veio passou assoviando pelo meu rosto e se fincou no painel de mogno da parede da escada.

Eu não me importei – desde que os monstros ficassem longe da sala de máquinas e dessem mais tempo a Beckendorf.

Enquanto eu subia a escada correndo, uma criança desceu e me atacou.

Ele parecia que tinha acabado de acordar de uma soneca. Sua armadura estava vestida pela metade. Ele puxou sua espada e gritou, “Cronos!” mas ele pareceu mais assustado do que com raiva. Ele não poderia ter mais do que doze anos – mais ou menos a mesma idade que eu tinha quando cheguei pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

Esse pensamento me deprimiu. Esta criança estava sofrendo lavagem cerebral – treinada para odiar os deuses e destruí-los porque nasceu meio olimpiano. Cronos o estava usando, e ainda assim o garoto pensava que eu era seu inimigo.

De jeito nenhum eu iria machucá-lo. Eu não precisava de uma arma para isso. Dei um passo a frente para dentro do golpe dele, agarrei seu pulso e o bati contra a parede. A espada caiu com ruído de sua mão.

Então fiz algo que não tinha planejado. Provavelmente era idiota. Definitivamente comprometeria a missão, mas eu não pude evitar.

“Se você quiser viver,” eu disse a ele, “saia desse navio *agora*. Avise aos outros semideuses.” Então eu o empurrei escada abaixo e ele foi dando cambalhotas até o próximo andar.

Continuei subindo.

Memórias ruins: um corredor passava pela cafeteria. Annabeth, meu meio-irmão Tyson, e eu nos esgueiramos por aqui três anos atrás na minha primeira visita.

Saí irrompendo no convés principal. Acima da proa, o céu estava escurecendo, de roxo para preto. Uma piscina brilhava entre duas torres de vidro com mais balcões e deques de restaurante. Toda a parte superior do navio parecia deserta.

Tudo que eu tinha que fazer era chegar ao outro lado. Daí eu poderia pegar as escadas e descer até o heliporto – nosso ponto de encontro de emergência. Com alguma sorte, Beckendorf me encontraria lá. Nós pularíamos no mar. Meus poderes aquáticos nos protegeriam, e nós detonaríamos os explosivos a uns quatrocentos metros de distância. Eu estava na metade do caminho quando o som de uma voz me fez congelar. “Você está atrasado, Percy.”

Luke estava num balcão acima de mim, com um sorriso no rosto marcado pela cicatriz. Ele usava calças jeans, uma camiseta branca e chinelo de dedo, como se fosse apenas um universitário normal, mas seus olhos falavam a verdade. Eles eram de um dourado denso.

“Nós estivemos esperando por você há dias.” No começo ele parecia normal, como o Luke. Mas então seu rosto se contorceu. Um tremor passou por seu corpo como se ele tivesse acabado de beber alguma coisa realmente nojenta. Sua voz se tornou mais pesada, antiga e poderosa – a voz do Lorde Titã Cronos. As palavras passaram raspando pela minha coluna como a lâmina de uma faca. “Venha, curve-se diante de mim.”

“É, como se isso fosse acontecer,” murmurei.

Gigantes Lestrigões se enfileiraram dos dois lados da piscina como se estivessem esperando pela sua deixa. Cada um tinha dois metros e meio de altura com braços tatuados, armaduras de couro e clavas com pontas. Arqueiros semideuses apareceram no telhado acima de Luke. Dois cães infernais saltaram do balcão oposto e rosnaram para mim. Em segundos eu estava cercado. Uma armadilha: de jeito nenhum eles teriam se colocado em posição tão rápido, a menos que soubessem que eu viria.

Olhei para Luke, e raiva ferveu dentro de mim. Eu nem sabia se a consciência de Luke estava ao menos viva dentro daquele corpo. Talvez, o modo como sua voz mudou... ou talvez fosse apenas Cronos se adaptando a sua nova forma. Eu disse a mim mesmo que isso não importava. Luke já era distorcido e mal antes de Cronos possuí-lo.

Uma voz em minha mente disse: *Eu vou ter que lutar contra ele eventualmente. Por que não agora?*

De acordo com a grande profecia, eu deveria fazer uma escolha que salvaria ou destruiria o mundo quando eu fizesse dezesseis anos. Isso aconteceria em apenas sete dias. Por que não agora? Se eu realmente tenho o poder, qual diferença uma semana faria? Eu podia acabar com essa ameaça agora mesmo destruindo Cronos. Ei, eu já tinha lutado contra monstros e deuses antes.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Luke sorriu. Não, ele era *Cronos*. Eu tinha que me lembrar disso.

“Avance,” ele disse, “se tiver coragem.”

A multidão de monstros se dividiu. Eu subi as escadas, meu coração batendo forte. Eu tinha certeza que alguém me apunhalaria pelas costas, mas eles me deixaram passar. Tateei meu bolso e achei minha caneta esperando. Tirei a tampa, e Contracorrente se transformou em uma espada.

A arma de Cronos apareceu em suas mãos – uma foice de quase dois metros, metade bronze celestial, metade aço mortal. Só olhar para aquela coisa fez os meus joelhos virarem gelatina. Mas antes que eu pudesse mudar de ideia, eu ataquei.

O tempo desacelerou. Quero dizer *literalmente* desacelerou, porque Cronos tinha esse poder. Senti como se estivesse me movendo através de melado. Meus braços estavam tão pesados, que eu mal podia erguer minha espada. Cronos sorriu, agitando sua foice na velocidade normal e esperando que eu me arrastasse em direção a minha morte.

Tentei lutar contra sua magia. Eu me concentrei no mar a minha volta – a fonte do meu poder. Eu tinha ficado melhor em canalizá-lo através dos anos, mas agora nada parecia acontecer.

Dei mais um passo lento à frente. Gigantes zombaram. *Dracaenae* chiaram rindo.

Ei, oceano, implorei. Agora seria uma boa hora.

De repente senti um dor como um puxão nas minhas entranhas. O barco inteiro deu uma guinada lateral, fazendo monstros caírem. Quatrocentos galões de água salgada saíram da piscina, encharcando a mim e a Cronos e todo mundo no deque. A água me revitalizou, quebrando o feitiço do tempo, e eu investi para frente.

Golpeei Cronos, mas eu ainda estava lento demais. Cometi o erro de olhar para o rosto dele – *o rosto de Luke* – um cara que uma vez foi meu amigo. Por mais que eu o odiasse, era difícil matá-lo.

Cronos não tinha essa hesitação. Ele cortou para baixo com sua foice. Eu saltei para trás, e a lâmina maligna errou por um centímetro, cortando um talho fundo no deque bem entre os meus pés.

Chutei Cronos no peito. Ele tropeçou para trás, mas era mais pesado do que Luke deveria ser. Era como chutar uma geladeira.

Cronos girou sua foice novamente. Eu a interceptei com Contracorrente, mas seu golpe era tão poderoso que minha lâmina só pode desviá-lo. A ponta da foice rasgou a manga da minha camisa e arranhou meu braço. Não deveria ter sido um corte sério, mas todo o lado do meu corpo explodiu em dor. Eu me lembrei do que um demônio marinho uma vez havia dito sobre a foice de Cronos: *Cuidado, tolo. Um toque, e a lâmina vai separar sua alma de seu corpo.* Agora entendi o que ele quis dizer. Eu não estava apenas perdendo sangue. Eu podia sentir minha força, minha vontade, minha identidade indo embora.

Tropecei para trás, mudei a espada para minha mão esquerda, e ataquei desesperadamente. Minha lâmina deveria tê-lo atravessado, mas foi desviada em seu abdômen como se eu estivesse atacando mármore sólido. De jeito nenhum ele deveria ter sobrevivido àquilo.

Cronos riu. “Uma performance fraca, Percy Jackson. Luke me disse que você nunca foi páreo para ele na esgrima.”

Minha visão começou a embaçar. Eu sabia que não tinha muito tempo. “Luke tinha um cabeção,” eu disse. “Mas pelo menos era a cabeça *dele*.”

“É uma pena matá-lo agora,” lamentou Cronos, “antes do desdobramento do plano final. Eu adoraria ver o terror em seus olhos quando você entendesse como vou destruir o Olimpo.”

“Você nunca vai levar este barco até Manhattan.” Meu braço estava latejando. Minha visão estava manchada por pontos pretos.

“E por que não?” Os olhos dourados de Cronos brilharam. O rosto dele – o rosto de Luke – parecia uma máscara, sobrenatural e iluminada por algum poder maligno.

“Talvez você esteja contando com seu amigo com os explosivos?”

Ele olhou para a piscina abaixo e chamou, “Nakamura!”

Um adolescente em armadura grega completa atravessou a multidão. Seu olho esquerdo estava coberto por um tapa-olho preto. Eu o conhecia, é claro: Ethan Nakamura, o filho de Nêmesis. Eu tinha salvado sua vida no labirinto no verão passado, e em troca o pequeno delinquente havia ajudado Cronos a voltar à vida.

“Sucesso, meu lorde,” disse Ethan. “Nós o encontramos como fomos informados.”

Ele bateu palmas, e dois gigantes vieram à frente, arrastando Charles Beckendorf entre eles. Meu coração quase parou. Beckendorf tinha um olho inchado e cortes em todo seu rosto e braços. Sua armadura havia sumido e sua camisa estava rasgada.

“Não!” gritei.

Beckendorf encontrou meu olhar. Ele olhou para sua mão como se estivesse tentando me dizer alguma coisa. *O relógio dele*. Eles ainda não o tinham tirado, e ele era o detonador. Seria possível que os explosivos estivessem armados? Com certeza os monstros os teriam desarmado imediatamente.

“Nós o encontramos a meia-nau,” disse um dos gigantes, “tentando entrar na sala de máquinas. Podemos comê-lo agora?”

“Logo.” Cronos encarou Ethan. “Você tem certeza que ele não armou os explosivos?”

“Ele estava indo *para a* sala de máquinas, meu lorde.”

“Como você sabe disso?”

“Er...” Ethan se mexeu desconfortavelmente. “Ele estava indo naquela direção. E ele nos disse. A bolsa dele ainda está cheia de explosivos.”

Devagar, comecei a entender. Beckendorf os tinha enganado. Quando percebeu que seria capturado, ele se virou para fazer parecer que estava indo para o outro lado. Ele os convenceu de que ainda não tinha alcançado a sala de máquinas. O fogo grego ainda poderia estar armado! Mas isso não tinha muita utilidade para nós a menos que pudéssemos sair do navio e detoná-lo.

Cronos hesitou.

Engula a história, rezei. A dor no meu braço era tão grande agora que eu mal podia ficar de pé.

“Abram a mochila dele,” ordenou Cronos

Um dos gigantes arrancou o saco de explosivos do ombro de Beckendorf. Ele espiou dentro, grunhiu, e o virou de cabeça para baixo. Monstros em pânico recuaram. Se a bolsa realmente estivesse cheia de fogo grego, todos nós teríamos explodido. Mas o que caiu foi uma dúzia de latas de pêssego em calda.

Eu podia ouvir a respiração de Cronos tentando controlar sua raiva.

“Você, por acaso,” ele disse, “capturou este semideus perto da cozinha?”

Ethan empalideceu. “Hum –”

“E você, por acaso, enviou alguém para realmente **CHECAR A SALA DE MÁQUINAS?**”

Ethan cambaleou para trás aterrorizado, depois se virou nos calcanhares e correu.

Amaldiçoei silenciosamente. Agora nós tínhamos apenas minutos antes que as bombas fossem desarmadas. Captei o olhar de Beckendorf novamente e fiz uma pergunta silenciosa, esperando que ele entendesse: *Quanto tempo?*

Ele fechou seus dedos com o polegar fazendo um círculo. *Zero*. Não havia atraso algum no *timer*. Se ele conseguisse apertar o botão do detonador, o navio explodiria na hora. Nós nunca conseguiríamos ir longe o suficiente antes de usá-lo. Os monstros nos matariam primeiro, ou desarmariam os explosivos, ou os dois.

Cronos se virou para mim com um sorriso torto. “Você terá que desculpar meus ajudantes incompetentes, Percy Jackson. Mas isso não importa. Nós temos você agora. Há semanas nós sabíamos que você viria.”

Ele estendeu a mão e balançou um pequeno bracelete de prata com um pingente em forma de foice – o símbolo do Lorde Titã.

A ferida em meu braço estava enfraquecendo a minha habilidade de pensar, mas eu murmurei, “Aparelho de comunicação... espião no acampamento.”

Cronos riu entre os dentes. “Você não pode contar com seus amigos. Eles sempre vão deixar você na mão. Luke aprendeu essa lição do modo mais duro. Agora largue a espada e se renda a mim, ou seu amigo morre.”

Engoli em seco. Um dos gigantes tinha sua mão ao redor do pescoço de Beckendorf. Eu não estava em condições de resgatá-lo, e mesmo que eu tentasse, ele morreria antes que eu pudesse chegar lá. Nós dois morreríamos.

Beckendorf falou sem som algum: *Vá*.

Balancei minha cabeça. Não podia simplesmente abandoná-lo.

O segundo gigante ainda estava mexendo nas latas de pêssego em calda, o que significava que o braço esquerdo de Beckendorf estava livre. Ele o levantou devagar na direção do relógio em seu pulso direito.

Eu queria gritar, *NÃO!*

Então perto da piscina abaixo, uma *dracaenae* sibilou, “O que ele esstá fazendo? O que é isso no pulssso dele?”

Beckendorf fechou os olhos com força e levou sua mão até o relógio.

Eu não tinha escolha. Joguei minha espada como uma lança em Cronos. Ela bateu sem machucá-lo em seu peito, mas o assustou. Eu me espremi por uma multidão de monstros e pulei pela amurada do navio – para a água cem metros abaixo.

Ouvi barulho no fundo do navio. Monstros gritavam comigo lá de cima. Uma lança passou perto do meu ouvido. Uma flecha penetrou minha coxa, mas eu não tive tempo para registrar a dor. Mergulhei no mar e ordenei às correntes que me levassem para longe, muito longe – cem metros, duzentos metros.

Mesmo daquela distância, a explosão sacudiu o mundo. O calor ressecou a parte de trás da minha cabeça. O *Princesa Andrômeda* explodiu dos dois lados, uma bola de fogo verde maciça turvando o céu escuro, consumindo tudo.

Beckendorf, pensei.

Então apaguei e afundei como uma âncora em direção ao fundo do mar.





EU CONHEÇO ALGUNS PEIXES PARENTES

Os sonhos de um meio-sangue são uma droga.

O negócio é que eles nunca são apenas *sonhos*. Eles têm que ser visões, presságios, e todas aquelas outras coisas místicas que fazem o meu cérebro doer.

Eu sonhei que estava em um palácio tenebroso no topo de uma montanha. Infelizmente, eu o reconheci: o palácio dos Titãs no topo do monte Ótris, também conhecido como monte Tamalpais, na Califórnia. O pavilhão principal estava aberto para a noite, cercado de escuras colunas gregas e estátuas dos Titãs. A luz de tochas brilhava contra o chão de mármore preto. No centro da sala, um gigante de armadura lutava contra o peso de um turbilhão afunilado de nuvens – Atlas, segurando o céu.

Dois outros homens gigantes estavam perto de um braseiro de bronze, estudando as imagens nas chamas.

“Foi uma explosão considerável,” disse um deles. Ele usava uma armadura negra com pontos prateados, como uma noite estrelada. Seu rosto estava coberto com um elmo de batalha com chifres de carneiro enrolados de cada lado.

“Isso não importa,” o outro respondeu. Esse titã estava vestido com uma túnica dourada, e tinha olhos dourados como Cronos. Todo seu corpo brilhava. Ele me lembrava Apolo, Deus do Sol, exceto que a luz do Titã era mais dura, e sua expressão mais cruel. “Os deuses responderam ao desafio. Logo serão destruídos.”

As imagens no fogo eram difíceis de decifrar: tempestades, prédios desintegrando, mortais gritando em terror.

“Eu irei para o leste conduzir nossas forças,” disse o Titã dourado. “Crios, você deve ficar e guardar o Monte Ótris.”

O cara com os chifres de carneiro grunhiu. “Eu sempre fico com os trabalhos idiotas. Lorde do Sul. Lorde das Constelações. Agora eu fico de babá do Atlas enquanto *você* fica com toda a diversão.”

Debaixo do turbilhão de nuvens, Atlas berrou em agonia. “Deixem-me sair, malditos! Eu sou seu melhor guerreiro. Pegue meu fardo para que eu possa lutar!”

“Quieto!” rosnou o Titã dourado. “Você teve sua chance, Atlas. Você fracassou. Cronos quer você onde você está. Quanto a você, Crios, cumpra com a sua obrigação.”

“E se você precisar de mais guerreiros?” Crios perguntou. “Nosso traiçoeiro sobrinho de smoking não irá ajudar muito em uma luta.”

O Titã dourado gargalhou. “Não se preocupe com ele. Além disso, os deuses mal podem aguentar nosso primeiro pequeno desafio. Eles não tem ideia de quantos outros nós temos armazenados. Marque minhas palavras: em poucos dias, o Olimpo estará em ruínas, e nós vamos nos encontrar aqui de novo para celebrar o amanhecer da Sexta Era!”

O Titã dourado irrompeu em chamas e desapareceu.

“Oh, claro,” Crios grunhiu. “Ele pode irromper em chamas. Eu posso usar esses chifres de carneiro idiotas.”

A cena mudou. Agora eu estava do lado de fora do pavilhão, escondido nas sombras de uma coluna grega. Um garoto estava perto de mim, bisbilhotando os Titãs. Ele tinha cabelos pretos e sedosos, pele pálida, e roupas negras – meu amigo Nico di Angelo, o filho de Hades.

Ele olhou direto para mim, sua expressão severa. “Você vê Percy?” ele sussurrou. “Você está ficando sem tempo. Você realmente acha que pode vencê-los sem o meu plano?”

Suas palavras passaram por mim tão frias quanto o fundo do oceano, e meus sonhos escureceram.

“Percy?” disse uma voz profunda.

Parecia que a minha cabeça havia sido colocada no micro-ondas com uma folha de alumínio. Eu abri meus olhos e vi uma figura grande como uma sombra se inclinando sobre mim.

“Beckendorf?” perguntei esperançosamente.

“Não, irmão.”

Meus olhos focalizaram. Eu estava olhando para um ciclope – um rosto disforme, cabelo castanho desgrenhado, um grande olho castanho cheio de preocupação. “Tyson?” Meu irmão abriu um sorriso largo cheio de dentes. “Viva! Seu cérebro funciona!”

Eu não tinha tanta certeza. Meu corpo parecia sem peso e gelado. Minha voz soava errada. Eu podia ouvir Tyson, mas era mais como se eu estivesse ouvindo vibrações dentro do meu crânio, não os sons normais.

Eu me sentei, e um lençol fino flutuou para longe. Eu estava em uma cama feita de sedosos tecidos de água marinha, em uma sala com painéis de conchas. Pérolas brilhantes do tamanho de bolas de basquete flutuavam no teto, fornecendo luz. Eu estava debaixo d’água.

Agora, sendo o filho de Poseidon e tudo, eu estava bem com isso. Eu posso respirar perfeitamente debaixo d’água, e minhas roupas nem ao menos ficam molhadas, a menos que eu quisesse. Mas ainda foi meio chocante quando um tubarão cabeça de martelo flutuou pela janela do quarto, cumprimentou-me, e então saiu calmamente pela janela oposta.

“Onde –”

“No palácio do papai,” disse Tyson.

Sob circunstâncias diferentes, eu estaria excitado. Eu nunca tinha visitado o reino de Poseidon, e estivera sonhando com isso por anos. Mas minha cabeça doía. Minha camisa ainda estava salpicada com marcas de queimaduras da explosão. Os ferimentos do meu braço e da minha perna tinham se curado – só entrar no oceano pode fazer isso por mim, dado tempo suficiente — mas eu ainda sentia como se tivesse sido pisoteado por um time de futebol de Lestrigões com chuteiras.

“Quanto tempo –”

“Nós o encontramos ontem a noite,” disse Tyson, “afundando na água.”

“O *Princesa Andrômeda*?”

“Fez ca-boom,” Tyson confirmou.

“Beckendorf estava a bordo. Você o encontrou...”

O rosto de Tyson escureceu. “Nem sinal dele. Sinto muito, irmão.”

Eu olhei pela janela para a água azul profunda. Beckendorf deveria ir para a faculdade neste outono. Ele tinha uma namorada, muitos amigos, toda sua vida pela frente. Ele não podia ter *partido*. Talvez ele tenha conseguido sair do navio assim como eu. Talvez ele tenha pulado pela lateral... e o quê? Ele não podia sobreviver a uma queda de trinta metros até a água como eu podia. Ele não podia ter colocado distância suficiente entre ele e a explosão.

No fundo eu sabia que ele estava morto. Ele tinha se sacrificado para acabar com o *Princesa Andrômeda*, e eu o havia abandonado.

Eu pensei sobre o meu sonho: os Titãs discutindo sobre a explosão como se ela não importasse, Nico di Angelo me alertando que eu jamais venceria Cronos sem seguir seu plano – uma ideia perigosa que eu estivera evitando por mais de um ano.

Uma explosão distante sacudiu o cômodo. Luz verde resplandecia do lado de fora, tornando todo o oceano tão claro quanto o meio-dia.

“O que foi isso?” perguntei.

Tyson pareceu preocupado. “Papai irá explicar. Venha, ele está explodindo monstros.”

O palácio poderia ter sido a coisa mais impressionante que eu já vira se ele não estivesse a ponto de ser destruído. Nós nadamos até o fim de um longo corredor e disparamos para cima em um géiser. Quando nos erguemos acima dos telhados eu fiquei sem ar – bom, se eu pudesse ficar sem ar debaixo d’água.

O palácio era tão grande quanto a cidade no monte Olimpo, com pátios enormes e abertos, jardins, e pavilhões com colunas. Os jardins eram esculpido com colônias de coral e plantas do mar brilhantes. Vinte ou trinta construções eram feitas de conchas de haliote brancas, mas reluziam com as cores do arco-íris. Peixes e polvos entravam e saíam pelas janelas. Os caminhos eram traçados com pérolas brilhantes como luzes de natal.

O pátio principal estava cheio de guerreiros – sereianos, com rabos de peixe da cintura para baixo e corpos humanos da cintura para cima, exceto pela pele, que era azul, o que era algo que eu não sabia. Alguns estavam tratando dos feridos. Outros estavam afiando lanças e espadas. Um deles passou por nós, nadando com pressa. Seus olhos eram de um verde brilhante, como aquela coisa que colocam nos glo-sticks, e seus dentes eram como os de um tubarão. Eles não mostram coisas assim na *Pequena Sereia*.

Fora do pátio principal ficavam fortificações largas – torres, paredes, e armas de anti-cerco – mas a maior parte disso tinha sido transformada em ruínas. Outras estavam ardendo com uma luz verde que eu conhecia bem – fogo grego, que pode queimar mesmo debaixo d’água.

Além disso, o chão do oceano tinha sido engolido pela escuridão. Eu podia ver batalhas raiosas – flashes de energia, explosões, o tremeluzir do choque entre os exércitos. Um humano normal teria achado escuro demais para enxergar. Mas que droga, um humano normal teria sido esmagado pela pressão e congelado pelo frio. Mesmo os meus olhos sensitivos a calor não podiam ver exatamente o que estava acontecendo.

Na ponta do complexo do palácio, um templo com um teto de coral vermelho explodiu, mandando fogo e escombros flutuando em câmera lenta para os jardins mais distantes. Fora da escuridão acima, uma forma enorme apareceu – uma lula maior do que qualquer arranha-céu. Estava cercada por uma nuvem brilhante de poeira – pelo menos eu achei que fosse poeira, até que percebi que era um enxame de sereianos tentando atacar o monstro. A lula desceu sobre o palácio e golpeou com seus tentáculos, esmagando toda uma coluna de guerreiros. Então um arco brilhante de luz azul foi atirado do telhado de um dos prédios mais altos. A luz atingiu a lula gigante, e o monstro se dissolveu como corante na água.

“Papai,” disse Tyson, apontando para o lugar de onde o raio tinha vindo.

“Ele fez isso?” De repente eu me senti mais esperançoso. Meu pai tinha poderes inacreditáveis. Ele era o deus do mar. Ele podia lidar com esse ataque, certo? Talvez ele me deixasse ajudar.

“Você esteve na luta?” Perguntei a Tyson com admiração. “Tipo esmagando cabeças com sua impressionante força de ciclope e tudo mais?”

Tyson fez uma careta, e imediatamente eu soube que tinha feito uma pergunta ruim. “Eu estive... consertando armas,” ele murmurou. “Venha. Vamos encontrar o papai.”

Eu sei que isso pode soar estranho para as pessoas com, tipo, pais normais, mas eu só tinha visto meu pai quatro ou cinco vezes na minha vida, e nunca por mais do que alguns minutos. Os deuses gregos não costumam aparecer para ver os jogos de basquete de seus filhos. Ainda assim, eu pensei que reconheceria Poseidon de cara.

Eu estava errado.

O teto do templo era um deque grande e aberto que tinha sido colocado como centro de comando. Um mosaico no chão mostrava um mapa exato das terras do palácio e do oceano em volta, mas o mosaico se mexia. Azulejos de pedra colorida representando os diferentes exércitos e monstros marinhos mudavam de lugar conforme as forças mudavam de posição. Construções que desmoronavam na vida real também desmoronavam no quadro.

De pé ao lado do mosaico, estudando seriamente a batalha, estava uma estranha seleção de guerreiros, mas nenhum deles parecia com o meu pai. Eu estava procurando por um cara grande com um bronzado e uma barba preta, usando bermudas e camisa havaiana. Não havia ninguém assim. Um cara era um sereiano com duas caudas ao invés de uma. Sua pele era verde, sua armadura cravejada de pérolas. Seu cabelo preto estava amarrado em um rabo-de-cavalo, e ele parecia ser jovem – apesar de ser difícil dizer com não-humanos. Eles podiam ter uma centena de anos ou três. A seu lado estava um velho com uma barba branca espessa e cabelos cinza. Sua armadura de batalha parecia pesar sobre ele. Ele tinha olhos verdes e rugas de sorriso ao redor, mas ele não estava sorrindo agora. Estava estudando o mapa e se apoiando em um grande bastão de metal. A sua direita estava uma linda mulher em armadura verde com leves cabelos negros e chifres estranhos como garras de caranguejo. E havia um golfinho – apenas um golfinho normal, mas estava olhando intensamente para o mapa.

“Delfim,” disse o velho. “Mande Palaemon e sua legião de tubarões para a frente ocidental. Nós temos que neutralizar aqueles leviatãs.”

O golfinho falou em uma voz estranha, mas pude entender em minha mente: *Sim, lorde!* Ele foi embora rapidamente.

Eu olhei com receio para Tyson, depois de novo para o velho homem.

Não parecia possível, mas... “Pai?” perguntei.

O velho homem olhou para cima. Eu reconheci o brilho em seus olhos, mas seu rosto... ele parecia ter envelhecido quarenta anos.

“Olá, Percy.”

“O que – o que aconteceu com você?”

Tyson me cutucou. Ele estava sacudindo a cabeça com tanta força que eu tive medo que ela fosse cair, mas Poseidon não pareceu ofendido.

“Está tudo bem, Tyson,” ele disse. “Percy, desculpe a minha aparência. A guerra tem sido dura para mim.”

“Mas você é imortal,” eu disse em voz baixa. “Você pode aparentar... da forma que você quiser.”

“Eu retrato o estado do meu reino,” ele disse. “E neste momento esse estado é bem severo. Percy, eu deveria apresentá-lo – receio que tenha acabado de perder meu tenente Delfim, Deus dos Golfinhos. Esta é minha, hã, esposa, Anfitrite. Minha querida –”

A mulher na armadura verde olhou friamente para mim, depois cruzou os braços e disse, “Com licença, meu lorde. Eu sou necessária na batalha.”

Ela nadou para longe.

Eu me senti bem estranho, mas acho que não podia culpá-la. Eu nunca tinha pensado muito nisso, mas meu pai tinha uma esposa imortal. Todos os seus romances com mortais, incluindo a minha mãe... bem, Anfitrite provavelmente não gostava muito disso.

Poseidon limpou a garganta. “Sim, bem... e este é meu filho Triton. Hã, meu *outro* filho.”

“Seu filho e herdeiro,” o cara verde corrigiu. Sua calda de peixe dupla açoitava para frente e para trás. Ele sorriu para mim, mas não havia amizade em seus olhos. “Olá, Perseu Jackson. Veio ajudar, finalmente?”

Ele agiu como se eu estivesse atrasado ou fosse preguiçoso. Se fosse possível corar debaixo d’água, eu provavelmente teria feito.

“Me diga o que fazer,” falei.

Triton sorriu como se essa fosse uma sugestão fofa – como se eu fosse um cachorro ligeiramente divertido que havia latido pra ele ou algo assim. Ele se voltou para Poseidon. “Eu irei para a linha de frente, Pai. Não se preocupe. *Eu* não falharei.”

Ele assentiu educadamente para Tyson. Por que eu não ganhava esse tipo de respeito? Então ele disparou pela água.

Poseidon suspirou. Ele ergueu seu bastão, e ele se transformou em sua arma usual – um enorme tridente. As pontas brilhavam com uma luz azul, e a água a seu redor fervia com a energia.

“Eu sinto muito por isso,” ele me disse.

Uma gigantesca serpente do mar apareceu acima de nós e começou a descer em espirais até o telhado. Era laranja brilhante, com uma boca com presas grande o suficiente para engolir um ginásio.

Mal olhando para cima, Poseidon apontou seu tridente para a fera e atirou energia azul. *Ca-boom!* O monstro explodiu em um milhão de peixes dourados, os quais nadaram todos para longe aterrorizados.

“Minha família está ansiosa,” Poseidon continuou como se nada tivesse acontecido. “A batalha contra Oceanus está indo mal.”

Ele apontou para a borda do mosaico. Com a ponta de seu tridente ele tocou a imagem de um sereiano maior do que os outros, com chifres de touro. Ele parecia estar dirigindo uma carruagem puxada por lagostas, e ao invés de uma espada ele bradava uma serpente viva.

“Oceanus,” eu disse, tentando me lembrar. “O titã do mar?”

Poseidon assentiu. “Ele ficou neutro na primeira guerra entre deuses e titãs. Mas Cronos o convenceu a lutar. Isso é... bem, não é um bom sinal. Oceanus não se comprometeria a menos que tivesse certeza de que poderia escolher o lado vencedor.”

“Ele parece ser estúpido,” eu disse, tentando soar otimista. “Quero dizer, quem luta com uma cobra?”

“Papai vai dar nós nela,” disse Tyson firmemente.

Poseidon sorriu, mas ele parecia fatigado. “Eu aprecio sua fé. Nós estamos em guerra há quase um ano agora. Meus poderes estão sobrecarregados. E ele ainda consegue novas forças para jogar contra mim – monstros marinhos tão antigos que eu tinha me esquecido deles.”

Eu ouvi uma explosão à distância. A mais ou menos oitocentos metros, uma montanha de coral se desintegrou debaixo do peso de duas criaturas gigantes. Eu podia ver suas formas vagamente. Um era uma lagosta. O outro era um humanóide gigante como os

ciclopes, mas ele estava cercado por uma agitação de membros. A princípio pensei que ele estivesse usando um monte de polvos gigantes, mas então percebi que eram seus próprios braços – uma centena de braços trabalhando, lutando.

“Briares!” falei.

Eu estava feliz em vê-lo, mas ele parecia estar lutando pela própria vida. Ele era o último do seu tipo – O de Cem-Mãos, primo dos ciclopes. Nós o tínhamos salvado da prisão de Cronos no último verão, e eu sabia que ele tinha vindo ajudar Poseidon, mas não ouvira falar dele desde então.

“Ele luta bem,” disse Poseidon. “Eu queria ter todo um exército como ele, mas ele é o único.”

Eu observei enquanto Briares rugia com raiva e apanhava a lagosta, que lutava e batia suas pinças. Ele a jogou da montanha de coral, e a lagosta desapareceu na escuridão. Briares nadou atrás dela, seus cem braços girando como as pás de um barco a motor.

“Percy, nós não temos muito tempo,” meu pai disse. “Conte-me sobre a sua missão. Você viu Cronos?”

Eu contei tudo a ele, apesar da minha voz ter tremido quando expliquei sobre Beckendorf. Eu olhei para os pátios abaixo e vi centenas de sereianos feridos deitados em leitos improvisados. Eu vi filas de corais que tinham virado sepulturas de forma apressada. Eu percebi que Beckendorf não era a primeira morte. Ele era apenas um de centenas, talvez milhares. Eu jamais havia me sentido tão zangado e desamparado antes. Poseidon mexeu em sua barba. “Percy, Beckendorf escolheu uma morte heróica. Você não tem culpa disso. O exército de Cronos ficará em desordem. Muitos foram destruídos.”

“Mas nós não o matamos, matamos?”

Enquanto dizia isso, eu sabia que era uma esperança ingênua. Nós podíamos explodir seu navio e desintegrar seus monstros, mas um Lorde Titã não seria tão fácil de matar.

“Não,” Poseidon admitiu. “Mas você conseguiu algum tempo para o nosso lado.”

“Havia meio-sangues naquele navio,” eu disse, pensando no garoto que eu vira nas escadas. De alguma forma eu tinha conseguido me concentrar só nos monstros e em Cronos. Eu me convenci que não tinha problema em destruir aquele navio porque eles eram maus, eles estavam navegando para atacar minha cidade e, além do mais, eles não poderiam ser mortos permanentemente. Monstros só eram vaporizados e se reformavam eventualmente. Mas meio-sangues...

Poseidon colocou sua mão em meu ombro. “Percy, só havia alguns poucos guerreiros meio-sangues naquele navio, e todos eles escolheram lutar por Cronos. Talvez alguns tenham escutado seu aviso e escaparam. Se não fizeram isso... escolheram seu próprio caminho.”

“Eles sofreram lavagem cerebral!” falei. “Agora eles estão mortos e Cronos ainda está vivo. Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor?”

Eu encarei o mosaico – pequenas explosões de azulejo destruindo monstros de azulejo. Parecia tão fácil quando era só uma figura.

Tyson pôs seu braço a minha volta. Se qualquer outra pessoa tivesse tentado isso, eu a teria empurrado, mas Tyson era grande e teimoso demais. Ele me abraçava quer eu quisesse, quer não. “Não foi sua culpa, irmão. Cronos não explode bem. Da próxima vez vamos usar um bastão grande.”

“Percy,” meu pai disse. “O sacrifício de Beckendorf não foi em vão. Você dispersou a força de invasão. Nova York ficará segura por um tempo, o que libera os outros olímpianos para lidarem com a ameaça maior.”

“Ameaça maior?” pensei no que o Titã dourado dissera em meu sonho: *Os deuses responderam ao desafio. Logo eles serão destruídos.*

Uma sombra passou pelo rosto do meu pai. “Você teve tristeza suficiente por um dia. Pergunte a Quíron quando voltar ao acampamento.”

“Voltar ao acampamento? Mas você está com problemas aqui. Eu quero ajudar!”

“Você não pode, Percy. Seu trabalho é em outro lugar.”

Eu não pude acreditar que estava ouvindo isso. Eu olhei para Tyson por apoio.

Meu irmão mordeu o lábio. “Papai... Percy pode lutar com uma espada. Ele é bom.”

“Eu sei disso,” disse Poseidon gentilmente.

“Pai, eu posso ajudar,” falei. “Eu sei que posso. Você não vai aguentar por muito mais tempo.”

Uma bola de fogo foi lançada pelo céu por trás das linhas inimigas. Eu pensei que Poseidon iria desviá-la ou algo assim, mas ela pousou no canto mais afastado do jardim e explodiu, mandando sereianos dando cambalhotas pela água. Poseidon estremeceu como se tivesse acabado de ser esfaqueado.

“Volte ao acampamento,” ele insistiu. “E diga a Quíron que está na hora.”

“De quê?”

“Você deve ouvir a profecia. A profecia *completa*.”

Eu não precisava perguntar a ele qual profecia. Eu estivera ouvindo sobre a “Grande Profecia” por anos, mas ninguém nunca me contava a coisa toda. Tudo que eu sabia era que eu deveria tomar uma decisão que decidiria o destino do mundo – mas sem pressão.

“E se *essa* for a decisão?” eu disse. “Ficar aqui para lutar, ou ir embora? E se eu partir e você...”

Eu não podia dizer *morrer*. Deuses não deveriam morrer, mas eu já vira isso acontecer. Mesmo se eles não morressem, eles podiam ser reduzidos a quase nada, exilados, aprisionados nas profundezas do Tártaro como Cronos tinha sido.

“Percy, você deve ir,” Poseidon insistiu. “Eu não sei qual será sua decisão final, mas sua luta está no mundo acima. Se por nada mais, você deve ao menos alertar seus amigos no acampamento. Cronos conhecia seus planos. Vocês têm um espião. Nós vamos aguentar aqui. Não tempos opção.”

Tyson agarrou minha mão desesperadamente. “Sentirei sua falta, irmão!”

Olhando para nós, nosso pai pareceu envelhecer outros dez anos. “Tyson, você também tem trabalho a fazer, meu filho. Eles precisam de você no arsenal.”

Tyson fez outra careta.

“Eu vou,” ele fungou. Ele me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas. “Percy, tome cuidado! Não deixe que os monstros te matem e deixem você morto!”

Eu tentei assentir confiante, mas isso era demais para o grandão. Ele soluçou e nadou para longe em direção ao arsenal, onde seus primos estavam consertando lanças e espadas.

“Você deveria deixá-lo lutar,” eu disse a meu pai. “Ele odeia ficar preso no arsenal. Você não percebe?”

Poseidon sacudiu a cabeça. “Já é ruim o suficiente eu ter que mandar você para o perigo. Tyson é jovem demais. Eu devo protegê-lo.”

“Você deveria confiar nele,” falei. “Não tentar protegê-lo.”

Os olhos de Poseidon chamejaram. Pensei que tinha ido longe demais, mas então ele olhou para o mosaico e seus ombros caíram. Nos azulejos, o cara sereiano na carruagem de lagosta estava se aproximando do palácio.

“Oceanus se aproxima...” meu pai disse. “Eu devo encontrá-lo em batalha.”

Eu nunca tive medo por um deus antes, mas eu não podia ver como meu pai poderia enfrentar esse Titã e vencer.

“Eu aguentarei,” Poseidon prometeu. “Não desistirei de meu reino. Apenas me diga, Percy, você ainda tem o presente de aniversário que lhe dei no verão passado?”

Eu assenti e puxei meu colar do acampamento. Ele tinha uma conta para cada verão em que estive no acampamento meio-sangue, mas desde o verão passado eu também mantinha um dólar de areia no cordão. Meu pai me dera de presente de aniversário de quinze anos. Ele me disse que eu saberia quando “gastá-lo”, mas até agora eu não tinha entendido o que ele quis dizer. Tudo o que eu sabia é que não entrava nas máquinas da cantina da escola.

“A hora está chegando,” ele prometeu. “Com alguma sorte, eu o verei no seu aniversário semana que vem, e nós faremos uma celebração apropriada.”

Ele sorriu, e por um momento eu vi a antiga luz em seus olhos.

Então o mar inteiro ficou escuro a nossa frente, como se uma tempestade de tinta estivesse passando. Um trovão crepitou, o que deveria ser impossível debaixo d’água. Uma enorme presença fria estava se aproximando. Eu senti uma onda de medo passar pelos exércitos abaixo de nós.

“Eu devo assumir minha forma real de deus,” disse Poseidon. “Vá – e boa sorte, meu filho.”

Eu queria encorajá-lo, abraçá-lo ou algo assim, mas eu sabia que era melhor não ficar por perto. Quando um deus assume sua forma verdadeira, o poder é tão grande que qualquer mortal que olhar para ele se desintegrará.

“Adeus, Pai,” eu consegui dizer.

Então me virei. Eu pedi para as correntes marinhas me ajudarem. A água rodopiava a minha volta, e eu disparei em direção a superfície a uma velocidade que faria um humano normal explodir como um balão.

Quando eu olhei para trás, tudo o que pude ver foram flashes de azul e verde enquanto meu pai lutava com o Titã, e o próprio mar era rasgado ao meio pelos dois exércitos.



TRÊS



EU GANHO UMA ESPIADA EM MINHA MORTE

Se você quer ser popular no Acampamento Meio-Sangue, não volte de uma missão com más notícias.

A notícia da minha chegada se espalhou assim que eu saí do oceano. Nossa praia fica no litoral norte de Long Island, e é encantada, então a maior parte das pessoas nem consegue vê-la. Pessoas não *aparecem* simplesmente na praia a menos que sejam meio-sangues ou deuses ou entregadores de pizza realmente, realmente perdidos. (Isso aconteceu – mas já é outra história.)

De qualquer forma, naquela tarde o vigia que estava em serviço era Connor Stoll do chalé de Hermes. Quando ele me viu, ficou tão excitado que caiu da árvore onde estava. Então ele soprou a trombeta de concha para avisar ao acampamento e correu para me cumprimentar.

Connor tinha um sorriso torto que combinava com seu senso de humor torto. Ele é um cara bem legal, mas você sempre deve ficar com uma mão na carteira quando ele está por perto, e não dê a ele, sob circunstância nenhuma, acesso a creme de barbear, a menos que queira achar seu saco de dormir cheio dele. Ele tem cabelo castanho encaracolado e é um pouco mais baixo que seu irmão, Travis, e esse é o único jeito que tenho para diferenciá-los. Os dois são tão diferentes do meu antigo inimigo Luke que é difícil acreditar que são todos filhos de Hermes.

“Percy!” ele gritou. “O que aconteceu? Onde está Beckendorf?”

Então ele viu minha expressão, e seu sorriso derreteu. “Oh, não. Pobre Silena. Santo Zeus, quando ela descobrir...”

Juntos nós subimos as dunas de areia. Alguns metros à frente, as pessoas já estavam andando em nossa direção. *Percy voltou*, elas provavelmente estavam pensando. *Ele salvou o dia! Talvez tenha trazido lembrancinhas!*

Eu parei no pavilhão refeitório e esperei por eles. Não fazia sentido correr até lá para dizer a eles o perdedor que eu era.

Eu olhei através do vale e tentei me lembrar como o Acampamento Meio-Sangue parecia da primeira vez que o vi. Isso parecia ter sido há um zilhão de anos atrás.

Do pavilhão refeitório, você podia ver praticamente tudo. Colinas circulavam o vale. Na mais alta, a Colina meio-sangue, o pinheiro de Thalia continuava com o velocino de ouro pendurado em seus galhos, protegendo magicamente o acampamento de seus inimigos. O dragão guardião, Peleus, estava tão grande agora que eu podia vê-lo aqui – enrolado em torno do tronco da árvore, mandando sinais de fumaça enquanto roncava.

À minha direita se espalhava a floresta. À minha esquerda, o lago de canoagem brilhava e a parede de escalada incandescia por causa da lava que caía pela sua lateral. Doze chalés – um para cada deus olímpiano – formavam o padrão de uma ferradura em volta da área comum. Mais ao sul estavam os campos de morango, o arsenal e a Casa Grande de quatro andares com sua pintura azul e sua águia cata-vento de bronze.

De certa forma, o acampamento não tinha mudado. Mas não se pode ver uma guerra olhando para casas ou campos. Você podia vê-la nos rostos dos meio-sangues, sátiros e náiades que subiam a colina.

Não havia tantos no acampamento quanto a quatro verões atrás. Alguns se foram e nunca voltaram. Alguns tinham morrido lutando. Outros – nós tentávamos não falar sobre eles – tinham se juntado ao inimigo.

Os que ainda estavam aqui estavam endurecidos pela batalha e cansados. Havia pouco riso no acampamento esses dias. Mesmo o chalé de Hermes não pregava mais tantas peças. É difícil apreciar piadas de mau gosto quando toda sua vida parecia ser uma.

Quíron galopou para dentro do pavilhão chegando primeiro, o que era fácil para ele, já que era um garanhão branco da cintura para baixo. Sua barba tinha crescido desordenada durante o verão. Ele usava uma camiseta verde dizendo *MEU OUTRO CARRO É UM CENTAURO* e um arco pendurado em suas costas.

“Percy!” ele disse. “Graças aos deuses. Mas onde...”

Annabeth entrou correndo logo atrás dele, e vou admitir que meu coração fez uma pequena volta olímpica em meu peito quando a vi. Não é que ela tentasse parecer bonita. Nós estivemos fazendo tantas missões de combate ultimamente que ela mal penteava seu cabelo loiro encaracolado, e ela não ligava para as roupas que estava usando — geralmente a mesma velha camiseta laranja do acampamento meio-sangue e jeans, e de vez em quando sua armadura de bronze. Seus olhos eram de um cinza tempestuoso. Na maior parte do tempo, nós não podíamos conversar sem tentar estrangular um ao outro. Apesar disso, só vê-la me fez sentir tonto. No verão passado, antes de Luke se transformar em Cronos e tudo ter azedado, teve algumas vezes em que eu pensei que talvez... bem, que talvez nós pudéssemos passar da fase de estrangular-um-ao-outro.

“O que aconteceu?” Ela agarrou meu braço. “O Luke está —”

“O navio explodiu,” falei. “Ele não foi destruído. Eu não sei onde —”

Silena Beauregard empurrou através da multidão. Seus cabelos não estavam penteados e ela nem ao menos estava usando maquiagem, o que não era típico dela.

“Onde está Charlie?” ela exigiu, procurando em volta como se ele pudesse ter se escondido.

Eu olhei desamparado para Quíron.

O velho centauro limpou a garganta. “Silena, minha querida, vamos falar sobre isso na Casa Grande —”

“Não,” ela murmurou. “Não. Não.”

Ela começou a chorar e o resto de nós ficou parado ali, atordoados demais para falar. Nós já havíamos perdido tanta gente no verão, mas isso era pior. Com Beckendorf morto, parecia que alguém tinha roubado o pilar de sustentação de todo o acampamento. Finalmente Clarisse do chalé de Ares deu um passo à frente. Ela colocou seu braço ao redor de Silena. Elas tinham uma das amizades mais estranhas do mundo — uma filha do deus da guerra e uma filha da deusa do amor — mas desde que Silena dera conselhos a Clarisse sobre seu primeiro namorado no último verão, Clarisse decidira que era a guarda-costas pessoal de Silena.

Clarisse estava vestida em sua armadura de combate cor de sangue, seu cabelo castanho preso em uma bandana. Ela era tão grande e musculosa quanto um jogador de rugby, com uma carranca permanente em seu rosto, mas ela falou gentilmente com Silena.

“Vamos, garota,” ela disse. “Vamos para a Casa Grande. Eu farei um chocolate quente para você.”

Todos se viraram e foram embora em duplas ou trios, voltando para os chalés. Ninguém estava excitado por me ver agora. Ninguém queria ouvir falar sobre o navio explodido.

Apenas Annabeth e Quíron ficaram para trás.

Annabeth varreu uma lágrima de sua bochecha. “Eu estou feliz que você não esteja morto, Cabeça de Alga.”

“Obrigado,” falei. “Eu também.”

Quíron pôs uma mão em meu ombro. “Tenho certeza que você fez tudo que pode, Percy. Você irá nos contar o que aconteceu?”

Eu não queria passar por aquilo de novo, mas eu lhes contei a história, incluindo meu sonho sobre os titãs. Deixei de fora a parte sobre Nico. Nico havia me feito prometer que eu não contaria a ninguém sobre seu plano até que eu tivesse resolvido, e o plano era tão assustador que eu não me importava em mantê-lo em segredo.

Quíron olhou para o vale. “Nós devemos convocar um conselho de guerra imediatamente, para discutirmos sobre esse espião, e outros problemas.”

“Poseidon mencionou outra ameaça,” falei. “Alguma coisa ainda maior do que o *Princesa Andrômeda*. Eu pensei que poderia ser o desafio que o Titã mencionou em meu sonho.”

Quíron e Annabeth trocaram olhares, como se soubessem alguma coisa que eu não sabia. Eu odiava quando eles faziam isso.

“Nós também vamos discutir isso,” Quíron prometeu.

“Mais uma coisa.” Respirei fundo. “Quando conversei com meu pai, ele me falou para dizer a você que está na hora. Eu preciso saber a profecia completa.”

Os ombros de Quíron se arquearam, mas ele não pareceu surpreso. “Eu temi esse dia. Muito bem. Annabeth, nós vamos mostrar a Percy a verdade – *toda ela*. Vamos ao sótão.

Eu estive no sótão da Casa Grande três vezes antes, o que era três vezes mais do que eu desejava ter ido.

Uma escada levava até lá o topo. Eu me perguntei como Quíron iria até lá, sendo meio cavalo e tudo, mas ele não tentou.

“Você sabe onde está,” ele disse a Annabeth. “Traga para baixo, por favor.”

Annabeth assentiu. “Venha, Percy.”

O sol estava se pondo do lado de fora, então o sótão estava ainda mais escuro e arrepiante do que o normal. Antigos troféus de heróis estavam empilhados em todos os lugares – escudos dentados, cabeças decepadas de vários monstros em jarros, um par de dados felpudos em uma placa de bronze que dizia: *ROUBADO DO HONDA CIVIC DE CHRYSAOR, POR GUS, FILHO DE HERMES, 1998*.

Eu apanhei uma espada de bronze tão torta que parecia com a letra *M*. Eu ainda podia ver no metal manchas verdes do veneno mágico que costumava cobri-la. A etiqueta estava datada do verão passado. Ela dizia: *Cimitarra de Kampê, destruída na Batalha do Labirinto*.

“Você se lembra de Briares jogando aquelas rochas?” perguntei.

Annabeth me lançou um sorriso relutante. “E Grover causando Pânico?”

Nossos olhares se encontraram. Eu pensei em uma época diferente do verão passado, debaixo do monte Sta. Helena, quando Annabeth pensou que eu ia morrer e me beijou.

Ela limpou a garganta e desviou o olhar. “Profecia.”

“Certo.” Eu larguei a cimitarra. “Profecia.”

Nós andamos até a janela. Em um banquinho de três pernas estava o Oráculo – uma múmia seca em um vestido colorido. Tufos de cabelo preto estavam agarrados em seu crânio. Olhos vidrados encaravam em sua face curtida. Só olhar para ela fez minha pele se arrepiar.

Se você quisesse deixar o acampamento durante o verão, você costumava ter que vir aqui para conseguir uma missão. Este verão, a regra tinha sido deixada de lado. Campistas saíam o tempo todo em missões de combate. Nós não tínhamos escolha se quiséssemos parar Cronos.

Ainda assim eu me lembrava bem demais da névoa verde estranha – o espírito do Oráculo – que vivia dentro da múmia. Ela parecia sem vida agora, mas sempre que falava uma profecia, ela se mexia. Às vezes névoa saía de sua boca e criava formas estranhas. Uma vez ela havia até deixado o sótão e dado uma voltinha como zumbi na floresta para entregar uma mensagem. Eu não tinha certeza do que ela ia fazer em relação a “Grande Profecia”. Eu meio que esperava que ela comesse a sapatear ou algo assim.

Mas ela apenas estava lá sentada como se estivesse morta – o que ela estava.

“Eu nunca entendi isso,” sussurrei

“O quê?” perguntou Annabeth.

“Por que é uma múmia.”

“Percy, ela não costumava ser uma múmia. Por centenas de anos o espírito do Oráculo viveu dentro de uma bela donzela. O espírito passava de geração em geração. Quíron me disse que *ela* era assim há cinquenta anos.” Annabeth apontou para a múmia. “Mas ela foi a última.”

“O que aconteceu?”

Annabeth começou a dizer alguma coisa, mas aparentemente depois mudou de ideia. “Vamos apenas fazer nosso trabalho e sair daqui.”

Eu olhei nervosamente para o rosto murcho do oráculo. “Então o que agora?”

Annabeth se aproximou da múmia e estendeu as palmas. “Ó, Oráculo, é chegada a hora. Eu peço pela Grande Profecia.”

Eu me abracei, mas a múmia não se mexeu. Ao invés disso, Annabeth se aproximou e desabotoou um de seus colares. Eu nunca tinha prestado muita atenção em suas jóias antes. Eu imaginei que eram apenas contas de amor hippie e tal. Mas quando Annabeth se voltou para mim, ela estava segurando uma bolsa de couro – como uma bolsa nativo-americana de remédios em um cordão entrelaçado com penas. Ela abriu a bolsa e tirou um rolo de pergaminho que não era maior do que seu dedo mindinho.

“Sem essa,” eu disse. “Você quer dizer que todos esses anos, eu estive perguntando sobre essa profecia estúpida, e estava bem aqui em volta do pescoço dela?”

“Ainda não era a hora certa,” disse Annabeth. “Acredite em mim, Percy, eu li isso quando tinha 10 anos de idade, e ainda tenho pesadelos sobre isso.”

“Ótimo,” falei. “Posso ler agora?”

“Lá embaixo no conselho de guerra,” disse Annabeth. “Não na frente da... você sabe.”

Eu olhei para os olhos vidrados do oráculo, e decidi não discutir. Nós descemos as escadas para nos juntarmos aos outros. Eu não sabia disso naquela época, mas essa seria a última vez que eu visitaria o sótão.

Os conselheiros seniores tinham se reunido em volta da mesa de pingue-pongue. Não me pergunte por qual razão, mas a sala de recreação tinha se tornado o quartel-general não oficial para conselhos de guerra. Quando Annabeth, Quíron e eu entramos, entretanto, parecia mais com uma competição de gritos.

Clarisse ainda estava vestindo armadura completa. Sua lança elétrica estava presa em suas costas. (Na verdade, sua *segunda* lança elétrica, já que eu tinha quebrado a primeira. Ela chamava a lança de “Mutiladora.” Pelas suas costas, todos os outros a chamavam de “Perdedora”. Ela tinha seu elmo em forma de javali debaixo do braço e uma faca em seu cinto.

Ela estava no meio de uma gritaria com Michael Yew, o novo conselheiro de Apolo, o que era meio engraçado já que Clarisse era quase trinta centímetros mais alta. Michael

tinha assumido o chalé de Apolo depois que Lee Fletcher morrera em batalha verão passado. Michael tinha um metro e meio, com mais cinquenta centímetros de atitude. Ele me lembrava um furão, com um nariz pontudo e feições marcadas – ou porque ele fazia muita carranca ou porque passava muito tempo olhando para a flecha em um arco. “É *nossa* pilhagem!” ele gritava, ficando na ponta dos pés para que pudesse encarar Clarisse. “Se você não gosta disso, você pode beijar minha aljava!”

Ao redor da mesa, as pessoas estavam tentando não rir – os irmãos Stool, Pollux, do chalé de Dioniso, Katie Gardner de Deméter. Até Jake Mason, o novo conselheiro de Hefesto escolhido às pressas, abriu um pequeno sorriso. Apenas Silena Beauregard não prestava qualquer atenção. Ela se sentou ao lado de Clarisse e encarava com um olhar vago a rede de pingue-pongue.

Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Uma xícara de chocolate quente jazia intocada na sua frente. Parecia injusto que ela tivesse que estar aqui. Eu não podia acreditar que Clarisse e Michael estavam de pé na frente dela, discutindo sobre alguma coisa tão estúpida como uma pilhagem, quando ela tinha acabado de perder Beckendorf.

“PAREM COM ISSO!” gritei. “O que vocês estão fazendo?”

Clarisse me lançou um olhar ameaçador. “Diga ao Michael para não ser um idiota egoísta.”

“Oh, isso é perfeito, vindo de você,” disse Michael.

“A única razão para eu estar aqui é para apoiar Silena!” gritou Clarisse. “De outra forma eu estaria de volta ao meu chalé.”

“Do que vocês estão falando?” eu demandei.

Pollux pigarreou. “Clarisse tem se recusado a falar com qualquer um de nós até que seu, hum, problema seja resolvido. Ela não fala nada há três dias.”

“Tem sido ótimo,” disse Travis Stool pensativo.

“Que problema?” perguntei.

Clarisse se virou para Quíron. “Você está no comando, certo? O meu chalé ganha o que queremos ou não?”

Quíron bateu seus cascos. “Minha querida, como eu já expliquei, Michael está certo. O chalé de Apolo tem a melhor pretensão. Além disso, nós temos problemas mais importantes –”

“Claro,” Clarisse rebateu. “Sempre há problemas mais importantes do que o que Ares precisa. Nós só devemos aparecer e lutar quando vocês precisam de nós, e sem reclamar!”

“Isso seria legal,” murmurou Connor Stoll

Clarisse pegou sua faca. “Talvez eu devesse perguntar ao sr.D –”

“Como você sabe,” Quíron interrompeu, seu tom ligeiramente zangado agora, “nosso diretor, Dioniso, está atarefado com a guerra. Ele não pode ser incomodado com isso.”

“Entendo,” disse Clarisse. “E os conselheiros seniores? *Algum* de vocês ficará do meu lado?”

Ninguém estava sorrindo agora. Nenhum deles encontrou o olhar de Clarisse.

“Ótimo.” Clarisse se virou para Silena. “Eu sinto muito. Eu não pretendia entrar nisso quando você acabou de perder... De qualquer forma, eu peço desculpas. A *você*. Ninguém mais.”

Silena não pareceu registrar suas palavras.

Clarisse atirou sua faca na mesa de pingue-pongue. “Todos vocês podem lutar essa guerra sem Ares. Até eu ter minha satisfação, ninguém do meu chalé vai erguer um dedo para ajudar. Se divirtam morrendo.”

Os conselheiros estavam chocados demais para dizer qualquer coisa enquanto Clarisse saía tempestuosamente da sala.

Finalmente Michael Yew disse, “Já vai tarde.”

“Você está brincando?” protestou Katie Gardner. “Isto é um desastre!”

“Ela não pode estar falando sério,” disse Travis. “Pode?”

Quíron suspirou. “Seu orgulho foi ferido. Ela vai se acalmar eventualmente.” Mas ele não pareceu convencido.

Eu queria perguntar por que raios Clarisse estava com tanta raiva, mas eu olhei para Annabeth e ela falou sem emitir som um “*Te conto mais tarde.*”

“Agora,” Quíron continuou, “se vocês permitirem, conselheiros. Percy trouxe algo que acho que todos devem escutar. Percy – a Grande Profecia.”

Annabeth me entregou o pergaminho. Eu o senti seco e velho, e meus dedos se atrapalharam com o cordão. Eu desenrolei o papel, tentando não rasgá-lo, e comecei a ler:

“*Um meio-sangue de um dos três dandes...*”

“Er... Percy?” Annabeth interrompeu. “Isso é *grandes*, não *dandes*.”

“Ah, certo,” falei. Ser disléxico é uma marca de um meio-sangue, mas às vezes eu realmente odeio isso. Quanto mais nervoso estou, pior minha leitura fica. “*Um meio-sangue de um dos três grandes... chegará aos dezesseis contra todas as chances...*”

Eu hesitei, encarando as próximas linhas. Uma sensação gelada começou em meus dedos como se o papel estivesse congelando.

“*Em um sono sem fim o mundo verá,*

A alma do herói, lâmina amaldiçoada ceifará”

De repente Contracorrente pareceu pesar no meu bolso. Uma lâmina amaldiçoada? Quíron uma vez me disse que Contracorrente trouxera tristeza a muitas pessoas. Seria possível que minha própria espada me mataria? E como o mundo entraria em um sono sem fim, a menos que isso significasse morte?”

“Percy,” estimulou Quíron. “Leia o resto.”

Minha boca parecia cheia de areia, mas eu falei as últimas duas linhas.

“*Seus dias uma única escolha irá... irá encerrar.*

O olimpo pre – perseguir –”

“*Preservar*”, disse Annabeth gentilmente. “Significa *salvar*.”

“Eu sei o que significa,” resmunguei. “*O Olimpo preservar ou aniquilar.*”

A sala estava silenciosa. Finalmente Connor Stoll disse, “Aninhar é bom, não é?”

“Não *aninhar*,” disse Silena. Sua voz estava baixa, mas eu estava surpreso por ouvi-la falar qualquer coisa. “A-n-i-q-u-i-l-a-r, significa *destruir*.”

“*Obliterar*,” disse Annabeth. “*Exterminar. Reduzir a pó.*”

“Entendi.” Meu coração parecia de chumbo. “Obrigado.”

Todos estavam olhando pra mim – com preocupação, ou pena, ou talvez com um pouco de medo.

Quíron fechou os olhos como se estivesse fazendo uma oração. Em forma de cavalo, sua cabeça quase tocava as luzes da sala de recreação. “Você vê agora, Percy, o porquê de termos achado que seria melhor não contar a você a profecia completa. Você já tinha peso demais em seus ombros –”

“Sem perceber que eu morreria no final de qualquer jeito?” falei. “É, entendi.”

Quíron me olhou tristemente. O cara tinha três mil anos de idade. Ele vira centenas de heróis morrerem. Ele podia não gostar, mas estava acostumado com isso. Ele provavelmente sabia melhor do que tentar me tranquilizar.

“Percy,” disse Annabeth. “Você sabe que as profecias sempre têm duplo significado. Pode não significar literalmente a sua morte.”

“Com certeza,” falei. *Seus dias uma única escolha irá encerrar* tem toneladas de significados, certo?”

“Talvez nós possamos impedir isso,” propôs Jake Mason. “A *alma do herói, lâmina amaldiçoada ceifar*. Talvez nós possamos achar essa lâmina amaldiçoada e destruí-la. Soa como a foice de Cronos, certo?”

Eu não tinha pensado nisso, mas não importava se a lâmina amaldiçoada era Contracorrente ou a foice de Cronos. De qualquer forma, eu duvidava que pudéssemos impedir a profecia. Uma lâmina estava destinada a ceifar minha alma. Como regra geral, eu preferia não ter minha alma ceifada.

“Talvez nós devêssemos deixar Percy pensar sobre essas linhas,” disse Quíron. “Ele precisa de tempo –”

“Não.” Eu dobrei a profecia e a meti em meu bolso. Eu me senti desafiador e com raiva, apesar de não saber de quem eu estava com raiva. “Eu não preciso de tempo. Se eu morrer, morri. Não posso me preocupar com isso, certo?”

As mãos de Annabeth estavam tremendo um pouco. Ela não me olhava nos olhos.

“Vamos continuar,” eu disse. “Nós temos outros problemas. Nós temos um espião.”

Michael Yew fez uma carranca. “Um espião?”

Eu contei a eles o que acontecera no *Princesa Andrômeda* – como Cronos sabia que viríamos, como ele tinha me mostrado o pingente de prata em forma de foice que ele usara para se comunicar com alguém no acampamento.

Silena começou a chorar novamente, e Annabeth colocou um braço em seus ombros.

“Bem,” disse Connor Stoll desconfortavelmente, “nós suspeitávamos que houvesse um espião há anos, certo? Alguém continuou a passar informação para Luke – como a localização do Velocino de Ouro a uns anos atrás. Deve ser alguém que o conhecia bem.”

Talvez inconscientemente, ele olhou para Annabeth. Ela conhecia Luke melhor do que qualquer um, é claro, mas Connor desviou o olhar rapidamente. “Hum, quero dizer, poderia ser qualquer um.”

“Sim.” Katie Gardner olhou severamente para os irmãos Stoll. Ela antipatizava com eles desde que eles decoraram o telhado de grama do chalé de Deméter com coelhinhos da páscoa de chocolate. “Como um dos irmãos de Luke.”

Travis e Connor começaram a discutir com ela.

“Parem!” Silena bateu na mesa com tanta força que seu chocolate quente derramou. “Charlie está morto e... vocês estão todos discutindo como criancinhas!” Ela abaixou a cabeça e começou a soluçar.

Chocolate quente pingava da mesa de pingue-pongue. Todos pareciam envergonhados.

“Ela está certa,” disse Pollux finalmente. “Acusar um ao outro não ajuda. Nós precisamos manter os olhos abertos para um colar prata com pingente de foice. Se Cronos tinha um, o espião provavelmente tem também.”

Michael Yew grunhiu. “Nós temos que achar esse espião antes de planejarmos nossa próxima operação. Explodir o *Princesa Andrômeda* não vai deter Cronos para sempre.”

“Realmente,” disse Quíron. “De fato seu próximo ataque já está a caminho.”

Eu franzi as sobrancelhas. “Você quer dizer a ‘ameaça maior’ que Poseidon mencionou?”

Ele e Annabeth trocaram um olhar como, *Está na hora*. Eu já mencionei que odeio quando eles fazem isso?

“Percy,” disse Quíron, “nós não queríamos lhe dizer até você voltar para o acampamento. Você precisava de umas férias com... seus amigos mortais.”

Annabeth corou. Eu entendi que ela sabia que eu estivera saindo com Rachel, e me senti culpado. Então me senti com raiva por estar me sentindo culpado. Eu tinha permissão para ter amigos fora do acampamento, certo? Não era como se...

“Me conte o que aconteceu,” falei.

Quíron pegou um cálice de bronze da mesa de lanches. Ele jogou água dentro do prato quente onde geralmente derretíamos queijo nacho. Vapor subiu, fazendo um arco-íris de cores fluorescentes. Quíron pescou um dracma de ouro de sua algibeira, jogou na névoa, e murmurou, “Ó Íris, Deusa do Arco-Íris, mostre-nos a ameaça.”

A névoa estremeceu. Eu vi a imagem familiar de um vulcão latente – o monte Sta. Helena. Enquanto eu olhava, o lado da montanha explodiu. Fogo, cinza e lava saíram. Uma voz de apresentador de telejornal estava dizendo “– *ainda maior do que a erupção do ano passado, e os geólogos avisam que a montanha pode não ter terminado.*”

Eu sabia tudo sobre a erupção do ano passado. Eu a causara. Mas esta explosão era muito pior. A montanha estava destruindo a si mesma, ruindo pelo lado de dentro, e uma forma enorme emergiu da fumaça e da lava como se estivesse saindo de um bueiro. Eu esperava que a Névoa impedisse os humanos de ver claramente, porque o que eu vi teria causado pânico e tumulto por todo o país.

O gigante era maior do que qualquer coisa que eu já havia encontrado. Mesmo meus olhos de semideus não podiam ver sua forma exata através das cinzas e do fogo, mas era vagamente humanóide e tão grande que podia ter usado o prédio Chrysler como bastão de beisebol. A montanha tremeu com um som horrível, como se o monstro estivesse rindo.

“É ele,” eu disse. “Tífon.”

Eu estava realmente esperando que Quíron fosse dizer alguma coisa boa, tipo *Não, aquele é o nosso amigo gigante Leroy! Ele irá nos ajudar!* Mas estava sem essa sorte. Ele simplesmente assentiu. “O monstro mais horrível de todos, a maior ameaça que os deuses já enfrentaram. Ele foi libertado de dentro da montanha enfim. Mas essa cena é de dois dias atrás. *Isso é o que está acontecendo hoje.*”

Quíron balançou sua mão e a imagem mudou. Eu vi um monte de nuvens de tempestade rolando através das planícies do meio-oeste. Raios tremeluziam. Linhas de tornados destruíam tudo em seu caminho – arrancando casas e trailers, arremessando carros como se fossem de brinquedo.

“*Inundações monumentais,*” um locutor estava dizendo. “*Cinco estados declararam áreas de risco enquanto a tempestade anormal prossegue indo para o leste, continuando seu caminho de destruição.*” As câmeras deram zoom em uma coluna de tempestade arrasando alguma cidade do meio-oeste. Eu não podia dizer qual era. Dentro da tempestade eu podia ver o gigante – apenas relances de sua forma verdadeira: um braço esfumaçado, uma mão escura do tamanho de um quarteirão com unhas afiadas. Seu rosar zangado passou pelas planícies como uma explosão nuclear. Outras formas menores se lançavam através das nuvens, circulando o monstro. Eu vi flashes de luz, e percebi que o gigante estava tentando esmagá-las. Estreitei os olhos e pensei ter visto uma biga dourada voando para dentro da escuridão. Então algum tipo de ave enorme – uma coruja monstruosa – mergulhou para atacar o gigante.

“Esses são... os deuses?” falei.

“Sim, Percy,” disse Quíron. “Eles estiveram lutando contra ele por dias agora, tentando diminuir seu ritmo. Mas Tífon continua seguindo em frente – em direção a Nova York. Na direção do Olimpo.”

Eu deixei isso afundar. “Quanto tempo até que ele chegue aqui?”

“A menos que os deuses consigam impedi-lo? Talvez cinco dias. A maior parte dos olímpianos está lá... exceto seu pai, que tem uma guerra própria para lutar.”

“Mas então quem está guardando o Olimpo?”

Connor Scoll balançou a cabeça. “Se Tífon chegar a Nova York, não importará quem está guardando o Olimpo.”

Eu pensei sobre as palavras de Cronos no navio: *Eu adoraria ver o terror em seus olhos quando você perceber como eu vou destruir o Olimpo.*

Era disso que ele estava falando: um ataque de Tífon? Com certeza era aterrorizante o suficiente. Mas Cronos estava sempre nos enganando, guiando nossa atenção para o lugar errado. Isto parecia ser óbvio demais para ele. E em meu sonho, o titã dourado tinha falado sobre vários outros desafios que estavam por vir, como se Tífon fosse apenas o primeiro.

“É um truque,” eu disse. “Nós temos que alertar os deuses. Algo mais vai acontecer.”

Quíron me olhou gravemente. “Alguma coisa pior do que Tífon? Eu espero que não.”

“Nós temos que defender o Olimpo,” insisti. “Cronos tem outro ataque planejado.”

“Ele tinha,” Travil Stoll me lembrou. “Mas você afundou o navio dele.”

Todos estavam olhando para mim. Eles queriam algumas boas notícias. Eles queriam acreditar que pelo menos eu dera a eles alguma esperança.

Olhei para Annabeth. Eu podia dizer que estávamos pensando a mesma coisa: E se o *Princesa Andrômeda* foi um truque? E se Cronos nos *deixou* afundar o navio para que baixássemos nossa guarda?

Mas eu não ia dizer isso na frente de Silena. O namorado dela tinha se sacrificado por aquela missão.

“Talvez você esteja certo,” eu disse, apesar de não acreditar naquilo.

Tentei imaginar como as coisas poderiam piorar muito. Os deuses estavam no meio-oeste lutando contra um monstro gigante que quase os derrotara antes. Poseidon estava cercado e perdendo uma guerra contra o titã do mar, Oceanus. Cronos ainda estava lá fora em algum lugar. O Olimpo estava virtualmente desprotegido. Os semideuses do acampamento meio-sangue estavam por conta própria com um espião em nosso meio.

Ah, e de acordo com a profecia antiga, eu iria morrer quando eu fizesse dezesseis anos – o que aconteceria em cinco dias, exatamente ao mesmo tempo em que Tífon supostamente atingiria Nova York. Quase tinha me esquecido disso.

“Bem,” disse Quíron, “eu acho que isso é suficiente por uma noite.”

Ele acenou com a mão e o vapor se dissipou. A batalha tempestuosa entre Tífon e os deuses desapareceu.

“Isso é atenuar a situação,” murmurei.

E o concílio de guerra foi suspenso.



QUATRO



NÓS QUEIMAMOS UMA MORTALHA DE METAL

Eu sonhei que Rachel Elisabeth Dare estava jogando dardos em meu retrato. Ela estava de pé em seu quarto... Ok, volta um pouco. Eu tenho que explicar que Rachel não tem um quarto. Ela tem o último andar da mansão da família dela, que é uma construção renovada de pedra marrom no Brooklin. O “quarto” dela é um loft enorme com luz industrial e janelas que vão do chão ao teto. Era mais ou menos duas vezes maior do que o apartamento da minha mãe.

Algum rock alternativo retumbava no seu sistema de som Bose coberto de tinta. Até onde eu sabia, a única regra de Rachel sobre música era que duas músicas em seu ipod não podiam soar iguais, e todas elas tinham que ser estranhas.

Ela usava um quimono, e seu cabelo estava frisado, como se ela tivesse acabado de acordar. Sua cama estava bagunçada. Lençóis estavam jogados em cima de alguns cavaletes artísticos. Roupas sujas e embalagens velhas de barras energéticas estavam espalhadas pelo chão, mas quando se tem um quarto tão grande assim, a bagunça não parece tão ruim. Pelas janelas se podia ver todo o céu noturno de Manhattan.

O retrato que ela estava atacando era uma pintura minha lutando contra o gigante Antaeus. Rachel a pintara há alguns meses atrás. Minha expressão na figura era feroz – perturbadora até – de forma que era difícil saber se eu era o mocinho ou o bandido, mas Rachel disse que era assim que eu aparentava logo depois da batalha.

“*Semideuses,*” Rachel murmurou enquanto ela jogava outro dardo na tela. “E suas *estúpidas* missões.”

A maioria dos dardos caiu, mas alguns ficaram. Um ficou preso no meu queixo como um cavanhaque.

Alguém bateu na porta de seu quarto.

“Rachel!” um homem gritou. “O que você está aprontando? Desligue esse –”

Rachel pegou seu controle remoto e desligou a música. “Entre!”

Seu pai entrou, franzindo as sobrancelhas e piscando por causa da luz. Ele tinha cabelos cor de ferrugem um pouco mais escuros que os de Rachel. Estava achatado de um lado como se tivesse perdido uma guerra contra seu travesseiro. Seu pijama de seda azul tinha “WD” escrito no bolso. Sério, quem tinha pijamas com suas iniciais escritas?

“O que está acontecendo?” ele exigiu. “São três da manhã.”

“Não conseguia dormir,” disse Rachel.

No retrato, um dardo caiu do meu rosto. Rachel escondeu o resto atrás das suas costas, mas o Sr. Dare notou.

“Então... devo presumir que seu amigo não vai para St. Thomas?” Era assim que o Sr. Dare me chamava. Nunca de *Percy*. Somente *seu amigo*. Ou *jovenzinho* se estivesse falando comigo, o que ele raramente fazia.

Rachel uniu suas sobrancelhas. “Eu não sei.”

“Nós partiremos de manhã,” seu pai disse. “Se ele ainda não se decidiu –”

“Ele provavelmente não vem,” disse Rachel miseravelmente. “Feliz?”

O Sr. Dare colocou suas mãos atrás das costas. Ele olhou para o quarto com uma expressão severa. Eu imaginei que ele fazia isso na sala de reuniões de sua empresa de desenvolvimento urbano e deixava seus empregados nervosos.

“Você ainda tem sonhos ruins?” ele perguntou. “Dores de cabeça?”

Rachel jogou seus dardos no chão. “Eu nunca deveria ter contado a você sobre isso.”
“Eu sou seu pai,” ele disse. “Estou preocupado com você.”
“Preocupado com a reputação da família,” Rachel murmurou.
Seu pai não reagiu – talvez porque ele já tivesse ouvido aquele comentário antes, ou talvez porque fosse verdade.
“Nós poderíamos chamar o Dr. Arkwright,” ele sugeriu. “Ele te ajudou a superar a morte do seu hamster.”
“Eu tinha seis anos naquela época,” ela disse. “E não, pai, eu não preciso de um terapeuta. Eu só...” Ela sacudiu a cabeça desamparada.
Seu pai parou na frente das janelas. Ele olhou para o céu de Nova York como se o possuísse – o que não era verdade. Ele só era dono de uma parte.
“Vai ser bom para você ir embora,” ele decidiu. “Você teve algumas influências não saudáveis.”
“Eu não vou para a Academia Clarion para Moças,” disse Rachel. “E meus amigos não são da sua conta.”
Sr. Dare sorriu, mas não era um sorriso acolhedor. Era mais como, *Algum dia você vai perceber o quão tola você parece.*
“Tente dormir um pouco,” ele estimulou. “Nós estaremos na praia amanhã a noite. Será divertido.”
“Divertido,” repetiu Rachel. “Divertidíssimo.”
Seu pai saiu do quarto. Ele deixou a porta aberta atrás dele.
Rachel encarou o meu retrato. Então ela andou até o cavalete próximo a ele, que estava coberto com um lençol.
“Eu espero que sejam sonhos,” ela disse.
Ela descobriu o cavalete. Nele estava um esboço feito apressadamente com carvão, mas Rachel era uma boa artista. A pintura era definitivamente Luke como um garotinho. Ele tinha uns nove anos, com um sorriso largo e nenhuma cicatriz em seu rosto. Eu não fazia ideia sobre como Rachel podia saber como ele se parecia naquela época, mas o retrato era tão bom que eu tive uma sensação de que ela não estava adivinhando. Pelo que eu sabia da vida de Luke (o que não era muito), a gravura o mostrava logo antes de ter descoberto que era um meio-sangue e fugido de casa.
Rachel encarou o retrato. Então ela descobriu o próximo cavalete. Esta pintura era ainda mais perturbadora. Ela mostrava o edifício Empire State com raios a toda sua volta. A distância uma tempestade negra estava chegando, com uma mão gigante saindo das nuvens. Na base do prédio uma multidão estava reunida... mas não era uma multidão normal de turistas e pedestres. Eu vi lanças, dardos, e bandeiras – as armadilhas de um exército.
“Percy,” Rachel murmurou, como se soubesse que eu estava escutando, “o que está acontecendo?”
O sonho desvaneceu, e a última coisa de que me lembro era desejar poder responder à pergunta dela.

Na manhã seguinte eu quis ligar para ela, mas não havia telefones no acampamento. Dioniso e Quíron não precisavam de uma linha terrena. Eles apenas ligavam para o Olimpo com uma mensagem de Íris quando precisavam de alguma coisa. E quando semideuses usam celulares, os sinais agitam cada monstro dentro de mil quilômetros. Era como mandar um sinal: *Estou aqui! Por favor, rearranje a minha cara!* Mesmo

dentro das fronteiras seguras do acampamento, não é esse o tipo de anúncio que queremos fazer.

A maioria dos semideuses (exceto por Annabeth e mais alguns outros) nem ao menos tem celulares. E eu definitivamente não podia dizer a Annabeth, “Ei, me empresta seu celular para que eu possa ligar para Rachel!” Para fazer a ligação eu precisaria sair do acampamento e andar muitos quilômetros até a loja de conveniência mais próxima. Mesmo se Quíron me deixasse ir, quando eu chegasse lá, Rachel já estaria em um avião para St. Thomas.

Eu comi sozinho um café da manhã deprimente na mesa de Poseidon. Fiquei encarando a fissura no chão de mármore onde há dois anos atrás Nico havia banido vários esqueletos com sede de sangue para o submundo. A lembrança não melhorou o meu apetite.

Depois do café da manhã, Annabeth e eu andamos para inspecionar os chalés. Na verdade, era a vez de Annabeth fazer as inspeções. Minha tarefa matinal era meio que analisar relatórios para Quíron. Mas considerando que nós dois odiávamos nossos trabalhos, decidimos fazê-los juntos, então não seria tão detestável.

Nós começamos no chalé de Poseidon, que era basicamente apenas eu. Eu tinha arrumado meu beliche naquela manhã (bem, mais ou menos) e endireitado o chifre de minotauro na parede, então dei a mim mesmo um quatro de cinco.

Annabeth fez uma careta. “Você está sendo generoso.” Ela usou a ponta de seu lápis para pegar um velho par de shorts de corrida.

Eu o joguei para longe. “Ei, me dá um tempo. Eu não tenho o Tyson para limpar pra mim neste verão.”

“Três de cinco,” disse Annabeth. Eu sabia que era melhor não discutir, então continuamos.

Eu tentei passar por alguns relatórios da pilha de Quíron enquanto andávamos. Havia mensagens de semideuses, espíritos da natureza, e de sátiros por todo o país, escrevendo sobre as atividades recentes de monstros. Elas eram bastante deprimentes, e meu cérebro com SDAH *não* gostava de se concentrar em coisas deprimentes.

Pequenas batalhas estavam aparecendo em todos os lugares. O recrutamento do acampamento estava em zero. Sátiros estavam com problemas para achar novos semideuses e levá-los para a Colina Meio-Sangue por causa da quantidade de monstros que estavam rondando o país. Nossa amiga Thalia, que comandava as caçadoras de Ártemis, não era vista há meses, e se Ártemis sabia o que acontecera a elas, ela não estava dividindo a informação.

Nós visitamos o chalé de Afrodite, que obviamente ganhou um cinco de cinco. As camas estavam perfeitamente feitas. As roupas nos baús de todos estavam divididas por cores. Flores frescas resplandeciam no parapeito das janelas. Eu queria tirar um ponto porque o lugar todo cheirava fortemente a perfume de marca, mas Annabeth me ignorou.

“Ótimo trabalho como sempre, Silena,” disse Annabeth.

Silena assentiu desatenta. A parede atrás de sua cama estava decorada com fotos de Beckendorf. Ela sentou em seu beliche com uma caixa de chocolates em seu colo, e eu lembrei que seu pai era dono de uma loja de chocolates no Village, que foi assim que ele havia chamado a atenção de Afrodite.

“Vocês querem um bombom?” perguntou Silena. “Meu pai os mandou. Ele pensou – ele pensou que eles talvez me animassem.”

“Eles são bons?” perguntei.

Ela sacudiu a cabeça. “Eles tem gosto de papelão.”

Eu não tinha nada contra papelão, então experimentei um. Annabeth passou. Nós prometemos a Silena que a veríamos mais tarde e continuamos andando.

Enquanto cruzávamos as áreas comuns, uma briga estourou entre os chalés de Ares e Apolo. Alguns campistas de Apolo armados com bombas de fogo voaram por cima do chalé de Ares em uma biga puxada por dois pégasos. Eu nunca vira a carruagem antes, mas parecia ser bastante boa. Logo, o telhado do chalé de Ares estava queimando, e náiades do lago de canoagem correram para jogar água nele.

Então os campistas de Ares jogaram uma maldição, e todas as flechas dos garotos de Apolo viraram borracha. O pessoal de Apolo continuava atirando no pessoal de Ares, mas as flechas batiam e voltavam.

Dois arqueiros correram, sendo perseguidos por uma criança raivosa de Ares que estava gritando em poesia: “Me rogou uma praga, é? Vou fazer você pagar!/ Não quero o dia todo rimar!”

Annabeth suspirou. “Não isso de novo. Da última vez que Apolo amaldiçoou um chalé levou uma semana para os versos cessarem.”

Estremeci. Apolo era o deus da poesia assim como o do arco e flecha, e eu já o tinha ouvido recitar em pessoa. Eu quase preferia ser atingido por uma flecha.

“Pelo que eles estão brigando, aliás?” perguntei.

Annabeth me ignorou enquanto escrevia em seu pergaminho de inspeção, dando a ambos os chalés um de cinco.

Eu me peguei encarando-a, o que era idiota uma vez que eu já a havia visto um bilhão de vezes. Ela e eu estávamos com mais ou menos a mesma altura este verão, o que era um alívio. Ainda assim, ela parecia tão mais madura. Era meio intimidante. Quero dizer, claro, ela sempre foi bonita, mas ela estava começando a ficar seriamente linda.

Finalmente ela disse, “Por aquela biga voadora.”

“O quê?”

“Você perguntou pelo que eles estavam brigando.”

“Ah. Ah, certo.”

“Eles a capturaram em um ataque surpresa na Filadélfia semana passada. Alguns dos semideuses de Luke estavam com essa biga voadora. O chalé de Apolo a apreendeu durante a batalha, mas o chalé de Ares estava liderando o ataque. Assim eles estão brigando por ela desde então.”

Nós nos desviamos quando a biga de Michael Yew mergulhou e bombardeou um campista de Ares. O campista de Ares tentou apunhalá-lo e amaldiçoá-lo em versos. Ele era bem criativo rimando pragas.

“Nós estamos lutando por nossas vidas,” falei, “e eles estão brigando por alguma biga idiota.”

“Eles vão esquecer isso,” disse Annabeth. “Clarisse voltará a razão.”

Eu não tinha tanta certeza. Isso não parecia com a Clarisse que eu conhecia.

Analiséi mais alguns relatórios e nós inspecionamos outros chalés. Deméter conseguiu um quatro. Hefesto ganhou um três e provavelmente merecia menos, mas com a perda de Beckendorf e tudo, nós pegamos leve com eles. Hermes conseguiu um dois, o que não era surpresa. Todos os campistas que não sabiam quem eram seus pais deuses eram jogados no chalé de Hermes, e já que os deuses eram meio esquecidos, aquele chalé estava sempre superlotado.

Finalmente nós chegamos ao chalé de Atena, que estava ordenado e limpo como sempre. Livros estavam arrumados nas prateleiras. As armaduras estavam polidas.

Mapas de batalhas e diagramas decoravam as paredes. Apenas o beliche de Annabeth estava bagunçado. Estava coberto de papéis, e seu laptop de prata ainda estava ligado.

“*Vlacas*,” murmurou Annabeth, o que era basicamente chamar a si mesma de idiota em grego.

Seu segundo-em-comando, Malcolm, suprimiu um sorriso. “É, hum... nós limpamos todo o resto. Não sabia se era seguro mexer em suas anotações.”

Isso provavelmente foi inteligente. Annabeth tinha uma faca de bronze que ela reservava só para monstros e pessoas que mexiam em suas coisas.

Malcolm sorriu para mim. “Nós vamos esperar lá fora enquanto vocês terminam a inspeção.” Os campistas de Atena saíram em fila pela porta enquanto Annabeth limpava seu beliche.

Eu troquei o peso dos pés desconfortavelmente e fingi ler mais alguns relatórios. Tecnicamente, mesmo durante a inspeção, era contra as regras do acampamento dois campistas ficarem... tipo, *sozinhos* em um chalé.

Essa regra tinha aparecido muito quando Silena e Beckendorf começaram a namorar. E eu sei que alguns de vocês devem estar pensando, Não são todos os semideuses parentes pelo lado deus, e isso não faz namorar ser nojento? Mas a coisa é, a parte deus da sua família não conta, geneticamente falando, já que os deuses não tem DNA. Um semideus nunca pensaria em namorar alguém que tivesse o mesmo deus como pai. Tipo duas pessoas do chalé de Atena? Sem chance. Mas uma filha de Afrodite com um filho de Hefesto? Eles não são parentes. Então não tem problema.

De qualquer forma, por alguma razão estranha eu estava pensando sobre isso enquanto observava Annabeth se endireitar. Ela fechou seu laptop, que fora dado a ela como um presente pelo inventor Dédalo no verão passado.

Eu limpei minha garganta. “Então... conseguiu alguma informação boa nesse negócio?”

“Demais,” ela disse. “Dédalo tinha tantas ideias, eu podia passar cinquenta anos apenas tentando entender todas.”

“É,” murmurei. “Isso seria divertido.”

Ela arrumou seus papéis – a maior parte desenhos de prédios e algumas notas escritas a mão. Eu sabia que ela queria ser uma arquiteta algum dia, mas eu tinha aprendido do jeito difícil a não perguntar no que ela estava trabalhando. Ela iria começar a falar sobre ângulos e capacidade de suportes até que meus olhos virassem vidro.

“Você sabe...” ela colocou seus cabelos atrás das orelhas, como ela faz quando está nervosa. “Toda essa coisa com Beckendorf e Silena. Isso meio que faz você pensar. Sobre... o que é importante. Sobre perder pessoas que são importantes.”

Eu assenti. Me cérebro começou a se concentrar em pequenos detalhes aleatórios, como o fato dela ainda estar usando aqueles brincos de coruja de prata dados pelo seu pai, que era esse professor maluco de história em São Francisco.

“Hum... é,” balbuciei. “Tipo... está tudo legal com a sua família?”

Ok, pergunta realmente estúpida, mas olha, eu estava nervoso.

Annabeth pareceu desapontada, mas assentiu.

“Meu pai queria me levar para a Grécia este verão,” ela disse desejosamente. “Eu sempre quis ver –”

“O Partenon,” lembrei

Ela conseguiu sorrir. “É.”

“Está tudo bem. Haverá outros verões, certo?”

Assim que eu disse isso, percebi que era um comentário estúpido. Eu estava encarando o *fim dos meus dias*. Dentro de uma semana, o Olimpo poderia cair. Se a Era dos Deuses realmente acabasse, o mundo como conhecíamos se dissolveria em caos. Semideuses seriam caçados até sua extinção. Não haveria mais verões para nós.

Annabeth encarou sua lista de inspeção. “Três de cinco,” ela murmurou, “por uma conselheira chefe desleixada. Venha. Vamos terminar os seus relatórios e devolvê-los a Quíron.”

A caminho da Casa Grande, nós lemos o último relatório, que era manuscrito em uma folha de carvalho por um sátiro no Canadá. Se possível, a nota me fez sentir ainda pior.

“Caro Grover,” eu li em voz alta. “As florestas fora de Toronto estão sendo atacadas por um texugo gigante maléfico. Tentei fazer como você sugeriu e convocar o poder de Pan. Sem efeito. Muitas árvores de náiades destruídas. Recuando para Ottawa. Por favor, mande um conselho. Onde você está? – Gleeson Hedge, protetor.”

Annabeth fez uma careta. “Você não ouviu *nada* dele? Mesmo com a conexão empática?”

Eu sacudi a cabeça, desanimado.

Desde o último verão, quando o deus Pan morreu, nosso amigo Grover tinha se afastado mais e mais. O Conselho dos Anciões do Casco Fendido o tratava como um exilado, mas Grover ainda viajava por toda a costa leste, tentando espalhar a palavra sobre Pan e convencer os espíritos de natureza a protegerem seus próprios pequenos pedaços da natureza. Ele só tinha voltado ao acampamento algumas vezes para visitar sua namorada, Juniper.

A última vez que soube dele ele estava no Central Park organizando as dríades, mas ninguém vira ou ouvira falar dele em dois meses. Nós tentamos mandar mensagens de Íris. Elas nunca chegavam. Eu tinha uma conexão empática com Grover, então eu esperava saber se alguma coisa ruim acontecesse com ele. Grover me dissera uma vez que se ele morresse a conexão empática poderia me matar também. Mas eu não tinha certeza se isso ainda era verdade ou não.

Eu me perguntei se ele ainda estava em Manhattan. Então pensei sobre o meu sonho do esboço de Rachel – nuvens negras se aproximando da cidade, um exército reunido ao redor do edifício Empire State.

“Annabeth.” Eu a segurei perto da quadra de **tetherball**. Eu sabia que estava pedindo por problemas, mas não sabia em quem mais confiar. Além disso, eu sempre tinha dependido de Annabeth para conselhos. “Escute, eu tive esse sonho sobre, hum, Rachel...”

Eu contei a ela a coisa toda, mesmo a estranha figura de Luke quando criança.

Por um tempo ela não disse nada. Então ela enrolou seu pergaminho de inspeção tão apertado que o rasgou. “O que você quer que eu diga?”

“Não tenho certeza. Você é a melhor estrategista que conheço. Se você fosse Cronos e estivesse planejando essa guerra, o que você faria em seguida?”

“Eu usaria Tifon como uma distração. Então eu atacaria o Olimpo diretamente, enquanto os deuses estão no oeste.”

“Assim como na pintura de Rachel.”

“Percy,” ela disse com a voz firme, “Rachel é apenas uma mortal.”

“Mas e se o sonho dela for verdade? Aqueles outros titãs – eles disseram que o Olimpo seria destruído em questão de dias. Eles disseram que tinham vários outros desafios. E sobre aquela pintura de Luke quando criança – ”

“Nós apenas teremos que estar preparados.”

“Como?” eu disse. “Olhe para o nosso acampamento. Nós não conseguimos nem ao menos evitar brigar uns com os outros. E eu estou destinado a ter a minha alma estúpida ceifada.”

Ela jogou seu pergaminho no chão. “Eu sabia que nós não deveríamos ter mostrado a profecia a você.” A voz dela estava raivosa e magoada. “Tudo que ela fez foi assustar você. Você foge das coisas quando fica assustado.”

Eu a encarei, completamente aturdido. “*Eu? Fujo?*”

Ela chegou na minha cara. “Sim, você. Você é um covarde, Percy Jackson!”

Nós estávamos nariz a nariz. Seus olhos estavam vermelhos, e eu de repente entendi que quando ela me chamou de covarde, talvez ela não estivesse falando sobre a profecia.

“Se você não gosta das nossas chances,” ela disse, “talvez você devesse ir naquelas férias com Rachel.”

“Annabeth –”

“Se você não gosta da nossa companhia.”

“Isso não é justo!”

Ela me empurrou para passar por mim e foi tempestuosamente para os campos de morango. Ela atingiu a bola de **tetherball** quando passou e a mandou girando raivosamente em volta do poste.

Eu gostaria de dizer que o meu dia melhorou a partir daí. É claro que não melhorou.

Naquela tarde nós tivemos uma assembléia na fogueira do acampamento para queimar a mortalha de Beckendorf e fazer nossas despedidas. Até os chalés de Ares e Apolo decretaram uma trégua temporária para poderem comparecer.

A mortalha de Beckendorf era feita de argolas de metal, como uma cota de correntes. Eu não vi como poderia queimar, mas as Parcas deviam estar ajudando. O metal derreteu no fogo e se transformou em fumaça dourada, que adentrou o céu. As chamas da fogueira do acampamento sempre refletiam o humor dos campistas, e hoje elas queimavam pretas.

Eu esperava que o espírito de Beckendorf fosse parar no Elísio. Talvez ele até escolhesse renascer e tentar o Elísio em três vidas diferentes para que ele pudesse alcançar as Ilhas dos Abençoados, que eram como o quartel-general do submundo do que havia de melhor em festas. Se alguém as merecia, era Beckendorf.

Annabeth partiu sem me dizer uma palavra. A maior parte dos campistas voltou a suas atividades da tarde. Eu só fiquei ali encarando as chamas morrerem. Silena se sentou perto chorando, enquanto Clarisse e seu namorado, Chris Rodriguez, tentavam confortá-la.

Finalmente eu criei coragem para ir até lá. “Ei, Silena, eu realmente sinto muito.”

Ela fungou. Clarisse me encarou, mas ela sempre encara todo mundo. Chris mal olhava pra mim. Ele tinha sido um dos homens de Luke até Clarisse resgatá-lo no verão passado, e eu acho que ele ainda se sentia culpado em relação a isso.

Eu clareei minha garganta. “Silena, você sabe que Beckendorf carregava sua foto. Ele olhou para ela logo antes de ir para a batalha. Você significava muito pra ele. Você fez do último ano o melhor da vida dele.”

Silena soluçou.

“Bom trabalho, Percy,” Clarisse murmurou.

“Não, está tudo bem,” disse Silena. “Obriga... obrigada, Percy. Eu devo ir.”

“Você quer companhia?” Clarisse perguntou.

Silena sacudiu a cabeça e saiu correndo.

“Ela é mais forte do que parece,” murmurou Clarisse, quase para si mesma. “Ela sobreviverá.”

“Você poderia ajudar com isso,” sugeri. “Você poderia honrar a memória de Beckendorf lutando conosco.”

Clarisse procurou sua faca, mas não estava mais ali. Ela a tinha jogado na mesa de pingue-pongue na Casa Grande.

“Não é problema meu,” rosnou ela. “Meu chalé não é honrado, eu não luto.”

Eu notei que ela não estava rimando. Talvez ela não estivesse por perto quando seus companheiros de chalé foram amaldiçoados, ou talvez ela tivesse uma forma de quebrar o feitiço. Com um calafrio eu me perguntei se Clarisse podia ser a espiã de Cronos no acampamento. Era por isso que ela estava mantendo seu chalé fora da luta? Mas por mais que eu não gostasse de Clarisse, espionar para os Titãs não parecia ser seu estilo.

“Tudo bem,” eu disse a ela. “Eu não queria trazer isso a tona, mas você me deve uma. Você estaria apodrecendo em uma caverna de ciclope no Mar de Monstros se não fosse por mim.”

Ela trincou a mandíbula. “Qualquer outro favor, Percy. Não isso. O chalé de Ares foi desrespeitado vezes demais. E não pense que eu não sei o que as pessoas falam sobre mim pelas minhas costas.”

Eu queria dizer, *Bem, isso é verdade*. Mas mordi minha língua.

“Então, o quê – você vai simplesmente deixar Cronos nos esmagar?” perguntei.

“Se você quer tanto a minha ajuda, diga a Apolo para nos dar a biga.”

“Você é tremendo bebezão.”

Ela partiu pra cima de mim, mas Chris ficou entre nós. “Opa, pessoal,” ele disse. “Clarisse, você sabe, talvez ele tenha razão.”

Ela fez uma certa pra ele. “Não você também!” Ela saiu pisando firme, com Chris em seus calcanhares.

“Ei, espere! Eu só quis dizer – Clarisse, espere!”

Eu assisti as últimas fagulhas da fogueira de Beckendorf subirem para o céu da tarde. Então me dirigi para a arena de luta de espadas. Eu precisava de um tempo, e queria ver uma velha amiga.





EU DIRIJO O MEU CACHORRO PARA DENTRO DE UMA ÁRVORE

A Sra. O’Leary me viu antes que eu a visse, o que era um truque muito bom considerando que ela é do tamanho de um caminhão de lixo. Eu entrei na arena, e uma parede de escuridão bateu em mim.

“WOOF!”

A próxima coisa que eu soube era que estava imprensado no chão com uma pata enorme no meu peito e uma língua gigantesca lambendo a minha cara.

“Opa!” eu disse. “Ei, garota. É bom te ver também. *Opa!*”

Levou alguns minutos para a Sra. O’Leary se acalmar e sair de cima de mim. Até lá eu já estava bem encharcado de baba de cachorro. Ela queria brincar de ‘pegar a bola’, então eu peguei um escudo de bronze e o joguei do outro lado da arena.

Falando nisso, a Sra. O’Leary é o único cão infernal amigável do mundo. Eu meio que a herdei quando seu dono anterior morreu. Ela morava no acampamento, mas Beckendorf... bem, Beckendorf *costumava* tomar conta dela quando eu estava fora. Ele tinha fundido o osso de bronze para mascar favorito da Sra. O’Leary. Ele tinha forjado sua coleira com pequenas carinhas felizes e uma etiqueta de identificação. Depois de mim, Beckendorf era seu melhor amigo.

Pensar sobre isso me fez ficar triste de novo, mas eu joguei o escudo mais algumas vezes porque a Sra. O’Leary insistiu.

Logo ela começou a latir – um som ligeiramente mais alto do que uma metralhadora – como se ela precisasse sair para uma caminhada. Os outros campistas não achavam engraçado quando ela ia ao banheiro na arena. Tinha causado mais que um escorregão infeliz. Então eu abri os portões da arena, e ela foi direto para a floresta.

Eu corri atrás dela, não muito preocupado que ela estivesse na frente. Nada na floresta podia ameaçar a Sra. O’Leary. Mesmo os dragões e escorpiões gigantes fugiam quando ela se aproximava.

Quando eu finalmente a achei, ela não estava usando o banheiro. Ela estava em uma clareira familiar onde o Conselho dos Anciões do Casco Fendido uma vez tinha colocado Grover em julgamento. O lugar não parecia muito bem. A grama ficara amarela. Os três troncos de topiário tinham perdido todas as folhas. Mas não foi isso que me surpreendeu. No meio da clareira estava o trio mais estranho que eu já vira: Juniper, a ninfa da árvore, Nico di Angelo, e um sátiro muito velho e muito gordo.

Nico era o único que não parecia assustado com o aparecimento da Sra. O’Leary. Ele estava bastante parecido com quando eu o vira em meu sonho – uma jaqueta de aviador, jeans pretos, e uma camiseta com esqueletos dançantes nela, como uma daquelas imagens do Dia dos Mortos. Sua espada de aço stygiano estava pendurada a seu lado. Ele tinha só doze anos, mas parecia muito mais velho e triste.

Ele acenou com a cabeça quando me viu, depois voltou a coçar as orelhas da Sra. O’Leary. Ela cheirou suas pernas como se ele fosse a coisa mais interessante desde os bifés de costeleta. Sendo o filho de Hades, ele provavelmente esteve viajado por todos os lugares que cães infernais adoravam.

O velho sátiro não parecia nem de longe tão feliz. “Alguém poderia – o que esta criatura do *submundo* está fazendo na minha floresta!” Ele sacudiu seus braços e trotou em seus cascos como se a grama estivesse quente. “Você aí, Percy Jackson! Essa fera é sua?”

“Sinto muito, Leneus,” eu disse. “Esse é seu nome, certo?”

O sátiro revirou os olhos. Seu pelo era de um cinza de coelho, e uma teia de aranha crescia entre seus chifres. Sua barriga o teria feito um pára-choques de carro invencível. “Bem, é claro que sou Leneus. Não me diga que esqueceu um membro do Conselho tão rapidamente. Agora, chame a sua besta!”

“*WOOF!*” disse a Sra. O’ Leary alegremente.

O velho sátiro engoliu em seco. “Faça isso ir embora! Juniper, eu não irei ajudá-la sob essas circunstâncias.”

Juniper se voltou para mim. Ela era bonita de um jeito dríade, com seu vestido fino roxo e seu rosto de elfo, mas seus olhos estavam tingidos de verde pela clorofila por ter chorado.

“Percy,” ela fungou. “Eu estava justamente perguntando sobre Grover. Eu *sei* que alguma coisa aconteceu. Ela não ficaria longe tanto tempo se não estivesse com problemas. Eu estava esperando que Leneus –”

“Eu disse a você!” o sátiro protestou. “Você está melhor sem aquele traidor.”

Juniper bateu o pé. “Ele não é um traidor! Ele é o sátiro mais corajoso do mundo, e eu quero saber onde ele está!”

“*WOOF!*”

Os joelhos de Leneus começaram a bater. “Eu... eu não responderei perguntas com esse cão infernal cheirando a minha cauda!”

Nico parecia estar tentando não desmaiar. “Eu passearei com o cachorro,” ele se voluntariou.

Ele assobiou, e a Sra. O’ Leary foi andando atrás dele até o fim da clareira.

Leneus bufou indignado e tirou os galhos de sua camisa. “Agora, como eu estava tentando explicar, jovem dama, seu namorado não mandou relatório *algum* desde que votamos para que fosse exilado.”

“Vocês *tentaram* votar para que fosse exilado,” eu corrigi. “Quíron e Dioniso impediram.”

“Bá! Eles são membros *honorários* do conselho. Não foi um voto apropriadamente.”

“Vou contar a Dioniso que você disse isso.”

Leneus ficou pálido. “Eu só quis dizer... agora olhe aqui, Jackson. Isso não é da sua conta.”

“Grover é meu amigo,” falei. “Ele não estava mentindo a você sobre a morte de Pan. Eu mesmo vi. Você estava apenas assustado demais para aceitar a verdade.”

Os lábios de Leneus tremeram. “Não! Grover é um mentiroso que já vai tarde. Nós estamos melhor sem ele.”

Eu aponte para os tronos murchos. “Se as coisas estão indo tão bem, onde estão seus amigos? Parece que o seu Conselho não anda se reunindo ultimamente.”

“Maron e Silenus... eu... eu tenho certeza que eles voltarão,” ele disse, mas pude ouvir o pânico em sua voz. “Eles estão apenas tirando algum tempo para pensar. Tem sido um ano muito inquietante.”

“Vai ficar muito mais inquietante,” prometi. “Leneus, nós *precisamos* do Grover. Tem que haver um modo para que você possa encontrá-lo com sua magia.”

Os olhos do velho sátiro se contraíram. “Estou dizendo a vocês que não ouvi nada. Talvez ele esteja morto.”

Juniper engoliu um soluço.

“Ele não está morto,” eu disse. “Eu posso sentir isso.”

“Conexões empáticas,” Leneus falou desdenhando. “Muito pouco confiáveis.”

“Então pergunte por aí,” insisti. “Ache-o. Tem uma guerra chegando. Grover estava preparando os espíritos da natureza.”

“Sem a minha permissão! E essa guerra não é *nossa*.”

Eu o peguei pela camisa, o que seriamente não era o meu normal, mas o velho bode estúpido estava me deixando com raiva. “Escute, Leneus. Quando Cronos atacar, ele terá uma *cambada* de cães infernais. Ele vai destruir tudo em seu caminho – mortais, deuses, semideuses. Você acha que ele vai deixar os sátiros livres? Você deveria ser um líder. Então LIDERE. Vá lá fora e veja o que está acontecendo. Ache Grover e traga notícias para Juniper. Agora, VÁ!”

Eu não o empurrei muito forte, mas ele era meio mega-pesado. Ele caiu em seu traseiro peludo, então se arrastou em seus cascos e correu com sua barriga gíngando. “Grover jamais será aceito! Ele morrerá um exilado!”

Quando ele desapareceu nos arbustos, Juniper limpou seus olhos. “Eu sinto muito, Percy. Eu não queria envolver você nisso. Leneus ainda é um Lorde da Natureza. Você não quer fazer dele um inimigo.”

“Sem problemas,” falei. “Eu tenho inimigos piores do que sátiros acima do peso.”

Nico voltou até onde estávamos. “Bom trabalho, Percy. Julgando pela trilha de pelos de bode, eu diria que você o sacudiu bastante.”

Eu temia que soubesse o porquê de Nico estar aqui, mas tentei sorrir. “Bem vindo de volta. Você veio aqui só para ver Juniper?”

Ele corou. “Hum, não. Isso foi um acidente. Eu meio que... caí no meio da conversa deles.”

“Ele quase nos matou de susto!” disse Juniper. “Saiu direto das sombras. Mas, Nico, você é filho de Hades, e tudo. Você tem certeza de que não ouviu nada sobre Grover?”

Nico mudou o peso da perna. “Juniper, como eu tentei dizer a você... mesmo se Grover morresse, ele iria reencarnar como alguma outra coisa na natureza. Eu não posso sentir coisa assim, só almas mortais.”

“Mas se você *ouvir* qualquer coisa?” ela pediu, colocando suas mãos nos braços dele. “Qualquer coisa mesmo?”

As bochechas de Nico ficaram ainda mais vermelhas. “Hã, pode apostar. Eu vou manter meus ouvidos abertos.”

“Nós o encontraremos, Juniper,” prometi. “Grover está vivo, tenho certeza. Deve haver alguma razão simples para ele não ter nos contatado.”

Ela assentiu sombriamente. “Eu odeio não ser capaz de deixar a floresta. Ele pode estar em qualquer lugar, e eu estou presa aqui esperando. Oh, se aquele bode tolo tiver se machucado –”

A Sra. O’Leary voltou e ganhou interesse no vestido de Juniper.

Juniper ganiu. “Oh, não, você não vai! Eu sei sobre cachorros e árvores. Fui!”

Ela se foi em névoa verde com um *poof*. A Sra. O’Leary pareceu desapontada, mas ela arrastou-se para achar outro alvo, deixando Nico e eu sozinhos.

Nico fincou sua espada no solo. Um pequeno monte de ossos de animais irrompeu do chão. Eles se uniram e se transformaram em um rato do campo esqueleto que correu para longe. “Eu senti muito ao saber sobre Beckendorf.”

Um carço se formou em minha garganta. “Como você –”

“Eu conversei com o fantasma dele.”

“Ah... Certo.” Eu nunca me acostumaria com o fato de que esse garoto de doze anos de idade passa mais tempo falando com os mortos do que com os vivos. “Ele disse alguma coisa?”

“Ele não te culpa. Ele imaginou que você estaria se culpando, e ele disse que você não deveria.”

“Ele vai tentar renascer?”

Nico sacudiu a cabeça. “Ele vai ficar no Elísio. Disse que estava esperando por alguém. Não tenho certeza do que ele quis dizer, mas ele parece estar bem com a morte.”

Isso não era muito conforto, mas era alguma coisa.

“Eu tive uma visão de você no Monte Tam,” eu disse a Nico. “Isso era –”

“Real,” ele disse. “Eu não pretendia espionar os Titãs, mas eu estava nas redondezas.”

“Fazendo o quê?”

Nico puxou o cinto de sua espada. “Seguindo uma pista sobre... você sabe, minha família.”

Assenti. Eu sabia que seu passado era um assunto dolorido. Até dois anos atrás, ele e sua irmã Bianca estavam congelados no tempo em um lugar chamado Lótus Hotel e Cassino. Eles ficaram lá por, tipo, setenta anos. Eventualmente, um advogado misterioso os resgatou e os colocou em um internato, mas Nico não se lembrava de sua vida antes do cassino. Ele não sabia nada sobre sua mãe. Ele não sabia quem o advogado era, ou o porquê deles ficarem congelados no tempo ou terem sido permitidos a sair. Depois que Bianca morreu e deixou Nico sozinho, ele ficara obsessivo por encontrar respostas.

“Então como foi?” perguntei. “Teve sorte?”

“Não,” ele murmurou. “Mas eu talvez tenha uma nova pista em breve.”

“Que pista?”

Nico mordeu o lábio. “Isso não é importante agora. Você sabe por qual razão estou aqui.”

Uma sensação de pavor começou a se formar em meu peito. Desde que Nico propôs pela primeira vez seu plano para vencer Cronos no verão passado, eu tive pesadelos sobre isso. Ele aparecia de vez em quando e me pressionava por uma resposta, mas eu continuava adiando.

“Nico, eu não sei,” falei. “Parece extremo demais.”

“Você tem Tífon chegando em, o quê... uma semana? A maior parte dos outros titãs está a solta agora e do lado de Cronos. Talvez esteja na hora de pensar extremamente.”

Eu olhei de volta para o acampamento. Mesmo dessa distância eu podia ouvir os chalés de Ares e Apolo brigando de novo, gritando maldições e jorrando poesia ruim.

“Eles não são páreo para o exército Titã,” disse Nico. “Você sabe disso. Isso se resume a você e Luke. E só há um jeito de você conseguir vencer Luke.”

Eu me lembrei da luta no *Princesa Andrômeda*. Eu fora irremediavelmente derrotado. Cronos quase me matara com um único corte em meu braço, e eu nem sequer pude feri-lo. Contracorrente resvalou em sua pele.

“Nós podemos dar a você o mesmo poder,” Nico instigou. “Você ouviu a Grande Profecia. A menos que queira ter sua alma ceifada por uma lâmina amaldiçoada...”

Eu me perguntei como Nico ouvira a Grande Profecia – provavelmente de algum fantasma.

“Você não pode impedir uma profecia,” eu disse.

“Mas pode lutar contra ela.” Nico tinha uma estranha, faminta luz em seus olhos. “Você pode se tornar invencível.”

“Talvez nós devêssemos esperar. Tentar lutar sem –”

“Não!” Nico rosnou. “Tem que ser agora!”

Eu o encarei. Eu não vira seu temperamento se incendiar assim há muito tempo. “Hum, tem certeza que você está bem?”

Ele respirou profundamente. “Percy, só o que eu quero dizer... quando a luta começar, nós não seremos capazes de fazer a jornada. Esta é nossa última chance. Sinto muito se estou pressionando demais, mas há dois anos minha irmã deu a vida para te proteger. Eu quero que você honre isso. Faça o que for preciso para permanecer vivo e derrotar Cronos.”

Eu não gostava da ideia. Então pensei em Annabeth me chamando de covarde, e fiquei com raiva.

Nico tinha razão. Se Cronos atacasse Nova York, os campistas não seriam páreo para suas forças. Eu tinha que fazer alguma coisa. O jeito de Nico era perigoso – talvez até mortal. Mas poderia me dar uma luta mais justa.

“Tudo bem,” decidi. “O que faremos primeiro?”

Seu sorriso frio e arrepiante me fez me arrepender de ter aceitado. “Primeiro nós vamos precisar refazer os passos de Luke. Nós precisamos saber mais sobre seu passado, sua infância.”

Eu tremi, pensando no retrato de Rachel em meu sonho – um sorridente Luke de nove anos de idade. “Por que nós precisamos saber disso?”

“Explicarei quando chegarmos lá,” disse Nico. “Eu já rastreei a mãe dele. Ela mora em Connecticut.”

Eu o encarei. Eu nunca pensara muito no parente mortal de Luke. Eu tinha conhecido seu pai, Hermes, mas sua mãe...

“Luke fugiu quando era muito novo,” falei. “Eu não achei que sua mãe estivesse viva.”

“Oh, ela está viva.” O modo como ele disse isso me fez perguntar o que havia de errado com ela. Que tipo de pessoa horrível ela poderia ser?

“Ok...” eu disse. “Então como chegamos a Connecticut? Eu posso chamar Blackjack –”

“Não.” Nico fez uma carranca. “Pégasos não gostam de mim, e o sentimento é recíproco. Mas não há necessidade de voar.” Ele assoviou e a Sra. O’ Leary veio das árvores.

“Sua amiga aqui pode ajudar.” Nico afagou a cabeça dela. “Você ainda não tentou viajar pelas sombras?”

“Viajar pelas sombras?”

Nico sussurrou no ouvido da Sra. O’ Leary. Ela inclinou a cabeça, subitamente alerta.

“Suba a bordo,” Nico me disse.

Eu nunca considerei montar em um cachorro antes, mas a Sra. O’ Leary certamente era grande o suficiente. Eu subi em seu dorso e segurei sua coleira.

“Isso a deixará muito cansada,” Nico alertou, “então você não pode fazer isso constantemente. E funciona melhor a noite. Mas todas as sombras são parte de uma mesma substância. Só há uma escuridão, e as criaturas do mundo inferior podem usá-la como uma estrada, ou porta.”

“Eu não entendo,” falei.

“Não,” Nico disse. “Eu demorei um longo tempo para aprender. Mas a Sra. O’ Leary sabe. Diga a ela aonde ir. Diga a ela Westport, a casa de May Castellan.”

“Você não vem?”

“Não se preocupe,” ele falou. “Encontro você lá.”

Eu estava um pouco nervoso, mas me inclinei sobre o ouvido da Sra. O’ Leary. “Ok, garota. Hã, você pode me levar a Westport, Connecticut? A casa de May Castellan?”

A Sra. O’ Leary cheirou o ar. Ela olhou para a escuridão da floresta. Então ela se lançou para frente, direto para o oco de uma árvore.

Logo antes de colidirmos, nós passamos por dentro de sombras tão frias quanto o lado escuro da lua.



MEUS BISCOITOS SAEM QUEIMADOS

Eu não recomendo viajar pelas sombras se você tem medo:

- a) Do escuro.
- b) De arrepios gelados por sua espinha.
- c) De barulhos estranhos.
- d) De ir tão rápido a ponto de parecer que seu rosto vai desgrudar.

Em outras palavras, achei incrível. Num minuto, eu não conseguia ver nada. Só conseguia sentir o pelo da Sra. O’Leary e meus dedos entrelaçados nas correntes de bronze de sua coleira de cachorro.

No minuto seguinte, as sombras se transformaram em uma nova cena. Estávamos em um penhasco nos bosques de Connecticut. Pelo menos, parecia Connecticut pelas poucas vezes que estive lá: muitas árvores, muros baixos de pedra, casas enormes. Na base de um dos lados do penhasco, uma estrada cortava por entre um desfiladeiro.

Do outro lado havia o jardim de alguém. A propriedade era grande – mais deserto do que grama. A casa colonial era branca e tinha dois andares. Mesmo a propriedade sendo do outro lado da colina da estrada, era como se a casa estivesse no meio do nada. Eu podia ver uma luz brilhando pela janela da cozinha. Um velho balanço pendia debaixo de uma macieira.

Eu não conseguia imaginar viver numa casa assim, com um jardim de verdade e tudo. Eu tinha vivido em um apartamento minúsculo ou em um dormitório de escola por toda minha vida. Se essa era a casa de Luke, eu me perguntei por que ele algum dia quis ir embora.

A Sra. O’Leary cambaleou. Eu me lembrei do que Nico havia dito sobre as viagens pelas sombras cansá-la, então descí de suas costas. Ela soltou um enorme bocejo cheio de dentes que teria assustado até em um T-rex, depois rodou em círculo e caiu tão pesadamente que o chão tremeu.

Nico apareceu bem ao meu lado, como se as sombras tivessem escurecido e o criado. Ele cambaleou, mas eu segurei seu braço.

“Estou bem,” ele falou, esfregando os olhos.

“Como você fez isso?”

“Prática. Dei de cara com paredes algumas vezes. E fiz umas poucas viagens acidentais para a China.”

A Sra. O’Leary começou a roncar. Se não fosse pelo barulho do tráfego atrás de nós, tenho certeza que ela teria acordado toda a vizinhança.

“Você vai tirar um cochilo também?” perguntei a Nico.

Ele balançou sua cabeça. “A primeira vez em que viajei pelas sombras, eu dormi por uma semana. Agora só me deixa um pouco sonolento, mas não consigo fazer isso por mais de uma ou duas vezes por noite. A Sra. O’Leary não vai a lugar nenhum por um tempo.”

“Então conseguimos um bom tempo em Connecticut.” Eu olhei para a casa branca colonial. “E agora?”

“Tocamos a campainha,” Nico disse.

Se eu fosse a mãe de Luke, não teria aberto minha porta no meio da noite para duas crianças estranhas. Mas eu não tinha *nada a ver* com a mãe de Luke.

Eu soube disso antes mesmo de chegarmos à porta. A calçada era rodeada por aqueles bichinhos de pelúcia que você vê em lojas de presente. Havia miniaturas de leões, porcos, dragões, hidras, até mesmo um pequeno Minotauro enrolado em uma pequena fralda de Minotauro. Julgando pelo seu triste estado, os bichinhos de pelúcia deviam estar sentados ali já há um longo tempo – desde que a neve derreteu na última primavera, pelo menos. Uma das hidras tinha um ramo nascendo entre seus pescoços.

A varanda da frente era cheia de sinos de vento. Pedacos de vidro brilhante e metal tilintavam com a brisa. Fios de cobre tilintavam como água, o que me lembrou que eu precisava usar o banheiro. Não sei como a Sra. Castellan conseguia suportar esse barulho todo.

A porta da frente era pintada de turquesa. O nome CASTELLAN estava escrito em inglês, e abaixo em Grego: Διοικήτής φρουρίου.

Nico olhou para mim. “Pronto?”

Ele mal tocou na porta quando ela foi aberta.

“Luke!” a velha senhora choramingou feliz.

Ela parecia com alguém que gostava de ficar metendo o dedo em tomadas. Seu cabelo branco estava em tufo por toda sua cabeça. Seu avental rosa tinha marcas de queimado e manchas de cinzas. Quando ela sorria, seu rosto parecia esticado de um jeito não natural, e a luz de alta tensão em seus olhos me fez perguntar se ela era cega.

“Oh, meu menino querido!” Ela abraçou Nico. Eu estava tentando entender por que ela pensava que Nico era Luke (eles não tinham nada a ver), quando ela sorriu para mim e disse, “Luke!”

Ela esqueceu totalmente de Nico e me deu um abraço. Ela cheirava a biscoitos queimados. Era tão magra quanto um espantalho, mas isso não a impediu de quase me esmagar.

“Entre!” ela insistiu. “Seu almoço está pronto!”

Ela nos empurrou pra dentro. A sala de estar era mais estranha do que o jardim. Espelhos e velas ocupavam cada lugar disponível. Eu não podia olhar pra lugar algum sem ver meu reflexo. Acima da lareira, um pequeno Hermes de bronze voava em volta do segundo ponteiro de um relógio. Tentei imaginar o deus mensageiro se apaixonando por essa velha senhora, mas a ideia era muito bizarra.

Então eu notei um porta retrato na lareira, e congelei. Era idêntico ao desenho de Rachel – Luke por volta de uns nove anos, com cabelo loiro e um grande sorriso sem dois dentes. A falta da cicatriz em seu rosto o fez parecer como uma pessoa diferente – despreocupado e feliz. Como Rachel podia saber dessa foto?

“Por aqui, meu querido!” A Sra. Castellan me levou para os fundos da casa. “Oh, eu disse a eles que você viria. Eu sabia!”

Ela nos sentou na mesa da cozinha. Empilhados no balcão, havia centenas – eu digo centenas mesmo – de tupperwares com sanduíches de pasta de amendoim e geléia dentro. Os de baixo estavam verdes e embolorados como se eles estivessem lá há muito tempo. O cheiro me lembrava do meu armário da sexta série – e isso não era algo bom.

Em cima do fogão havia formas com biscoitos. Cada uma tinha uma dúzia de biscoitos queimados. Na pia havia montanhas de jarras de plástico de suco vazias. Uma Medusa de pelúcia estava sentada sobre a torneira como se estivesse protegendo a bagunça.

A Sra. Castellan estava cantarolando enquanto pegava a pasta de amendoim e a geléia e começava a fazer novos sanduíches. Algo estava queimando no forno. Tive a sensação de que mais biscoitos estavam a caminho.

Sobre a pia, colocados ao redor de toda a janela, havia dúzias de recortes de pequenas figuras de revistas e matérias de jornais – fotos de Hermes dos logos da FTD Flores e Lavadores à Jato, figuras de caduceus de anúncios médicos.

Meu coração afundou. Eu queria sair daquele lugar, mas a Sra. Castellan continuava sorrindo pra mim enquanto fazia os sanduíches, como se ela estivesse certificando-se de que eu não fugiria.

Nico tossiu. “Hum, Sra. Castellan?”

“Sim?”

“Precisamos perguntar sobre seu filho.”

“Ah, sim! Eles me disseram que ele nunca voltaria. Mas eu não acreditei.” Ela apertou minha bochecha com carinho, deixando-me com listras de pasta de amendoim.

“Quando você o viu pela última vez?” Nico perguntou.

Seus olhos perderam o foco.

“Ele era tão novo quando se foi,” ela disse melancolicamente. “Terceira série. Isso é muito jovem para fugir! Ele disse que voltaria para o almoço. E eu esperei. Ele gosta de sanduíches de pasta de amendoim e biscoitos e suco. Ele voltará para o almoço logo...” Então ela olhou para mim e sorriu. “Ah, Luke, aí está você! Você está tão lindo. Você tem os olhos do seu pai.”

Ela se virou para as fotos de Hermes sobre a pia. “Agora, ali está um bom homem. Sim, realmente. Ele vem me visitar, sabe.”

O relógio continuava a tiquetaquear na sala. Eu limpei a pasta de amendoim do meu rosto e olhei para Nico suplicando, tipo, *Podemos sair daqui agora?*

“Senhora,” Nico disse. “O que, hã... o que aconteceu com seus olhos?”

Seu olhar parecia desfocado – como se ela estivesse tentando focalizá-lo através de um caleidoscópio. “Ora, Luke, você sabe da história. Foi pouco antes de você nascer, não foi? Eu sempre fui especial, capaz de ver pela... sei-lá-como-eles-chamam.”

“A Névoa?” eu disse.

“Sim, querido.” Ela concordou animadamente. “E eles me ofereceram um emprego importante. Pelo quão especial eu era!”

Eu olhei para Nico, mas ele parecia tão confuso quanto eu.

“Que tipo de trabalho?” perguntei. “O que aconteceu?”

A Sra. Castellan franziu a testa. Sua faca pairou sobre o pão do sanduíche. “Minha nossa, não funcionou, não foi? Seu pai me avisou para não tentar. Ele disse que era muito perigoso. Mas eu tinha que tentar. Era meu destino! E agora... eu ainda não consigo tirar as imagens da minha cabeça. Elas fazem as coisas parecerem tão estranhas. Você gostaria de alguns biscoitos?”

Ela tirou uma forma do forno e despejou um monte de biscoitos de lascas de chocolate carbonizados.

“Luke era tão carinhoso,” a Sra. Castellan murmurou. “Ele foi embora para me proteger, sabe. Ele disse que se ele partisse, os monstros não me ameaçariam. Mas eu disse a ele que os monstros não eram problema! Eles sentam na calçada o dia todo, e eles nunca entram.” Ela pegou a Medusa de pelúcia do parapeito da janela. “Eles entram, Dona Medusa? Não, sem problema algum.” Ela olhou para mim alegremente. “Estou tão feliz que você tenha voltado pra casa. Sabia que você não tinha vergonha de mim!”

Eu me mexi na minha cadeira. Eu me imaginei como Luke, sentado nessa mesa, com oito ou nove anos, e começando a perceber que minha mãe não estava realmente ali.

“Sra. Castellan,” eu disse.

“Mãe,” ela corrigiu.

“Hum, sim. Você já viu o Luke desde que ele saiu de casa?”

“Mas é claro!”

Eu não sabia se ela estava imaginando isso ou não. Pelo que eu sabia, sempre que o carteiro batia na sua porta, ele era o Luke. Mas Nico se endireitou esperançosamente.

“Quando?” ele perguntou. “Quando Luke a visitou pela última vez?”

“Bem, foi... Oh, minha nossa...” uma sombra passou por seu rosto. “Da última vez, ele estava tão diferente. Uma cicatriz. Uma cicatriz horrível, e sua voz estava tão cheia de dor...”

“Seus olhos,” eu disse. “Eles estavam dourados?”

“Dourados?” Ela piscou. “Não. Que bobagem. Luke tem olhos azuis. Lindos olhos azuis!”

Então Luke tinha vindo mesmo aqui, e isso tinha acontecido antes do último verão – antes dele se tornar Cronos.

“Sra. Catellan?” Nico pôs sua mão no braço da velha mulher. “Isto é muito importante. Ele lhe pediu algo?”

Ela franziu a testa como se tentasse se lembrar. “Minha – minha benção. Não é meigo?”

Ela olhou para nós insegura. “Ele estava indo para um rio, e ele disse que precisava da minha benção. Eu a dei para ele. É claro que dei.”

Nico olhou para mim triunfante. “Obrigado, senhora. Essa é toda informação que nós –” A Sra. Catellan ofegou. Ela se dobrou, e sua bandeja de biscoitos caiu no chão. Nico e eu pulamos da mesa.

“Sra. Castellan?” eu falei.

“AHHHH” ela se endireitou. Eu me afastei e quase cai por cima da mesa da cozinha, pois seus olhos – seus olhos estavam com um brilho verde.

“*Minha criança,*” ela falou com uma voz muito mais profunda. “*Deve protegê-lo! Hermes, ajude! Meu filho não! Não este destino – não!*”

Ela pegou Nico pelos ombros e começou a chacoalhá-lo como que para fazê-lo entender. “*Não este destino!*”

Nico deu um grito engasgado e a afastou. Ele pegou no punho de sua espada. “Percy, precisamos sair –”

De repente a Sra. Castellan desmoronou. Eu me lancei para frente e a peguei antes que ela pudesse bater na beirada da mesa. Eu consegui colocá-la numa cadeira.

“Sra. C.?” perguntei.

Ela murmurou algo incompreensível e sacudiu a cabeça. “Minha nossa. Eu... eu deixei cair os biscoitos. Que descuido meu.”

Ela piscou, e seus olhos voltaram ao normal – ou pelo menos, ao que eles eram antes. O brilho verde tinha ido embora.

“Você está bem?” perguntei.

“Mas é claro, meu querido. Estou bem. Por que pergunta?”

Eu olhei para Nico, ele mexeu sua boca sem falar, formando a palavra *Sair*.

“Sra. C., você estava nos contando algo,” falei. “Algo sobre seu filho.”

“Estava?” ela disse sonhadoramente. “Sim, seus olhos azuis. Estávamos falando de seus olhos azuis. Um rapaz tão bonito!”

“Temos que ir,” Nico disse com urgência. “Diremos a Luke... hã, diremos a ele que você mandou um oi.”

“Mas vocês não podem ir!” A Sra. Castellan se levantou tremulamente, e eu me afastei. Era ridículo sentir medo de uma frágil senhora, mas o modo como sua voz mudou, o modo como ela agarrou Nico...

“Hermes chegará logo,” ela prometeu. “Ele vai querer ver seu garoto!”

“Talvez da próxima vez,” eu disse. “Obrigado por –” Eu olhei para os biscoitos queimados no chão. “Obrigado por tudo.”

Ela tentou nos impedir, oferecer suco, mas eu tinha que sair daquela casa. Na varanda, ela agarrou meu pulso e eu quase pulei pra fora da minha pele. “Luke, pelo menos se cuide. Me prometa que você vai se cuidar.”

“Eu irei... mãe.”

Aquilo a fez sorrir. Ela soltou meu pulso, e enquanto ela fechava a porta da frente eu pude ouvi-la falando para as velas: “Vocês ouviram isso? Ele vai ficar seguro. Eu disse a vocês que ele iria!”

Enquanto a porta fechava, Nico e eu corremos. Os bichinhos de pelúcia na calçada pareciam sorrir para nós enquanto passávamos.

De volta ao penhasco, a Sra. O’Leary parecia ter encontrado uma amiga.

Uma agradável fogueira crepitava em um anel de rochas. Uma garota por volta dos oito anos estava sentada de pernas cruzadas próxima a Sra. O’Leary, coçando as orelhas do cão infernal.

A garota tinha um cabelo castanho cinzento e usava um vestido simples marrom. Ela usava um lenço sobre sua cabeça, então ela parecia uma criança pioneira – como o fantasma da série *Os Pioneiros* ou algo assim. Ela mexeu no fogo com um graveto, e ele pareceu brilhar com um vermelho mais forte do que o fogo normal.

“Olá,” ela disse.

Meu primeiro pensamento foi: um monstro. Quando você é um semideus e encontra uma garotinha meiga sozinha na floresta – essa é uma ótima hora para pegar sua espada e atacar. Além do mais, o encontro com a Sra. Castellan havia me abalado muito.

Mas Nico se curvou para a menina. “Olá de novo, Lady.”

Ela me estudou com olhos tão vermelhos quanto a luz do fogo. Eu decidi que o mais seguro era me curvar.

“Sente-se, Percy Jackson,” ela disse. “Vocês gostariam de jantar?”

Depois de olhar sanduíches de pasta de amendoim mofados e biscoitos queimados, eu não estava com muito apetite, mas a garota balançou sua mão e um piquenique apareceu na beira do fogo. Havia pratos de roast beef, batatas assadas, cenouras amanteigadas, pão fresco, e um monte de outras comidas que eu não via fazia um bom tempo. Meu estômago começou a roncar. Esse era o tipo de comida caseira que as pessoas supostamente deveriam ter, mas nunca tinham. A garota fez um biscoito de um metro e meio aparecer para Sra. O’Leary, que alegremente começou a despedaçá-lo.

Sentei perto de Nico. Pegamos nossa comida, e eu estava prestes a comer quando pensei melhor.

Joguei parte da minha refeição nas chamas, do mesmo jeito que fazíamos no acampamento. “Para os deuses,” eu disse.

A garotinha sorriu. “Obrigada. Como encarregada da chama, eu recebo uma parte de cada sacrifício, sabe.”

“Eu reconheço você agora,” falei. “Quando eu cheguei ao acampamento pela primeira vez, você estava sentada perto do fogo, no meio da área comum.”

“Você não parou para conversar,” a garota se lembrou melancolicamente. “Aliás, a maioria nunca para. Nico falou comigo. Ele foi o primeiro em muitos anos. Todos apressados. Sem tempo para visitar a família.”

“Você é Héstia,” eu disse. “A Deusa do Lar.”

Ela concordou.

Certo... então ela parecia ter oito anos. Eu não perguntei. Aprendi que deuses aparentam ter a forma que quiserem.

“Minha lady,” Nico perguntou, “por que você não está com os outros Olímpianos, lutando contra Tífon?”

“Eu não sou muito de briga.” Seus olhos vermelhos faiscaram. Eu percebi que eles não estavam só refletindo as chamas. Eles eram preenchidos por fogo – mas não como os olhos de Ares. Os olhos dela eram quentes e acolhedores.

“Além do mais,” ela disse, “alguém tem que manter as chamas da casa acesas, enquanto os deuses estão ausentes.”

“Então você está protegendo o Monte Olimpo?” perguntei.

“‘Proteger’ pode ser uma palavra muito forte. Mas se você alguma vez precisar de um lugar quente para ficar e comida caseira, você é bem vindo a visitar. Agora coma.”

Meu prato estava vazio antes que eu percebesse. Nico esvaziou o dele quase tão rapidamente.

“Estava ótimo,” eu disse. “Obrigado, Héstia.”

Ela assentiu. “Vocês fizeram uma boa visita a Sra. Castellan?”

Por um momento eu quase me esqueci da velha senhora com seus olhos brilhantes e seu sorriso maníaco, do modo como ela de repente pareceu estar possuída.

“O que tem de errado com ela, exatamente?” perguntei.

“Ela nasceu com um dom,” Héstia disse. “Ela podia ver através da Névoa.”

“Como minha mãe,” falei. E eu também estava pensando, *Como Rachel*. “Mas aquela coisa dos olhos brilhantes –”

“Alguns lidam com a maldição da visão melhor que outros,” a deusa disse tristemente.

“Por um tempo, May Castellan teve muitos talentos. Ela atraiu a atenção do próprio Hermes. Eles tiveram um lindo menininho. Por um curto tempo, ela foi feliz. E então ela foi longe demais.”

Lembrei do que a Sra. Castellan havia dito: *Eles me ofereceram um trabalho importante... Não funcionou*. Eu me perguntei que tipo de trabalho te deixa assim.

“Em um minuto ela estava toda feliz,” eu disse. “E depois ela enlouqueceu sobre o destino do filho, como se ela soubesse que ele virou Cronos. O que aconteceu para... ela se dividir daquele jeito?”

O rosto da deusa escureceu. “Essa é uma história que eu não gosto de contar. Mas May Castellan viu demais. Se você quer entender seu inimigo Luke, você tem que entender sua família.”

Eu pensei nas tristes fotos de Hermes coladas acima da pia de May Castellan. Eu imaginei se a Sra. Castellan já era louca assim quando Luke era pequeno. Aqueles olhos verdes poderiam assustar seriamente uma criança de nove anos. E se Hermes nunca visitasse, se ele deixou Luke sozinho com sua mãe durante todos aqueles anos...

“Não foi à toa que Luke fugiu,” eu disse. “Digo, não foi certo deixar a mãe dele assim, mas ainda – ele era só uma criança. Hermes não devia ter abandonado os dois.”

Héstia coçou atrás das orelhas da Sra. O’Leary. O cão infernal abanou seu rabo e acidentalmente derrubou uma árvore.

“É fácil julgar os outros,” Héstia alertou. “Mas você seguirá os passos de Luke? Procurará os mesmos poderes?”

Nico abaixou seu prato. “Não temos escolha, minha senhora. É o único jeito de Percy ter uma chance.”

“Hum.” Héstia abriu suas mãos e o fogo rugiu. As chamas atingiram dez metros de altura. O calor golpeou meu rosto. Então o fogo voltou ao normal.

“Nem todos os poderes são espetaculares.” Héstia olhou para mim. “Às vezes o poder mais difícil de dominar é o poder de ceder. Você acredita em mim?”

“Hã-ham,” eu disse. Qualquer coisa para impedir que ela usasse seus poderes flamejantes de novo.

A deusa sorriu. “Você é um bom herói, Percy Jackson. Não é muito orgulhoso. Eu gosto disso. Mas você ainda tem muito que aprender. Quando Dioniso se tornou um deus, eu

desisti do meu trono para ele. Era o único jeito de evitar uma guerra civil entre os deuses.”

“Isso desequilibrou o Conselho,” eu lembrei. “De repente havia sete caras e cinco garotas.”

Héstia deu de ombros. “Essa era a melhor solução, não a perfeita. Agora eu controlo o fogo. Eu desapareço vagarosamente em segundo plano. Ninguém jamais escreverá poemas épicos sobre os feitos de Héstia. A maioria dos semideuses sequer param para falar comigo. Mas isso não importa. Eu mantenho a paz. Eu cedo quando é necessário. Você é capaz de fazer isso?”

“Eu não entendo o que você quer dizer.”

Ela me estudou. “Talvez ainda não. Mas em breve entenderá. Você continuará com sua missão?”

“É por isso que você está aqui – para me alertar para não continuar?”

Héstia balançou sua cabeça. “Estou aqui porque quando tudo o mais falha, quando todos os outros deuses poderosos tiverem ido para a guerra, eu sou tudo o que resta. Casa. Lar. Eu sou o último Olimpiano. Você deve se lembrar de mim quando encarar a sua decisão final.”

Eu não gostei do modo como ela falou *final*.

Olhei para Nico, e depois de volta aos brilhantes olhos acolhedores de Héstia. “Eu tenho que continuar, minha senhora. Eu tenho que parar Luke... digo, Cronos.”

Héstia assentiu. “Muito bem. Eu não posso ser de muita ajuda, além do que eu já disse a você. Mas como você prestou sacrifício a mim, eu posso retorná-lo para seu próprio lar. Eu o verei de novo, Percy, no Olimpo.”

Seu tom era agourento, como se nosso próximo encontro não fosse ser feliz.

A deusa balançou sua mão, e tudo desapareceu.

De repente eu estava em casa. Nico e eu estávamos sentados no sofá do apartamento de minha mãe no Upper East Side. Essas eram as boas notícias. As más notícias eram que o resto da sala estava ocupada pela Sra. O’Leary.

Eu ouvi um grito abafado do quarto. A voz de Paul disse, “Quem pôs essa parede de pelo no vão da porta?”

“Percy?” minha mãe chamou. “Você está aqui? Você está bem?”

“Estou aqui!” gritei de volta.

“**WOOF!**” A Sra. O’Leary tentou virar para achar minha mãe, derrubando todos os quadros das paredes. Ela só havia encontrado minha mãe uma vez (longa história), mas ela a ama.

Demorou um tempo, mas finalmente conseguimos que as coisas dessem certo. Depois de destruir a maioria dos móveis da sala e provavelmente ter deixado nossos vizinhos muito irritados, conseguimos tirar meus pais do quarto e levar para cozinha, onde sentamos à mesa. A Sra. O’Leary ainda ocupava toda a sala, mas ela estava com a cabeça no vão da porta da cozinha, então ela podia nos ver, o que a deixou feliz. Minha mãe jogou pra ela um bife tamanho família, o qual desapareceu na sua garganta. Paul serviu limonada para o resto de nós enquanto eu contava sobre nossa visita a Connecticut.

“Então é verdade.” Paul me olhava como se ele nunca tivesse me visto antes. Ele estava vestindo seu roupão branco, agora coberto de pelo de cão infernal, e seu cabelo grisalho estava espetado em todas as direções. “Todo essa conversa de monstros, e ser um semideus... é mesmo verdade.”

Eu assenti. Eu contara a Paul no último outono quem eu era. Minha mãe havia me dado uma força. Mas até este momento, eu não achei que ele realmente tivesse acreditado em nós.

“Desculpe pela Sra. O’Leary,” eu disse, “por ter destruído a sala e tudo mais.”

Paul gargalhou como se ele estivesse contentíssimo. “Você está brincando? Isso é incrível! Digo, quando eu vi as pegadas no Prius, eu pensei que talvez fosse verdade. Mas isso!”

Ele acariciou o focinho de Sra. O’Leary. A sala tremeu – BOOM, BOOM, BOOM – o que poderia ser o batalhão da SWAT colocando a porta abaixo ou a Sra. O’Leary abanando seu rabo.

Eu não pude conter o sorriso. Paul era um cara muito legal, mesmo ele sendo meu professor de Inglês e meu padrasto.

“Obrigado por não pirar,” falei.

“Ah, mas eu estou pirando,” ele garantiu, com seus olhos arregalados. “Eu só acho que é incrível!”

“É, bem,” eu disse, “talvez você não fique tão animado quando ouvir o que vai acontecer.”

Eu contei a Paul e minha mãe sobre Tífon, e os deuses, e a batalha que estava prestes a acontecer. Depois eu disse a eles sobre o plano de Nico.

Minha mãe enlaçou seus dedos em volta do copo de limonada. Ela estava vestindo seu velho roupão de flanela azul, e seu cabelo estava amarrado para trás. Recentemente ela tinha começado a escrever um romance, como ela queria fazer há anos, e eu podia dizer que ela estava trabalhando nele até tarde da noite, porque os círculos embaixo de seus olhos estavam mais escuros que de costume.

Atrás dela, na janela da cozinha, a enlace lunar brilhava com um tom prateado na caixa de flores. Eu trouxera a planta mágica da ilha de Calypso no verão passado, e ela florescia como louca sob os cuidados de minha mãe. O cheiro sempre me acalmava, mas também me deixava triste, porque me fazia lembrar amigos perdidos.

Minha mãe respirou fundo, como se ela estivesse pensando em como me dizer não.

“Percy, é muito perigoso,” ela disse. “Até mesmo para você.”

“Mãe, eu sei. Eu poderia morrer. Nico me explicou isso. Mas se nós não tentarmos –”

“Todos morreremos,” Nico disse. Ele não tinha tocado em sua limonada. “Sra. Jackson, não teremos chance contra uma invasão. E *haverá* uma invasão.”

“Uma invasão em Nova York?” Paul disse. “Isso é sequer possível? Como não veríamos os... os monstros?”

Ele disse a palavra como se ainda não acreditasse que isto fosse real.

“Eu não sei,” admiti. “Eu não vejo como Cronos simplesmente marcharia por Manhattan, mas a Névoa é forte. Tífon está atravessando o país agora mesmo, e os mortais pensam que ele é um conjunto de tempestades.”

“Sra. Jackson,” Nico disse, “Percy precisa da sua bênção. O processo *tem* que começar desse jeito. Eu não tinha certeza até conhecer a mãe de Luke, mas agora estou certo. Isso só foi feito com sucesso duas vezes. Ambas as vezes, a mãe teve que dar a sua bênção. Ela tem que estar disposta a deixar seu filho se arriscar.”

“Você quer que eu abençoe isso?” Ela balançou sua cabeça. “É loucura. Percy, por favor –”

“Mãe, eu não consigo fazer isso sem você.”

“E se você sobreviver a esse... esse *processo*?”

“Então eu irei para guerra,” falei. “Eu contra Cronos. E só um de nós sobreviverá.”

Eu não contei a ela a profecia completa – sobre minha alma ser ceifada e ser o fim dos meus dias. Ela não precisava saber que eu estava provavelmente condenado. Eu só

podia esperar que eu fosse capaz de parar Cronos e salvar o resto do mundo antes de morrer.

“Você é meu filho,” ela disse miseravelmente. “Eu não posso simplesmente...”

Eu podia dizer que teria que insistir mais para fazê-la concordar, mas eu não queria. Eu me lembrei da pobre Sra. Castellan em sua cozinha, esperando seu filho voltar para casa. E percebi o quão sortudo eu era. Minha mãe sempre esteve comigo, sempre tentando fazer as coisas normais pra mim, mesmo com deuses e monstros e essas coisas. Ela aguentava que eu saísse em aventuras, mas agora eu estava pedindo sua benção para algo que provavelmente me mataria.

Eu olhei nos olhos de Paul, e algum tipo de entendimento passou entre nós.

“Sally.” Ele pôs sua mão sobre as mãos de minha mãe. “Eu não posso afirmar saber pelo que você e Percy passaram todos esses anos. Mas me parece que... parece que Percy está fazendo algo nobre. Eu gostaria de ter toda essa coragem.”

Senti um bolo em minha garganta. Eu não recebia elogios assim com frequência.

Minha mãe olhou para sua limonada. Ela parecia estar tentando não chorar. Eu pensei no que Héstia dissera, sobre o quão difícil era ceder, e percebi que talvez minha mãe estivesse descobrindo isso agora.

“Percy,” ela disse, “eu te dou minha benção.”

Eu não me senti diferente. Nenhum brilho mágico encheu a cozinha, nem nada disso.

Olhei para Nico.

Ele parecia mais ansioso do que nunca, mas acenou com a cabeça. “Está na hora.”

“Percy,” minha mãe disse. “Uma última coisa. Se você... se você sobreviver a essa luta com Cronos, me mande um sinal.” Ela revirou sua bolsa e me deu seu celular.

“Mãe,” eu disse, “você sabe que semideuses e celulares –”

“Eu sei,” ela disse. “Mas só por precaução. Se você não tiver condições de ligar... talvez um sinal que eu possa ver de qualquer lugar em Manhattan. Para que eu saiba que você está bem.”

“Como Teseu,” Paul sugeriu. “Ele deveria ter erguido velas brancas quando chegou em casa em Atenas.”

“Exceto que ele esqueceu,” Nico disse. “E seu pai pulou do telhado do palácio em desespero. Mas fora isso, é uma ótima ideia.”

“Que tal uma bandeira ou uma fogueira?” minha mãe disse. “Do Olimpo – do Empire State.”

“Algo azul,” eu disse.

Tivemos piadas internas durante anos sobre comida azul. Era minha cor favorita, e minha mãe se desdobrava para me alegrar. Todo ano meu bolo de aniversário, meu ovo da Páscoa, minhas bengalas de açúcar de Natal, tudo tinha que ser azul.

“Sim,” minha mãe concordou. “Eu estarei de olho em um sinal azul. E tentarei evitar pular de telhados de palácios.”

Ela me deu um último abraço. Eu tentei não me sentir como se estivesse dizendo adeus. Eu apertei as mãos de Paul. Então Nico e eu caminhamos pela porta da cozinha e olhamos para Sra. O’Leary.

“Desculpe, garota,” eu disse. “Hora da viagem pelas sombras de novo.”

Ela gemeu e cruzou suas patas em cima de seu focinho.

“Pra onde agora?” perguntei a Nico. “Los Angeles?”

“Não precisa,” ele disse. “Existe uma entrada mais próxima para o Mundo Inferior.”



MINHA PROFESSORA DE MATEMÁTICA ME DÁ UMA CARONA

Nós surgimos no Central Park, logo ao norte da Lagoa. Sra. O’Leary parecia bem cansada enquanto caminhava com dificuldade em direção a um aglomerado de rochas. Ela começou a farejar em volta, e eu estava com medo que ela marcasse seu território, mas Nico disse, “Está tudo bem. Ela apenas sente o cheiro do caminho de casa.”

Eu franzi a testa. “Através das rochas?”

“O Mundo Inferior tem duas entradas principais,” Nico disse, “Você conhece a que fica em Los Angeles.”

“A travessia de Caronte.”

Nico assentiu. “A maioria das almas vai por aquele caminho, mas há uma passagem menor, mais difícil de encontrar. A Porta de Orfeu.”

“O cara com a harpa.”

“Cara com a lira,” corrigiu Nico, “Mas sim, ele mesmo. Ele usou sua música para encantar a terra e abrir uma nova passagem para dentro do Mundo Inferior. Ele cantou seu caminho direto para dentro do Palácio de Hades e quase saiu com a alma de sua esposa.”

Eu me lembrava da história. Orfeu não deveria olhar para trás quando estava guiando sua esposa de volta para o mundo, mas é claro que ele fez isso. Era uma daquelas típicas histórias “e-então-eles-morreram/fim” que sempre nos faziam sentir emotivos e confusos.

“Então esta é a Porta de Orfeu?” tentei ficar impressionado, mas ainda parecia uma pilha de pedras pra mim. “Como se abre isso?”

“Precisamos de música,” Nico disse, “Você canta bem?”

“Hum, não. Você não pode apenas, tipo, falar pra ela abrir? Você é o filho de Hades e tudo mais.”

“Não é tão fácil. Precisamos de música.”

Eu estava bem certo que se tentasse cantar, tudo que eu causaria seria uma avalanche.

“Tenho uma ideia melhor.” Eu me virei e chamei, “GROVER!”

Nós esperamos um longo tempo. Sra. O’Leary se enrolou e tirou uma soneca. Eu podia ouvir os grilos no bosque e uma coruja piando. O trânsito zunia ao longo da Av. Central Park West. Cascos de cavalo galopavam numa passagem próxima, talvez uma patrulha da polícia montada. Eu tinha certeza que eles iam amar achar dois garotos à toa no parque à uma da madrugada.

“Isso não é bom,” Nico disse finalmente.

Mas eu tive um pressentimento. Minha conexão empática estava realmente formigando pela primeira vez em meses, o que significava que um bocado de gente tinha mudado de repente para o Nature Channel, ou que Grover estava próximo.

Fechei meus olhos e me concentrei. *Grover*.

Eu sabia que ele estava em algum lugar no parque. Porque eu não podia sentir suas emoções? Tudo que eu tinha era um zumbido fraco na base do meu crânio.

Grover, pensei mais insistentemente.

Hmm-hmmmm, alguma coisa falou.

Uma imagem veio à minha cabeça. Vi uma grande árvore de olmo bem fundo na floresta, bem fora das passagens principais. Raízes nodosas envolviam o solo, fazendo uma espécie de cama. Deitado com seus braços cruzados e seus olhos fechados estava um sátiro. De primeira eu não pude ter certeza se era Grover. Ele estava coberto de ramos e folhas, como se estivesse dormindo lá há um bom tempo. As raízes pareciam estar se modelando ao redor dele, vagarosamente puxando-o para dentro da terra.

Grover, eu disse, *Acorde*.

Ummh-zzzzz.

Cara, vocês está coberto de terra. Acorde!

Sonolento, sua mente murmurou.

COMIDA, eu sugeri. *PANQUECAS!*

Seus olhos se abriram. Um borrão de pensamentos preencheu minha cabeça como se ele estivesse de repente no modo acelerado. A imagem se dispersou, e eu quase caí.

“O que aconteceu?” Nico perguntou.

“Eu consegui. Ele está... é. Ele está vindo.”

Um minuto depois, a árvore ao nosso lado estremeceu. Grover caiu dos galhos, bem em cima de sua cabeça.

“Grover!” gritei.

“*Woof!*” A Sra. O’Leary olhou pra cima, provavelmente imaginando se íamos brincar de pegar com o sátiro.

“Blah-haa-haa!” Grover baliu.

“Você está bem, cara?”

“Oh, estou ótimo.” Ele esfregou a testa. Seus chifres tinham crescido tanto que saíam quase dois centímetros acima de seu cabelo enrolado. “Eu estava do outro lado do parque. As dríades tiveram essa grande ideia de me passar através das árvores para chegar até aqui. Elas não entendem muito bem de *altura*.”

Ele sorriu e ficou em pé – bem, em cascos, na verdade. Desde o último verão, Grover parara de tentar se disfarçar como humano. Ele nunca mais tinha usado boné ou pés falsos. Ele nem ao menos usava jeans, já que ele tinha pernas peludas de bode da cintura pra baixo. Sua camisa tinha uma imagem daquele livro *Onde vivem os monstros*. Estava coberta de sujeira e seiva de árvore. Sua barbicha parecia mais cheia, quase a de um homem (ou bode?) adulto e ele estava tão alto quanto eu agora.

“Bom ver você, homem-bode,” eu disse “Você se lembra do Nico.”

Grover acenou com a cabeça para Nico, então me deu um grande abraço. Ele cheirava a grama recém cortada.

“Perrrrcy!” ele baliu “Senti saudades de você! Senti saudade do acampamento. Eles não servem *enchiladas* muito boas nos territórios selvagens.”

“Eu estava preocupado,” falei. “Onde você esteve nos últimos dois meses?”

“Os últimos dois –” o sorriso de Grover desapareceu “Os últimos *dois meses*? Do que você está falando?”

“Nós não ouvimos nada de você,” eu disse. “Juniper está preocupada. Nós mandamos mensagens de Íris, mas –”

“Espere um pouco,” ele olhou para as estrelas como se estivesse tentando calcular sua posição, “Em que mês estamos?”

“Agosto.”

A cor foi sugada de seu rosto. “Isso é impossível. É Junho. Eu apenas deitei para tirar um cochilo e...” Ele agarrou meus braços, “Eu me lembro agora! Ele me nocauteou. Percy, nós temos que pará-lo!”

“Uou!” eu disse, “Acalme-se. Conte o que aconteceu.”

Ele respirou fundo. “Eu estava... estava andando na floresta perto do lago Harlem Meer. E senti esse tremor na terra, como se algo poderoso estivesse por perto.”

“Você pode sentir coisas assim?” perguntou Nico.

Grover assentiu. “Desde a morte de Pan, eu posso sentir quando algo está errado com a natureza. É como se meus ouvidos e olhos ficassem mais aguçados quando estou na Natureza. Em todo caso, comecei a seguir o cheiro. Esse homem com um longo casaco preto estava andando pelo parque, e percebi que ele não criava nenhuma sombra. Estávamos no meio de um dia ensolarado, e ele não tinha sombra. Ele meio que tremeluzia enquanto se mexia.”

“Como uma miragem?” perguntou Nico.

“Sim,” disse Grover, “E toda vez que ele passava por humanos –”

“Os humanos desmaiavam,” disse Nico, “Se enrolavam e iam dormir.”

“Isso mesmo! Então depois que ele ia embora, eles se levantavam e continuavam seus afazeres como se nada tivesse acontecido.”

Eu olhei fixamente para Nico. “Você conhece esse cara de preto?”

“Temo que sim,” disse Nico. “Grover, o que aconteceu?”

“Eu segui o cara. Ele ficou olhando para os prédios em volta do parque como se estivesse fazendo estimativas ou algo assim. Uma garota passou fazendo cooper, e se enroscou na calçada e começou a roncar. O homem de preto pôs sua mão na testa dela como se estivesse checando sua temperatura. Então ele continuou andando. Nesse momento, eu sabia que ele era um monstro ou algo ainda pior. Eu o segui até dentro deste bosque, até a base de uma grande árvore de olmo. Eu estava prestes a convocar algumas dríades para me ajudar a capturá-lo quando ele se virou e...”

Grover engoliu em seco. “Percy, o rosto dele. Eu não podia decifrar o rosto dele porque ficava mudando. Só de olhar pra ele fiquei sonolento. Eu disse, ‘O que você está fazendo?’ Ele disse, ‘Apenas dando uma olhada ao redor. Você deve sempre fazer o reconhecimento do campo de batalha antes da guerra.’ Eu disse algo realmente inteligente como, ‘Esta floresta está sob minha proteção. Você não vai começar nenhuma batalha aqui!’ E ele gargalhou. Ele disse, ‘Você tem sorte que eu estou guardando minha energia para o evento principal, pequeno sátiro. Vou apenas garantir a você uma curta soneca. Bons sonhos.’ E esta é a última coisa de que me lembro.”

Nico exalou. “Grover, você conheceu Morfeu, o Deus dos Sonhos. Você tem sorte por *ter* acordado.”

“Dois meses,” Grover gemeu, “Ele me pôs para dormir por dois meses!”

Tentei trabalhar minha mente com o significado disso. Agora fazia sentido porque nós não tínhamos conseguido entrar em contato com Grover todo esse tempo.

“Por que as ninfas não tentaram acordar você?” perguntei.

Grover deu de ombros. “A maioria das ninfas não são é boa com o tempo. Dois meses para uma árvore – não é nada. Elas provavelmente pensaram que não havia nada errado.”

“Nós temos que descobrir o que Morfeu estava fazendo no parque,” eu disse, “Eu não gosto dessa coisa de ‘evento principal’ que ele mencionou.”

“Ele está trabalhando para Cronos,” Nico disse, “Nós já sabemos disso. Uma grande parte dos deuses menores está. Isso apenas prova que haverá uma invasão. Percy, temos que continuar com o nosso plano.”

“Esperem,” disse Grover. “Que plano?”

Nós contamos a ele, e Grover começou a puxar com força os pelos de sua perna.

“Vocês não estão falando sério,” ele falou. “O Mundo Inferior de novo, não.”

“Não estou pedindo para você vir, cara,” prometi. “Sei que você acabou de acordar. Mas precisamos de alguma música para abrir a porta. Você pode fazer isso?”

Grover pegou sua flauta de bambu. “Acho que posso tentar. Eu sei algumas músicas do Nirvana que podem rachar pedras. Mas, Percy, você tem certeza que quer fazer isso?”

“Por favor, cara,” eu disse, “Significaria muito. Pelos velhos tempos?”

Ele choramingou. “Pelo que eu me lembro, nos velhos tempos nós quase morremos várias vezes. Mas tudo bem, aqui vai nada.”

Ele botou a flauta nos lábios e tocou uma música penetrante, animada. As rochas tremeram. Mais algumas estrofes, e elas se abriram tortuosamente, revelando uma fenda triangular.

Eu espiei lá dentro. Degraus desciam conduzindo para dentro da escuridão. O ar cheirava a mofo e morte. Trouxe de volta memórias ruins da minha viagem pelo Labirinto no ano passado, mas este túnel parecia ainda mais perigoso. Ele levava direto para a terra de Hades, e isso era quase sempre uma viagem só de ida.

Virei para Grover. “Obrigado... eu acho.”

“Perrrrcy, Cronos realmente vai invadir?”

“Eu queria ter notícias melhores, mas sim. Ele vai.”

Pensei que Grover ia mastigar de ansiedade sua flauta de bambu, mas ele se endireitou e arrumou sua camiseta. Eu não pude evitar pensar no quanto ele parecia diferente do velho e gordo Leneus. “Devo animar os espíritos da natureza, então. Talvez nós possamos ajudar. Vou ver se nós conseguimos achar esse Morfeu.”

“Também seja melhor contar para Juniper que você está bem também.”

Os olhos dele se arregalaram. “Juniper! Oh, ela vai me matar!”

Ele tinha começado a correr, mas voltou desengonçado e me deu mais um abraço.

“Tenha cuidado lá embaixo! Volte vivo!”

Assim que ele foi embora, Nico e eu acordamos Sra. O’Leary de seu cochilo.

Quando ela farejou o túnel, ficou animada e liderou o caminho escada abaixo. Era bem apertado. Eu esperava que ela não ficasse presa. Não imaginava quanto gel nós precisaríamos para desencalhar um cão infernal encalhado na metade de um túnel que leva ao Submundo.

“Pronto?” Nico me perguntou, “Vai ficar tudo bem. Não se preocupe.”

Ele soava como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Olhei de relance para as estrelas, imaginando se alguma vez eu as veria de novo. Então nós mergulhamos na escuridão.

As escadas continuavam eternamente – estreitas, íngremes e escorregadias. Estava completamente escuro exceto pelo brilho da minha espada. Tentei ir devagar, mas Sra. O’Leary tinha outras ideias. Ela saltava à frente, latindo alegremente. O som ecoava pelo túnel como balas de canhão, e eu notei que nós não pegaríamos ninguém de surpresa quando chegássemos no fundo.

Nico ficou para trás, o que eu achei estranho.

“Você está bem?” perguntei a ele.

“Ótimo.” O que era aquela expressão no rosto dele... dúvida? “Apenas continue andando,” ele disse.

Eu não tinha muita escolha. Segui Sra. O’Leary para dentro das profundezas. Depois de outra hora, comecei a escutar o barulho de um rio. Nós emergimos na base de um penhasco, numa planície de areia vulcânica preta. À nossa direita, o Rio Styx irrompia das pedras e rugia para baixo por uma cascata de corredeiras. À nossa esquerda, bem longe na escuridão, fogueiras queimavam nas plataformas de Érebo, as grandes muralhas negras do reino de Hades.

Estremeci. Eu estivera aqui pela primeira vez quando tinha doze anos, e somente a companhia de Annabeth e Grover havia me dado coragem para continuar indo em frente. Nico não seria de muita ajuda no quesito “coragem”. Ele mesmo parecia pálido e preocupado.

Apenas a Sra. O’Leary estava feliz. Ela correu ao longo da praia, pegou aleatoriamente um osso de uma perna humana, e voltou em minha direção. Ela largou o osso aos meus pés e esperou que eu jogasse.

“Hum, talvez depois, garota.” Olhei fixamente para as águas escuras, tentando segurar meus nervos. “Então, Nico... como nós fazemos isso?”

“Temos que entrar pelos portões primeiro,” ele disse

“Mas o rio está bem aqui.”

“Tenho que pegar uma coisa,” ele falou. “É o único jeito.”

Ele saiu marchando sem esperar.

Eu franzi a testa. Nico não tinha mencionado nada sobre entrar pelos portões. Mas agora que estávamos aqui, eu não sabia o que mais fazer. Relutante, eu o segui pela praia em direção aos grandes portões negros.

Filas de mortos estavam do lado de fora esperando para entrar. Deve ter sido um dia ocupado para funerais, porque até mesmo a fila da MORTE EXPRESSA estava lotada.

“Woof!” disse a Sra. O’Leary. Antes que eu pudesse pará-la ela saltou em direção ao ponto de inspeção de segurança. Cérbero, o cão de guarda de Hades, saiu da escuridão – um rottweiler de três cabeças tão grande que fazia a Sra. O’Leary parecer um poodle de brinquedo. Cérbero era metade transparente, então é realmente difícil vê-lo até que ele esteja perto o bastante para matar você, mas ele agiu como se não se importasse conosco. Ele estava muito ocupado dizendo olá para a Sra. O’Leary

“Sra. O’Leary, não!” gritei pra ela, “Não cheire... Oh, cara.”

Nico sorriu. Então olhou pra mim e sua expressão se tornou toda séria novamente, como se ele tivesse lembrado de algo desagradável. “Venha. Eles não vão nos dar problema algum na fila. Você está comigo.”

Eu não gostava disso, mas nós passamos pelos espíritos da segurança e entramos nos Campos de Asfódelos. Tive que assobiar três vezes para Sra. O’Leary antes que ela deixasse Cérbero sozinho e corresse até nós.

Nós caminhamos por campos negros de grama pontuados com álamos pretos. Se eu realmente morresse em alguns dias como a profecia disse, eu acabaria ficando aqui para sempre, mas tentei não pensar nisso.

Nico marchou à frente, levando-nos cada vez mais perto do palácio de Hades.

“Ei!” eu disse, “já estamos dentro dos portões. Aonde nós estamos –”

Sra. O’Leary rosnou. Uma sombra apareceu acima de nós – algo escuro, frio e fedendo a morte. Aquilo desceu rapidamente e aterrissou no topo de um álamo.

Infelizmente, eu a reconheci. Ela tinha uma cara enrugada, um chapéu de tricô azul horrível, e um vestido de veludo amassado. Asas de morcego de couro abriam-se às suas costas. Seus pés tinham presas afiadas, e em suas mãos com garras de bronze ela segurava um chicote flamejante e uma bolsa de lã escocesa.

“Sra. Dodds,” eu disse.

Ela pôs os caninos à mostra. “Bem vindo de volta, querido.”

Suas duas irmãs – as outras duas Fúrias – desceram em velocidade e se acomodaram ao lado dela nos galhos do álamo.

“Você conhece Alecto?” Nico me perguntou.

“Se você quer dizer a feiosa do meio, sim,” eu disse. “Ela foi minha professora de matemática.”

Nico assentiu, como se isso não o surpreendesse. Ele olhou para as Fúrias e respirou fundo. “Eu fiz o que meu pai pediu. Leve-nos para o palácio.”

Eu fiquei tenso. “Espere um segundo, Nico. O que você –”

“Temo que esta seja minha nova pista, Percy. Meu pai me prometeu informações sobre minha família, mas ele quer ver você antes de nós tentarmos o rio. Sinto muito.”

“Você me *enganou*?” Eu estava tão irado que não conseguia pensar. Eu investi contra ele, mas as Fúrias foram velozes. Duas delas desceram rapidamente e me seguraram pelos braços. Minha espada caiu da minha mão, e antes que eu desse conta, eu estava balançando a quase vinte metros do chão.

“Oh, não fique se debatendo, querido,” minha velha professora de matemática cacarejou no meu ouvido, “Eu odiaria soltar você.”

Sra. O’Leary latiu furiosamente e pulou, tentando me alcançar, mas nós estávamos muito alto.

“Diga para Sra. O’Leary se comportar,” avisou Nico. Ele estava pairando perto de mim nas garras da terceira Fúria, “Não quero que ela se machuque, Percy. Meu pai está esperando. Ele quer apenas conversar.”

Eu queria falar para Sra. O’Leary atacar Nico, mas isso não teria feito nenhum bem, e Nico estava certo sobre uma coisa: meu cachorro poderia se ferir se tentasse provocar uma briga com as Fúrias.

Eu rangi meus dentes. “Sra. O’Leary, sentada! Está tudo bem, garota.”

Ela ganiu e girou em círculos, olhando pra mim.

“Tudo bem, traidor,” eu rosnei para Nico, “Você tem seu prêmio. Leve-me para o palácio estúpido.”

Alecto me largou como um saco de nabos no meio do jardim do palácio.

Era bonito de uma maneira arrepiante. Árvores brancas esqueléticas cresciam de vasilhas de mármore. Canteiros de flores transbordavam com plantas douradas e pedras preciosas. Um par de tronos, um de osso e um de prata, ficavam na varanda com vista para os Campos de Asfódelos. Teria sido um lugar legal para passar uma manhã de sábado se não fosse o cheiro de enxofre e os gritos de almas torturadas ao longe.

Guerreiros esqueletos guardavam a única saída. Eles vestiam fardas esfarrapadas de combate no deserto do exército dos Estados Unidos e carregavam fuzis M16.

A terceira Fúria depositou Nico ao meu lado. Então as três se acomodaram no topo do trono esquelético. Eu resisti ao impulso de estrangular Nico. Elas apenas iam me parar. Eu teria que esperar pela minha vingança.

Olhei fixamente para os tronos vazios, esperando alguma coisa acontecer. Então o ar tremeluziu. Três figuras apareceram – Hades e Perséfone em seus tronos, e uma mulher mais velha em pé entre eles. Eles pareciam estar no meio de uma discussão.

“– falei para você que ele era um vagabundo!” A mulher mais velha disse.

“Mãe!” replicou Perséfone.

“Nós temos visita!” bradou Hades, “Por favor!”

Hades, um dos meus deuses menos favoritos, alisou suas vestes negras, as quais eram cobertas com as faces aterrorizadas dos condenados. Ele tinha pele pálida e os olhos intensos de um maluco.

“Percy Jackson,” ele disse com satisfação. “Finalmente.”

Rainha Perséfone me estudou curiosamente. Eu já a vira uma vez antes no inverno, mas agora no verão ela parecia uma deusa totalmente diferente. Ela tinha cabelos pretos

lustrosos e olhos castanhos acolhedores. Seu vestido tremeluzia com cores. Tipos de flores no tecido mudavam e desabrochavam – rosas, tulipas, madressilvas.

A mulher em pé entre eles era obviamente a mãe de Perséfone. Ela tinha os mesmos cabelos e olhos, mas parecia mais velha e austera. Seu vestido era dourado, da cor de um campo de trigo. O cabelo dela estava entrelaçado com grammas secas, então aquilo me lembrava uma cesta de vime. Imaginei que se alguém acendesse um fósforo perto dela, ela estaria com sérios problemas.

“Hmmp,” a mulher mais velha disse. “Semideuses. Justamente o que precisamos.”

Ao meu lado, Nico se ajoelhou. Queria ter minha espada para que pudesse cortar fora sua cabeça estúpida. Infelizmente, Contracorrente ainda estava lá fora em algum lugar nos campos.

“Pai,” disse Nico. “Fiz como você pediu.”

“Você demorou demais,” resmungou Hades. “Sua irmã teria feito um trabalho melhor.”

Nico baixou a cabeça. Se eu não estivesse com tanta raiva daquele safado, eu teria sentido pena dele.

Olhei fixamente para o deus dos mortos. “O que você quer, Hades?”

“Conversar, é claro.” O deus torceu sua boca em um sorriso cruel. “Nico não lhe disse?”

“Então toda essa missão foi uma mentira. Nico me trouxe aqui embaixo para me matar.”

“Oh, não,” disse Hades, “Temo que Nico tenha sido bem sincero sobre querer ajudar você. O garoto é tão honesto quanto é denso. Eu simplesmente o convenci a pegar um pequeno desvio e trazer você aqui primeiro.”

“Pai,” Nico falou, “você prometeu que não faria mal ao Percy. Você disse que se eu o trouxesse, você me contaria sobre meu passado – sobre minha mãe.”

Rainha Perséfone suspirou dramaticamente. “Nós podemos, *por favor*, não falar sobre *aquela mulher* na minha presença?”

“Desculpe-me, minha pombinha,” disse Hades. “Tive que prometer algo para o garoto.”

A mulher mais velha pigarreou. “Eu avisei você, filha. Esse canalha do Hades não presta. Você poderia ter se casado com o deus dos médicos ou o deus dos advogados, mas *nããã*. Você tinha que comer a romã.”

“Mãe –”

“E ficar presa no Mundo Inferior!”

“Mãe, por favor –”

“E agora já é Agosto, e você volta para casa como deveria? Você alguma vez pensa na sua pobre e solitária mãe?”

“DEMÉTER!” gritou Hades, “Já basta. Você é uma convidada em minha casa.”

“Oh, isso é uma casa?” ela disse, “Você chama este barraco de casa? Faz a minha filha viver nessa escura, úmida –”

“Eu lhe disse,” Hades falou, rangendo os dentes, “há uma *guerra* na superfície. Você e Perséfone estão melhores aqui comigo.”

“Com licença,” eu entrei na conversa. “Mas se você vai me matar, pode fazer isso logo?”

Os três deuses olharam pra mim.

“Bem, este aqui tem atitude,” observou Deméter.

“De fato,” concordou Hades. “Eu adoraria matá-lo.”

“Pai!” Nico disse. “Você prometeu!”

“Marido, nós falamos sobre isso,” censurou Perséfone, “Você não pode sair por aí incinerando todos os heróis. Além disso, ele é corajoso. Eu gosto disso.”

Hades rolou os olhos. “Você gostava daquele camarada Orfeu também. Olhe como aquilo terminou bem. Deixe-me matá-lo, só um pouquinho.”

“Pai, você prometeu!” Nico falou, “Você disse que queria apenas conversar com ele. Você disse que se eu o trouxesse, você explicaria.”

Hades deu um olhar ameaçador, alisando as dobras de sua roupa. “E assim devo. Sua mãe – o que eu posso lhe dizer? Ela era uma mulher maravilhosa.” Ele olhou desconfortavelmente de relance para Perséfone. “Perdoe-me, minha querida. Quero dizer para uma mortal, é claro. O nome dela era Maria di Angelo. Ela era de Veneza, mas seu pai era um diplomata em Washington, D.C. Foi lá que a conheci. Quando você e sua irmã eram jovens, era uma época ruim para ser filho de Hades. A Segunda Guerra Mundial estava ganhando forma. Alguns dos meus, ah, *outros* filhos estavam liderando o lado perdedor. Pensei que era melhor tirar vocês do caminho do perigo.”

“Foi por isso que você nos escondeu no Cassino Lótus?”

Hades deu de ombros. “Vocês não envelheceram. Vocês não perceberam que o tempo estava passando. Esperei a hora certa para tirar vocês de lá.”

“Mas o que aconteceu com a nossa mãe? Por que eu não me lembro dela?”

“Não é importante,” Hades cortou.

“*O quê?* É claro que é importante. E você tinha outros filhos – por que nós fomos os únicos a serem mandados embora? E quem era o advogado que nos tirou de lá?”

Hades rangeu os dentes. “Você faria bem em escutar mais e falar menos, menino. Quanto ao advogado...”

Hades estalou os dedos. No topo de seu trono, a Fúria Alecto começou a mudar até ser um homem de meia-idade num terno risca de giz com uma maleta. Ela – ele – parecia estranha agachando-se no ombro de Hades.

“Você!” disse Nico.

A Fúria cacarejou. “Eu faço advogados e professoras muito bem.”

Nico estava tremendo. “Mas por que você nos libertou do cassino?”

“Você sabe por quê,” disse Hades. “Este idiota filho de Poseidon não pode ser a criança da profecia.”

Eu catei um rubi da planta mais próxima e joguei em Hades. O objeto afundou em sua roupa sem causar danos.

“Você devia estar ajudando o Olimpo!” Eu disse. “Todos os outros deuses estão lutando contra Tífon, e você está só sentado aqui –”

“Esperando as coisas se desenrolarem,” finalizou Hades, “Sim, está correto. Quando foi a última vez que o Olimpo me ajudou, meio-sangue? Quando foi a última vez que uma criança *minha* foi bem-vinda como um herói? Bah! Por que eu deveria me apressar e ajudá-los? Eu vou ficar aqui com minhas forças intactas.”

“E quando Cronos vier atrás de você?”

“Deixe-o tentar. Ele estará enfraquecido. E meu filho aqui, Nico –” Hades olhou para ele com desgosto. “Bem, ele não é muita coisa agora, eu concedo isso a você. Teria sido melhor se Bianca tivesse sobrevivido. Mas dê a ele mais quatro anos de treinamento. Nós podemos segurar até lá, certamente. Nico fará dezesseis anos, como diz a profecia, e então *ele* tomará a decisão que salvará o mundo. E eu serei o rei dos deuses.”

“Você está louco,” eu disse. “Cronos vai destruir você, logo depois que ele terminar de pulverizar o Olimpo.”

Hades estendeu as mãos. “Bem, você terá a chance de descobrir, meio-sangue. Porque você irá esperar essa guerra nas minhas masmorras.”

“Não!” disse Nico. “Pai, não foi esse nosso acordo. E você não me contou tudo!”

“Eu contei tudo o que você precisa saber,” disse Hades, “Quanto ao nosso acordo, eu falei com Jackson. Não o feri. Você obteve sua informação. Se você queria um acordo melhor, deveria ter me feito jurar pelo Styx. Agora, vá para o seu quarto!” Ele acenou com a mão, e Nico sumiu.

“Aquele garoto precisa comer mais,” resmungou Deméter, “Ele está muito magrinho. Precisa de mais cereais.”

Perséfone rolou os olhos. “Mãe, já chega de cereais. Meu lorde Hades, tem certeza que não podemos deixar esse pequeno herói ir embora? Ele é espantosamente corajoso.”

“Não, minha querida. Eu poupei a vida dele. Isso é o bastante.”

Eu tinha certeza que ela ia me defender. A corajosa, bela Perséfone iria me tirar disso.

Ela deu de ombros, indiferente. “Tudo bem. O que temos para o café da manhã? Estou faminta.”

“Cereais,” Deméter disse.

“Mãe!” E as duas mulheres desapareceram num redemoinho de flores e trigo.

“Não se sinta tão mal, Percy Jackson,” disse Hades, “Meus fantasmas me mantêm bem informado sobre os planos de Cronos. Posso lhe garantir que você não tem chance de pará-lo a tempo. Esta noite, será tarde demais para o seu precioso Monte Olimpo. A armadilha será posta em prática.”

“Que armadilha?” exigi. “Se você sabe sobre isso, faça alguma coisa! Pelo menos me deixe contar para os outros deuses!”

Hades sorriu. “Você é destemido. Vou lhe dar crédito por isso. Divirta-se no meu calabouço. Vamos checar você novamente em – ah, cinquenta ou sessenta anos.”





EU TOMO O PIOR BANHO DE TODOS

Minha espada reapareceu no meu bolso.

É, bem na hora. Agora eu podia atacar as paredes o quanto eu quisesse. Minha cela não tinha barras, nem janelas e nem mesmo uma porta. Os guardas esqueleto me jogaram com força contra uma parede, e a cela se tornou sólida atrás de mim. Eu não tinha certeza se o quarto não permitia a entrada de ar. Provavelmente. As masmorras de Hades foram feitas para gente morta, e eles não precisam respirar. Então esqueça cinquenta ou sessenta anos. Eu estaria morto em cinquenta ou sessenta minutos. Enquanto isso, se Hades não estivesse mentindo, alguma grande armadilha iria acontecer em Nova York até o final do dia, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Eu senti no chão de pedra, sentindo-me infeliz.

Eu não me lembro de apagar. Mas devia ser por volta das sete da manhã no horário mortal, e eu passara por muita coisa.

Sonhei que estava na varanda da casa de praia de Rachel em St. Thomas. O sol estava nascendo no Caribe. Dúzias de ilhas cobertas com árvores pontilhavam o mar, e velas brancas atravessavam a água. O cheiro de ar salgado me fez pensar se eu veria o mar novamente.

Os pais de Rachel sentavam-se na mesa do pátio enquanto um chef particular lhes preparava omeletes. Sr. Dare vestia um terno de linho branco. Ele estava lendo *The Wall Street Journal*. A mulher no lado oposto da mesa era provavelmente a Sra. Dare, se bem que tudo o que eu conseguia ver dela eram unhas rosa choque e um exemplar do *Condé Nast Traveler*. Por que ela estava lendo sobre férias enquanto estava de férias, eu não sabia.

Rachel estava na varanda se lamuriando e suspirando. Ela usava uma bermuda e a sua camiseta do Van Gogh. (É, Rachel estava tentando me ensinar sobre arte, mas não fique muito impressionado. Eu só me lembrei do nome do cara porque ele cortou sua orelha fora.)

Imaginei se ela estava pensando em mim, e como era uma droga eu não estar com eles em férias. Eu sabia que era sobre isso que *eu* estava pensando.

Então, a cena mudou. Eu estava em St. Louis, de pé embaixo do Arco. Eu já estive lá antes. Na verdade, eu quase caí para a morte ali.

Por sobre a cidade, uma tempestade avançava – uma parede de negro absoluto com relâmpagos atravessando o céu. Há algumas quadras de distância, sirenes de veículos de emergência se reuniam com suas luzes cintilando. Uma coluna de poeira subiu de um monte de entulho, que eu percebi ser um prédio desabando.

Uma repórter próxima estava gritando no microfone: “Oficiais estão descrevendo isso como uma falha estrutural, Dan, embora ninguém saiba se está relacionado com as condições da tempestade.”

Vento bagunçava seu cabelo. A temperatura estava caindo rapidamente, tipo dez graus desde que eu chegara ali.

“Felizmente, o prédio havia sido abandonado para demolição,” ela disse. “Mas a polícia evacuou todos os prédios vizinhos por medo de que o desabamento possa recomeçar –”

Ela vacilou quando um poderoso ronco cortou os céus. Um golpe de relâmpago atingiu o centro da escuridão. Toda a cidade tremeu. O ar brilhou, e cada pelo do meu corpo ficou em pé. O impacto foi tão forte que eu soube que só uma coisa poderia ter feito aquilo: o raio-mestre de Zeus. Deveria ter vaporizado seu alvo, mas a nuvem escura só cambaleou para trás. Um punho feito de fumaça apareceu no meio das nuvens. Ele esmagou outra torre, e a coisa toda desmoronou como blocos de montar infantis.

A repórter gritou. Pessoas corriam pelas ruas. Luzes de emergência brilhavam. Eu vi uma faixa prateada no céu – uma carruagem puxada por renas, mas não era o Papai Noel dirigindo. Era Ártemis, guiando pela tempestade, atirando flechas de luz lunar na escuridão. Um impetuoso cometa dourado cruzou o caminho dela... talvez seu irmão, Apolo.

Uma coisa estava clara: Tífon conseguira chegar ao Rio Mississippi. Ele já atravessara metade dos EUA, deixando um rastro de destruição em seu caminho, e os deuses mal conseguiam atrasá-lo.

A montanha de escuridão surgiu acima de mim. Um pé do tamanho do Estádio Yankee estava prestes a me esmagar quando uma voz assobiou, “Percy!”

Eu me levantei rápida e cegamente. Antes de estar completamente acordado, eu tinha Nico pregado no chão da cela com a ponta da minha espada na garganta dele.

“Queria... resgatá-lo,” ele engasgou.

A raiva me acordou depressa. “Ah, é? E por que eu deveria confiar em você?”

“Sem... escolha?” ele gaguejou.

Eu queria que ele não tivesse dito algo tão lógico como aquilo. Eu o libertei.

Nico se enroscou em uma bola e fez sons de ânsia enquanto sua garganta se recuperava. Finalmente ele ficou de pé, olhando minha espada cautelosamente. Sua própria lâmina estava embainhada. Eu supus que se ele quisesse me matar, ele poderia ter feito isso enquanto eu dormia. Mesmo assim, eu não confiava nele.

“Nós temos que sair daqui,” ele disse.

“Por quê?” falei. “O seu pai quer *conversar* comigo de novo?”

Ele estremeceu. “Percy, eu juro pelo Rio Styx, eu não sabia o que ele estava planejando.”

“Você sabe como seu pai é!”

“Ele me enganou. Ele prometeu –” Nico estendeu as mãos. “Ouça... agora mesmo, nós temos que ir. Eu pus os guardas para dormir, mas isso não vai durar muito.”

Eu quis estrangulá-lo de novo. Infelizmente, ele estava certo. Nós não tínhamos tempo para discutir, e eu não poderia escapar sozinho. Ele apontou para a parede. Uma seção inteira desapareceu, revelando um corredor.

“Vamos.” Nico me guiou.

Desejei ter o boné de invisibilidade de Annabeth, mas como ficou demonstrado, eu não precisava dele. Toda vez que um guarda esqueleto entrava no nosso caminho, Nico apenas apontava para ele, e seus olhos brilhantes escureciam. Infelizmente, quanto mais Nico fazia isso, mais cansado ele aparentava ficar. Nós andamos por um labirinto de corredores cheio de guardas. Quando chegamos numa cozinha cheia de cozinheiros e empregados esqueleto, eu estava praticamente carregando Nico. Ele conseguiu pôr todos os mortos para dormir, mas quase desmaiou ele mesmo. Eu o arrastei para fora pela entrada dos empregados e para dentro dos Campos de Asfódelos.

Eu quase me senti aliviado, até que ouvi o som de gongos de bronze vindos do castelo.

“Alarmes,” Nico murmurou sonolento.

“O que nós fazemos?”

Ele bocejou e então franziu o cenho como se tentasse se lembrar. “Que tal... correr?”

Correr com um filho inerte de Hades era mais como participar de uma corrida de três pernas com uma boneca de pano de tamanho natural. Eu o carreguei pelo caminho, segurando minha espada a frente. Os espíritos dos mortos abriram caminho como se o bronze celestial fosse fogo resplandecente.

O som de gongos soou pelos campos. Adiante se elevavam os muros de Érebo, mas quanto mais andávamos, mais longe elas pareciam. Eu estava a ponto de desmaiar de exaustão quando ouvi um familiar “*WOOOOOF!*”

A Sra. O’Leary surgiu de lugar nenhum e corria em círculos ao nosso redor, pronta para brincar.

“Boa garota!” Eu disse. “Você pode nos dar uma carona até o Styx?”

Isso a fez ficar animada. Ela provavelmente pensou que eu quis dizer que íamos brincar. Ela pulou algumas vezes, caçou o próprio rabo só para ensiná-lo quem era o chefe, e então se acalmou o suficiente para que eu conseguisse empurrar Nico para as costas dela. Eu subi a bordo, e ela correu na direção dos portões. Ela passou direto pela fila da MORTE EXPRESSA, mandando os guardas pelos ares e fazendo mais alarmes dispararem. Cérbero latiu, mas ele soou mais alegre do que zangado, como: *Posso brincar também?*

Felizmente, ele não nos seguiu, e a Sra. O’Leary continuou correndo. Ela não parou até que estivéssemos distantes rio acima e os fogos do Érebo tivessem desaparecido na névoa.

Nico deslizou de cima das costas da Sra. O’Leary e capotou num monte de areia escura. Eu peguei um pedaço de ambrosia – parte da comida divina de emergência que eu sempre levava comigo. Estava um pouco amassada, mas Nico a mastigou.

“Hum,” ele balbuciou. “Melhor.”

“Seus poderes exigem muito de você,” notei.

Ele concordou sonolentemente. “Com grande poder... vem grande necessidade de tirar uma soneca. Me acorde depois.”

“Opa, cara zumbi.” Eu o segurei antes que ele desmaiasse de novo. “Nós estamos no rio. Você precisa me dizer o que fazer.”

Eu dei a ele o resto da minha ambrosia, o que era um pouco perigoso. O troço pode curar semideuses, mas também pode nos reduzir a cinzas se comermos demais. Felizmente, pareceu funcionar. Nico balançou a cabeça algumas vezes e ergueu-se com esforço.

“Meu pai virá logo,” ele disse. “Nós devíamos nos apressar.”

A correnteza do Rio Styx rodopiou com objetos estranhos – brinquedos quebrados, diplomas do colegial rasgados, corsages de formaturas murchos – todos os sonhos que as pessoas tinham jogado fora quando passaram da vida para a morte. Olhando para a água negra, pude pensar em uns três milhões de lugares onde eu preferiria nadar.

“Então... eu apenas mergulho?”

“Você tem que se preparar antes,” Nico disse, “ou o rio vai destruir você. Vai queimar seu corpo e alma.”

“Parece divertido,” murmurei.

“Isso não é brincadeira,” Nico alertou. “Só há uma maneira de você ficar ancorado a sua vida mortal. Você tem que...”

Ele olhou para trás de mim e seus olhos se arregalaram. Eu me virei e me encontrei cara a cara com um guerreiro grego.

Por um segundo eu pensei que fosse Ares, porque este cara parecia exatamente com o deus da guerra – alto e truncado, com uma cara cruel cheia de cicatrizes e cabelo escuro cortado rente à cabeça. Ele vestia uma túnica branca e armadura de bronze. Ele segurava um elmo de guerra com uma pluma embaixo do braço. Mas seus olhos eram humanos –

verde pálido, como um mar raso – e uma flecha coberta de sangue saía da sua panturrilha esquerda, logo acima do tornozelo.

Eu era horrível com nomes gregos, mas até eu conhecia o maior guerreiro de todos os tempos, que tinha morrido de um calcanhar ferido.

“Aquiles,” eu disse.

O fantasma assentiu. “Eu avisei ao outro para não seguir meu caminho. Agora avisarei a você.”

“Luke? Você falou com Luke?”

“Não faça isso,” ele disse. “Isto o tornará poderoso. Mas também o tornará fraco. A sua perícia em combate vai ser maior do que a de qualquer mortal, mas as suas fraquezas, as suas falhas, aumentarão da mesma forma.”

“Você quer dizer que eu terei um calcanhar ruim?” falei. “Eu não poderia simplesmente, tipo, usar algo além de sandálias? Sem ofensa.”

Ele olhou para o seu pé ensanguentado. “O calcanhar é somente minha fraqueza física, semideus. Minha mãe, Tétis, me segurou por aqui quando me mergulhou no Styx. O que me matou realmente foi a minha própria arrogância. Cuidado! Volte!”

Ele realmente quis dizer aquilo. Eu podia ouvir o arrependimento e a amargura em sua voz. Ele estava tentando de verdade me livrar de um destino terrível.

Mas então, Luke estivera aqui, e ele não havia voltado atrás.

Foi por *isso* que Luke foi capaz de receber o espírito de Cronos sem ter seu corpo desintegrado. Foi assim que ele se preparou, e porque ele parecia impossível de matar. Ele tinha se banhado no Rio Styx e tomado os poderes do maior guerreiro humano, Aquiles. Ele era invencível.

“Eu tenho que fazer,” eu disse. “De outra forma eu não tenho chance.”

Aquiles abaixou a cabeça. “Que os deuses testemunhem que eu tentei. Herói, se você tem que fazer isso, concentre-se no seu ponto mortal. Imagine um lugar em seu corpo que permanecerá vulnerável. Este é o ponto onde a sua alma vai ancorar o seu corpo ao mundo. Será sua maior fraqueza, mas também sua única esperança. Nenhum homem deve ser completamente invulnerável. Perca o foco no que o mantém mortal, e o Rio Styx vai queimá-lo até as cinzas. Você não mais existirá.”

“Eu não acho que você possa me dizer o ponto mortal de Luke?”

Ele fez uma carranca. “Prepare-se, garoto tolo. Quer você sobreviva a isso ou não, você selou seu destino!”

Com esse pensamento feliz, ele desapareceu.

“Percy,” Nico disse, “talvez ele tenha razão.”

“Isto foi idéia *sua*.”

“Eu sei, mas agora que estamos aqui –”

“Só espere na margem. Se alguma coisa acontecer comigo... Bem, talvez Hades tenha seu desejo concedido, e você será a criança da profecia no fim das contas.”

Ele não pareceu contente com isso, mas eu não liguei.

Antes que eu pudesse mudar de ideia, eu me concentrei na parte baixa das minhas costas – um ponto pequeno, exatamente oposto ao meu umbigo. Era bem defensável quando eu usava armadura. Seria difícil atingir por acidente, e poucos inimigos iriam mirar ali de propósito. Nenhum lugar era perfeito, mas esse pareceu certo pra mim, e muito mais digno do que, tipo, minha axila ou algo assim.

Eu imaginei um fio, uma corda de bungee-jumping me conectando ao mundo pela base das minhas costas. E eu pisei dentro do rio.

Imagine pular dentro de um fosso cheio de ácido fervente. Agora multiplique essa dor por cinquenta. Você ainda não estará perto de entender como é nadar no Styx. Eu planejei andar devagar e corajosamente como um herói de verdade. Assim que a água tocou minhas pernas, meus músculos viraram geléia e eu caí de cara na correnteza.

Eu submergi completamente. Pela primeira vez na vida, eu não podia respirar debaixo d'água. Eu finalmente entendi o pânico de se afogar. Cada nervo do meu corpo queimava. Eu estava dissolvendo na água. Eu vi rostos – Rachel, Grover, Tyson, minha mãe – mas eles desapareciam assim que surgiram.

“Percy,” minha mãe disse. “Eu te dou a minha bênção.”

“Fique seguro, irmão!” Tyson implorou.

“*Enchiladas!*” Grover disse. Eu não tinha certeza de onde isso veio, mas não pareceu ajudar muito.

Eu estava perdendo a briga. A dor era muita. Minhas mãos e pés estavam derretendo na água, minha alma estava sendo retirada do meu corpo. Eu não conseguia lembrar quem era. A dor que a foice de Cronos me causara não fora nada comparada com isso.

A corda, uma voz familiar disse. *Lembre-se da sua linha da vida, cabeça!*

De repente eu senti um puxão no final de minhas costas. A correnteza me puxava, mas não me levava mais para longe. Eu imaginei o fio em minhas costas amarrando-me à margem.

“Aguente firme, Cabeça de Alga.” Era a voz de Annabeth, muito mais clara agora.

“Você não vai se afastar de mim assim tão fácil.”

A corda ficou mais forte.

Eu podia ver Annabeth agora – estava em pé e descalça acima de mim no píer do lago de canoagem. Eu havia caído da minha canoa. Era isso. Ela estava estendendo a mão para me ajudar a subir, e ela estava tentando não rir. Ela vestia sua camiseta laranja do acampamento e jeans. O cabelo dela estava enfiado no boné dos Yankees, o que era estranho porque isso deveria deixá-la invisível.

“Você é tão idiota às vezes.” Ela sorriu. “Venha. Pegue minha mão.”

Memórias vieram flutuando de volta pra mim – afiadas e mais coloridas. Eu parei de dissolver. Meu nome era Percy Jackson. Eu ergui minha mão e peguei a de Annabeth.

De repente eu saltei para fora do rio. Eu desmoronei na areia, e Nico se moveu para trás em surpresa.

“Você está bem?” ele balbuciou. “Sua pele. Oh, deuses. Você está ferido!”

Meus braços estavam vermelho vivo. Eu sentia que cada centímetro do meu corpo tinha sido assado em fogo baixo.

Eu olhei ao redor procurando Annabeth, mesmo sabendo que ela não estava ali. Tinha parecido tão real.

“Estou bem... eu acho.” A cor da minha pele voltou ao normal. A dor diminuiu. Sra. O’Leary veio e me cheirou com preocupação. Aparentemente, meu cheiro era realmente interessante.

“Você se sente mais forte?” Nico perguntou.

Antes que eu pudesse decidir *o que* eu sentia, uma voz explodiu, “ALI!”

Um exército de mortos marchou em nossa direção. Uma centena de legionários romanos esqueletos liderava o caminho com escudos e lanças. Atrás deles vinha o mesmo número de casacos-vermelhos britânicos com baionetas ajustadas. No meio da tropa, o próprio Hades dirigia uma carruagem negra e dourada puxada por cavalos de pesadelos, seus olhos e crinas ardendo sem chamas.

“Você não escapará de mim desta vez, Percy Jackson!” Hades berrou. “Destruam-no!”

“Pai, não!” Nico gritou, mas era tarde demais. A linha de frente de romanos zumbis abaixou as lanças e avançou.

Sra. O'Leary rosnou e ficou pronta para bater. Talvez tenha sido isso que me despertou. Eu não queria que eles machucassem meu cachorro. Além do mais, eu estava cansado de Hades ser um grande valentão. Se eu ia morrer, eu podia muito bem cair lutando.

Eu berrei, e o Rio Styx explodiu. Uma onda negra arrebentou nos legionários. Lanças e escudos voaram pra todo lado. Zumbis romanos começaram a dissolver, fumaça subindo de seus elmos de bronze.

Os casacos-vermelhos baixaram suas baionetas, mas eu não esperei por eles. Eu investi. Foi a coisa mais estúpida que eu já fiz. Cem mosquetes atiraram contra mim, a queima roupa. Todos erraram. Eu colidi com a linha deles e comecei a atacar com Contracorrente. Baionetas investiram. Espadas cortaram. Armas recarregaram e atiraram. Nada me atingiu.

Eu girei através das fileiras, transformando os casacos-vermelhos em poeira, um depois do outro. Minha mente entrou em piloto automático: apunhalar, cortar, desviar, rolar. Contracorrente não era mais uma espada. Era um arco de pura destruição.

Eu abri caminho através da linha inimiga e saltei para dentro da carruagem negra. Hades ergueu seu bastão. Um raio de energia negra veio em minha direção, mas eu o desviei com minha lâmina e bati contra ele. Ambos, o deus e eu, tombamos para fora da carruagem.

A próxima coisa que eu soube foi que meu joelho estava plantado no peito de Hades. Eu estava segurando o colarinho de seu manto real em um punho, e a ponta da minha espada estava posicionada direto sobre o rosto dele.

Silêncio. O exército não fez nada para defender seu mestre. Eu olhei para trás e percebi por quê. Nada havia sobrado nada deles a não ser armas na areia e pilhas de uniformes enfumaçados, vazios. Eu havia destruído todos eles.

Hades engoliu em seco. “Agora, Jackson, escute aqui...”

Ele era imortal. Não havia como matá-lo, mas deuses podem ser feridos. Eu sabia disso em primeira mão, e imaginei que a sensação de uma espada no rosto não devia ser boa.

“Só porque eu sou uma boa pessoa,” rosnei, “eu vou deixar você ir. Mas primeiro, me conte sobre aquela armadilha!”

Hades derreteu em nada, deixando-me segurando um manto preto vazio.

Eu amaldiçoei e me levantei, respirando pesadamente. Agora que o perigo passara, eu percebi o quão cansado estava. Cada músculo do meu corpo doía. Eu olhei para baixo, para minhas roupas. Elas estavam cortadas em pedaços e cheias de buracos de balas, mas eu estava bem. Nem uma marca em mim.

A boca de Nico estava escancarada. “Você acabou de... com uma espada... você acabou de –”

“Eu acho que a coisa do rio funcionou,” eu disse.

“Ah, caramba,” ele disse sarcasticamente. “*Você acha?*”

Sra. O'Leary ladrou feliz e balançou a cauda. Ela pulou em volta, farejando uniformes vazios e caçando ossos. Eu levantei o manto de Hades. Eu ainda podia ver as faces atormentadas tremeluzindo no tecido.

Andei até a beirada do rio. “Fiquem livres.”

Eu soltei o manto na água e assisti enquanto ele rodopiava, dissolvendo na correnteza.

“Volte para o seu pai,” eu disse a Nico. “Diga a ele que ele me deve por deixá-lo ir. Descubra o que vai acontecer com o Monte Olimpo e o convença a ajudar.”

Nico olhou fixamente pra mim. “Eu... eu não posso. Ele vai me odiar agora. Quero dizer... ainda mais.”

“Você tem que fazer isso,” falei. “Você me deve também.”

As orelhas dele ficaram vermelhas. “Percy, eu disse a você que sentia muito. Por favor... me deixe ir com você. Eu quero lutar.”

“Você ajudará mais aqui embaixo.”

“Você quer dizer que não confia mais em mim,” ele disse miseravelmente.

Não respondi. Eu não sabia o que eu quis dizer. Eu estava muito atordoado pelo o que eu tinha acabado de fazer em batalha para pensar com clareza.

“Apenas volte para o seu pai,” falei, tentando não soar muito áspero. “Tente persuadi-lo. Você é a única pessoa que pode ser capaz de fazer com que ele ouça.”

“Esse é um pensamento deprimente.” Nico suspirou. “Tudo bem. Eu vou fazer o meu melhor. Além disso, ele ainda está escondendo algo de mim sobre minha mãe. Talvez eu consiga descobrir o quê.”

“Boa sorte. Agora eu e a Sra. O’Leary temos que ir.”

“Onde?” Nico disse.

Eu olhei para a entrada da caverna e pensei sobre a longa subida de volta até o mundo dos vivos. “Começar essa guerra. É hora de achar Luke.”





DUAS COBRAS SALVAM A MINHA VIDA

Eu amo Nova York. Você pode saltar do Mundo Inferior em pleno Central Park, chamar um táxi, descer a Quinta Avenida com um gigantesco cão infernal galopando bem atrás de você, e ninguém sequer te olha engraçado. É claro, a Névoa ajuda. As pessoas provavelmente não podiam ver a Sra. O'leary, ou talvez eles pensassem que ela era um grande, barulhento e muito amigável caminhão.

Eu corri o risco de usar o celular da minha mãe para ligar para Annabeth pela segunda vez. Eu liguei a primeira vez quando estava no túnel, mas só caiu na secretária eletrônica. Eu me surpreendi com a qualidade do sinal, visto que eu estava no centro do mundo mitológico e tal, mas não queria ver quanto a conta da minha mãe daria.

Desta vez, Annabeth atendeu.

"Ei," eu disse. "Você pegou a minha mensagem?"

"Percy, onde você esteve? Sua mensagem não dizia quase nada! Estivemos mortos de preocupação!"

"Mais tarde eu te conto," falei, mas como eu ia fazer aquilo eu não tinha ideia. "Onde você está?"

"Estamos a caminho como você pediu, quase no túnel Queens-Midtown. Mas, Percy, o que você está planejando? Nós deixamos o acampamento praticamente indefeso, e não há como os deuses –"

"Confie em mim," eu disse. "Vejo vocês lá."

Eu desliguei. Minhas mãos estavam tremendo. Eu não tinha certeza se era uma reação retardada do meu mergulho no Styx, ou antecipação pelo que eu estava prestes a fazer. Se isso não funcionasse, ser invulnerável não me salvaria de ser explodido em pedaços.

Era fim de tarde quando o táxi me deixou no Edifício Empire State. Sra. O'Leary andava para cima e para baixo na Quinta Avenida, lambendo táxis e cheirando carrinhos de cachorro quente. Ninguém parecia notá-la, embora as pessoas desviassem e olhassem confusas quando ela chegava perto.

Eu assobieei para ela sossegar quando três vans brancas pararam no meio fio. Elas diziam *Serviço de entrega de morangos Delphi*, que era o nome disfarce do Acampamento Meio-Sangue. Eu nunca vira as três vans no mesmo lugar ao mesmo tempo, apesar de saber que eles entregavam nossas frutas frescas na cidade.

A primeira van era dirigida por Argo, nosso chefe de segurança de muitos olhos. As outras duas eram dirigidas por harpias, que basicamente eram demônios híbridos humanos/frangos com péssimas atitudes.

Nós usamos as harpias principalmente para a limpeza do acampamento, mas elas estavam se saindo muito bem no tráfego do centro da cidade também.

As portas se abriram. Um punhado de campistas saltou para fora, alguns deles um pouco verdes pela longa viagem. Eu fiquei feliz que tantos vieram: Pollux, Silena Beauregard, os irmãos Stoll, Michael Yew, Jake Mason, Katie Gardner, e Annabeth, juntamente com a maioria dos seus irmãos.

Quíron saiu da última van. Sua metade cavalo estava compactada na sua cadeira de rodas mágica, então ele usou o elevador adaptado da van. Ninguém do chalé de Ares

estava ali, mas eu tentei não ficar com muita raiva disso. Clarisse era uma idiota teimosa. Fim da história.

Eu fiz uma contagem mental: quarenta campistas no total.

Poucos para lutar em uma guerra, mas ainda era o maior grupo de meio-sangues que eu já vira reunido fora do acampamento. Todos pareciam nervosos, e eu entendia por quê. Nós estávamos provavelmente mandando tanta aura de semideuses que todos os monstros no nordeste dos Estados Unidos sabiam que estávamos aqui.

Conforme eu olhava para os seus rostos – todos esses campistas que eu conhecia há tantos verões – uma incomoda voz sussurrou em minha mente: *Um deles é um espião.*

Mas eu não podia lidar com isso. Eles eram meus amigos. Eu precisava deles. Então me lembrei do sorriso maligno de Cronos. *Você não pode contar com amigos. Eles sempre vão te decepcionar.*

Annabeth veio até mim. Ela estava vestida em camuflagem preta com sua faca de bronze celestial presa no seu braço e sua mochila do laptop pendurada em seu ombro – pronta para apunhalar ou navegar na internet, o que vier primeiro.

Ela franziu as sobrancelhas. "O que foi?"

"O que foi o quê?" perguntei.

"Você está me olhando de um jeito engraçado."

Eu percebi que estava pensando sobre a minha estranha visão de Annabeth me puxando do Rio Styx. "É, hã, nada." Eu me virei para o resto do grupo. "Obrigado a todos por terem vindo. Quíron, depois de você."

Meu velho mentor balançou sua cabeça. "Eu vim para desejar-lhe sorte, meu rapaz. Mas é uma questão de princípio não visitar o Olimpo a menos que eu seja convidado."

"Mas você é o nosso líder."

Ele sorriu. "Eu sou o seu treinador, seu professor. Isso não é o mesmo que ser o seu líder. Vou reunir os aliados que eu puder. Não pode ser demasiado tarde para eu convencer os meus irmãos centauros a nos ajudar. Enquanto isso, *você* chamou os campistas aqui, Percy. *Você* é o líder."

Eu quis protestar, mas todos estavam olhando para mim com expectativa, mesmo Annabeth.

Eu respirei fundo. "Ok, como eu disse a Annabeth ao telefone, alguma coisa ruim vai acontecer esta noite. Algum tipo de armadilha. Temos que conseguir uma audiência com Zeus e convencê-lo a defender a cidade. Lembrem-se, não podemos receber não como resposta."

Eu pedi para Argo ficar de olho na Sra. O'Leary, pelo que nenhum dos outros parecia feliz.

Quíron apertou a minha mão. "Você vai se sair bem, Percy. Basta lembrar-se de seus pontos fortes e tome cuidado com suas fraquezas."

Isso soou assustadoramente parecido com o que Aquiles me dissera. Então me lembrei que Quíron havia *ensinado* Aquiles. Isso não me tranquilizou exatamente, mas eu assenti e tentei esboçar um sorriso confiante.

"Vamos," eu disse aos campistas.

Um guarda de segurança estava sentado atrás de uma mesa no saguão, lendo um grande livro preto com uma flor na capa. Ele nos olhou quando todos entramos com nossas armas e armaduras retinindo, "Grupo escolar? Estamos prestes a fechar."

"Não," falei. "Seiscentésimo andar."

Ele nos observou. Seus olhos eram de um azul pálido, e ele era completamente careca. Eu não poderia dizer se ele era humano ou não, mas ele pareceu notar nossas armas, então acho que ele não era enganado pela Névoa.

"Não há seiscentésimo andar, rapaz." Ele disse isso como se fosse uma fala ensaiada na qual nem ele acreditava. "Vão embora."

Eu me inclinei sobre a mesa. "Quarenta semideuses podem atrair uma medonha quantidade de monstros. Você realmente quer que fiquemos aqui no seu saguão?"

Ele pensou sobre isso. Então apertou uma campainha e o portão de segurança se abriu. "Sejam rápidos."

"Você não quer que passemos pelos detectores de metais," adicionei.

"Hum, não," ele concordou. "Elevador da direita. Acho que você conhece o caminho."

Eu joguei para ele um dracma de ouro e nós marchamos ruidosamente.

Decidimos que seria necessário duas viagens para todos subirmos pelo elevador. Fui com o primeiro grupo. Uma música diferente estava tocando desde minha última visita – aquela antiga música disco, "Stayin Alive". Uma imagem aterrorizante apareceu em minha mente de Apolo com calças boca de sino e uma camisa de seda colante.

Fiquei feliz quando finalmente as portas do elevador se abriram. Em frente a nós, um caminho de pedras flutuantes nos guiava através das nuvens até o Monte Olimpo, pairando a dois mil metros sobre Manhattan.

Eu já vira o Olimpo muitas vezes, mas era sempre de tirar o fôlego. As mansões reluziam a ouro e branco contra os lados da montanha.

Jardins floresciam em cem terraços. Fumaça aromática subia dos braseiros alinhados nas ruas tortuosas. E bem no topo do tapete de neve se erguia o principal palácio dos deuses. Ele parecia tão majestoso como sempre, mas alguma coisa parecia errada. Então percebi que a montanha estava silenciosa – sem música, sem vozes, sem riso.

Annabeth me estudou. "Você parece... diferente," ela decidiu. "Aonde exatamente você foi?"

As portas do elevador se abriram novamente, e o segundo grupo de meio-sangues se juntou a nós.

"Conto mais tarde," falei. "Vamos."

Nós caminhamos através da ponte suspensa e pelas ruas do Olimpo. As lojas estavam fechadas. Os parques estavam vazios. Um casal de Musas sentadas em um banco tocava liras flamejantes, mas seus corações não pareciam estar naquilo. Um solitário Ciclope varria a rua com uma vassoura de raiz de carvalho. Uma deusa menor nos avistou de uma varanda e se esquivou para o interior, fechando suas persianas.

Passamos por um grande arco de mármore com estátuas de Zeus e Hera em cada lado. Annabeth fez uma careta para a rainha dos deuses.

"Eu a odeio," ela murmurou.

"Ela amaldiçoou você ou algo assim?" perguntei. Ano passado Annabeth viu o lado negro de Hera, mas Annabeth não havia falado sobre isso desde então.

"Nada demais até agora," disse ela. "Seu animal sagrado é a vaca, não é?"

"Certo."

"Então ela manda as vacas atrás de mim?"

Tentei não sorrir. "Vacas? Em São Francisco?"

"Oh, sim. Normalmente eu não as vejo, mas as vacas deixam pequenos presentes pra mim por todo lugar – no nosso quintal, na calçada, nos corredores da escola. Tenho que ter cuidado onde piso."

"Olhem!" Pollux gritou, apontando para o horizonte. "O que é *aquilo*?"

Nós todos congelamos. Luzes azuis estavam rasgando o céu noturno na direção do Olimpo como minúsculos cometas. Pareciam estar vindo de toda a cidade, indo direto para a montanha. Quando se aproximavam elas emitiam um zumbido. Nós ficamos

assistindo por vários minutos e elas não pareciam estar causando qualquer dano, mas ainda assim era estranho.

"Como miras a laser," Michael Yew murmurou. "Estão mirando em nós."

"Vamos para o palácio," eu disse.

Ninguém estava guardando o salão dos deuses. As portas douradas e prateadas estavam totalmente abertas. Nossos passos ecoaram enquanto caminhávamos para dentro da sala do trono.

Claro, "sala" realmente não faz jus ao lugar. O local era do tamanho do Madison Square Garden. Bem acima, o céu azul brilhava com constelações. Doze tronos gigantes e vazios se formavam um U em volta de uma lareira. Em um canto, uma esfera de água do tamanho de uma casa pairava no ar, e no interior nadava meu velho amigo o Ofiotauro, meio-vaca, meio-serpente.

"Moooo!" ele disse alegremente, girando em um círculo.

Apesar de todas as coisas sérias acontecendo, eu tive que sorrir. Há dois anos nós gastamos muito tempo tentando salvar o Ofiotauro dos Titãs, e eu meio que me afeiçoei a ele. Ele parecia gostar de mim também, apesar do fato de no início eu ter pensado que ele era uma garota e dado a ele o nome de Bessie.

"Ei, cara," eu disse. "Eles estão te tratando bem?"

"Moooo," Bessie respondeu.

Começamos a andar na direção dos tronos, e uma voz de mulher disse, "Olá novamente, Percy Jackson. Você e seus amigos são bem vindos."

Héstia estava ao lado da lareira, atijando o fogo com uma vara. Ela trajava o mesmo tipo de vestido marrom simples que usara antes, mas ela agora era uma mulher crescida. Eu me curvei. "Lady Héstia."

Meus amigos seguiram o meu exemplo.

Héstia me fitou com seus vermelhos olhos incandescentes. "Vejo que foi até o fim com o seu plano. Você carrega a maldição de Aquiles."

Os outros campistas começaram a murmurar entre eles: *O que ela disse? O que sobre Aquiles?*

"Você deve ter cuidado," Héstia me alertou. "Você conquistou muito em sua jornada. Mas ainda está cego quanto à verdade mais importante. Talvez seja o momento para um vislumbre."

Annabeth me cutucou. "Hum... do que ela está falando?"

Eu fitei os olhos de Héstia, e uma imagem correu pela minha mente: Eu vi um beco escuro entre armazéns de tijolos vermelhos. Uma placa acima de uma das portas dizia FERREIROS RICHMOND.

Dois meio-sangues estavam agachados nas sombras – um garoto de uns catorze anos e uma garota de uns doze. Percebi com um tranco que o garoto era Luke. A garota era Thalia, filha de Zeus. Eu estava vendo uma cena do passado de quando os dois estavam em fuga, antes de Grover encontrá-los.

Luke carregava uma faca de bronze. Thalia tinha sua lança e seu escudo do terror, Aegis. Luke e Thalia pareciam famintos e magros, com olhos de animais selvagens, como se eles estivessem acostumados a serem atacados.

"Tem certeza?" Thalia perguntou.

Luke assentiu. "Há alguma coisa lá embaixo. Eu posso sentir."

Um estrondo ecoou do beco, como se alguém tivesse batido em uma chapa de metal.

Os meio-sangues rastejaram para frente. Velhos engradados estavam amontoados na doca. Thalia e Luke se aproximaram com suas armas prontas. Uma cortina de latas franzida tremia como *se algo* estivesse atrás dela.

Thalia olhou para Luke. Ele contou silenciosamente: *Um, dois, três!* Ele puxou rápido as latas, e uma pequena garota voou pra cima dele com um martelo.

"Opa!" Luke disse.

A menina tinha cabelos loiros emaranhados e estava usando pijamas de flanela. Ela não podia ter mais de sete anos, mas ela teria afundado a cabeça de Luke se ele não tivesse sido tão rápido.

Ele agarrou seu pulso, e o martelo caiu no chão de cimento.

A pequena menina lutou e chutou. "Sem mais monstros! Vão embora!"

"Está tudo bem!" Luke lutou para segurá-la. "Thalia, abaixe seu escudo. Você está assustando ela."

Thalia deu uma batida em Aegis, que encolheu e virou um bracelete de prata. "Ei, está tudo bem," disse ela. "Não vamos te machucar. Eu sou Thalia. Este é o Luke."

"Monstros!"

"Não," Luke prometeu. "Mas sabemos tudo sobre monstros. Lutamos com eles também."

Lentamente, a menina parou de chutar. Ela estudou Thalia e Luke com olhos cinzentos grandes e inteligentes.

"Vocês são como eu?" ela disse com suspeita.

"Sim," disse Luke. "Nós somos... bem, é difícil explicar, mas lutamos contra os monstros. Onde está sua família?"

"Minha família me odeia," a menina disse. "Eles não me querem. Eu fugi."

Thalia e Luke trocaram olhares. Eu sabia que ambos se relacionavam com o que ela estava dizendo.

"Qual é o seu nome, garota?" Thalia perguntou.

"Annabeth."

Luke sorriu. "Bonito nome. Vou te dizer uma coisa, Annabeth – você é bem durona. Nós poderíamos usar uma lutadora como você."

Os olhos de Annabeth se arregalaram. "Vocês poderiam?"

"Ah, sim." Luke virou sua faca e ofereceu o cabo a ela. "Você gostaria de uma verdadeira arma destruidora de monstros? Isso é bronze celestial. Funciona muito melhor do que um martelo."

Talvez na maioria das circunstâncias, oferecer uma faca a uma criança de sete anos de idade não seria uma boa ideia, mas quando se é um meio-sangue, regras normais meio que são jogadas pela janela.

Annabeth agarrou o cabo.

"Facas são apenas para os mais rápidos e bravos guerreiros," Luke explicou. "Elas não têm o alcance ou o poder de uma espada, mas são fáceis de esconder e podem encontrar pontos fracos na armadura do seu inimigo. É preciso um guerreiro inteligente para usar uma faca. Tenho a sensação de que você é muito inteligente."

Annabeth olhava para ele com adoração. "Eu sou!"

Thalia sorriu. "É melhor nós irmos, Annabeth. Nós temos uma casa segura sobre o Rio James. Vamos dar a você algumas roupas e comida."

"Vocês não... vocês não vão me levar de volta para minha família?" disse ela. "Prometem?"

Luke colocou a mão no ombro dela. "Você é parte da *nossa* família agora. E eu prometo que não vou deixar nada machucar você. E *não* vou desapontá-la como nossas famílias fizeram conosco. Fechado?"

"Fechado!" Annabeth disse feliz.

"Agora, vamos," Thalia disse. "Não podemos nos demorar por tanto tempo!"

A cena mudou. Os três semideuses estavam correndo através de um bosque. Devia ser vários dias depois, talvez semanas. Todos eles pareciam abatidos, como se tivessem passado por algumas batalhas. Annabeth estava usando roupas novas – jeans e uma jaqueta grande do exército.

"Só mais um pouco!" Luke prometeu. Annabeth tropeçou, e ele pegou a mão dela. Thalia vinha na retaguarda, brandindo seu escudo como se estivesse afastando o que quer que estivesse atrás deles. Ela estava mancando da perna esquerda.

Eles subiram num cume e olharam para baixo do outro lado, para uma casa branca colonial – a casa de May Castellan.

"Certo," Luke disse, respirando com dificuldade. "Só vou entrar escondido e pegar medicamentos e alguma comida. Esperem aqui."

"Luke, você tem certeza?" Thalia perguntou. "Você jurou que nunca mais voltaria aqui. Se ela te apanhar –"

"Nós não temos escolha!" ele rosnou. "Eles queimaram nossa casa segura mais próxima. E você tem que tratar essa perna ferida."

"Esta é a sua casa?" Annabeth disse com espanto.

"Esta *era* a minha casa," Luke murmurou. "Acredite em mim, se não fosse uma emergência –"

"Sua mãe é tão horrível assim?" Annabeth perguntou. "Nós podemos vê-la?"

"Não!" Luke rangeu os dentes.

Annabeth se encolheu para longe como se a raiva dele a tivesse surpreendido.

"Eu... eu sinto muito," ele disse. "Apenas espere aqui. Prometo que tudo ficará bem. Nada vai te machucar. Eu vou voltar –"

Um flash dourado e brilhante iluminou a floresta. Os semideuses recuaram, e uma voz de homem ressoou: "Você não deveria ter voltado para casa."

A visão se desfez.

Meus joelhos amoleceram, mas Annabeth me agarrou. "Percy! O que aconteceu?"

"Você... você viu aquilo?" perguntei.

"Vi o quê?"

Eu olhei para Héstia, mas o rosto da deusa estava inexpressivo. Eu me lembrei de algo que ela me dissera na floresta: *se você quer entender seu inimigo Luke, deve entender sua família*. Mas por que ela tinha me mostrado essas cenas?

"Por quanto tempo estive fora?" murmurei.

Annabeth juntou suas sobancelhas. "Percy, você não foi a lugar nenhum. Você só olhou para Héstia por um segundo e desmaiou."

Eu podia sentir que todos olhavam pra mim. Eu não podia me dar ao luxo de parecer fraco. Seja lá o que for o significado dessas visões, eu tinha que me manter focado em nossa missão.

"Hum, Lady Héstia," falei, "nós temos negócios urgentes. Nós precisamos ver –"

"Sabemos o que você precisa," disse a voz de um homem. Eu estremei, porque era a mesma voz que eu ouvira na visão.

Um deus apareceu tremeluzindo ao lado de Héstia. Ele parecia ter uns vinte e cinco anos, tinha cabelo grisalho encaracolado e feições de um elfo. Ele usava uma roupa de avião militar, com pequenas asas de pássaro vibrando em seu capacete e em suas botas pretas de couro. Na curva do seu braço estava um longo bastão com duas serpentes vivas entrelaçadas.

"Eu os deixarei agora," disse Héstia. Ela se curvou diante do avião e desapareceu em fumaça. Eu entendi porque ela estava tão ansiosa para ir. Hermes, o mensageiro dos deuses, não parecia feliz.

“Olá, Percy.” Sua testa se enrugou como se ele estivesse irritado comigo, e me perguntei se ele de alguma forma sabia sobre a visão que eu acabara de ter. Eu queria perguntar por que ele fora a casa de May Castellan aquela noite, e o que tinha acontecido depois dele ter pego Luke.

Eu me lembrei da primeira vez que encontrei Luke no Acampamento Meio-sangue. Eu perguntei a ele se alguma vez ele conhecera o seu pai, e ele havia olhado amargamente e dito, *Uma vez*. Mas eu podia dizer pela expressão de Hermes que esse não era o melhor momento para perguntar.

Eu me curvei sem jeito. “Lorde Hermes.”

Ah, claro, uma das serpentes disse na minha mente. *Não diga oi para nós. Somos apenas répteis.*

George, a outra serpente censurou. *Seja educado.*

“Olá, George,” eu disse. “Oi, Martha.”

Você nos trouxe um rato? George perguntou.

George, pare com isso, Martha disse. *Ele está ocupado!*

Ocupado demais para procurar ratos? George disse. *Isso é muito triste.*

Eu decidi que era melhor não entrar em debate com George. “Hum, Hermes,” eu disse. “Nós precisamos falar com Zeus. É importante.”

Os olhos de Hermes estavam frios e duros como aço. “Eu sou seu mensageiro. Posso levar sua mensagem?”

Atrás de mim, os outros semideuses se mexeram agitados. Isto não estava saindo como planejado. Talvez se eu tentasse falar com Hermes em particular...

“Vocês,” eu disse. “Por que vocês não fazem uma varredura da cidade? Verifiquem as defesas. Vejam quem ficou no Olimpo. Encontrem Annabeth e a mim aqui de volta em trinta minutos.”

Silena franziu o cenho. “Mas –”

“Essa é uma boa idéia,” Annabeth disse. “Connor e Travis, você lideram.”

Os Stolls pareceram gostar daquilo – receber uma responsabilidade importante bem na frente do pai. Eles geralmente nunca lideravam nada, exceto ataques de papel higiênico. “Pode deixar!” Travis disse. Eles levaram os outros para fora da sala do trono, deixando a mim e a Annabeth com Hermes.

“Meu lorde,” disse Annabeth. “Cronos vai atacar Nova York. Vocês devem suspeitar disso. Minha mãe deve ter previsto”.

“Sua mãe,” Hermes grunhiu. Ele coçou suas costas com o seu caduceu, e George e Martha murmuraram, *ow,ow,ow*. “Não me fale de sua mãe, mocinha. É por causa dela que estou aqui no fim das contas. Zeus não queria que nenhum de nós deixasse a linha de frente. Mas sua mãe ficou importunando-o sem descanso, ‘É uma armadilha, é uma distração, blá, blá, blá.’ Ela queria voltar, mas Zeus não iria deixar nossa estrategista número um sair do seu lado enquanto estávamos combatendo Tífon. E então, naturalmente, ele mandou *a mim* para falar com vocês.”

“Mas é uma armadilha!” Annabeth insistiu. “Zeus é cego?”

Raios atravessaram os céus.

“Cuidado com o que fala, menina,” Hermes alertou. “Zeus não é cego, *nem* surdo. Ele não deixou o Olimpo completamente indefeso.”

“Mas há essas luzes azuis –”

“Sim, sim. Eu as vi. Alguma travessura daquela insuportável deusa da magia, Hécate, eu aposto, mas vocês talvez tenham notado que elas não estão causando dano algum. O Olimpo tem uma forte proteção mágica. Além disso, Aeolos, o rei dos ventos, mandou o seu mais poderoso servo para guardar a cidade. Ninguém a não ser os deuses podem se aproximar do Olimpo pelo ar. Eles seriam derrubados do céu.”

Eu levantei minha mão. "Hum... E quanto àquela coisa de materialização/teletransporte que vocês fazem?"

"Essa é uma forma de viagem pelo ar também, Jackson. Muito rápido, mas os deuses do vento são mais rápidos. Não, se Cronos quer o Olimpo, ele vai ter que marchar por toda a cidade com seu exército e pegar os elevadores! Você pode imaginá-lo fazendo isso?" Hermes fez isso parecer bastante ridículo – hordas de monstros subindo pelo elevador, vinte de cada vez, ouvindo "Stayin' Alive." Mesmo assim, eu não gostei disso.

"Talvez apenas alguns de vocês pudessem voltar," sugeri.

Hermes balançou a cabeça impacientemente. "Percy Jackson, você não compreende. Tífon é o nosso maior inimigo."

"Eu pensei que fosse Cronos."

Os olhos do deus brilharam. "Não, Percy. Nos velhos tempos, Tífon quase derrubou o Olimpo. Ele é marido de Equidna –"

"Eu a conheci no arco," murmurei. "Não foi legal."

"– e pai de todos os monstros. Nós nunca poderemos esquecer o quão perto ele esteve de destruir todos nós; como ele nos humilhou! Nós éramos mais poderosos nos velhos tempos. Agora não podemos esperar pela ajuda de Poseidon, porque ele tem sua própria guerra para lutar. Hades fica em seu reino e não faz nada, Deméter e Perséfone seguem o seu exemplo. Será necessário todo o nosso poder remanescente para enfrentarmos o gigante tempestade. Não podemos dividir nossas forças, nem esperar até que ele chegue a Nova York. Temos que lutar com ele agora. E estamos fazendo progressos."

"Progresso?" falei. "Ele quase destruiu St. Louis."

"Verdade," Hermes admitiu. "Mas ele destruiu apenas *metade* do Kentucky. Ele está desacelerando. Perdendo poder."

Eu não queria argumentar, mas souo como se Hermes tentasse convencer a si mesmo. No canto, o Ofiotauro mugiu tristemente.

"Por favor, Hermes," Annabeth falou. "Você disse que a minha mãe queria vir. Ela deu a você alguma mensagem para nós?"

"Mensagens," ele murmurou. "'Será um excelente trabalho,' eles me disseram. 'Sossegado. Com um monte de adoradores.' Humph. Ninguém se importa com o que *eu* tenho a dizer. É sempre sobre as mensagens dos outros."

Ratos, George meditou. *Entreí nessa pelos ratos.*

Shhhh, Martha o repreendeu. *Nós nos importamos com o que Hermes tem a dizer. Certo, George?*

Oh, com certeza. Podemos voltar para a batalha agora? Eu quero entrar no modo laser de novo. É divertido.

"Silêncio, os dois," Hermes grunhiu.

O deus olhou para Annabeth, que estava fazendo o seu grande-implorante-olhar cinzento.

"Bá," Hermes disse. "Sua mãe disse para avisar a vocês que estão por conta própria. Vocês devem defender Manhattan sem a ajuda dos deuses. Como se eu não soubesse disso. Por que eles pagam a ela para ser a deusa da *sabedoria*, eu realmente não sei."

"Mais alguma coisa?" Annabeth perguntou.

"Ela disse que você deveria tentar o plano vinte e três. Disse que você saberia o que significa."

O rosto de Annabeth empalideceu. É óbvio que ela sabia o que significava, e pelo jeito não gostava. "Continue."

"Última coisa," Hermes olhou para mim. "Ela falou para dizer ao Percy: 'Lembre-se dos rios.' E, hum, algo sobre ficar longe da filha dela."

Não tenho certeza qual rosto estava mais vermelho: o de Annabeth ou o meu.

"Obrigado, Hermes," Annabeth disse. "E eu... eu queria dizer que... eu sinto muito por Luke."

A expressão do deus se endureceu como se ele tivesse virado mármore. "Você poderia não ter tocado nesse assunto."

Annabeth deu um passo para trás nervosamente. "Desculpe?"

"DESCULPAS não ajudam!"

George e Martha enrolaram-se em volta do caduceus, que brilhou e se transformou em algo que parecia muito com um marcador de gado de alta voltagem.

"Você deveria tê-lo salvado quando teve a chance," Hermes grunhiu para Annabeth.

"Você era a única que poderia ter feito."

Eu tentei ficar entre eles. "Do que você está falando? Annabeth nunca –"

"Não a defenda, Jackson!" Hermes virou o marcador de gado na minha direção. "Ela sabe exatamente do que estou falando."

"Talvez você devesse culpar a si mesmo!" Eu deveria ter mantido minha boca fechada, mas tudo no que eu podia pensar era em desviar a atenção dele para longe de Annabeth. Este tempo todo ele não estava bravo comigo. Ele estava bravo com *ela*. "Talvez se você não tivesse abandonado Luke e a mãe dele!"

Hermes levantou seu marcador de gado. Ele começou a crescer até chegar a uns três metros de altura. Pensei, *Bem, é isso*.

Mas, quando ele se preparou para o ataque, George e Martha se inclinaram e falaram algo bem perto de seus ouvidos.

Hermes cerrou seus dentes. Ele baixou o marcador de gado e ele voltou a ser um bastão.

"Percy Jackson," ele disse, "porque carrega a maldição de Aquiles, eu devo poupá-lo. Você está nas mãos das Parcas agora. Mas você *nunca* mais falará comigo daquela maneira. Você não tem ideia do quanto eu sacrifiquei, o quanto –"

Sua voz quebrou, e ele encolheu para o tamanho humano. "Meu filho, meu maior orgulho... minha pobre May..."

Ele parecia tão devastado que eu não sabia o que dizer. Em um minuto ele estava pronto para nos vaporizar. Agora ele parecia que estava precisando de um abraço.

"Olhe, Lorde Hermes," eu disse. "Desculpe, mas eu preciso saber. O que aconteceu com a May? Ela disse algo sobre o destino de Luke, e os olhos dela –"

Hermes me encarou, e minha voz vacilou. O olhar em seu rosto não era realmente de raiva. Era de dor. Profunda, incrível dor.

"Eu vou deixá-los agora," ele falou rigidamente. "Tenho uma guerra para lutar."

Ele começou a brilhar. Eu me virei e me certifiquei que Annabeth fizesse o mesmo, porque ela ainda estava congelada de choque.

Boa sorte, Percy, Martha, a serpente, sussurrou.

Hermes brilhou como a luz de uma super nova. Então desapareceu.

Annabeth se sentou aos pés do trono da sua mãe e chorou. Eu queria confortá-la, mas não sabia como.

"Annabeth," falei, "não é sua culpa. Eu nunca vi Hermes agir dessa forma. Eu acho... eu não sei... ele provavelmente se sente culpado por Luke. Ele está procurando alguém para culpar. Não sei por que ele descontou em você. Você não fez nada para merecer isso."

Annabeth limpou os olhos. Ela fixou seu olhar na lareira como se fosse sua própria pira funerária.

Eu me mexi desconfortável. "Hum, você não fez, certo?"

Ela não respondeu. Sua faca de bronze celestial estava presa ao seu braço – a mesma faca que eu vira na visão de Héstita. Todos esses anos, eu não percebi que foi um

presente de Luke. Eu perguntei a ela muitas vezes por que ela preferia lutar com uma faca, em vez de uma espada, e ela nunca me respondeu.

Agora eu sabia.

"Percy," disse ela. "O que você quis dizer sobre a mãe de Luke? Você a conheceu?"

Eu assenti com relutância. "Nico e eu a visitamos. Ela era um pouco... diferente."

Descrevi May Castellan, e o momento estranho em que seus olhos começaram a brilhar e ela falou sobre o destino de seu filho.

Annabeth franziu o cenho. "Isso não faz sentido. Mas por que vocês foram visitá-la –" os olhos dela se arregalaram. "Hermes disse que você carrega a maldição de Aquiles. Héstitia disse a mesma coisa. Você... você se banhou no Rio Styx?"

"Não mude de assunto."

"Percy, sim ou não?"

"Hum... talvez um pouco."

Contei a ela a história de Hades e Nico, e como eu derrotei um exército de mortos. Pulei a parte da visão dela puxando-me para fora do rio. Eu ainda não entendia bem aquela parte, e só pensar nisso já me deixava envergonhado.

Ela balançou sua cabeça em descrença. "Você tem *alguma ideia* de como isso foi perigoso?"

"Eu não tive escolha," disse. "É a única maneira de me igualar a Luke."

"Você quer dizer... *di immortales*, é claro! Foi por isso que Luke não morreu. Ele foi para o Styx e... oh não, Luke. O que você estava pensando?"

"Então agora você está preocupada com Luke de novo," resmunguei.

Ela olhou pra mim como se eu tivesse acabado de cair do espaço. "O quê?"

"Esquece," murmurei. Imaginei o que Hermes quis dizer com Annabeth não ter salvo Luke quando teve chance. Claramente, ela não estava me contando alguma coisa. Mas no momento eu não estava no humor para perguntar. A última coisa que eu queria ouvir era mais da sua história com Luke.

"A questão é que ele não morreu no Styx," eu disse. "E nem eu. Agora eu tenho que enfrentá-lo. Temos que defender Olimpo."

Annabeth ainda estava estudando o meu rosto, como se estivesse tentando ver alguma mudança desde o meu mergulho no Styx. "Eu acho que você está certo. Minha mãe mencionou –"

"Plano vinte e três."

Ela mexeu na mochila e puxou o laptop de Dédalo. O símbolo Delta em azul brilhava na tampa quando ela a ergueu. Ela abriu alguns arquivos e começou a ler.

"Aqui está," disse ela. "Deuses, temos muito trabalho a fazer."

"Uma das invenções de Dédalo?"

"Um monte de invenções... umas perigosas. Se a minha mãe quer que eu use este plano, ela deve pensar que as coisas estão muito ruins."

Ela olhou pra mim. "E quanto a mensagem para você: 'Lembre-se dos rios'? O que ela quis dizer?"

Eu balancei minha cabeça. Como sempre, eu não tinha a menor ideia do que os deuses estavam me dizendo. De quais rios eu deveria me lembrar? Do Styx? Do Mississipi?

Bem aí os irmãos Stoll entraram correndo na sala do trono.

"Você precisa ver isto," disse Connor. "Agora."

As luzes azuis no céu haviam parado, então de início eu não entendia qual era o problema.

Os outros campistas se reuniram em um pequeno parque na borda da montanha. Eles estavam agrupados no parapeito, olhando para Manhattan. A grade estava alinhada com

aqueles binóculos de turistas, onde você podia depositar um dracma de ouro e ver a cidade.

Os campistas estavam usando todos.

Olhei para a cidade abaixo. Eu podia ver quase tudo daqui, o Rio East e o Rio Hudson modelando Manhattan, a rede de ruas, as luzes dos arranha-céus, a extensão escura do Central Park ao norte.

Tudo parecia normal, mas algo estava errado. Eu senti em meus ossos antes de perceber o que era.

“Eu não... ouço nada,” Annabeth disse.

Esse era o problema.

Mesmo desta altura, eu deveria ouvir o barulho de milhões de pessoas se movimentando pela cidade, milhares de veículos e máquinas, o zumbido da grande metrópole.

Você não pensa nisso quando mora em Nova York, mas está sempre lá. Mesmo na calada da noite, Nova York nunca é silenciosa.

Mas agora estava.

Senti como se o meu melhor amigo tivesse subitamente caído morto.

“O que eles fizeram?” Minha voz soou angustiada e com raiva. “O que eles fizeram com a minha cidade?”

Eu empurrei Michael Yew para o lado e peguei o binóculo para dar uma olhada.

Nas ruas abaixo, o tráfego tinha parado. Os pedestres estavam deitados nas calçadas, ou enroscados no vão das portas. Não havia nenhum sinal de violência, de destruição, nada disso. Era como se todas as pessoas em Nova York tivessem simplesmente decidido parar seja lá o que estavam fazendo e desmaiar.

“Eles estão mortos?” Silena perguntou com espanto.

Gelo revestiu meu estômago. Uma linha da profecia ecoava nos meus ouvidos: *Em um sono sem fim o mundo verá.* Eu me lembrei da história de Grover sobre o encontro com o deus Morfeu no Central Park. *Você tem sorte que estou guardando minhas energias para o evento principal.*

“Não mortos,” eu disse. “Morfeu pôs toda a ilha de Manhattan para dormir. A invasão começou.”





EU COMPRO ALGUNS AMIGOS NOVOS

A Sra. O’Leary era a única feliz com a cidade adormecida.

Nós a encontramos farejando uma carrocinha de cachorro-quente tombada, enquanto o dono estava deitado na calçada chupando o dedão.

Argo estava nos esperando com suas centenas de olhos bem abertos. Ele não disse nada. Ele nunca falava. Acho que era por que, supostamente, ele tinha um olho na língua. Mas seu rosto deixava claro que ele estava pirando.

Contei a ele o que ficáramos sabendo no Olimpo, e como os deuses não se apressariam para o resgate. Argo rolou seus olhos com desgosto, o que pareceu muito psicodélico, uma vez que todo seu corpo rodopiou.

“É melhor você voltar para o acampamento,” eu disse a ele. “Proteja-o da melhor forma que puder.”

Ele apontou para mim e levantou uma sobrancelha questionando.

“Eu vou ficar,” falei.

Argo assentiu, como se essa resposta o satisfizesse. Ele olhou para Annabeth e fez um círculo no ar com seu dedo.

“Sim,” Annabeth concordou. “Acho que está na hora.”

“Do quê?” perguntei.

Argo vasculhou nos fundos da van. Ele tirou um escudo de bronze e o entregou a Annabeth. Ele parecia um escudo normal – o mesmo tipo esférico que usamos para capturar a bandeira. Mas quando Annabeth o apoiou no chão, o reflexo no metal polido mudou do céu e prédios para a Estátua da Liberdade – a qual não estava perto de nós.

“Uau,” falei. “Um escudo televisão.”

“Uma das ideias de Dédalo,” Annabeth disse. “Eu fiz o Beckendorf fazer isso antes –” Ela olhou de relance para Silena. “Hum, de qualquer forma, o escudo flexiona a luz do dia ou da lua de qualquer lugar do mundo para criar um reflexo. Você literalmente pode ver qualquer alvo sob o sol ou a lua, desde que luz natural o esteja tocando. Olhe.”

Nós nos reunimos em volta enquanto Annabeth se concentrava. De primeiro a imagem zuniu e girou, então eu fiquei um pouco enjoado só de ver. Estávamos no Zoológico do Central Park, então viramos para a East 60th, passando pela Bloomingdale’s, depois modificou para a Terceira Avenida.

“Uau,” Connor Stoll disse. “Volte. Aproxime bem ali.”

“O quê?” Annabeth disse nervosamente. “Você viu invasores?”

“Não, bem ali – A Doceria da Dylan.” Connor sorriu para seu irmão. “Cara, está aberta. E *todos* estão dormindo. Você está pensando o que eu estou pensando?”

“Connor!” Katie Gardner o repreendeu. Ela soou como sua mãe, Deméter. “Isso é sério. Você não vai saquear uma loja de doces no meio de uma guerra!”

“Desculpa,” Connor murmurou, mas ele não parecia muito envergonhado.

Annabeth passou a mão na frente do escudo, e outra cena apareceu: FDR Drive, passando pelo rio na Lighthouse Park.

“Isso nos permitirá ver o que está acontecendo pela cidade,” ela disse. “Obrigado, Argo. Espero que possamos te ver novamente no acampamento... algum dia.”

Argo grunhiu. Ele me deu uma olhada que obviamente significava *Boa sorte; você vai precisar*, então entrou na van. Ele e as duas harpias motoristas deram a volta, costurando entre grupos de carros parados que enchiam a rua.

Eu assoviei para Sra. O’Leary, e ela veio pulando.

“Ei, garota!” falei. Você se lembra do Grover? O sátiro que encontramos no parque?”

“WOOF!”

Esperava que isso significasse *Claro que lembro!* E não, *Você tem mais cachorros-quentes?*

“Eu preciso que você o encontre,” disse. “Certifique-se de que ele ainda está acordado. Vamos precisar da ajuda dele. Entendeu? Encontre Grover!”

Sra. O’Leary me deu um beijo lambuzado e molhado, o que parecia meio que desnecessário. Ela correu para o norte.

Pollux se agachou perto de um policial adormecido. “Eu não entendo. Por que não adormecemos também? Por que só os mortais?”

“Esse é um feitiço muito grande,” Silena Beauregard disse. “Quanto maior o feitiço, mais fácil é resistir. Se você quiser fazer milhões de mortais dormirem, você tem que arremessar uma camada muito fina de magia. Adormecer semideuses é bem mais difícil.”

Eu olhei para ela. “Quando você aprendeu tanto sobre magia?”

Silena ficou vermelha. “Eu não passo *todo* o meu tempo no meu armário.”

“Percy,” Annabeth chamou. Ela ainda estava olhando para o escudo. “Seria bom você ver isso.”

A imagem no bronze mostrava o estreito de Long Island perto do La Guardia. Uma frota de lanchas vinha nas águas escuras direto para Manhattan. Cada barco estava cheio de semideuses em armaduras completas. Na traseira do barco líder, uma bandeira roxa com uma foice preta ondulava na brisa da noite. Eu nunca tinha visto aquela bandeira antes, mas não era difícil deduzir: a bandeira de batalha de Cronos.

“Faça uma varredura do perímetro da ilha,” falei. “Rápido.”

Annabeth mudou a cena para o norte, para o porto. A Balsa Staten Island estava passando pelas ondas perto da Ellis Island. O deque estava infestado de *dracaenae* e um bando de cães infernais. Nadando na frente do barco estava um monte de mamíferos marinhos. De primeira pensei que fossem golfinhos. Depois eu vi suas caras de cachorro e as espadas presas à suas cinturas, e percebi que eles eram Telequines – demônios marinhos.

A cena mudou de novo: o litoral de Jersey, bem na entrada do Túnel Lincoln. Um grupo variado de centenas de monstros estava marchando pelas ruas com o tráfego parado: gigantes com seus bastões, ciclopes desonestos, alguns dragões cuspidores de fogo, e só pra dificultar, um tanque Sherman da época da Segunda Guerra Mundial que tirava todos carros do caminho enquanto rumava estrondosamente pelo túnel.

“O que está acontecendo com os mortais fora de Manhattan?” falei. “O país todo está adormecido?”

Annabeth franziu o cenho. “Eu não sei, mas é estranho. O máximo que posso dizer sobre essas imagens é que Manhattan inteira está adormecida. E em um raio de oitenta quilômetros ao redor da ilha, o tempo está passando muito, muito devagar. Quanto mais perto você chega de Manhattan, mas lento fica.”

Ela me mostrou outra cena – uma estrada de Nova Jersey. Era sábado à noite, então o tráfego não estava tão ruim quanto costuma ser em dia de semana. Os motoristas pareciam acordados, mas os carros estavam se movendo a dois quilômetros por hora. Pássaros voavam em câmera lenta.

“Cronos,” eu disse. “Ele está retardando o tempo.”

“Hécate deve estar ajudando,” Katie Gardner disse. “Olhe como os carros estão todos se afastando das entradas para Manhattan, como se eles tivessem recebido uma mensagem subconsciente para dar meia volta.”

“Eu não sei.” Annabeth parecia muito frustrada. Ela *odiava* não saber. “Mas de algum jeito eles cercaram Manhattan com um véu mágico. O mundo lá fora nem deve imaginar que tem algo errado. Qualquer mortal vindo para Manhattan iria desacelerar tanto que ele não saberia o que está acontecendo.”

“Como moscas no âmbar,” Jake Mason murmurou.

Annabeth concordou. “Não devemos esperar por nenhuma ajuda.”

Eu me virei para meus amigos. Eles pareciam atordoados e horrorizados, e eu não podia culpá-los. O escudo tinha nos mostrado pelo menos trezentos inimigos a caminho. Havia quarenta de nós. E estávamos sozinhos.

“Tudo bem,” eu disse. “Nós vamos proteger Manhattan.”

Silena mexeu em sua armadura. “Hum, Percy, Manhattan é enorme.”

“Nós *vamos* protegê-la,” falei. “Temos que conseguir.”

“Ele está certo,” Annabeth disse. “Os deuses do vento devem manter as tropas de Cronos longe do Olimpo pelo ar, então ele tentará uma invasão pelo solo. Temos que cercar as entradas para a ilha.”

“Eles têm barcos,” Michael Yew lembrou.

Um formigamento elétrico desceu pelas minhas costas. De repente eu entendi o conselho de Atena: *Lembre-se dos rios*.

“Eu cuido dos barcos,” eu disse.

Michael franziu as sobrancelhas. “Como?”

“Apenas deixe isso comigo,” falei. “Precisamos defender as pontes e os túneis. Vamos supor que eles vão tentar invadir o centro primeiro, pelo menos em sua primeira tentativa. Este deve ser o caminho mais direto para o Edifício Empire State. Michael, leve o chalé de Apolo para a Ponte de Williamsburg. Katie, o chalé de Deméter fica com o Túnel do Brooklyn-Battery. Faça crescer arbustos com espinhos e hera venenosa dentro do túnel. Faça o que tiverem que fazer, mas os mantenham fora de lá! Connor, leve metade do chalé de Hermes e proteja a Ponte do Brooklyn. E nada de parar para pilhar ou saquear!”

“Ahhhh!” o chalé todo de Hermes reclamou.

“Silena, leve o chalé de Afrodite para o túnel Queens-Midtown.”

“Ai, meus deuses,” uma das irmãs disse. “A Quinta Avenida é *super* no nosso caminho! Nós poderíamos nos produzir, e os monstros, tipo, eles *odeiam* o cheiro de Givenchy.”

“Nada de atrasos,” falei. “Bem... sobre o negócio do perfume, se você acha que vai funcionar.”

Seis filhas de Afrodite me beijaram na bochecha com entusiasmo.

“Ok, chega!” Eu fechei meus olhos, tentando pensar no que eu havia esquecido. “O Túnel Holland. Jake, leve o chalé de Hefesto pra lá. Use Fogo Grego, monte armadilhas. Tudo que você tiver.”

Ele sorriu. “Com prazer. Temos um placar a igualar. Por Beckendorf!”

O chalé inteiro rugiu em aprovação.

“A Ponte da 59th Street,” eu disse. “Clarisse —”

Eu hesitei. Clarisse não estava aqui. O chalé inteiro de Ares, amaldiçoado seja, estava sentado no acampamento.

“Faremos isso,” Annabeth se voluntariou, me salvando de um silêncio embaraçoso. Ela se virou para seus irmãos. “Malcolm, pegue o chalé de Atena, ative o plano vinte e três pelo caminho, exatamente como eu te mostrei. Mantenha a posição.”

“Pode deixar.”

“Eu irei com Percy,” ela disse. “Depois vamos nos juntar a vocês, ou iremos aonde precisarem de nós.”

Alguém no fundo do grupo disse. “Sem desvios, vocês dois.”

Houve alguns risinhos, mas eu resolvi deixar essa passar.

“Tudo bem,” eu disse. “Mantenham contato com seus celulares.”

“Não temos celulares,” Silena protestou.

Eu me abaixei, peguei um BlackBerry de uma senhora que ressonava e o joguei para Silena. “Você tem agora. Todos vocês sabem o número de Annabeth, certo? Se vocês precisarem de nós, peguem um celular qualquer e liguem para nós. Use-o uma vez, jogue fora, então pegue outro emprestado se for necessário. Isso deverá dificultar que os monstros localizem vocês.”

Todos sorriam como se tivessem gostando da ideia.

Travis limpou sua garganta. “Hum, se encontrarmos um celular muito legal mesmo –”

“Não, você não pode ficar com ele,” falei.

“Ah, cara.”

“Espere aí, Percy,” Jake Mason disse. “Você esqueceu o Túnel Lincoln.”

Eu engoli um xingamento. Ele estava certo. Um tanque Sherman e centenas de monstros estavam marchando por aquele túnel neste exato momento, e eu havia posicionado nossas forças em todos os outros lugares.

Então a voz de uma garota chamou do outro lado da rua: “Que tal você deixar esse conosco?”

Eu nunca fiquei tão feliz por ouvir alguém em toda minha vida. Um bando de trinta garotas adolescentes cruzou a Quinta Avenida. Elas estavam vestindo camisas brancas, calças prateadas camufladas, e botas de combate. Todas tinham espadas do lado, aljavas em suas costas, e arcos preparados. Uma alcatéia de lobos brancos rodeava seus pés, e muitas das garotas tinham falcões caçadores em seus braços.

A garota na liderança tinha cabelos espetados pretos e uma jaqueta de couro preta. Ela tinha um arco prateado na cabeça, como se fosse uma tiara de princesa, o que não combinava com seus brincos de caveira ou sua camiseta *Morte a Barbie* mostrando uma pequena boneca da Barbie com uma flecha na cabeça.

“Thalia!” Annabeth gritou.

A filha de Zeus sorriu. “As caçadoras de Ártemis, se apresentando para o dever.”

Houve abraços e cumprimentos por todos os lados... ou pelo menos Thalia foi amigável. As outras caçadoras não gostavam de estar perto de campistas, especialmente garotos, mas elas não atiraram em nenhum de nós, o que para elas já era uma recepção bem calorosa.

“Por onde você andou no último ano?” Eu perguntei a Thalia. “Você tem duas vezes mais Caçadoras agora!”

Ela riu. “Longa, *longa* história. Eu aposto que minhas aventuras foram mais perigosas do que as suas, Jackson.”

“Tremenda mentira,” eu disse.

“Veremos,” ela prometeu. “Depois que isso acabar, você, Annabeth e eu: x-burguers e fritas naquele hotel na West 57th.”

“Le Parker Meridien,” eu disse. “Combinado. E Thalia, obrigado.”

Ela deu de ombros. “Esses monstros nem vão saber o que os atingiu. Caçadoras, andando!”

Ela tocou no seu bracelete de prata, e seu escudo Aegis espiralou para sua forma completa. A cabeça de ouro da Medusa moldada no centro era tão horrível, que todos os campistas se afastaram. As Caçadoras desceram a avenida, seguidas por seus lobos e falcões, e eu tive a sensação de que o Túnel Lincoln estava a salvo por enquanto.

“Graças aos deuses,” Annabeth disse. “Mas se não bloquearmos os rios, proteger pontes e túneis será inútil.”

“Você tem razão,” falei.

Olhei para os campistas, todos estavam sorrindo e determinados. Eu tentei não me sentir como se essa fosse a última vez que eu os veria todos juntos.

“Vocês são os maiores heróis deste milênio,” eu disse a eles. “Não importa quantos monstros venham até vocês. Lutem bravamente, e nós venceremos.” Eu ergui Contracorrente e gritei, “PELO OLIMPO!”

Eles gritaram em resposta, e nossas quarenta vozes ecoaram pelos prédios do Centro. Por um momento souo valente, mas morreu rapidamente no silêncio de dez milhões de nova-iorquinos adormecidos.

Annabeth e eu teríamos escolhido um dos carros, mas eles estavam presos pára-choque com pára-choque no trânsito. Nenhum dos motores estava funcionando, o que era estranho. Parecia que os motoristas tiveram tempo de desligar a ignição antes de pegarem no sono. Ou talvez Morfeu tivesse o poder de pôr motores para dormir também. A maioria dos motoristas tentou encostar no meio-fio quando sentiu que ia desmaiar, mas mesmo assim as ruas ainda estavam muito cheias para circular.

Finalmente encontramos um mensageiro inconsciente encostado em uma parede de tijolos, ainda enroscado em sua Vespa vermelha. Nós o descemos da scooter e o deitamos na calçada.

“Foi mal, cara,” eu disse. Com alguma sorte eu conseguiria trazer a scooter dele de volta. E se eu não conseguisse, isso importaria muito pouco, pois a cidade teria sido destruída.

Eu dirigi com Annabeth na garupa, segurando-me pela cintura. Nós ziguezagueamos pela Broadway com nosso motor zunindo pela estranha calma. Os únicos sons eram celulares tocando de vez em quando – como se eles estivessem ligando uns para os outros, como se Nova York tivesse se transformado em um viveiro eletrônico gigante.

Nosso progresso era lento. Frequentemente passávamos por pedestres que tinham adormecido na frente do carro, e nós tínhamos que removê-los por precaução. Uma vez paramos para apagar o dono de um carrinho de pretzels que havia pego fogo. Poucos minutos depois, tivemos que resgatar um carrinho de bebê que estava indo rua abaixo sem controle. Então vimos que não tinha nenhum bebê dentro – só o poodle adormecido de alguém. Vai entender. Nós o estacionamos seguramente numa porta e continuamos a correr.

Estávamos passando pelo Madison Square Garden quando Annabeth disse, “Encoste.”

Eu parei no meio da East 23rd. Annabeth saltou e correu para o parque. Quando eu a alcancei, ela estava olhando uma estátua de bronze em um pedestal de mármore vermelho. Eu provavelmente passei por ela umas mil vezes, mas nunca prestei atenção.

O cara estava sentado numa cadeira com suas pernas cruzadas. Ele vestia um terno antigo – estilo Abraham Lincoln – com uma gravata borboleta, uma longa casaca e essas coisas. Um monte de livros de bronze estava empilhado embaixo de sua cadeira. Ele segurava uma pena de escrita em uma mão e uma grande folha de pergaminho de metal na outra.

“Por que nos importar com...” eu apertei os olhos para ver o nome no pedestal. “William H. Steward?”

“Seward,” Annabeth corrigiu. “Ele foi um governador de Nova York. Um semideus menor – filho de Hebe, eu acho. Mas isso não é importante. É com a estátua que me importo.”

Ela subiu no banco do parque e examinou a base da estátua.

“Não me diga que é um autômato,” falei.

Annabeth sorriu. “Parece que a maioria das estátuas da cidade é autômato. Dédalo os plantou aqui para o caso de precisar de um exército.”

“Para atacar o Olimpo ou defendê-lo?”

Annabeth deu de ombros. “Ambos. Esse era o plano vinte e três. Ele poderia ativar uma estátua e ela começaria a ativar seus semelhantes por toda a cidade, até que houvesse um exército. É perigoso, entretanto. Você sabe quão imprevisíveis os autômatos são.”

“Ah-ham,” eu disse. Nós tivemos nossa parte de más experiências com eles. “Você realmente está pensando em ativá-lo?”

“Eu tenho as anotações de Dédalo,” ela falou. “Acho que posso... ah, aqui vamos nós.”

Ela pressionou a ponta da bota de Seward, e a estátua se levantou, sua pena e papel prontos.

“O que ele vai fazer?” murmurei. “Um memorando?”

“Shh,” Annabeth disse. “Olá, William.”

“Bill,” sugeri.

“Bill... Ah, cala a boca,” Annabeth me disse. A estátua inclinou sua cabeça, olhando pra nós com seus olhos vazios de metal.

Annabeth limpou sua garganta. “Olá, er, Governador Seward. Sequência de comando: Dédalo Vinte e três. Defender Manhattan. Começar ativação.”

Seward pulou de seu pedestal. Ele atingiu o chão com tanta força que seus sapatos racharam a calçada. Depois ele correu retinindo para o oeste.

“Ele provavelmente vai acordar Confúcio,” Annabeth supôs.

“O quê?” eu disse.

“Outra estátua, na Divisa. A questão é que eles continuarão acordando um ao outro até todos estarem ativados.”

“E depois?”

“Com alguma esperança, eles irão defender Manhattan.”

“Eles sabem que nós não somos o inimigo?”

“Eu acho que sim.”

“Isso é bem animador.” Pensei em todas as estátuas de bronze nos parques, praças, e prédios de Nova York. Devia ter centenas, talvez milhares.

Então uma bola de brilho verde explodiu no céu noturno. Fogo Grego, em algum lugar no Rio East.

“Temos que nos apressar,” falei. E corremos para a Vespa.

Estacionamos do lado de fora da Battery Park, na parte mais baixa de Manhattan onde os rios Hudson e East se encontravam e desaguavam na baía.

“Espere aqui,” eu disse a Annabeth.

“Percy, você não deveria ir sozinho.”

“Bem, a menos que você consiga respirar debaixo d’água...”

Ela suspirou. “Você é *tão* irritante às vezes.”

“Como quando estou certo? Acredite em mim, eu ficarei bem. Eu tenho a maldição de Aquiles agora. Eu serei todo invencível e tal.”

Annabeth não pareceu convencida. “Só tenha cuidado. Não quero que nada aconteça com você. Quero dizer, porque precisamos de você para batalha.”

Eu sorri. “De volta em um flash.”

Eu desci pela costa e pulei na água.

Pra vocês, tipos que não-são-deuses-do-mar, não saiam nadando pela enseada de Nova York. Talvez não esteja tão imundo como na época da minha mãe, mas aquela água provavelmente faria crescer um terceiro olho em você ou ter filhos mutantes quando crescer.

Eu mergulhei na escuridão, nadando para o fundo. Tentei achar o ponto em que as correntes dos dois rios pareciam iguais – onde eles se encontravam para formar a baía. Imaginei que esse seria o melhor lugar para conseguir a atenção deles.

“EI!” gritei em minha melhor voz subaquática. O som ecoou na escuridão. “Eu ouvi dizer que vocês são tão poluídos que têm vergonha de mostrar suas caras. É verdade?”

Uma corrente fria ondulou pela baía, trazendo lixo e lodo.

“Eu ouvi que o rio East é o mais tóxico,” continuei. “Mas o Hudson cheira pior. Ou seria o contrário?”

A água brilhou. Alguma coisa poderosa e irritada estava me observando agora. Eu podia sentir sua presença... ou talvez *duas* presenças.

Estava com medo de ter calculado mal os insultos. E se eles me destruíssem sem aparecer? Mas esses eram os deuses dos rios de Nova York. Eu imaginei que seu instinto seria me jogar uns desaforos na cara.

De fato, duas formas gigantes apareceram na minha frente. Em um primeiro momento eles eram apenas colunas de lodo marrom escuro, mais densas do que a água ao seu redor. Então apareceram pernas, braços e rostos carrancudos.

A criatura da esquerda parecia perturbadoramente como um telequine. Suas feições eram de lobo. Seu corpo era vagamente como o de uma foca – preto lustroso com pés e mãos de barbatanas. Seus olhos brilhavam com um verde radioativo.

O cara na direita era mais humanóide. Ele estava vestido com trapos de algas marinhas, com um casaco-couraça feito de tampas de garrafas e velhos fixadores plásticos de pacotes de lata de seis unidades. Seu rosto estava manchado com algas, e sua barba era enorme. Seus olhos azuis profundos queimavam com raiva.

A foca, que tinha que ser o deus do rio East, disse, “Você está *tentando* se matar, garoto? Ou você só é muito burro?”

O espírito barbudo do Hudson debochou. “Você é o perito em estupidez, East.”

“Cuidado, Hudson,” o East grunhiu. “Fique do seu lado da ilha e cuide da sua vida.”

“Ou o quê? Você vai jogar outra barcaça de lixo em mim?”

Eles flutuaram um na direção do outro, prontos para lutar.

“Calma aí!” gritei. “Nós temos um problema maior.”

“O garoto está certo,” East rosnou. “Vamos *matá-lo* juntos, depois brigamos um com o outro.”

“Gostei da ideia,” Hudson disse.

Antes que eu pudesse protestar, milhares de pedaços de lixo surgiram do fundo e vieram direto pra mim de ambas as direções: vidros quebrados, pedras, latas, pneus.

Mas eu esperava por isso. A água na minha frente engrossou e formou um escudo. Os restos bateram sem causar dano. Só um pedaço passou – um grande pedaço de vidro que atingiu meu peito e provavelmente teria me matado, mas se despedaçou contra a minha pele.

Os dois deuses do rio olharam pra mim.

“Filho de Poseidon?” East perguntou.

Eu concordei com a cabeça.

“Tomou um banho no Styx?” Hudson questionou.

“Sim.”

Ambos fizeram sons de desgosto.

“Bem, isso é perfeito,” East disse. “Agora como o matamos?”

“Nós podemos eletrocutá-lo,” Hudson meditou. “Se pelo menos eu pudesse encontrar uns cabos –”

“Me escutem!” falei. “O exército de Cronos está invadindo Manhattan.”

“E você acha que já não sabemos disso?” East perguntou. “Eu posso sentir seus barcos agora mesmo. Eles estão quase cruzando.”

“Sim,” Hudson concordou. “Tem uns monstros imundos cruzando as minhas águas também.”

“Então os impeça,” eu disse. “Afogue-os. Afundem seus barcos.”

“Por que deveríamos?” Hudson grunhiu. “Então eles invadem o Olimpo. Por que nos importáramos?”

“Porque eu posso pagar vocês.” Peguei o dólar de areia que meu pai me dera de aniversário.

Os olhos dos deuses dos rios se arregalaram.

“É meu!” East disse. “Dê pra mim, garoto, e eu prometo que nenhuma das escórias de Cronos cruzará o meu rio.”

“Esqueça isso,” Hudson disse. “O dólar de areia é meu, a menos que você queira que eu deixe todos aqueles navios atravessarem o Hudson.”

“Vamos entrar num acordo.” Eu parti o dólar de areia pela metade. Uma onda de água limpa saiu da ruptura, como se toda a poluição na baía estivesse se dissolvendo.

“Cada um fica com metade,” eu disse. “Em troca, vocês mantêm todas as tropas de Cronos longe de Manhattan.”

“Ah, cara,” Hudson choramingou, esticando a mão para o dólar de areia. “Faz tanto tempo que estive limpo.”

“O poder de Poseidon,” o rio East murmurou. “Ele é um idiota, mas ele certamente sabe como varrer a poluição.”

Eles olharam um para o outro, então falaram juntos: “Temos um acordo.”

Eu dei a cada um a metade do dólar, que eles seguraram com reverência.

“Hum, os invasores?” perguntei.

East agitou a mão. “Eles acabaram de afundar.”

Hudson estalou os dedos. “Vários cães infernais acabaram de dar um mergulho.”

“Obrigado,” eu disse. “Fiquem limpos.”

Enquanto eu subia para superfície, East me chamou. “Ei, garoto, sempre que você tiver um dólar de areia pra gastar, volte. Se você estiver vivo.”

“Maldição de Aquiles,” Hudson bufou. “Eles sempre acham que isso irá salvá-los, não é?”

“Se ele ao menos soubesse,” East concordou. Ambos riram, dissolvendo-se na água.

De volta à superfície, Annabeth estava falando em seu celular, mas ela desligou assim que me viu. Ela parecia muito abalada.

“Funcionou,” eu disse a ela. “Os rios estão salvos.”

“Bom,” ela disse. “Porque temos outros problemas. Michael Yew acabou de ligar. Outra tropa está marchando pela ponte de Williamsburg. O chalé de Apolo precisa de ajuda. E Percy, o monstro liderando o inimigo... é o Minotauro.”





NÓS QUEBRAMOS UMA PONTE

Felizmente, Blackjack estava disponível.

Eu fiz o meu melhor assovio-para-chamar-táxi, e passados alguns minutos duas formas escuras circularam pelo céu. Elas se pareciam com falcões à primeira vista, mas a medida que iam descendo eu pude discernir as longas pernas galopantes dos pégasos.

E aí, chefe. Blackjack aterrissou com um trote, seu amigo Porkpie bem atrás dele. *Cara, pensei que esses deuses do vento iam nos mandar pra Pensilvânia antes de falarmos que estamos com você.*

“Obrigado por virem,” disse a ele. “Ei, por que os pégasos galopam enquanto voam mesmo?”

Blackjack relinchou. *Por que os humanos balançam os braços enquanto caminham? Sei não, chefe. Apenas parece certo. Pra onde?*

“Temos que ir à ponte Williamsburg,” falei.

Blackjack abaixou seu pescoço. *Você está certíssimo, chefe. Nós voamos por lá no caminho até aqui, e não parecia nada bem. Vamos nessa!*

No caminho para a ponte, um nó se formou na boca do meu estômago. O Minotauro foi um dos primeiros monstros que eu derrotara. Quatro anos atrás ele quase havia matado minha mãe na Colina Meio-Sangue. Eu ainda tinha pesadelos sobre isso.

Eu estava esperando que ele ficasse morto por alguns séculos, mas eu devia saber que a minha sorte não ia durar.

Nós vimos a batalha antes de estarmos perto o suficiente para ver quem eram os guerreiros. Era bem mais de meia noite agora, mas a ponte brilhava com luz. Carros estavam em chamas. Arcos de fogo corriam em ambas as direções conforme flechas flamejantes e lanças viajavam pelo ar.

Nós voamos baixo, e eu vi os campistas de Apolo recuando. Eles se escondiam atrás de carros e atiravam no exército que se aproximava, mandando flechas explosivas e jogando fogo grego na estrada, construindo barricadas de fogo sempre que podiam, retirando motoristas adormecidos de dentro dos carros para afastá-los do perigo. Mas o inimigo continuava avançando. Uma falange inteira de *dracaenae* marchava à frente, seus escudos travados juntos, pontas de lanças saindo do topo. Uma flecha ocasional acertava um tronco de cobra, ou um pescoço, ou uma fresta em sua amadura, e a azarada mulher cobra se desintegrava, mas a maioria das flechas de Apolo acertava a sua barreira de escudos sem causar danos. Cerca de mais de cem monstros marchavam atrás delas.

Cães infernais saltavam à frente da linha de tempos em tempos. A maioria foi destruída por flechas, mas um pegou um campista de Apolo e o levou embora. Eu não pude ver o que aconteceu com ele depois. Eu não queria saber.

“Ali!” Annabeth chamou das costas do seu pégasos.

Com certeza, no meio da legião invasora estava o velho Cabeça de Carne Moída em pessoa.

A última vez que eu vi o Minotauro, ele estava vestindo nada mais que suas cuecas apertadas. Eu não sabia por quê. Talvez ele tenha sido sacudido pra fora da cama pra me perseguir. Desta vez, ele estava preparado para a batalha.

Da cintura para baixo, ele usava um equipamento grego de batalha padrão – um avental do tipo saia de couro e abas de metal, placas de bronze cobrindo suas pernas, sandálias de tiras de couro. Sua parte de cima era de touro – pelo e couro e músculo levavam a uma cabeça tão grande que ele deveria ter tropeçado só com o peso dos chifres. Ele parecia maior desde a última vez que eu o vi – três metros de altura pelo menos. Um machado de lâmina dupla estava amarrado em suas costas, mas ele era muito impaciente para usá-lo. Assim que ele me viu circulando acima (ou me cheirou, provavelmente, já que sua visão era ruim), ele gritou e pegou uma limusine branca.

“Blackjack, mergulhe!” gritei.

O quê? O pégaso perguntou. *De jeito nenhum ele consegue... Santa comida de cavalo!* Estávamos pelo menos a trinta metros de altura, mas a limusine veio navegando na nossa direção, girando pára-choque atrás de pára-choque como um bumerangue de duas toneladas. Annabeth e Porkpie guinaram furiosamente para esquerda, enquanto Blackjack dobrou suas asas e mergulhou. A limusine passou sobre a minha cabeça, me errando por meio centímetro. Ela removeu as linhas de suspensão da ponte e caiu no rio East.

Monstros zombaram e gritaram, o Minotauro pegou um outro carro.

“Nos deixe atrás das linhas do chalé de Apolo,” eu disse a Blackjack. “Fique por perto, mas mantenha-se fora de perigo.”

Eu não vou discutir, chefe!

Blackjack pousou atrás de um ônibus tombado, onde alguns campistas se escondiam. Annabeth e eu saltamos assim que os cascos dos pégasos tocaram o chão. Então Blackjack e Porkpie voaram para o céu noturno.

Michael Yew correu até nós. Ele era definitivamente o menor comandante que eu já vira. Ele tinha um curativo no braço. Sua cara de furão estava manchada com fuligem e sua aljava estava quase vazia, mas ele sorria como se estivesse se divertindo muito.

“Que bom que se juntaram a nós,” ele disse. “Onde estão os outros reforços?”

“Por enquanto, somos nós,” falei.

“Então estamos mortos,” ele disse.

“Você ainda tem sua biga voadora?” perguntou Annabeth.

“Nem,” Michael respondeu. “Deixei no acampamento. Eu disse a Clarisse que podia ficar com ela. Que se exploda, sabe? Não vale mais a pena lutar por isso. Mas ela disse que era tarde demais. Nós insultamos a sua honra pela última vez ou alguma coisa estúpida assim.”

“Pelo menos você tentou,” eu disse.

Michael deu de ombros. “É, bem, eu a chamei de alguns nomes quando ela disse que mesmo assim não ia lutar. Duvido que tenha ajudado. Lá vêm os feiosos!”

Ele pegou uma flecha e a atirou contra o inimigo. A flecha fez um som penetrante enquanto voava. Quando aterrissou, ela liberou uma explosão como um acorde poderoso de uma guitarra elétrica ampliada pelos maiores amplificadores do mundo. Os carros mais próximos explodiram. Monstros deixaram suas armas caírem e tamparam seus ouvidos com dor. Outros correram. Outros se desintegraram no ato.

“Aquela foi minha última flecha sônica,” disse Michael.

“Presente do seu pai?” perguntei. “O deus da música?”

Michael sorriu perverso. “Música alta pode fazer mal. Infelizmente, nem sempre mata.”

Com certeza mais monstros se reagruparam, balançando confusos.

“Temos que recuar,” disse Michael. “Tenho Kayla e Austin colocando mais armadilhas mais pra baixo da ponte.”

“Não,” eu disse. “Traga os seus campistas para frente nesta posição e espere pelo meu sinal. Vamos mandar o inimigo de volta pro Brooklyn.”

Michael riu. “Como planeja fazer isso?”

Saquei minha espada.

“Percy,” Annabeth falou, “me deixe ir com você.”

“Muito perigoso,” respondi. “Além do mais, eu preciso que você ajude Michael a coordenar as linhas defensivas. Eu vou distrair os monstros. Vocês se reagrupam aqui. Tirem os mortais adormecidos do caminho. Então vocês podem ir eliminando os monstros enquanto os mantenho focados em mim. Se tem alguém que é capaz de fazer tudo isso é você.”

Michael bufou. “Valeu mesmo.”

Mantive meus olhos em Annabeth.

Ela concordou relutante. “Tudo bem. Vá em frente.”

Antes que pudesse perder minha coragem, eu disse, “Eu não ganho um beijo de boa sorte? É um tipo de tradição, certo?”

Imaginei que ela fosse me socar. Ao invés disso, ela puxou a sua faca e olhou para o exército vindo em nossa direção. “Volte com vida, Cabeça de Alga. Então veremos.”

Supus que seria a melhor oferta que eu conseguiria, então sai de trás do ônibus escolar. Subi caminhando pela ponte bem a vista, direto na direção do inimigo.

Quando o Minotauro me viu, seus olhos arderam de ódio. Ele berrou – o som era algo parecido entre um grito, um mugido, e um arrote realmente alto.

“Ei, Garoto Bife,” eu gritei de volta. “Eu já não matei você?”

Ele bateu com o punho no teto de um Lexus, e o amassou como uma folha de alumínio.

Algumas *dracaenae* atiraram dardos ardentes em mim. Eu as rebati para o lado. Um cão infernal atacou, mas eu desviei. Eu poderia esfaqueá-lo, mas hesitei.

Essa não é a Sra. O’Leary, lembrei a mim mesmo. Esse é um monstro selvagem. Ele vai matar a mim e a todos os meus amigos.

Ele atacou de novo. Desta vez eu trouxe Contracorrente em um arco mortal. O cão infernal desintegrou em poeira e pelo.

Mais monstros vieram a frente – cobras e gigantes e telequines – mas o Minotauro rugiu para eles, e eles recuaram.

“Mano a mano?” gritei. “Como nos velhos tempos?”

As suas narinas tremeram. Ele precisava seriamente manter um pacote de lenços com aloe vera no bolso da sua armadura, porque aquele nariz estava vermelho, molhado e muito nojento. Ele tirou seu machado e o girou.

Era bonito de um jeito eu-vou-te-destripar-como-um-peixe. Cada uma das suas lâminas gêmeas foi moldada com um ômega: Ω – a última letra do alfabeto grego. Talvez porque o machado fosse a última coisa que as suas vítimas veriam em suas vidas. O cabo era quase do mesmo tamanho que o Minotauro, bronze revestido com couro. Amarrados em volta de cada lâmina havia muitos colares de contas. Percebi que eram colares de conta do acampamento Meio-Sangue, tirados de semideuses derrotados.

Eu estava tão furioso, que imaginei meus olhos brilhando iguais aos do Minotauro. Eu levantei minha espada. O exército de monstros torceu pelo Minotauro, mas o som morreu assim que eu desviei seu primeiro golpe e cortei seu machado ao meio, bem entre as empunhaduras.

“Moo?” Ele grunhiu.

“HAAA,” eu girei e o chutei no focinho. Ele cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio, então abaixou a cabeça para atacar.

Ele nunca teve chance. Minha espada cintilou – cortando um chifre, depois o outro. Ele tentou me agarrar. Eu rolei para o lado, pegando metade do seu machado quebrado. Os outros monstros apoiaram em um silêncio petrificado, fazendo um círculo ao nosso redor. O Minotauro gritou de raiva. Ele nunca foi muito esperto para início de conversa,

mas a sua raiva o deixou descuidado. Ele investiu contra mim, eu corri para a borda da ponte, rompendo uma linha de *dracaenae*.

O Minotauro deve ter sentido o cheiro da vitória. Ele achou que eu estava tentando fugir. Seus guerreiros vibraram. Na beirada da ponte, eu me virei e preendi o machado contra a grade para receber o seu ataque. O Minotauro sequer diminuiu a velocidade.

CRUNCH!

Ele olhou para baixo surpreso ao ver o cabo do machado saindo da sua armadura.

“Obrigado por jogar,” disse a ele.

Eu o levantei pelas pernas e o atirei por cima da lateral da ponte. Mesmo enquanto caía, ele estava se desintegrando, tornando-se pó de novo, sua essência voltando para o Tártaro.

Eu me virei para o seu exercito. Agora era aproximadamente cento e noventa e nove contra um. Eu fiz o que era natural. Investi contra eles.

Você vai perguntar como essa coisa de “invencível” funciona: se eu magicamente desviei todas as armas, ou se as armas me atingiam e simplesmente não me feriam. Honestamente, eu não me lembro. Tudo que sabia era que eu não ia deixar aqueles monstros invadirem a minha cidade natal.

Eu fatiava armaduras como se fossem feitas de papel. Mulheres serpente explodiram. Cães infernais derreteram em sombras. Eu cortei e esfaqueei e rodopiei, e posso até ter gargalhado uma ou duas vezes – uma gargalhada louca que me assustou tanto quanto aos meus inimigos. Eu estava ciente dos campistas de Apolo atrás de mim atirando flechas, quebrando cada tentativa do inimigo de se reagrupar. Finalmente os monstros viraram e fugiram – vinte restavam vivos de duzentos.

Eu segui com os campistas de Apolo em meus calcanhares.

“Isso!” gritou Michael Yew. “Era disso que eu estava falando!”

Nós os levamos de volta para o lado do Brooklyn da ponte. O céu estava ficando pálido a leste. Eu podia ver o pedágio a frente.

“Percy!” gritou Annabeth. “Você já os colocou pra correr. Recue! Nós passamos do limite!”

Uma parte de mim sabia que ela estava certa, mas eu estava indo tão bem, eu queria destruir até o último monstro.

Então eu vi a multidão na base da ponte. Os monstros recuavam direto na direção dos seus reforços. Era um grupo pequeno, uns trinta ou quarenta semideuses em armadura de batalha, montados em cavalos esqueléticos. Um deles segurava uma bandeira roxa com o desenho de uma foice negra.

O cavaleiro que liderava trotou à frente. Ele tirou o seu elmo, e eu reconheci Cronos em pessoa, seus olhos como ouro derretido.

Annabeth e os campistas de Apolo vacilaram. Os monstros que estivéramos perseguindo alcançaram a linha do Titã e foram absorvidos pela nova força. Cronos olhou em nossa direção. Ele estava a quase meio quilômetro de distância, mas eu juro que pude vê-lo sorrindo.

“Agora,” eu disse, “nós recuamos.”

Os homens do Lorde Titã sacaram suas espadas e avançaram. Os cascos dos seus cavalos esqueléticos retumbando contra o pavimento. Nossos arqueiros dispararam uma saraivada, derrubando vários inimigos, mas eles continuavam avançando.

“Recuem!” Eu disse aos meus amigos. “Eu vou segurá-los.”

Em questão de segundos eles chegaram até mim.

Michael e seus arqueiros tentaram recuar, mas Annabeth ficou bem do meu lado, lutando com sua faca e seu escudo espelhado enquanto nós lentamente recuávamos para a ponte.

A cavalaria de Cronos girou ao nosso redor, golpeando e gritando insultos. O próprio Titã avançava vagarosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Sendo o senhor do tempo, acho que ele tinha. Tentei ferir seus homens, mas não matá-los. Isso me atrasou, mas estes não eram monstros. Eram semideuses que caíram sob o feitiço de Cronos. Eu não podia ver os rostos embaixo dos elmos de batalha, mas provavelmente alguns foram meus amigos. Eu cortei as pernas de seus cavalos, e fiz as montarias esqueléticas se desintegrarem. Depois que os primeiros semideuses caíram o resto achou melhor descer e me enfrentar a pé.

Annabeth e eu estávamos ombro a ombro, encarando direções opostas. Uma forma escura passou sobre mim, e eu me atrevi a olhar pra cima. Blackjack e Porkpie estavam mergulhando, chutando os nossos inimigos nos elmos como grandes pássaros kamikaze. Nós quase chegamos à metade da ponte quando algo estranho aconteceu. Senti um calafrio pela minha espinha – como aquele velho ditado sobre alguém andando sobre o seu túmulo. Atrás de mim, Annabeth gritou de dor.

“Annabeth!” Eu me virei a tempo de vê-la cair, agarrando seu braço. Um semideus com uma faca ensanguentada estava parado acima dela.

Em um segundo entendi o que acontecera. Ele havia tentado me esfaquear. Julgando pela posição da sua lâmina, ele teria me pego – talvez por pura sorte – na base das minhas costas, o meu único ponto fraco.

Annabeth havia interceptado a faca com seu próprio corpo.

Mas por quê? Ela não sabia do meu ponto fraco. Ninguém sabia.

Eu fixei meu olhar no semideus inimigo. Ele usava um tapa-olho sob o seu elmo: Ethan Nakamura, o filho de Nêmesis. De alguma forma ele havia sobrevivido à explosão do *Princesa Andrômeda*. Eu bati no seu rosto com o cabo da minha espada tão forte que denteei seu elmo.

“Para trás!” Eu cortei o ar em um amplo arco, mandando o resto dos semideuses para longe de Annabeth. “Ninguém toca nela!”

“Interessante,” Cronos disse.

Ele se agigantou sobre mim no seu cavalo esquelético, sua foice em uma mão. Ele estudou a cena com os olhos semicerrados como se pudesse sentir que eu estivera perto da morte, da mesma forma que um lobo fareja medo.

“Lutou bravamente, Percy Jackson,” ele disse. “Mas é hora de se render... ou a garota morre.”

“Percy, não,” Annabeth gemeu. Sua camisa estava encharcada de sangue. Eu tinha que tirá-la daqui.

“Blackjack!” gritei.

Rápido como a luz, o pégaso mergulhou e apertou seus dentes nas tiras da armadura de Annabeth. Eles subiram e se afastaram por sobre o rio tão rápido que o inimigo nem pode reagir.

Cronos rosou. “Algum dia em breve, eu vou fazer sopa de pégaso. Mas nesse meio tempo...” Ele desmontou, a sua foice brilhando na luz do amanhecer. “Eu vou arranjar outro semideus morto.”

Encontrei seu primeiro golpe com Contracorrente. O impacto abalou toda a ponte, mas eu mantive minha posição. O sorriso de Cronos oscilou.

Com um grito, chutei suas pernas dando uma rasteira. Sua foice deslizou sobre o pavimento. Eu golpeei para baixo, mas ele rolou para o lado e ficou de pé novamente. Sua foice voou de volta para suas mãos.

“Então...” ele me estudou, parecendo levemente irritado. “Você teve a coragem de visitar o Styx. Eu tive que pressionar Luke de várias maneiras para convencê-lo. Mas se

você tivesse fornecido meu corpo hospedeiro no lugar... Mas não importa. Eu ainda sou mais poderoso. Eu sou um TITÃ.”

Ele golpeou a ponte com a base da sua foice, e uma onda de pura força me arremessou para trás. Carros foram carregados. Semideuses – mesmo os homens de Luke – foram jogados para longe. Cordas de suspensão chicoteavam em volta, e eu derrapei meio caminho de volta para Manhattan.

Eu me levantei de forma instável. O restante dos campistas de Apolo havia quase chegado ao fim da ponte, com exceção de Michael Yew, que estava agarrado a um dos fios de suspensão a alguns metros de mim. Sua última flecha estava encaixada em seu arco.

“Michael, vá!” gritei.

“Percy, a ponte!” ele respondeu. “Já está fraca!”

Eu não entendi de primeira. Então olhei para baixo e vi fissuras no pavimento. Trechos da estrada estavam meio derretidos pelo fogo grego. A ponte tinha tomado uma surra da explosão de Cronos e das flechas explosivas.

“Quebre a ponte!” Michael gritou. “Use seus poderes!”

Era um pensamento desesperado – de jeito nenhum aquilo ia funcionar – mas eu apunhalei a ponte com Contracorrente. A lâmina mágica afundou até o cabo no asfalto. Água salgada jorrou da fissura como se eu tivesse atingido um gêiser. Arranquei a minha espada e a fissura aumentou. A ponte tremeu e começou a desintegrar. Pedacos do tamanho de casas caíram no rio East. Os semideuses de Cronos gritaram em alarme e correram de volta. Alguns foram derrubados. Em poucos segundos, um abismo de quinze metros se abriu na Ponte Williamsburg entre mim e Cronos.

As vibrações cessaram. Os homens de Cronos subiram na borda e olharam a queda de quarenta metros até o rio.

Contudo, eu não me sentia seguro. Os cabos de suspensão ainda estavam conectados. Os homens poderiam atravessar por ali se tivessem coragem suficiente. Ou talvez Cronos tivesse um jeito mágico para atravessar a lacuna.

O Lorde Titã estudou o problema. Ele olhou para trás para o sol nascente, então sorriu através do abismo. Ele ergueu a sua foice e fez uma saudação zombeteira. “Até esta noite, Jackson.”

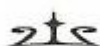
Ele montou no seu cavalo, fez um círculo e galopou de volta ao Brooklyn, seguido por seus guerreiros.

Eu me virei para agradecer Michael Yew, mas as palavras morreram em minha garganta. Seis metros adiante havia um arco caído na rua. O seu dono não podia ser visto em lugar nenhum.

“Não!” Eu vasculhei os destroços do meu lado da ponte. Olhei o rio fixamente. Nada. Gritei de raiva e frustração. O som durou e se propagou uma eternidade na quietude da manhã. Eu estava prestes a assoviar para Blackjack me ajudar a procurar, quando o telefone da minha mãe tocou. A tela de LCD anunciou que eu tinha uma chamada de Finklestein & Associados – provavelmente um semideus ligando de um telefone emprestado.

Atendi, esperando por boas notícias. Claro que eu estava errado.

“Percy!” Silena Beauregard soou como se estivesse chorando. “Plaza Hotel. É melhor você vir rápido e trazer um curandeiro do chalé de Apolo. É... é Annabeth.”



RACHEL FAZ UM ACORDO RUIM

Eu agarrei Will Solace do chalé de Apolo e falei para o resto dos irmãos dele continuarem procurando Michael Yew. Nós pegamos emprestada uma Yamaha FZI de um motoqueiro adormecido e dirigimos para o Hotel Plaza a uma velocidade que teria causado um ataque cardíaco na minha mãe. Eu nunca tinha dirigido uma moto antes, mas não era muito mais difícil do que montar um pégaso.

Ao longo do caminho, notei vários pedestais vazios que normalmente tinham estátuas. O plano vinte e três parecia estar dando certo. Eu não sabia se isso era bom ou ruim.

Levamos apenas cinco minutos para chegar ao Plaza – um hotel feito de pedras brancas antigas com um teto empenado azul, situado no canto sudeste do Central Park.

Taticamente falando, o Plaza não era o melhor lugar para um quartel general. Não era o prédio mais alto da cidade, ou o mais centralizado. Mas tinha um estilo antiquado e atraía muitos semideuses famosos ao longo dos anos, como os Beatles e Alfred Hitchcock, então pensei que estávamos em boa companhia.

Disparei com a Yamaha por cima do meio-fio e dei uma guinada parando na fonte do lado de fora do hotel.

Will e eu desembarcamos. A estátua no topo da fonte chamou, “Ah, ótimo. Suponho que você quer que eu vigie sua moto também!”

Ela era de tamanho natural feita de bronze, em pé no meio de uma bacia de granito. Vestia apenas um lençol de bronze em volta de suas pernas, e estava carregando uma cesta com frutas de metal. Eu nunca tinha prestado muita atenção nela antes. Mas, então, ela nunca tinha falado comigo antes.

“Você deve ser Deméter?” perguntei.

Uma maçã de bronze voou por cima da minha cabeça.

“Todo mundo pensa que sou Deméter!” ela reclamou. “Eu sou Pomona, a Deusa Romana da Fartura, mas por que *você* iria se importar? Ninguém se importa com os deuses menores. Se vocês se importassem com os deuses menores, não estariam perdendo esta guerra! Três vivas para Morfeu e Hécate, eu digo!”

“Vigie a moto,” falei pra ela.

Pomona praguejou em latim e arremessou mais frutas enquanto Will e eu corríamos em direção ao hotel.

Eu nunca estive dentro do Plaza. O saguão era impressionante, com candelabros de cristal e as pessoas ricas desmaiadas, mas não prestei muita atenção. Um par de Caçadoras nos indicou a direção para os elevadores, e nós fomos para as suítes da cobertura.

Semideuses tinham tomado completamente os últimos andares. Campistas e Caçadoras estavam esparramados em sofás, lavando-se nos banheiros, rasgando tapeçarias de seda para enfaixar suas feridas e servindo-se com lanches e refrigerantes dos frigobares. Um casal de lobos cinzentos estava bebendo água das privadas. Estava aliviado ao ver que muitos dos meus amigos tinham sobrevivido durante a noite, mas todos pareciam abatidos.

“Percy!” Jake Mason bateu no meu ombro. “Nós estamos recebendo relatórios —”

“Depois,” eu disse. “Onde está Annabeth?”

“No terraço. Ela está viva, cara, mas...”

Eu o empurrei e passei por ele.

Sob diferentes circunstâncias eu teria amado a vista do terraço. Via-se diretamente abaixo na direção do Central Park. A manhã estava clara e brilhante – perfeita para um piquenique ou uma caminhada, ou para fazer qualquer coisa, menos combater monstros. Annabeth estava deitada em uma espreguiçadeira. Sua face estava pálida e enopada de suor. Mesmo coberta com lençóis, ela tremia. Silena Beauregard estava enxugando sua testa com um pano frio.

Will e eu nos esprememos por entre um grupo de filhos de Atena. Will desamarrou as ataduras de Annabeth para examinar a lesão, e eu quis desmaiar. O sangramento havia parado, mas o corte parecia profundo. A pele em volta do corte estava num tom de verde horrível.

“Annabeth...” eu engasguei. Ela tinha levado aquela facada por mim. Como deixei isso acontecer?

“Veneno na adaga,” ela balbuciou. “Meio estúpido da minha parte, hã?”

Will Solace exalou de alívio. “Não é tão ruim, Annabeth. Alguns minutos a mais e nós estaríamos com problemas, mas o veneno ainda não passou do ombro. Apenas fique parada. Alguém me passe um pouco de néctar.”

Eu peguei um cantil. Will limpou a ferida com a bebida dos deuses enquanto eu segurava a mão de Annabeth.

“Ai,” ela disse. “Ai, ai!” Ela apertou meus dedos tão forte que eles ficaram roxos, mas ela ficou parada, como Will pediu. Silena murmurou palavras de incentivo. Will pôs um pouco de pasta prateada sobre a ferida e sussurrou palavras em grego antigo – um hino para Apolo. Então ele colocou bandagens frescas e levantou-se trêmulo.

A cura deve ter tirado muito de sua energia. Ele parecia quase tão pálido quanto Annabeth.

“Isso deve bastar,” ele disse. “Mas nós vamos precisar de alguns suprimentos mortais.”

Ele pegou um bloco de papel do hotel, rabiscou algumas anotações, e entregou para um dos filhos de Atena. “Há uma farmácia na Quinta Avenida. Normalmente eu nunca roubaria –”

“Eu roubaria,” Travis se voluntariou.

Will olhou fixamente para ele. “Deixem dinheiro ou dracmas para pagar, o que quer que vocês tenham, mas isso é uma emergência. Tenho a sensação que teremos muito mais pessoas para tratar.”

Ninguém discordou. Não havia quase nenhum semideus que já não tivesse sido ferido... exceto eu.

“Vamos lá, pessoal,” Travis Stoll disse. “Vamos dar algum espaço para Annabeth. Temos uma farmácia para saquear... quero dizer, visitar.”

Os semideuses saíram em desordem. Jake Mason agarrou meu ombro quando estava saindo. “Nós vamos conversar depois, mas está sob controle. Estou usando o escudo de Annabeth para manter um olho nas coisas. O inimigo recuou ao nascer do sol; não tenho certeza por qual motivo. Nós temos um vigia em cada ponte e túnel.”

“Valeu, cara,” eu disse.

Ele assentiu. “Leve o tempo que precisar.”

Ele fechou as portas do terraço atrás de si, deixando Silena, Annabeth e eu sozinhos.

Silena pressionou um pano gelado na testa de Annabeth. “Isso é tudo minha culpa.”

“Não,” Annabeth disse fracamente. “Silena, como isso é culpa sua?”

“Eu nunca fui boa em nada no acampamento,” ela murmurou. “Não como você ou Percy. Se eu fosse uma lutadora melhor...”

A boca dela tremeu. Desde que Beckendorf morreu, ela vinha piorando, e toda vez que eu olhava para ela, isso me deixava zangado com a morte dele de novo. A expressão dela me lembrava vidro – como se ela fosse quebrar a qualquer minuto. Jurei a mim mesmo que se eu encontrasse o espião que custou a vida do namorado dela, eu o daria à Sra. O’Leary como brinquedo de mastigar.

“Você é uma ótima campista,” falei para Silena. “Você é a melhor amazona de pégasos que nós temos. E você se dá bem com as pessoas. Acredite em mim, qualquer pessoa que consegue ser amiga da Clarisse tem talento.”

Ela me encarou com se eu tivesse acabado de lhe dar uma ideia. “É isso! Nós precisamos do chalé de Ares. Eu posso falar com Clarisse. Eu *sei* que posso convencê-la a nos ajudar.”

“Opa, Silena. Mesmo se você pudesse sair da ilha, Clarisse é tremendamente teimosa. Quando ela fica brava –”

“Por favor,” Silena disse. “Eu posso pegar um pégaso. Eu *sei* que consigo chegar no acampamento. Me deixe tentar.”

Troquei um olhar com Annabeth. Ela concordou levemente. Eu não gostava da ideia. Não achava que Silena tinha alguma chance de convencer Clarisse a lutar. Por outro lado, Silena estava tão distraída nesse momento que apenas se machucaria em batalha. Talvez mandá-la de volta para o acampamento daria a ela algo para se concentrar.

“Tudo bem,” falei pra ela. “Não consigo pensar em ninguém melhor para tentar.”

Silena jogou seus braços em volta de mim. Então ela recuou desajeitada, olhando para Annabeth. “Hum, desculpe. Obrigada, Percy! Não vou te decepcionar!”

Assim que ela saiu, eu me ajoelhei perto de Annabeth e pus a mão em sua testa. Ela ainda estava queimando.

“Você fica uma gracinha quando está preocupado,” ela murmurou. “Suas sobrancelhas ficam dobradas juntinhas.”

“Você *não* vai morrer enquanto eu lhe devo um favor,” eu disse. “Porque você tomou aquela facada?”

“Você teria feito o mesmo por mim.”

Era verdade. Acho que nós dois sabíamos disso. Ainda assim, eu sentia como se alguém estivesse espetando meu coração com uma fria vara de metal. “Como você sabia?”

“Sabia o quê?”

Olhei em volta para ter certeza que estávamos sozinhos. Então eu me curvei perto dela e sussurrei: “Meu ponto de Aquiles. Se você não tivesse levado aquela facada, eu teria morrido.”

Ela ficou com o olhar distante. Sua respiração tinha cheiro de uvas, talvez por causa do néctar. “Eu não sei, Percy. Eu apenas tive essa sensação de que você estava em perigo. Onde... onde é o ponto?”

Eu não deveria contar a ninguém. Mas era Annabeth. Se eu não pudesse confiar nela, não podia confiar em ninguém.

“Na parte de baixo das minhas costas.”

Ela levantou a mão. “Onde? Aqui?”

Ela pôs a mão na minha coluna, e minha pele formigou. Eu movi os dedos dela até o único ponto que me ligava à minha vida mortal. Mil volts de eletricidade pareciam arquear através do meu corpo.

“Você me salvou,” eu disse. “Obrigado.”

Ela retirou a mão, mas eu continuei segurando-a.

“Então você me deve uma,” ela disse fracamente. “O que mais é novidade?”

Nós observamos o sol cobrir a cidade. O trânsito deveria estar pesado a essa hora, mas não havia carros buzinando, nem multidões se movimentando pelas calçadas.

Bem longe, eu podia ouvir o alarme de um carro ecoando pelas ruas. Uma pluma de fumaça negra ondulava no céu em algum lugar sobre o Harlem. Imaginei quantos fogões foram deixados acesos quando o encanto de Morfeu aconteceu; quantas pessoas pegaram no sono enquanto preparavam o jantar. Logo, logo haveria mais incêndios. Todos em Nova York estavam em perigo – e todas aquelas vidas dependiam de nós.

“Você me perguntou por que Hermes estava com raiva de mim,” Annabeth disse.

“Ei, você precisa descansar –”

“Não, eu quero contar a você. Isso tem me incomodado há muito tempo.” Ela mexeu seu ombro e estremeceu. “Ano passado, Luke foi me ver em São Francisco.”

“Em pessoa?” Senti como se ela tivesse acabado de me acertar com uma marreta. “Ele foi até sua casa?”

“Isso foi antes de nós entrarmos no Labirinto, antes...” Ela vacilou, mas eu sabia o que ela queria dizer: *antes que ele se transformasse em Cronos*. “Ele veio sob uma bandeira de trégua. Falou que queria apenas cinco minutos para conversar. Ele parecia assustado, Percy. Ele me disse que Cronos ia usá-lo para conquistar o mundo. Disse que queria fugir, como nos velhos tempos. Ele queria que eu fosse com ele.”

“Mas você não confiou nele.”

“É claro que não. Pensei que era um truque. Além do que... bem, muitas coisas haviam mudado desde os velhos tempos. Eu disse a Luke que não tinha jeito. Ele ficou irado. Ele disse... ele disse que eu deveria lutar com ele ali mesmo, porque era a última chance que eu teria.”

A testa dela ficou ensopada de suor novamente. A história estava tomando muito de sua energia.

“Está tudo bem,” eu disse. “Tente descansar um pouco.”

“Você não entende, Percy. Hermes estava certo. Talvez se eu tivesse ido com ele, poderia ter feito com que ele mudasse de ideia. Ou – ou eu tinha uma faca. Luke estava desarmado. Eu poderia ter –”

“Matado Luke?” eu disse. “Você sabe que isso não teria sido correto.”

Ela fechou os olhos bem apertados. “Luke disse que Cronos iria usá-lo *como um degrau*. Foram exatamente essas as palavras dele. Cronos iria usar Luke, e se tornar ainda mais poderoso.”

“Ele fez isso,” eu disse. “Ele possuiu o corpo de Luke.”

“Mas e se o corpo de Luke for apenas uma transição? E se Cronos tem um plano para ficar ainda mais poderoso? Eu poderia ter impedido. A guerra é minha culpa.”

A história dela me fez sentir como se eu estivesse de volta ao Styx, dissolvendo lentamente. Lembrei do último verão, quando o deus de duas cabeças, Jano, tinha avisado Annabeth que ela teria que fazer uma escolha importante – e isso aconteceu *depois* que ela viu Luke. Pan também havia dito algo a ela: *Você desempenhará um papel importante, ainda que talvez não seja o papel que você imaginou*.

Eu queria perguntar a ela sobre a visão que Héstia me mostrara, sobre os primeiros dias dela com Thalia e Luke. Eu sabia que tinha algo a ver com a minha profecia, mas não entendia o quê.

Antes que eu pudesse tomar coragem, a porta do terraço se abriu. Connor Stoll caminhou para dentro.

“Percy.” Ele olhou rapidamente para Annabeth como se não quisesse falar nada ruim na frente dela, mas eu podia dizer que ele não estava trazendo notícias boas. “Sra. O’Leary acabou de chegar com Grover. Acho que você devia falar com ele.”

Grover estava fazendo um lanche na sala de estar. Ele estava vestido para batalha com uma camisa blindada feita de casca de árvore e fios retorcidos, com sua clava de madeira e sua flauta de bambu pendurados em seu cinto.

O chalé de Deméter tinha rapidamente armado um bufê completo nas cozinhas do hotel – tudo desde pizza até sorvete de abacaxi.

Infelizmente, Grover estava comendo a mobília. Ele já tinha mastigado o estofamento de uma cadeira extravagante e agora estava roendo o descanso de braço.

“Cara,” eu disse, “nós estamos apenas pegando este lugar emprestado.”

“Blah-ha-ha!” Ele tinha a cara coberta de estofamento. “Desculpe, Percy. É que... é mobília Luís XVI. *Deliciosa*. Além disso, eu sempre como mobília quando estou –”

“Quando você está nervoso,” eu disse. “É, eu sei. Então, o que está acontecendo?”

Ele bateu seus cascos no chão. “Escutei sobre Annabeth. Ela está...?”

“Ela vai ficar bem. Está descansando.”

Grover respirou fundo. “Isso é bom. Eu mobilizei a maioria dos espíritos da natureza na cidade – bem, aqueles que me escutaram, de qualquer modo.” Ele esfregou a testa. “Eu não fazia a menor ideia que bolotas podiam machucar tanto. De todo jeito, nós estamos ajudando o máximo que podemos.”

Ele me falou sobre os combates que tinha visto. A maioria deles estava cobrindo a parte superior da cidade, onde nós não tínhamos semideuses suficientes. Cães infernais haviam aparecido em todos os tipos de lugares, fazendo viagens pelas sombras para dentro das nossas linhas, e as dríades e sátiros estiveram lutando contra eles. Um jovem dragão aparecera no Harlem, e uma dúzia de ninfas da floresta morreu antes do monstro ser finalmente derrotado.

Enquanto Grover falava, Thalia entrou na sala com duas de suas tenentes. Ela assentiu para mim de modo severo, saiu para dar uma olhada em Annabeth, e voltou para dentro. Ela escutou enquanto Grover completou seu relatório – os detalhes ficando cada vez piores.

“Nós perdemos vinte sátiros contra alguns gigantes no Forte Washington,” ele disse, sua voz tremendo. “Quase metade eram meus parentes. Espíritos do rio afogaram os gigantes no final, mas...”

Thalia pôs o arco em seu ombro. “Percy, as forças de Cronos ainda estão se reunindo em cada ponte e túnel. E Cronos não é o único Titã. Uma de minhas Caçadoras avistou um homem enorme numa armadura dourada agrupando um exército na costa de Nova Jersey. Eu não tenho certeza de quem ele é, mas ele irradia poder como só um Titã ou um deus faz.”

Eu me lembrei do Titã dourado dos meus sonhos – aquele no Monte Ótris que tinha irrompido em chamas.

“Ótimo,” eu disse. “Alguma notícia boa?”

Thalia deu de ombros. “Nós lacramos os túneis de metrô para dentro de Manhattan. Minhas melhores preparadoras de armadilhas tomaram conta disso. Além disso, parece que o inimigo está esperando anoitecer para atacar. Acho que Luke” – ela se corrigiu – “quero dizer, Cronos, precisa de tempo para se regenerar após cada batalha. Ele ainda não está confortável em sua nova forma. Está tomando muito de seu poder para desacelerar o tempo em volta da cidade.”

Grover assentiu. “A maioria das forças dele são mais poderosas à noite, também. Mas eles estarão de volta após o pôr do sol.”

Tentei pensar claramente. “Ok. Alguma notícia dos deuses?”

Thalia balançou a cabeça. “Eu sei que Lady Ártemis estaria aqui se pudesse. Atena também. Mas Zeus ordenou que elas ficassem ao seu lado. Da última vez que escutei,

Tífon estava destruindo o vale do Rio Ohio. Ele deve alcançar as montanhas Apalaches por volta de meio-dia.”

“Então, na melhor das hipóteses,” eu disse, “nós temos mais dois dias antes que ele chegue.”

Jake Mason pigarreou. Ele ficara lá tão silenciosamente que quase esqueci que ele estava na sala.

“Percy, mais uma coisa,” ele disse. “O jeito como Cronos apareceu na Ponte Williamsburg, como se soubesse que você estava indo pra lá. E ele transferiu suas forças para os nossos pontos mais fracos. Logo que partimos, ele mudou a tática. Ele quase nem tocou o Túnel Lincoln, onde as Caçadoras estavam fortes. Ele buscou os nossos pontos fracos, como se ele soubesse.”

“Como se ele tivesse informação de dentro,” falei. “O espião.”

“Que espião?” exigiu Thalia.

Contei a ela do amuleto prateado que Cronos havia me mostrado, o dispositivo de comunicação.

“Isso é ruim,” ela disse. “Muito ruim.”

“Pode ser qualquer um,” Jake falou. “Todos nós estávamos lá quando Percy deu as ordens.”

“Mas o que podemos fazer?” perguntou Grover. “Revistar todos os semideuses até encontrar um amuleto em forma de foice?”

Todos eles olharam pra mim, esperando por uma decisão. Eu não podia me dar ao luxo de demonstrar o quão em pânico eu estava, ainda que as coisas parecessem sem esperança.

“Nós continuamos lutando,” eu disse. “Não podemos ficar obcecados com esse espião. Se nós suspeitarmos uns dos outros, vamos apenas nos separar. Vocês todos foram incríveis noite passada. Eu não poderia pedir um exército mais corajoso. Vamos fazer um rodízio de vigias. Descansem enquanto podem. Nós temos uma longa noite à nossa frente.”

Os semideuses balbuciaram em concordância. Eles seguiram em caminhos separados para dormir ou comer ou consertar suas armas.

“Percy, você também,” Thalia disse. “Nós vamos manter um olho nas coisas. Vá deitar. Nós precisamos de você em boa forma para hoje à noite.”

Eu não argumentei muito. Achei o quarto mais próximo e desabei na cama com dossel. Pensei que estava muito ligado para dormir, mas meus olhos fecharam quase imediatamente.

No meu sonho, vi Nico di Angelo sozinho nos jardins de Hades. Ele tinha acabado de cavar um buraco num dos canteiros de flores de Perséfone, o que eu achei que não faria a rainha muito feliz.

Ele despejou um cálice de vinho dentro do buraco e começou a entoar um cântico. “Deixe os mortos provarem novamente. Permita que eles se ergam e peguem esta oferenda. Maria di Angelo, apareça!”

Fumaça branca se acumulou. Uma figura humana se formou, mas não era a mãe de Nico. Era uma garota de cabelos pretos, pele azeitonada, e roupas prateadas de uma Caçadora.

“Bianca,” disse Nico. “Mas –”

Não convoque nossa mãe, Nico, ela alertou. *Ela é o único espírito que você está proibido de ver.*

“Por quê?” ele exigiu. “O que nosso pai está escondendo?”

Dor, Bianca falou. *Ódio. Uma maldição que se estende até a Grande Profecia.*

“O que você quer dizer?” disse Nico. “Eu preciso saber!”

O conhecimento irá apenas machucar você. Lembre-se do que eu disse: guardar rancor é um defeito mortal para as crianças de Hades.

“Eu sei disso,” disse Nico. “Mas eu não sou o mesmo que costumava ser, Bianca. Pare de tentar me proteger!”

Irmão, você não entende –

Nico bateu a mão através da névoa, e a imagem de Bianca se dissipou.

“Maria di Angelo,” ele disse novamente. “Fale comigo!”

Uma imagem diferente se formou. Era uma cena ao invés de um único fantasma.

Na névoa, eu vi Bianca e Nico criancinhas, brincando no saguão de um hotel elegante, perseguindo um ao outro em volta de colunas de mármore.

Uma mulher estava sentada em um sofá próximo. Ela usava um vestido negro, luvas e um chapéu preto com véu como uma estrela de cinema dos anos 40. Ela tinha o sorriso de Bianca e os olhos de Nico.

Em uma cadeira ao lado dela sentava um homem largo e oleoso em um terno preto de risca de giz. Chocado, percebi que era Hades. Ele estava se inclinando em direção à mulher, usando as mãos enquanto falava, como se estivesse agitado.

“Por favor, minha querida,” ele disse. “Você *deve* vir para o Mundo Inferior. Não me importo com o que Perséfone pensa! Posso mantê-la a salvo lá.”

“Não, meu amor.” Ela falava com um sotaque italiano. “Criar nossas crianças na terra dos mortos? Não vou fazer isso.”

“Maria, escute-me. A guerra na Europa virou os outros deuses contra mim. Uma profecia foi feita. Minhas crianças não estão mais seguras. Poseidon e Zeus me forçaram a um acordo. Nenhum de nós deve ter filhos semideuses nunca mais.”

“Mas você já *tem* Nico e Bianca. Certamente –”

“Não! A profecia avisa de uma criança que vai fazer dezesseis anos. Zeus decretou que os filhos que tenho atualmente devem ser levados ao Acampamento Meio-Sangue para *treinamento apropriado*, mas eu sei o que ele quer dizer. Na melhor das hipóteses eles serão vigiados, aprisionados, e tornados contra o próprio pai. Ainda mais provável, ele não vai correr o risco. Ele não vai permitir que minhas crianças semideusas façam dezesseis anos. Ele vai achar um jeito de destruí-las, e eu não vou arriscar isso!”

“*Certamente*,” disse Maria. “Nós vamos ficar juntos. Zeus é *un imbecile*.”

Eu não pude deixar de admirar a coragem dela, mas Hades olhou nervosamente para o teto. “Maria, por favor. Eu falei para você, Zeus me deu o prazo final de *semana passada* para entregar as crianças. A ira dele vai ser horrível, e eu não posso esconder você para sempre. Enquanto você estiver com as crianças, também vai estar em perigo.”

Maria sorriu, e de novo era esquisito o tanto que ela parecia com sua filha. “Você é um deus, meu amor. Você vai nos proteger. Mas eu não levarei Nico e Bianca para o Mundo Inferior.”

Hades torceu as mãos. “Então, há uma outra opção. Conheço um lugar no deserto onde o tempo não passa. Eu poderia mandar as crianças para lá, apenas por um tempo, para a segurança delas, e nós poderíamos ficar juntos. Eu vou construir um palácio de ouro para você à margens do Styx.”

Maria di Angelo riu gentilmente. “Você é um homem bondoso, meu amor. Um homem generoso. Os outros deuses deveriam vê-lo assim como eu, e eles não o temeriam tanto. Mas Nico e Bianca precisam da mãe deles. Além disso, são apenas crianças. Os deuses não os machucariam de verdade.”

“Você não conhece minha família,” Hades disse sombriamente. “Por favor, Maria, eu não posso perder você.”

Ela tocou os lábios dele com os dedos. “Você não vai me perder. Espere por mim enquanto pego minha bolsa. Olhe as crianças.”

Ela beijou o senhor dos mortos e se levantou do sofá. Hades a observou subir as escadas como se cada passo dela para longe causasse dor nele.

Um momento depois, ele ficou tenso. As crianças pararam de brincar como se tivessem sentido algo também.

“Não!” disse Hades. Mas mesmo os seus poderes de deus foram muito lentos. Ele apenas teve tempo de erguer um muro de energia negra em volta das crianças antes do hotel explodir.

A força foi tão violenta, que a imagem de névoa inteira se dissolveu. Quando entrou em foco novamente, vi Hades ajoelhado nas ruínas, segurando a forma quebrada de Maria di Angelo. Fogueiras ainda ardiam em volta dele. Relâmpagos brilhavam pelo céu, e trovões soavam.

Pequenos Nico e Bianca olhavam fixamente para sua mãe, sem compreender. A Fúria Alecto apareceu atrás deles, sibilando e batendo suas asas encouraçadas. As crianças não pareceram notá-la.

“Zeus!” Hades balançou seu punho para o céu. “Vou destruí-lo por isso! Vou trazê-la de volta!”

“Meu lorde, o senhor não pode,” Alecto avisou. “Você dentre todos os imortais deve respeitar as leis da morte.”

Hades ardeu de raiva. Pensei que ele ia mostrar sua forma verdadeira e vaporizar seus próprios filhos, mas no último momento ele pareceu retomar o controle.

“Leve-os,” ele disse para Alecto, segurando um soluço. “Limpe as memórias deles no rio Lethe e leve-os para o Hotel Lótus. Zeus não irá feri-los lá.”

“Como queira, meu lorde,” Alecto disse. “E o corpo da mulher?”

“Leve-a também,” ele disse amargamente. “Dê a ela os rituais antigos.”

Alecto, as crianças e o corpo de Maria se dissolveram em sombras, deixando Hades sozinho nas ruínas.

“Eu avisei você,” disse uma nova voz.

Hades se virou. Uma garota num vestido multicolorido estava em pé ao lado dos restos fumegantes do sofá. Ela tinha cabelo preto curto e olhos tristes. Ela não tinha mais que doze anos. Eu não a conhecia, mas ela parecia estranhamente familiar.

“Você ousa vir aqui?” rosnou Hades. “Eu deveria reduzi-la a pó!”

“Você não pode,” disse a garota. “O poder de Delfos me protege.”

Com um calafrio, percebi que estava olhando para o Oráculo de Delfos, no tempo em que ela estava viva e jovem. De algum jeito, vê-la assim era ainda mais assustador do que vê-la como uma múmia.

“Você matou a mulher que eu amava!” esbravejou Hades. “Sua profecia nos levou a isso!”

Ele se elevou pra cima da garota, mas ela não recuou.

“Zeus ordenou a explosão para matar as crianças,” ela disse, “porque você desafiou a vontade dele. Eu não tenho nada a ver com isso. E eu avisei você para escondê-los mais cedo.”

“Eu não podia! Maria não deixaria! Além disso, eles eram inocentes.”

“Ainda assim, eles são seus filhos, o que os faz perigosos. Mesmo que você os mantenha no Hotel Lótus, você apenas adia o problema. Nico e Bianca nunca poderão retornar ao mundo a menos que completem dezesseis anos.”

“Por causa da sua tão famosa Grande Profecia. E você me forçou a fazer um juramento para não ter outros filhos. Você me deixou sem nada!”

“Eu prevejo o futuro,” a garota disse. “Eu não posso mudá-lo.”

Fogo negro acendeu os olhos do deus, e eu sabia que algo ruim estava vindo. Eu quis gritar para a garota se esconder ou correr.

“Então, Oráculo, escute as palavras de Hades,” ele rugiu. “Talvez eu não possa trazer Maria de volta. Tampouco posso trazer a você uma morte precoce. Mas sua alma ainda é mortal, e eu *posso* amaldiçoar você.”

Os olhos da garota se arregalaram. “Você não iria –”

“Eu juro,” disse Hades, “enquanto minhas crianças permanecerem exiladas, enquanto eu sofrer sob a maldição da sua Grande Profecia, o Oráculo de Delfos nunca terá outro hospedeiro mortal. Você nunca descansará em paz. Nenhum outro vai tomar seu lugar. Seu corpo irá definhando e morrer, e ainda assim o espírito do Oráculo ficará trancado dentro de você. Você irá pronunciar suas profecias amargas até que se desintegre em nada. O Oráculo irá morrer com você!”

A garota gritou, e a imagem enevoada explodiu em pedaços. Nico caiu de joelhos no jardim de Perséfone, sua face branca de choque. Parado à sua frente estava o verdadeiro Hades, elevando-se em suas vestes negras e franzindo as sobrancelhas para seu filho.

“E exatamente o que,” ele perguntou para Nico, “você pensa que está fazendo?”

Uma explosão negra preencheu meus sonhos. Então o cenário mudou.

Rachel Elizabeth Dare estava andando ao longo de uma praia de areia branca. Ela vestia um maiô com uma camisa amarrada à sua cintura. Seus ombros e rosto estavam queimados de sol.

Ela se ajoelhou e começou a escrever com o dedo na areia molhada. Tentei ler as palavras. Achei que minha dislexia estava agindo até que percebi que ela estava escrevendo em grego antigo.

Aquilo era impossível. O sonho tinha que ser falso. Rachel terminou de escrever algumas palavras e murmurou, “Mas o quê?”

Eu consigo ler grego, mas apenas reconheci uma palavra antes que o mar lavasse o resto: Περσεύς. Meu nome: Perseus.

Rachel se levantou abruptamente e recuou da rebentação.

“Oh, deuses,” ela disse. “É *isso* que significa.”

Ela se virou e correu, chutando areia para trás enquanto se apressava para voltar para a vila de sua família.

Ela saltou os degraus do pórtico, respirando com dificuldade. O pai dela olhou por cima de seu *Jornal da Wall Street*.

“Pai.” Rachel marchou até ele. “Nós temos que voltar.”

A boca do pai dela se contorceu, como se ele estivesse tentando se lembrar de como sorrir. “Voltar? Nós acabamos de chegar.”

“Há problemas em Nova York. Percy está em perigo.”

“Ele ligou para você?”

“Não... não exatamente. Mas eu *sei*. É um pressentimento.”

Sr. Dare dobrou seu jornal. “Sua mãe e eu estivemos esperando por essas férias por um longo tempo.”

“Não, não estiveram! Vocês dois odeiam a praia! Vocês apenas são muito teimosos para admitir.”

“Agora, Rachel –”

“Estou lhe dizendo que há algo de errado em Nova York! A cidade inteira... não sei o quê exatamente, mas está sob ataque.”

O pai dela suspirou. “Acho que teríamos escutado algo desse tipo no noticiário.”

“Não,” Rachel insistiu. “Não esse tipo de ataque. Você já recebeu alguma ligação desde que chegamos aqui?”

O pai dela franziu a testa. “Não... mas é final de semana, no meio do verão.”

“Você *sempre* recebe ligações,” disse Rachel. “Você tem que admitir que isso é estranho.”

O pai dela hesitou. “Nós não podemos apenas ir embora. Nós gastamos muito dinheiro.”
“Olhe,” disse Rachel. “Papai... Percy precisa de mim. Preciso entregar uma mensagem. É questão de vida ou morte.”

“Que mensagem? Do que você está falando?”

“Não posso lhe dizer.”

“Então você não pode ir.”

Rachel fechou os olhos como se estivesse tomando coragem. “Pai... deixe-me ir, e eu faço um acordo com você.”

Sr. Dare sentou-se mais à frente. Acordos eram algo que ele entendia. “Estou escutando.”

“Academia Clarion para Moças. Eu – eu vou para lá no outono. Não vou nem reclamar. Mas você precisa me levar de volta para Nova York *agora*.”

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Então ele abriu seu telefone e fez uma ligação.

“Douglas? Prepare o avião. Nós estamos partindo para Nova York. Sim... imediatamente.”

Rachel jogou seus braços em volta dele, e seu pai pareceu surpreso, como se ela nunca o tivesse abraçado antes.

“Vou lhe retribuir, pai!”

Ele sorriu, mas sua expressão era fria. Ele a estudou como se não estivesse vendo sua filha – apenas a jovem moça que ele queria que ela fosse, uma vez que a Academia Clarion a tivesse transformado.

“Sim, Rachel,” ele concordou. “Certamente você vai.”

A cena desvaneceu. Eu murmurei no meu sonho: “Rachel, não!”

Eu ainda estava me debatendo e virando quando Thalia me sacudiu.

“Percy,” disse ela. “Venha logo. Já é fim de tarde. Nós temos visitas.”

Eu sentei, desorientado. A cama era tão confortável, e eu odiava dormir no meio do dia.

“Visitas?” falei.

Thalia assentiu sombriamente. “Um Titã quer ver você, sob uma bandeira de trégua. Ele tem uma mensagem de Cronos.”





UM TITÃ ME TRAZ UM PRESENTE

Nós podíamos ver a bandeira branca a um quilômetro de distância. Ela era do tamanho de um campo de futebol, carregada por um gigante de nove metros com uma pele azul brilhante e cabelo glacial branco.

“Um Hiperbóreo,” disse Thalia. “Os gigantes do norte. É um mau sinal que eles estejam do lado de Cronos. Geralmente eles são pacíficos.”

“Você os conheceu?” falei.

“Mmm. Há uma grande colônia em Alberta. Você *não* vai querer entrar em uma guerra de bolas de neve com aqueles caras.”

Conforme o gigante se aproximava, eu pude ver três enviados de tamanho humano com ele: um meio-sangue de armadura, um demônio *empousa* em um vestido preto e cabelo flamejante e um homem alto em um smoking. A *empousa* segurava o braço do cara de smoking, então eles pareciam um casal indo para um show da Broadway ou algo do tipo – exceto pelo cabelo flamejante dela e as presas.

O grupo caminhou calmamente em direção ao Hecksher Playground. Os balanços e as quadras de basquete estavam vazios. O único som vinha da fonte no Unpire Rock.

Olhei para Grover. “O cara de smoking é o Titã?”

Ele assentiu nervosamente. “Ele parece um mago. Eu odeio magos. Eles geralmente têm coelhos.”

Eu o encarei. “Você tem medo de coelhinhos?”

“Blah-hah-hah! Eles são grandes encenqueiros. Sempre roubando aipo de sátiros indefesos.”

Thalia tossiu.

“O quê?” Grover demandou.

“Vamos ter que trabalhar essa sua fobia de coelhinhos depois,” eu disse. “Eles estão vindo.”

O homem de smoking deu um passo a frente. Ele era mais alto que um humano médio – mais de dois metros. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo. Grandes óculos escuros cobriam seus olhos, mas o que realmente chamou minha atenção foi a sua pele. Estava coberta de arranhões, como se ele tivesse sido atacado por um pequeno animal – um hamster muito, *muito* louco, talvez.

“Percy Jackson,” ele disse em uma voz sedosa. “É uma grande honra.”

A sua amiga *empousa* sibilou pra mim. Ela provavelmente havia ouvido sobre como eu destruí duas das suas irmãs no verão passado.

“Minha querida,” o cara de smoking disse a ela. “Por que não se senta por ali, hã?”

Ela largou seu braço e foi até um banco de praça.

Eu dei uma olhadela no semideus atrás do cara de smoking. Eu não o havia reconhecido no seu novo elmo, mas era meu velho companheiro-que-apunhala-pelas-costas, Ethan Nakamura. O seu nariz parecia um tomate amassado da nossa briga na ponte Williamsburg. Isso me fez sentir melhor.

“Ei, Ethan,” eu disse. “Sua aparência está boa.”

Ele me olhou fixamente.

“Ao trabalho.” O cara de smoking estendeu sua mão. “Sou Prometeu.”

Eu fiquei surpreso demais para apertar a mão dele. “O sujeito ladrão-de-fogo? O cara acorrentado-a-uma-rocha-com-os-corvos?”

Prometeu estremeceu. Ele tocou os arranhões em seu rosto. “Por favor, não mencione os corvos. Mas sim, eu roubei o fogo dos deuses e dei aos seus antepassados. Em retorno, o sempre piedoso Zeus me fez ser acorrentado a uma pedra e torturado pela eternidade.”

“Mas –”

“Como fiquei livre? Hércules fez isso, eras atrás. Então você vê, eu tenho um fraco por heróis. Alguns de vocês podem ser bem civilizados.”

“Diferente da sua companhia que você mantém,” eu notei.

Eu estava olhando para Ethan, mas Prometeu aparentemente pensou que eu me referia à *empousa*.

“Oh, demônios não são tão ruins,” ele disse. “Você só tem que mantê-los bem alimentados. Agora, Percy Jackson, vamos conferenciar.”

Ele me levou até uma mesa de piquenique e nos sentamos. Thalia e Grover ficaram em pé atrás de mim.

O gigante azul encostou a sua bandeira em uma árvore, e distraidamente começou a brincar no parquinho. Ele pisou no trepa-trepa e arrebentou com as barras, mas ele não parecia enfurecido. Ele apenas franziu o cenho e disse, “Uh-oh.” Então ele pisou na fonte e quebrou a bacia de concreto pela metade. “Uh-oh.” A água congelou onde seu pé tocou. Um monte de bichos de pelúcia estava pendurado no seu cinto – o tipo grande que se ganha como prêmio máximo em jogos. Ele me lembrou Tyson, e a ideia de lutar com ele me deixou triste.

Prometeu se ajoitou e cruzou os dedos. Ele parecia sério, gentil e sábio. “Percy, a sua posição é fraca. Você sabe que não é capaz de aguentar outro assalto.”

“Veremos.”

Prometeu pareceu pesaroso, como se ele realmente se importasse com o que acontecesse comigo. “Percy, eu sou o Titã da premonição. Eu sei o que vai acontecer.”

“Também o Titã do conselho astuto,” Grover se intrometeu. “Ênfase no *astuto*.”

Prometeu deu de ombros. “É verdade, sátiro. Mas eu apoiei os deuses na última guerra. Eu disse a Cronos ‘Você não tem a força. Você vai perder.’ E eu estava certo. Então você vê, eu sei como escolher o lado vencedor. Desta vez, estou apoiando Cronos.”

“Porque Zeus acorrentou você a uma pedra,” supus.

“Em parte, sim. Não vou negar que quero vingança. Mas essa não é a única razão para apoiar Cronos. É a escolha mais sábia. Estou aqui porque pensei que você poderia ouvir a razão.”

Ele desenhou um mapa na mesa com o dedo. Onde quer que ele tocasse, uma linha dourada aparecia, brilhando no concreto. “Isto é Manhattan. Nós temos tropas aqui, aqui, aqui, e aqui. Nós sabemos seus números. Nós superamos vocês em vinte contra um.”

“Seu espião tem mantido vocês informados,” adivinhei.

Prometeu sorriu desculpando-se. “De qualquer forma, nossas forças vêm aumentando a cada dia. Hoje a noite, Cronos vai atacar. Vocês serão massacrados. Vocês lutaram bravamente, mas não há como protegerem toda Manhattan. Vocês serão forçados a recuar até o prédio Empire State. Lá vocês serão destruídos. Eu vi isso. *Vai acontecer*.”

Pensei na imagem que Rachel havia desenhado nos meus sonhos – um exército na base do Empire State. Eu me lembrei das palavras da menina Oráculo no meu sonho: “*Eu vejo o futuro. Não posso mudá-lo.*” Prometeu falou com tanta certeza que era difícil não acreditar nele.

“Não vou deixar que aconteça,” eu disse.

Prometeu espanou um cisco na lapela do seu smoking. “Entenda, Percy. Você está relutando a Guerra de Tróia aqui. Padrões se repetem na história. Eles reaparecem como os monstros. Um grande cerco. Dois exércitos. A única diferença é, desta vez vocês estão defendendo. *Vocês* são Tróia. E você sabe o que aconteceu com os troianos, não sabe?”

“Então vocês vão enfiar um cavalo de madeira no elevador do Empire State?” perguntei. “Boa sorte.”

Prometeu sorriu. “Tróia foi completamente destruída, Percy. Você não vai querer que isso aconteça aqui. Saia do caminho, e Nova York será poupada. Anistia será concedida às suas forças. Eu vou pessoalmente me assegurar da sua segurança. Deixe Cronos tomar o Olimpo. Quem se importa? Tífon vai destruir os deuses de qualquer maneira.”

“Certo,” eu disse. “E eu devo acreditar que Cronos vai poupar a cidade.”

“Tudo que ele quer é o Olimpo,” Prometeu garantiu. “O poder dos deuses está ligado aos seus tronos de poder. Você viu o que aconteceu com Poseidon quando seu palácio subaquático foi atacado.”

Eu estremei, lembrando quão velho e decrépito meu pai pareceu.

“Sim,” Prometeu disse tristemente. “Eu sei que isso foi difícil pra você. Quando Cronos destruir o Olimpo, os deuses serão enfraquecidos. Eles ficarão tão vulneráveis que serão facilmente derrotados. Cronos iria preferir fazer isso enquanto Tífon mantém os Olimpianos distraídos no oeste. Muito mais fácil. Poucas vidas perdidas. Mas não se engane, o melhor que vocês podem fazer é nos atrasar. Depois de amanhã, Tífon chegará a Nova York, e vocês não terão a mínima chance. Os deuses e o Monte Olimpo ainda serão destruídos, mas será pior. Muito, muito pior para você e a sua cidade. De qualquer maneira, os Titãs irão governar.”

Thalia bateu seu punho na mesa. “Eu sirvo Ártemis. As Caçadoras lutarão até seu último suspiro. Percy, você com certeza não vai dar ouvidos a essa baboseira, vai?”

Eu achei que Prometeu fosse avançar nela, mas ele sorriu. “A sua coragem lhe dá crédito, Thalia Grace.”

Thalia endureceu. “Esse é o sobrenome da minha mãe. Eu não o uso.”

“Como desejar,” disse Prometeu casualmente, mas eu podia dizer que ele a havia atingido. Eu nunca havia sequer ouvido o sobrenome de Thalia. De algum jeito isso a fazia parecer quase normal. Menos misteriosa e poderosa.

“De qualquer forma,” o Titã disse, “você não precisa ser minha inimiga. Eu sempre fui um auxiliar da humanidade.”

“Isso é um monte de esterco de Minotauro,” Thalia disse. “Quando a humanidade começou a oferecer sacrifícios para os deuses, você os enganou para darem a você a melhor parte. Você nos deu fogo para incomodar os deuses, não porque se importava conosco.”

Prometeu balançou a cabeça. “Você não entende. Eu ajudei a moldar a sua natureza.”

Um pedaço de argila maleável apareceu em suas mãos. Ele o moldou em um pequeno boneco com braços e pernas. O pequeno homem não tinha olhos, mas cambaleou sobre a mesa, tropeçando nos dedos de Prometeu.

“Eu venho sussurrando nos ouvidos dos homens desde o começo da sua existência. Eu represento a sua curiosidade, seu senso de exploração, sua inventividade. Ajude-me a salvar vocês, Percy. Faça isso, e eu darei um novo presente à humanidade – uma nova revelação que irá colocá-los tanto para frente como o fogo fez. Vocês não podem fazer este tipo de avanço com os deuses. Eles nunca permitirão isso. Mas esta pode ser uma nova era de ouro para vocês. Ou...” Ele fechou o punho e esmagou o homem de argila transformando-o em uma panqueca.

O gigante azul estrondou, “Uh-oh.” Sobre o banco do parque, a *empousa* mostrou suas presas em um sorriso.

“Percy, você sabe que os Titãs e seus descendentes não são todos maus,” Prometeu disse. “Você conheceu Calypso.”

Minha face ficou quente. “Isso é diferente.”

“Como? Tanto quanto eu, ela não fez nada de errado, e mesmo assim ela foi exilada para sempre simplesmente por ser filha de Atlas. Nós não somos seus inimigos. Não deixe que o pior aconteça,” ele pediu. “Nós lhe oferecemos paz.”

Eu olhei para Ethan Nakamura. “Você deve odiar isto.”

“Não sei o que você quer dizer.”

“Se nós fizermos esse acordo, você não terá vingança. Você não poderá matar a nós todos. Não é isso que você quer?”

O seu olho bom se alargou. “Tudo que quero é respeito, Jackson. Os deuses nunca me deram isso. Vocês querem que eu vá para o seu estúpido acampamento, passe meu tempo amontoado no chalé de Hermes porque eu não sou importante? Sequer reconhecido?”

Ele soou como Luke quando ele tentou me matar na floresta do acampamento quatro anos atrás. A memória fez minha mão doer onde o escorpião do submundo havia me picado.

“Sua mãe é a deusa da vingança,” eu disse a Ethan. “Nós deveríamos respeitar isso?”

“Nêmesis traz equilíbrio! Quando uma pessoa tem sorte de mais, ela a puxa pra baixo.”

“Foi por isso que ela pegou o seu olho?”

“Foi pagamento,” ele grunhiu. “Em troca, ela jurou que um dia eu iria equilibrar a balança do poder. Eu traria respeito aos deuses menores. Um olho foi um pequeno preço a pagar.”

“Grande mãe.”

“Ao menos ela mantém sua palavra, ao contrário dos Olímpianos. Ela sempre paga as suas dívidas – boas ou ruins.”

“É,” eu disse. “Então eu salvei a sua vida, e você me paga erguendo Cronos. Isso é justo.”

Ethan agarrou o punho da sua espada, mas Prometeu o deteve.

“Bem, bem,” o Titã disse. “Estamos em uma missão diplomática.”

Prometeu me estudou como se estivesse tentando entender a minha raiva. Então ele assentiu como se tivesse acabado de pegar algo do meu cérebro.

“Incomoda você o que aconteceu com Luke,” ele decidiu. “Hestia não lhe mostrou toda a história. Talvez se você entendesse...”

O Titã ergueu a mão.

Thalia gritou um aviso, mas antes que eu pudesse reagir, o dedo indicador de Prometeu tocou a minha testa.

De repente eu estava de volta à sala de estar de May Castellan. Velas cintilavam sobre a lareira, refletiam nos espelhos ao longo das paredes. Através da porta da cozinha eu podia ver Thalia sentada à mesa enquanto a Sra. Castellan enfaixava a sua perna ferida. Uma Annabeth de sete anos de idade sentava ao seu lado, brincando com a Medusa de pelúcia.

Hermes e Luke se mantinham separados na sala de estar.

A face do deus parecia líquida à luz das velas, como se não soubesse que forma adotar. Ele estava vestido com roupas de corrida azul marinho e Reeboks alados.

“Por que se mostrar agora?” Luke demandou. Seus ombros estavam tensos, como se esperasse uma briga. “Todos esses anos eu venho chamando por você, pedindo para que aparecesse, e nada. Você me abandonou com *ela*.” Ele apontou para a cozinha como se não pudesse olhar para sua mãe, muito menos dizer seu nome.

“Luke, não a desonre,” Hermes advertiu. “A sua mãe fez o melhor que pôde. Quanto a mim, eu não podia interferir. Os filhos dos deuses têm que encontrar os seus próprios caminhos.”

“Então foi para o meu bem. Crescendo nas ruas, cuidando de mim mesmo, lutando com monstros.”

“Você é meu filho,” Hermes disse. “Eu sabia que você tinha a habilidade. Quando eu era apenas um bebê, eu escalei meu berço para –”

“Eu não sou um deus! Somente uma vez, você poderia ter dito alguma coisa. Poderia ter me ajudado quando –” ele respirou, trêmulo, abaixando a sua voz para que ninguém na cozinha pudesse ouvir – “quando ela tinha um dos seus *ataques*, me chacoalhando e dizendo coisas malucas sobre o meu destino. Quando eu me escondia no armário para que ela não me encontrava com aqueles... aqueles olhos brilhantes. Você sequer se *importou* se eu estava assustado? Você pelo menos soube quando eu finalmente fugi?”

Na cozinha, Sra. Castellan falava animada, colocando suco para Thalia e Annabeth enquanto contava a elas histórias de quando Luke era bebê. Thalia coçava a sua perna com curativo nervosamente. Annabeth olhou para a sala de estar e ergueu um biscoito queimado para Luke ver. Ela mexeu os lábios sem emitir som, *Podemos ir agora?*

“Luke, eu me importo muito,” Hermes disse vagarosamente, “mas os deuses não podem interferir diretamente em assuntos humanos. Essa é uma das nossas Leis Antigas. Especialmente quando o seu destino...” Sua voz foi desaparecendo. Ele fitou as velas como se lembrasse de algo desagradável.

“O quê?” Luke perguntou. “O que tem o meu destino?”

“Você não deveria ter voltado,” Hermes murmurou. “Isso apenas perturba a vocês dois. De qualquer modo, eu vejo agora que você está ficando muito velho para ficar por aí sem ajuda. Vou falar com Quíron no Acampamento Meio-Sangue e pedir para que ele mande um sátiro para buscar você.”

“Nós estamos indo bem sem a sua ajuda,” Luke grunhiu. “Agora, o que você estava falando sobre o meu destino?”

As asas nos Reeboks alados de Hermes se agitaram nervosamente. Ele estudou o seu filho como se tentasse gravar o seu rosto, e de repente uma sensação fria passou por mim. Percebi que Hermes *sabia o que* os murmúrios de May Castellan significavam. Eu não sabia muito bem como, mas olhando para a sua face eu tive certeza. Hermes sabia o que aconteceria a Luke algum dia, como ele se tornaria mau.

“Meu filho,” ele disse. “Eu sou o deus dos viajantes, o deus das estradas. Se há algo que eu sei, é que você tem que trilhar seu próprio caminho, mesmo que isso rache meu coração.”

“Você não me ama.”

“Eu prometo que eu... eu amo você. Vá para o acampamento. Eu verei para que você receba uma missão logo. Talvez você possa derrotar a hidra, ou roubar as maçãs das Hespérides. Você vai ter a chance de ser um herói antes...”

“Antes do que?” A voz de Luke tremia agora. “O que minha mãe viu que a fez ficar assim? O que vai acontecer comigo? Se você me ama, me *conte*.”

A expressão de Hermes endureceu. “Eu não posso.”

“Então você não se importa!” Luke gritou.

Na cozinha, a conversa morreu abruptamente.

“Luke?” May Castellan chamou. “É você? Meu garoto está bem?”

Luke se virou para esconder seu rosto, mas eu pude ver as lágrimas nos seus olhos. “Eu estou bem. Eu tenho uma nova família. Eu não preciso de nenhum de vocês.”

“Eu sou seu pai,” Hermes insistiu.

“Um *pai* deve estar por perto. Eu nunca sequer *conheci* você. Thalia, Annabeth, vamos! Estamos saindo!”

“Meu menino, não vá!” May Castellan chamou por ele. “Eu tenho o seu lanche preparado.”

Luke saiu como uma tempestade pela porta, Thalia e Annabeth se arrastando atrás dele. May Castellan tentou segui-lo, mas Hermes a puxou de volta.

Quando a porta bateu, May Castellan caiu nos braços de Hermes e começou a tremer. Seus olhos se abriram – brilhando verdes – e ela agarrava desesperada os ombros de Hermes.

“*Meu filho,*” ela sibilou em uma voz seca. “*Perigo. Destino terrível!*”

“Eu sei, meu amor,” Hermes disse tristemente. “Acredite em mim, eu sei.”

A imagem sumiu. Prometeu afastou o dedo da minha testa.

“Percy?” Thalia perguntou. “O que... o que foi aquilo?”

Percebi que estava ensopado em suor.

Prometeu assentiu simpaticamente. “Assustador, não é? Os deuses sabem o que está por vir, e mesmo assim não fazem nada, nem pelos seus filhos. Quanto tempo levou para que lhe contassem a *sua* profecia, Percy Jackson? Você acredita que o seu pai não sabe o que vai acontecer com você?”

Eu estava muito atordoado para responder.

“Perrrcy,” Grover advertiu, “ele está brincando com a sua mente. Tentando te deixar bravo.”

Grover podia ler emoções, então provavelmente ele sabia que Prometeu estava tendo sucesso.

“Você realmente culpa o seu amigo Luke?” o Titã me perguntou. “E quanto a você, Percy? Você será controlado pelo seu destino? Cronos oferece um acordo muito melhor.”

Eu fechei meus punhos. Por mais que eu odiasse o que Prometeu havia me mostrado, eu odiava Cronos ainda mais. “Eu te dou um acordo. Diga a Cronos para cancelar o seu ataque, deixar o corpo de Luke Castellan, e voltar para as profundezas do Tártaro. Então, talvez, eu não tenha que destruí-lo.”

A *empousa* rosou. O seu cabelo explodiu em chamas vivas, mas Prometeu apenas suspirou.

“Se você mudar de ideia,” ele disse, “eu tenho um presente para você.”

Um vaso grego apareceu sobre a mesa. Ele tinha uns noventa centímetros de altura e trinta de largura, ornamentado com desenhos geométricos em preto e branco. A tampa de cerâmica possuía um arnês de couro.

Grover choramingou quando o viu.

Thalia engasgou. “Esse não é –”

“Sim,” Prometeu disse. “Você o reconhece.”

Olhando para o jarro, tive uma estranha sensação de medo, mas não tinha ideia por quê.

“Isso pertenceu a minha cunhada,” Prometeu explicou. “Pandora.”

Um nó se formou em minha garganta. “Com em a caixa de Pandora?”

Prometeu balançou a cabeça. “Eu não sei como esse negócio de *caixa* começou. Nunca foi uma caixa. Era um *pithos*, um jarro de armazenamento. Eu suponho que o *pithos* de Pandora não soe tão bem, mas isso não importa. Sim, ela abriu este jarro, que contém muitos dos demônios que agora atacam a humanidade – medo, morte, fome, doença.”

“Não se esqueça de mim,” a *empousa* ronronou.

“Realmente,” Prometeu concedeu. “A primeira *empousa*, que também estava aprisionada neste jarro, foi libertada por Pandora. Mas o que eu acho curioso sobre esta história – Pandora sempre leva a culpa. Ela foi punida por ser curiosa. Os deuses gostariam que você acreditasse que essa é a lição: a humanidade não deve explorar. Não deve fazer perguntas. Eles devem fazer o que lhes mandam fazer. Na verdade, Percy, este jarro foi uma armadilha feita por Zeus e os outros deuses. Foi vingança contra *mim* e toda a minha família – meu pobre e simples irmão Epimeteu e a sua esposa Pandora. Os deuses sabiam que ela abriria o jarro. Eles estavam dispostos a punir toda a raça humana conosco.”

Eu pensei no meu sonho com Hades e Maria di Angelo. Zeus destruíra um hotel inteiro para eliminar duas crianças semideusas – só para salvar a sua própria pele, porque ele estava com medo da profecia. Ele havia matado uma mulher inocente, e provavelmente não perdeu nenhuma noite de sono por isso. Hades não era melhor. Ele não era poderoso o suficiente para ter sua vingança sobre Zeus, então ele amaldiçoou o Oráculo, condenando uma jovem garota a um destino horrível. E Hermes... por que ele abandonou Luke? Por que ele pelo menos não advertiu Luke, ou então tentou criá-lo melhor para que ele não se tornasse mau?

Talvez Prometeu estivesse brincando com minha mente.

Mas e se ele estiver certo? parte de mim questionou. *São os deuses melhores que os Titãs?*

Prometeu deu um tapinha na tampa do jarro de Pandora. “Somente um espírito permaneceu dentro quando Pandora o abriu.”

“Esperança,” eu disse.

Prometeu pareceu satisfeito. “Muito bem, Percy. Elpis, o Espírito da Esperança, não abandonaria a humanidade. Esperança não vai embora se não lhe for dada permissão. Ela só pode ser libertada por um filho do homem.”

O Titã passou o jarro através da mesa.

“Eu lhe dou isso como um lembrete de como os deuses são,” ele disse. “Fique com Elpis, se quiser. Mas se você decidir que já viu destruição suficiente, sofrimento inútil suficiente, então abra o jarro. Deixe Elpis ir. Desista da Esperança, e eu saberei que está se rendendo. Prometo que Cronos será clemente. Ele poupará os sobreviventes.”

Eu olhei para o jarro e tive uma sensação muito ruim. Eu imaginei que Pandora havia sido totalmente SDAH, como eu. Eu nunca pude deixar as coisas de lado. Eu não gostava da tentação. E se *essa* fosse a minha escolha? Talvez no fim a profecia fosse sobre eu manter esse jarro fechado ou abri-lo.

“Eu não quero a coisa,” grunhi.

“Tarde demais,” Prometeu disse. “O presente foi dado. Não há volta.”

Ele se levantou. A *empousa* veio para frente e escorregou seu braço no dele.

“Morrain!” Prometeu chamou o gigante azul. “Nós estamos indo. Pegue a sua bandeira.”

“Uh-oh,” o gigante disse.

“Nós nos veremos em breve, Percy Jackson,” Prometeu garantiu. “De uma forma ou de outra.”

Ethan Nakamura me olhou uma última vez com ódio. Então o grupo da trégua se foi e passou pela linha através do Central Park, como se fosse uma tarde normal e ensolarada de domingo.



PORCOS VOAM

De volta ao Plaza, Thalia me puxou de lado. “O que Prometeu te mostrou?”

Relutante, eu contei a ela sobre a visão da casa de May Castellan. Thalia coçou sua coxa como se estivesse se lembrando da velha ferida.

“Aquela foi uma noite ruim,” ela admitiu. “Annabeth era tão pequena, eu não acho que ela realmente entendeu o que viu. Ela sabia apenas que Luke estava chateado.”

Eu olhei o Central Park pela janela do hotel. Alguns pequenos incêndios ainda queimavam no norte, mas de outra forma a cidade parecia estranhamente pacífica. “Você sabe o que aconteceu com a May Castellan? Quero dizer –”

“Eu sei o que você quer dizer,” Thalia disse. “Eu nunca a vi ter um, hã, episódio, mas Luke me contou sobre os olhos brilhantes, as coisas estranhas que ela falava. Ele me fez prometer nunca contar. O que causou isso, eu não faço ideia. Se Luke sabia, ele nunca me disse.”

“Hermes sabia,” eu disse. “Algo fez May ver partes do futuro de Luke, e Hermes entendeu o que aconteceria – como Luke se transformaria em Cronos.”

Thalia franziu a sobrancelha. “Você não pode ter certeza disso. Lembre-se de que Prometeu estava manipulando o que você viu, Percy, mostrando a você o que aconteceu do pior ângulo possível. Hermes *amava* Luke. Eu podia dizer só de olhar para o rosto dele. E Hermes estava lá naquela noite olhando May, cuidando dela. Ele não era tão ruim.”

“Ainda não está certo,” insisti. “Luke era apenas uma criança pequena. Hermes nunca o ajudou, nunca o impediu de fugir.”

Thalia pôs seu arco no ombro. Novamente me chocou o quão mais forte ela parecia agora que havia parado de envelhecer. Você quase podia ver um brilho prateado em volta dela – a bênção de Ártemis.

“Percy,” ela disse, “você não pode começar a sentir pena de Luke. Todos nós temos coisas duras com que lidar. Todos os semideuses têm. Nossos pais raramente estão por perto. Mas Luke fez escolhas ruins. Ninguém o forçou a fazer aquilo. Na verdade –”

Ela olhou pelo saguão para ter certeza de que estávamos sozinhos. “Estou preocupada com Annabeth. Se ela tiver que enfrentar Luke em batalha, eu não sei se conseguirá. Ela sempre teve um fraco por ele.”

Sangue subiu até o meu rosto. “Ela vai ficar bem.”

“Eu não sei. Depois daquela noite, depois que deixamos a casa da mãe dele? Luke nunca mais foi o mesmo. Ele ficou imprudente e carrancudo, como se tivesse que provar algo. Quando Grover nos encontrou e tentou nos levar para o acampamento... bom, em parte tivemos tantos problemas porque Luke não era cuidadoso. Ele queria brigar com cada monstro que passou por nós. Annabeth não via aquilo como um problema. Luke era seu herói. Ela apenas entendeu que os pais dele o deixaram triste, e ela se tornou muito protetora com relação a ele. Ela ainda *é* protetora. Tudo que estou dizendo... não caia na mesma armadilha. Luke se entregou a Cronos agora. Nós não podemos nos dar ao luxo de pegar leve com ele.”

Eu olhei para os incêndios no Harlem, imaginando quantos mortais adormecidos estavam em perigo por causa das más escolhas de Luke.

“Você está certa,” falei.

Thalia bateu de leve no meu ombro. “Eu vou checar as Caçadoras, e dormir um pouco antes que anoiteça. Você deveria descansar também.”

“A última coisa que preciso é de mais sonhos.”

“Eu sei, acredite em mim.” Sua expressão sombria me fez imaginar com o que ela estaria sonhando. Era um problema comum entre os semideuses: quanto mais perigosa nossa situação ficava, piores e mais frequentes nossos sonhos se tornavam. “Mas Percy, não há como saber quando você terá outra chance de descansar. Será uma noite longa - talvez nossa *última* noite.”

Eu não gostei disso, mas sabia que ela estava certa. Assenti cansado e entreguei o jarro de Pandora a ela. “Me faça um favor. Tranque isso no cofre do hotel, ok? Eu acho que sou alérgico a *pithos*.”

Thalia sorriu. “Pode deixar.”

Eu encontrei a cama mais próxima e desmaiei. Mas é claro que o sono só trouxe mais pesadelos.

Eu vi o palácio submarino do meu pai. O exército inimigo estava mais perto agora, entrincheirado apenas algumas centenas de metros do lado de fora do palácio. As paredes da fortaleza tinham sido completamente destruídas. O templo que meu pai tinha usado como quartel general estava queimando com fogo grego.

Eu olhei para o arsenal, onde meu irmão e mais alguns Ciclopes estavam na pausa para o almoço, comendo de enormes jarras com manteiga de amendoim extra cremosa (e não me pergunte qual seria o sabor embaixo d’água, porque eu não quero saber). Conforme eu olhava, a parede exterior do arsenal explodiu. Um guerreiro Ciclope cambaleou para dentro, desmoronando na mesa do almoço. Tyson se ajoelhou para ajudar, mas era tarde demais. O Ciclope se dissolveu em limo do mar.

Gigantes inimigos tentaram entrar pela fenda aberta, e Tyson pegou o porrete do guerreiro caído. Ele gritou algo para seus companheiros ferreiros – provavelmente “Por Poseidon!” – mas com sua boca cheia de manteiga de amendoim soou como – “PUH PTEH BUN!” Seus irmãos pegaram martelos e cinzéis, e gritaram “MANTEIGA DE AMENDOIM!” e atacaram atrás de Tyson na batalha.

Então a cena mudou. Eu estava com Ethan Nakamura no campo inimigo. O que eu vi me deu arrepios, em parte porque o exército era imenso, em parte porque eu conhecia o lugar.

Estávamos no sertão de Nova Jersey, numa estrada acabada, cheia de negócios falidos e outdoors esfarrapados. Uma cerca pisoteada rodeava um grande jardim repleto de estátuas de cimento. O outdoor acima do armazém era difícil de ler, pois estava em vermelho cursivo, mas eu sabia o que dizia: EMPÓRIO DE ANÕES DE JARDIM DA TIA EME.

Eu não pensava naquele lugar havia anos. Estava claramente abandonado. As estátuas estavam quebradas e pichadas com grafite. Um sátiro de cimento – o tio Ferdinando de Grover – tinha perdido o braço. Parte do telhado do armazém havia desabado. Um grande aviso amarelo na porta dizia: CONDENADO.

Centenas de barracas e fogueiras rodeavam a propriedade. Na maioria eu vi monstros, mas havia alguns mercenários humanos em roupas de combate e semideuses em armadura, também. Uma bandeira preta e roxa estava hasteada fora do empório, guardada por dois grandes Hiperbóreos.

Ethan estava agachado perto da fogueira mais próxima. Alguns semideuses sentavam com ele, amolando suas espadas. As portas do armazém se abriram, e Prometeu saiu.

“Nakamura,” ele chamou. “O mestre gostaria de falar com você.”

Ethan levantou cautelosamente. “Algo errado?”

Prometeu sorriu. “Você terá que perguntar a ele.”

Um dos outros semideuses abafou uma risada. “Foi bom conhecer você.”

Ethan arrumou seu cinturão e entrou no armazém.

Com exceção do buraco no telhado, o lugar estava exatamente como eu me lembrava.

Estátuas de pessoas aterrorizadas estavam congeladas no centro. Na lanchonete, as mesas de piquenique haviam sido arrastadas para o lado. Entre a máquina de refrigerante e o aquecedor de pretzels estava um trono dourado. Cronos descansava lá, sua foice cruzada em seu colo. Ele usava jeans e uma camiseta, e com sua expressão meditativa ele quase parecia humano – como a versão mais jovem de Luke que eu vira na visão, pedindo a Hermes para contar seu destino. Então Luke viu Ethan, e seu rosto se contorceu em um sorriso bem inumano. Seus olhos dourados brilharam.

“Bem, Nakamura. O que você achou da missão diplomática?”

Ethan hesitou. “Estou certo de que lorde Prometeu é mais apto a falar –”

“Mas eu perguntei a *você*.”

O olho bom de Ethan disparou para frente e para trás, notando os guardas que rodeavam Cronos. “Eu... eu não acho que Jackson se renderá. Jamais.”

Cronos assentiu. “Algo mais que você queira me dizer?”

“N-não, senhor.”

“Você parece nervoso, Ethan.”

“Não, senhor. É só que... ouvi falar que este era o covil da –”

“Medusa? Sim, pura verdade. Lugar adorável, não é? Infelizmente, Medusa não se reformou desde que Jackson a matou, então não precisa se preocupar em se juntar à coleção dela. Além disso, há forças muito mais perigosas nesta sala.”

Cronos olhou para um Lestrigão gigante que mastigava ruidosamente algumas batatas fritas. Cronos acenou com a mão e o gigante congelou. Uma batata frita permanecia suspensa no ar a meio caminho entre sua mão e sua boca.

“Por que transformá-los em pedra,” Cronos disse, “quando se pode parar o próprio tempo?”

Seus olhos dourados fitaram o rosto de Ethan. “Agora, conte-me outra coisa. O que aconteceu ontem à noite na ponte Williamsburg?”

Ethan tremeu. Gotas de suor brotavam em sua testa. “Eu... eu não sei, senhor.”

“Sim, você sabe.” Cronos levantou de seu trono. “Quando você atacou Jackson, algo aconteceu. Algo não estava certo. A garota, Annabeth, pulou na sua frente.”

“Ela queria salvá-lo.”

“Mas ele é invulnerável,” Cronos disse baixinho. “Você mesmo viu.”

“Eu não posso explicar. Talvez ela tenha esquecido.”

“Ela esqueceu,” Cronos disse. “É, deve ser isto. *Oh, céus. Eu esqueci que meu amigo é invulnerável e levei uma apunhalada por ele. Oops.* Diga-me, Ethan, onde você estava mirando quando atacou Jackson?”

Ethan franziu o cenho. Ele fechou o punho como se estivesse segurando uma lâmina, e fingiu uma estocada. “Eu não tenho certeza, senhor. Tudo aconteceu muito rápido. Eu não estava mirando um lugar específico.”

Os dedos de Cronos tamborilaram na lâmina da sua foice. “Entendo,” ele disse friamente. “Se sua memória melhorar, eu espero –”

De repente o senhor dos Titãs se retraiu. O gigante no canto descongelou e a batata frita caiu em sua boca. Cronos cambaleou e afundou em seu trono.

“Meu senhor?” Ethan ameaçou dar um passo a frente.

“Eu –” A voz era fraca, mas apenas por um momento era a de Luke. Então a expressão de Cronos endureceu. Ele esticou a mão e flexionou os dedos vagarosamente, como se os estivesse forçando a obedecê-lo.

“Não é nada,” disse ele, sua voz inflexível e fria novamente. “Um pequeno desconforto.”

Ethan umedeceu os lábios. “Ele ainda o confronta, não? Luke –”

“Tolice,” Cronos cortou. “Repita essa mentira, e cortarei a sua língua. A alma do garoto foi esmagada. Estou apenas me ajustando aos limites desta forma. Requer descanso. É irritante, mas nada mais do que um inconveniente temporário.”

“Como... como quiser, meu senhor.”

“Você!” Cronos apontou sua foice para uma *dracaena* que usava uma armadura e uma coroa verdes. “Rainha Sess, não é?”

“Ssssssim, meu lorde.”

“A nossa surpresinha está pronta para ser liberada?”

A rainha *dracaena* mostrou suas presas. “Oh ssssssim, meu lorde. É uma ssssurpresssa adorável.”

“Excelente,” Cronos disse. “Diga ao meu irmão Hipérion para mover nossa força principal para o sul para dentro do Central Park. Os meio-sangues estarão em tal confusão que não serão capazes de se defender. Vá agora, Ethan. Trabalhe em melhorar sua memória. Conversaremos de novo quando tivermos tomado Manhattan.”

Ethan se curvou, e seus sonhos mudaram uma última vez. Eu vi a Casa Grande no acampamento, mas era uma época diferente. A casa estava pintada de vermelho, e não azul. Os campistas na quadra de vôlei tinham cortes de cabelo do início dos anos 90, o que provavelmente era bom para manter os monstros longe.

Quíron estava na varanda, conversando com Hermes e uma mulher com um bebê no colo. O cabelo de Quíron estava mais curto e escuro. Hermes usava sua roupa de corrida habitual e seu tênis alado. A mulher era alta e bonita. Ela tinha cabelo loiro, olhos brilhantes e um sorriso amigável. O bebê em seus braços contorcia-se em sua manta azul como se o Acampamento Meio-Sangue fosse o último lugar onde ele quisesse estar.

“É uma honra tê-la aqui,” Quíron disse para a mulher, mas ele parecia nervoso. “Faz muito tempo desde que uma mortal pôde entrar no Acampamento.”

“Não a encoraje,” Hermes resmungou. “May, você *não pode* fazer isto.”

Com um choque, percebi que estava vendo May Castellan. Ela não se parecia nem um pouco com a velha que eu conhecera. Ela parecia cheia de vida – o tipo de pessoa que poderia sorrir e fazer todos a sua volta se sentirem bem.

“Oh, não se preocupe tanto,” May disse, balançando o bebê. “Vocês precisam de um Oráculo, não precisam? O último está morto há, o quê, vinte anos?”

“Mais,” Quíron disse gravemente.

Hermes ergueu os braços, exasperado. “Eu não te contei aquela estória pra você *se candidatar*. É perigoso. Quíron, diga a ela.”

“É perigoso,” Quíron avisou. “Por muitos anos, eu proibi qualquer um de tentar. Nós não sabemos exatamente o que aconteceu. A humanidade parece ter perdido a capacidade de hospedar o Oráculo.”

“Nós já discutimos isso,” May disse. “E eu sei que posso fazer isso. Hermes, esta é a minha chance de fazer algo bom. Eu recebi o dom da visão por um motivo.”

Eu queria gritar para May Castellan parar. Eu sabia o que estava para acontecer. Eu finalmente entendi como sua vida tinha sido destruída. Mas eu não podia falar ou me mexer.

Hermes parecia mais magoado do que preocupado. “Você não pode se casar se você se tornar o Oráculo,” ele reclamou. “Você não poderia *me* ver mais.”

May pôs sua mão no braço dele. “Eu não posso tê-lo para sempre, posso? Você vai seguir em frente em breve. Você é imortal.”

Ele começou a protestar, mas ela pôs a mão em seu peito. “Você sabe que é verdade! Não tente poupar meus sentimentos. Além do mais, nós temos uma criança linda. Eu ainda posso cuidar do Luke se eu for o Oráculo, certo?”

Quíron tossiu. “Sim, mas, para ser justo, eu não sei como isso afetará o espírito do Oráculo. Uma mulher que já pariu um filho – até onde sei, isso nunca foi feito antes. Se o espírito não aceitar –”

“Ele vai,” May insistiu.

Não, eu queria gritar. Não vai.

May Castellan beijou o bebê e o entregou a Hermes. “Volto em um instante.”

Ela deu a eles um último sorriso confiante e subiu as escadas.

Quíron e Hermes permaneceram em silêncio. O bebê se contorcia.

Um brilho verde saiu pelas janelas da casa. Os campistas pararam de jogar vôlei e olharam para o sótão. Um vento frio soprou pelos campos de morango.

Hermes deve ter sentido isso também. Ele gritou. “Não! NÃO!”

Ele colocou o bebê nos braços de Quíron e saiu correndo pela varanda. Antes que ele alcançasse a porta, a tarde ensolarada foi interrompida pelo terrível grito de May Castellan.

Eu acordei tão depressa que bati com a cabeça no escudo de alguém.

“Ow!”

“Desculpa, Percy,” Annabeth estava parada na minha frente. “Eu ia justamente te acordar.”

Eu esfreguei minha cabeça, tentando limpar as visões perturbadoras. De repente muitas coisas fizeram sentido pra mim: May Castellan havia tentado se tornar o Oráculo. Ela não sabia da maldição de Hades que impedia o espírito de Delfos de ter outro hospedeiro. Nem Quíron ou Hermes. Eles não perceberam que, ao tentar conseguir o trabalho, May ficaria maluca, atormentada com colapsos onde seus olhos brilhariam verdes e ela vislumbraria pedaços do futuro de seu filho.

“Percy?” Annabeth perguntou. “O que está errado?”

“Nada,” menti. “O que... o que você está fazendo nesta armadura? Você devia estar descansando.”

“Ah, eu estou bem,” ela disse, mas ainda parecia pálida. Ela mal mexia seu braço direito. “O néctar e a ambrosia deram um jeito em mim.”

“Uh-huh. Sério, você não pode ir lá fora e lutar.”

Ela me ofereceu sua mão boa e me ajudou a levantar. Minha cabeça latejava. Lá fora, o céu estava roxo e vermelho.

“Você vai precisar de cada pessoa que tiver,” ela disse. “Eu acabei de olhar no meu escudo. Há um exército –”

“Marchando sul para dentro do Central Park,” falei. “É, eu sei.”

Contei a ela parte dos meus sonhos. Deixei de fora a visão de May Castellan, porque era perturbadora demais pra falar. Também deixei passar a especulação de Ethan sobre Luke lutar contra Cronos dentro de seu corpo. Eu não queria alimentar as esperanças de Annabeth.

“Você acha que Ethan suspeita do seu ponto fraco?” ela perguntou.

“Eu não sei,” admiti. “Ele não disse nada a Cronos, mas se ele descobrir –”

“Nós não podemos deixar.”

“Vou bater mais forte na cabeça dele da próxima vez,” sugeri. “Alguma ideia sobre o que seria a surpresa que Cronos estava falando?”

Ela balançou a cabeça. “Eu não vi nada no escudo, mas não gosto de surpresas.”

“Concordo.”

“Então,” ela disse, “você vai discutir sobre eu me juntar a vocês?”

“Nem. Você me daria uma surra.”

Ela conseguiu rir, o que foi bom de ouvir. Peguei minha espada e fomos animar as tropas.

Thalia e os conselheiros nos esperavam no reservatório. As luzes da cidade brilhavam no crepúsculo. Acho que muitas delas estavam no timer automático. Lâmpioes ardiavam em volta da margem do lago, fazendo a água e as árvores parecerem ainda mais assustadoras.

“Eles estão vindo,” Thalia confirmou, apontando para o norte com uma flecha prateada.

“Uma das minhas batedoras acabou de me informar que eles cruzaram o Rio Harlem. Não há como pará-los. O exército...” ela tremeu. “É imenso.”

“Vamos segurá-los no parque,” eu disse. “Grover, está pronto?”

Ele assentiu. “Nunca estaremos mais preparados que isso. Se meus espíritos da natureza podem pará-los em algum lugar, é aqui.”

“Sim, nós iremos!” disse outra voz. Um sátiro muito velho e gordo se espremeu entre a multidão, tropeçando em sua própria lança. Ele vestia uma armadura de casca de árvore que só cobria metade de sua barriga.

“Leneus?” eu disse.

“Não fique tão surpreso,” ele bufou. “Eu *sou* o líder do Conselho, e você me *pediu* para achar Grover. Bom, eu o encontrei, e não vou deixar um mero *exilado* liderar os sátiros sem a minha ajuda!”

Pelas costas de Leneus, Grover gesticulou como se estivesse engasgando, mas o velho sátiro sorria como se fosse o salvador do dia. “Não temam! Nós vamos mostrar a esses titãs!”

Eu não sabia se ria ou se ficava com raiva, mas consegui manter a cara séria. “Hum... é. Bem, Grover, você não estará sozinho. Annabeth e o chalé de Atena postarão guarda aqui. E eu, e... Thalia?”

Ela me deu um tapinha no ombro. “Não diga mais nada. As Caçadoras estão prontas.”

Eu olhei para os outros conselheiros. “Isto deixa vocês com um trabalho tão importante quanto. Vocês devem guardar as outras entradas para Manhattan. Vocês sabem o quão traiçoeiro Cronos é. Ele vai esperar nos distrair com esse exército grande e infiltrar outra força por outro lugar. Vocês devem garantir que isso não ocorra. Cada chalé já escolheu uma ponte ou túnel?”

Os conselheiros assentiram severamente.

“Então vamos fazer isso,” eu disse. “Boa caçada a todos!”

Nós ouvimos o exército antes de vê-lo.

O barulho era como tiros de canhões combinados com uma multidão de estádio de futebol – como se todos os fãs do Patriots na Nova Inglaterra estivessem nos atacando com bazucas.

No canto norte do reservatório, a vanguarda inimiga avançou pelas árvores – um guerreiro numa armadura dourada liderando um batalhão de Lestrigões gigantes com enormes machados de bronze. Centenas de outros monstros vinham logo atrás deles.

“Posições!” Annabeth gritou.

Seus colegas de chalé foram pra cima. A ideia era fazer o exército inimigo partir forças em volta do reservatório. Para chegar até nós, eles teriam que seguir pelas trilhas, o que significava que eles teriam de marchar em fila indiana por cada lado da água.

Em um primeiro momento, o plano pareceu funcionar. O inimigo se dividiu e avançou na nossa direção pela margem. Quando eles estavam na metade do caminho, nossas defesas agiram. A pista de caminhada explodiu em fogo grego, incinerando muitos dos monstros instantaneamente. Outros dispararam ao redor, envoltos em chamas verdes. Os campistas de Atenas jogaram ganchos nos maiores gigantes e os puxaram para o chão.

Das árvores da direita, as Caçadoras dispararam uma saraivada de flechas prateadas na linha inimiga, destruindo vinte ou trinta *dracaenae*, mas mais marcharam atrás delas. Um raio estalou pra fora dos céus e fritou um Lestrigão até virar cinzas, e eu sabia que Thalia devia estar fazendo o seu lance de *filha de Zeus*.

Grover pegou sua flauta e tocou uma rápida melodia. Um rugido veio do bosque de ambos os lados quando de cada árvore, pedra ou arbusto pareceu brotar um espírito. Dríades e sátiros ergueram seus porretes e atacaram. As árvores envolveram os monstros, sufocando-os. Grama crescia em volta dos pés dos arqueiros inimigos. Pedras voaram e acertavam as *dracaenae* na cara.

O inimigo forçou o passo adiante. Gigantes esmagaram árvores, e náiades desapareciam enquanto suas fontes de vida eram destruídas. Cães infernais investiram contra os lobos, derrubando-os. Os arqueiros inimigos retaliaram o fogo, e uma Caçadora caiu de um galho no alto.

“Percy!” Annabeth pegou meu braço e apontou para o reservatório. O Titã na armadura dourada não estava esperando suas forças avançarem pelas laterais. Ele estava investindo diretamente na nossa direção, caminhando sobre a superfície da água.

Uma bomba de fogo Grego explodiu bem em cima dele, mas ele estendeu a palma da mão e sugou as chamas do ar.

“Hipérion,” Annabeth disse com temor. “O senhor da luz. Titã do Oriente.”

“Ruim?” eu adivinhei.

“Depois de Atlas, ele é o maior guerreiro Titã. No passado, quatro Titãs controlavam os quatro cantos do mundo. Hipérion ficou com o leste – o mais poderoso. Ele era o pai de Hélio, o primeiro deus do Sol.”

“Vou mantê-lo ocupado,” prometi.

“Percy, mesmo você não vai conseguir –”

“Apenas mantenha nossas forças unidas.”

Nós nos fixamos no reservatório por um bom motivo. Eu me concentrei na água e senti seu poder fluindo em mim.

Avancei na direção de Hipérion, correndo na superfície da água. *É, colega. Dois podem brincar nesse jogo.*

A seis metros de distância, Hipérion ergueu sua espada. Seus olhos eram exatamente como quando os vi no meu sonho – tão dourados quanto os de Cronos, só que mais brilhantes, como sóis em miniatura.

“O fedelho do deus do mar,” ele falou. “Foi você que aprisionou Atlas sob o céu de novo?”

“Não foi difícil,” eu disse. “Vocês Titãs são tão brilhantes quanto minhas meias de ginástica.”

Hipérion rosnou. “Você quer brilho?”

Seu corpo inflamou em uma coluna de luz e calor. Eu desviei o olhar, mas continuei cego.

Instantaneamente ergui Contracorrente – bem a tempo. A lâmina de Hipérion colidiu contra a minha. A onda de choque emanou um círculo de água de três metros pela superfície do lago.

Meus olhos ainda queimavam. Eu tinha que acabar com a luz dele.

Eu me concentrei na maré e a forcei a se inverter. Justamente antes do impacto, eu saltei pra cima num jato d’água.

“AHHHHHH!” As ondas arrebentaram contra Hipérion e ele submergiu, sua luz extinta.

Eu caí na água bem quando Hipérion lutava para ficar em pé. Escorria água de sua armadura dourada. Seus olhos não chamejavam mais, mas ainda pareciam homicidas.

“Você vai queimar, Jackson!” ele rugiu.

Nossas espadas se encontraram novamente e o ar se encheu de ozônio.

A batalha ainda corria a nossa volta. No flanco direito, Annabeth liderava um ataque com seus irmãos. No esquerdo, Grover e seus espíritos da natureza se reagrupavam, infernizando os inimigos com arbustos e ervas daninhas.

“Chega de jogos,” Hipérion me disse. “Lutaremos no chão.”

Eu estava para fazer um comentário inteligente, como “Não”, quando o Titã gritou. Uma parede de força se chocou contra mim no ar – o mesmo truque que Cronos havia usado na ponte. Fui arremessado quase trezentos metros para trás e me choquei com o chão. Se não fosse pela minha invulnerabilidade, eu teria quebrado cada osso do meu corpo.

Eu me levantei, resmungando. “Eu realmente odeio quando vocês Titãs fazem isso.”

Hipérion se aproximou de mim na velocidade da luz.

Eu me concentrei na água, adquirindo forças.

Hipérion atacou. Ele era rápido e poderoso, mas não parecia que ele acertaria um golpe. O chão em volta do pé dele continuava a irromper em chamas, mas eu continuava a apagá-las tão rápido quanto.

“Pare com isso!” o Titã rugiu. “Pare com esse vento!”

Eu não entendi bem o que ele quis dizer. Estava ocupado demais lutando.

Hipérion tropeçou como se estivesse sendo puxado de volta. Água respingava em seu rosto, atingindo seus olhos. O vento aumentou, e Hipérion cambaleou para trás.

“Percy?” Grover me chamou espantado. “Como você está *fazendo* isso?”

Fazendo o que? Eu pensei.

Então olhei para baixo, e percebi que estava no centro do meu próprio furacão. Nuvens de vapor d’água giravam ao meu redor, ventos tão fortes que golpearam Hipérion e amassaram a grama num raio de quase vinte metros. Guerreiros inimigos arremessaram lanças contra mim, mas a tempestade as jogava para o lado.

“Beleza,” sussurrei. “Mas um pouco mais!”

Relâmpagos cintilaram ao meu redor. As nuvens enegreceram e a chuva girou mais depressa. Eu me aproximei de Hipérion e o levantei do chão.

“Percy!” Grover chamou de novo. “Traga ele aqui.”

Eu bati e golpeei, deixando meus reflexos me controlarem, Hipérion mal podia se defender. Seus olhos continuavam tentando se acender, mas o furacão apagava as chamas.

Entretanto, eu não poderia segurar uma tempestade dessas para sempre. Eu podia sentir meu poder se esvaindo. Com um último esforço, eu impeli Hipérion através do campo, direto onde Grover estava esperando.

“Não deixarei que brinquem comigo!” Hipérion rugiu.

Ele conseguiu se levantar novamente, mas Grover pegou sua flauta e começou a tocar. Leneus se juntou a ele. Ao redor do bosque, cada sátiro acompanhou a música – uma melodia estranha, como um afluente correndo sobre pedras. O chão se rasgou sob os pés de Hipérion. Raízes nodosas envolveram suas pernas.

“O que é isso?” ele protestou. Ele tentou se livrar das raízes, mas ele ainda estava fraco. As raízes engrossaram até que parecia que ele estava usando botas de madeira.

“Parem com isso!” ele gritou. “Sua mágica da floresta não é párea para um Titã!”

Mas quanto mais ele lutava, mais as raízes cresciam. Elas se enrolaram em seu corpo, engrossando, endurecendo e se transformando em casca. Sua armadura dourada se misturou com a madeira, se tornando parte de um grande tronco.

A música continuou. O exército de Hipérion recuou espantado enquanto seu líder era absorvido. Ele esticou os braços e eles se tornaram galhos, de onde pequenos ramos brotaram e cresceram folhas. A árvore cresceu mais alta e mais grossa, até que apenas o rosto do Titã era visível no meio do tronco.

“Vocês não podem me aprisionar!” ele berrou. “Eu sou Hipérion! Eu sou –”

A casca cobriu seu rosto.

Grover tirou a flauta da boca. “Você é um belo carvalho.”

Muitos dos outros sátiros desmaiaram de exaustão, mas eles cumpriram bem seu trabalho. O lorde Titã estava completamente encerrado em um enorme carvalho. O tronco tinha pelo menos seis metros de diâmetro, com galhos tão grandes quanto qualquer um no parque. A árvore poderia estar ali há séculos.

O exército Titã começou a bater em retirada. Vieram vivas do chalé de Atena, mas nossa vitória teve vida curta.

Pois bem aí Cronos soltou sua surpresa.

"REEEEET!"

O guincho penetrou Manhattan. Semideuses e monstros congelaram de terror.

Grover olhou para mim em pânico. “Por que este som se parece com... não pode ser!”

Eu sabia o que ele estava pensando. Dois anos atrás nós recebemos um “presente” de Pan – um javali gigante que nos carregou pelo sudoeste (depois de tentar nos matar). O javali tinha um guincho parecido, mas o que nós estávamos ouvindo agora parecia mais agudo, mais estridente, quase como... como se o javali tivesse uma namorada zangada.

"REEEEET!" Uma criatura rosa gigantesca planou sobre o reservatório – um pesadelo em forma de balão inflável de dia de ação de graças com asas.

“Uma javalina!” Annabeth exclamou. “Protejam-se!”

Os semideuses fugiram enquanto a senhora porco atacava. Suas asas eram rosa como as de um flamingo, o que combinava perfeitamente com seu tom de pele, mas era impossível pensar nela como *uma graça* enquanto seus cascos batiam no chão, errando por pouco um dos irmãos de Annabeth.

A porca pisoteou em volta e botou abaixo cerca de meio acre de árvores, arrotando uma nuvem de gases nocivos. Então ela decolou de novo, voando em círculos para um novo ataque.

“Não me diga que aquela coisa é da mitologia Grega!” reclamei.

“Receio que sim,” Annabeth disse. “A javalina Clasmoniana. Ela aterrorizou cidades na Grécia Antiga.”

“Me deixe adivinhar,” falei. “Hércules a derrotou.”

“Não,” disse ela. “Até onde eu sei, *nenhum* herói jamais conseguiu derrotá-la.”

“Perfeito,” murmurei.

O exército Titã estava se recuperando do choque. Acho que eles perceberam que a porca não estava atrás deles.

Nós tínhamos apenas segundos antes que eles estivessem prontos para lutar, e nossas forças ainda estavam em pânico. Toda vez que a javalina arrotava, os espíritos da natureza de Grover ganiam e voltavam para suas árvores.

“Aquela porca tem que ir embora.” Peguei um gancho de um dos irmãos de Annabeth.

“Eu vou cuidar dela. Vocês cuidam do resto do exército. Faça com que eles voltem!”

“Mas Percy,” Grover disse, “e se nós não pudermos?”

Eu vi o quão cansado ele estava. A mágica tinha realmente drenado suas forças. Annabeth não parecia muito melhor depois de ter lutado com o ombro machucado. Eu não sei como as Caçadoras estavam se saindo, mas o flanco direito do inimigo estava agora entre elas e nós.

Eu não queria deixar meus amigos na pior, mas aquela javalina era a maior ameaça. Ela destruiria tudo: edifícios, árvores, mortais adormecidos. Ela tinha que ser parada.

“Recue se precisar,” falei. “Apenas faça com que desacelerem. Eu voltarei assim que puder.”

Antes que pudesse mudar de ideia, eu girei o gancho como um laço. Quando a javalina desceu para a próxima investida, eu arremessei com toda a minha força. O gancho enroscou-se na base da asa da porca. Ela gritou de raiva e se afastou, levando a corda e a mim para o céu.

Se você for descer depois de sair do Central Park, meu conselho é que pegue o metrô. Porcos voadores são mais rápidos, mas muito mais perigosos.

A javalina sobrevoou o Plaza Hotel, direto até o cânion da Quinta Avenida. Meu plano brilhante era subir pela corda e montar nas costas da porca. Infelizmente eu estava muito ocupado balançando e me desviando dos postes e das laterais dos prédios.

Outra coisa que aprendi: uma coisa é subir uma corda na aula de ginástica. Outra é você tentar subir uma corda presa à asa em movimento de um porco enquanto você voa a 160 quilômetros por hora.

Nós ziguezagueamos por vários quarteirões e continuamos para o sul até a Park Avenue. *Chefe! Ei, chefe!* Pelo canto do olho vi Blackjack acelerando próximo a nós, se lançando para frente e para trás para evitar as asas da porca.

“Cuidado!” avisei.

Monta aí! Blackjack relinchou. *Eu pego você... acho.*

Isso não era muito tranquilizador. O Grand Central aparecia mortalmente a frente. Sobre a entrada principal havia uma gigantesca estátua de Hermes, que eu acredito não ter sido ativada porque estava muito no alto. Eu estava voando bem na direção dele a uma velocidade esmagadora de semideuses.

“Fique alerta,” eu disse a Blackjack. “Eu tive uma ideia.”

Ai, eu odeio as suas ideias.

Eu me joguei para o lado com toda a força. Ao invés de me esmagar contra a estátua, eu girei em torno dela, enrolando a corda sob seus braços. Achei que isso fosse prender a porca, mas eu subestimei o ímpeto de uma javalina de trinta toneladas em pleno voo.

Assim que a porca arrancou a estátua do pedestal, eu a deixei ir. Hermes foi dar uma voltinha, tomando meu lugar como passageiro da porca, e eu caí em queda livre na direção da rua.

Naquele segundo eu pensei nos dias quando minha mãe costumava trabalhar numa loja de doces no Grand Central. Pensei em como seria ruim terminar como uma mancha de graxa no pavimento.

Então uma sombra passou abaixo de mim, e então *thump* – eu estava nas costas de Blackjack. Não foi a aterrissagem mais confortável. Na verdade, quando gritei “OW!” minha voz saiu uma oitava acima do normal.

Desculpe, chefe, Blackjack murmurou.

“Sem problemas,” eu gani. “Siga aquele porco!”

A leitoa havia virado à direita na 42ª Leste e estava voando de volta para a Quinta Avenida. Quando ela voou sobre os telhados, eu pude ver alguns incêndios aqui e ali pela cidade. Parecia que meus amigos estavam com sérios problemas. Cronos estava atacando em várias frentes. Mas naquele momento, eu tinha meus próprios problemas.

A estátua de Hermes ainda estava amarrada. Ela ficava batendo nos edifícios e girando. A porca passou por um prédio de escritórios, e Hermes bateu numa caixa d’água no telhado, esparramando água e madeira pra todo lado.

Então algo me ocorreu.

“Chegue mais perto,” falei para Blackjack.

Ele relinchou em protesto.

“Só o suficiente para gritar,” eu disse. “Preciso falar com a estátua.”

Agora tenho certeza que você pirou, chefe, Blackjack disse, mas fez o que eu pedi. Quando eu estava perto o suficiente para ver o rosto da estátua com clareza, falei, “Olá, Hermes! Sequência de comando: Dédalo Vinte e Três. Matar Porcos Voadores! Começar ativação!”

Imediatamente a estátua mexeu as pernas. Ela pareceu confusa ao perceber que não estava mais no Terminal Grand Central. Ela estava, ao invés disso, pegando uma carona pelos céus no fim de uma corda com uma enorme e alada javalina. Ela bateu contra a lateral de um prédio de tijolos, o que eu acho que a deixou meio brava. Ela balançou a cabeça e começou a subir na corda.

Eu olhei para a rua abaixo. Estávamos nos aproximando da biblioteca municipal, com os grandes leões de mármore flanqueando os degraus. De repente, tive um pensamento estranho: As estátuas de *pedra* poderiam ser autômatos também? Parecia loucura, mas...

“Mais rápido!” falei para Blackjack. “Fique na frente dela. Xingue a porca.”

Hum chefe –

“Confie em mim,” eu disse. “Eu posso fazer isso... eu acho.”

Oh, claro. Tire com a cara do cavalo.

Blackjack se lançou pelo ar. Ele podia voar realmente rápido quando queria. Ele ficou na frente da porca, que agora tinha um Hermes de metal nas costas.

Blackjack relinchou, *Você fede como presunto!* Ele deu um coice no focinho da porca com seus cascos traseiros e foi para um mergulho íngreme. A porca rugiu de raiva e foi atrás.

Nós fomos direto para a escadaria da frente da biblioteca. Blackjack diminuiu apenas o suficiente para eu desmontar, depois continuou voando na direção da entrada principal.

Eu gritei, “Leões! Sequência de comando: Dédalo Vinte e Três. Matar Porcos Voadores. Começar ativação!”

Os leões se levantaram e olharam pra mim. Eles provavelmente pensaram que eu estava brincando com eles. Mas bem aí: “*REEEEEET!*”

A enorme e monstruosa leitoa cor de rosa aterrissou com um baque, rachando a calçada. Os leões a encararam, não acreditando em sua sorte, e atacaram. Ao mesmo tempo, uma estátua de Hermes bem surrada pulou na cabeça da porca e começou a bater nela impiedosamente com um caduceu. Aqueles leões tinham garras bem antipáticas.

Saquei Contracorrente, mas não havia muito que fazer. A porca se desintegrou diante de meus olhos. Eu quase me senti mal por ela. Torci para que ela encontrasse o javali dos seus sonhos no Tártaro.

Quando a porca havia se transformado totalmente em poeira, a estátua de Hermes e os leões olharam em volta confusos.

“Vocês podem defender Manhattan agora,” eu disse a eles, mas eles não pareceram ouvir. Eles começaram a correr pela Park Avenue, e imaginei que eles continuariam a procurar porcos voadores até que alguém os desativasse.

Ei, chefe, Blackjack disse. Podemos fazer uma pausa para comer donuts?

Eu limpei o suor da testa. “Bem que eu queria, grandão, mas a luta ainda está rolando.”

Na verdade, eu podia ouvi-la chegando mais perto. Meus amigos precisavam de ajuda. Eu montei em Blackjack, e nós voamos para o norte na direção do som das explosões.





QUÍRON DÁ UMA FESTA

O centro da cidade era uma zona de guerra. Voávamos sobre pequenas batalhas por todo lado.

Um gigante estava arrancando árvores em Bryant Park enquanto dríades atiravam nozes nele. Do lado de fora do Waldorf Astoria, uma estátua de bronze de Benjamin Franklin estava castigando um cão infernal com um rolo de jornal. Um trio de campistas de Hefesto combatia um esquadrão de dracaenae no meio do Rockefeller Center.

Fiquei tentado a parar e ajudar, mas podia dizer pela fumaça e pelo barulho que a verdadeira ação tinha se deslocado mais para o sul. Nossas defesas estavam desmoronando. O inimigo estava se aproximando do edifício Empire State.

Fizemos uma rápida varredura da área ao redor. As Caçadoras tinham montado uma linha defensiva na 37th, apenas três quadras ao norte do Olimpo. A leste na Park Avenue, Jake Mason e alguns outros campistas de Hefesto estavam liderando um exército de estátuas contra o inimigo. Para o oeste, o chalé de Deméter e os espíritos da natureza de Grover haviam transformado a Sexta Avenida em uma selva, atrasando um esquadrão de semideuses de Cronos.

O sul estava limpo por enquanto, mas os flancos do exército inimigo estavam se movimentando em volta. Mais alguns minutos e estaríamos totalmente cercados.

"Temos que descer onde eles mais precisarem de nós," murmurei.

Isso é em todo lugar, chefe.

Eu avistei um estandarte familiar com uma coruja prateada no canto sudeste da luta, na 33rd com o túnel do Park Avenue. Annabeth e dois de seus irmãos estavam segurando um gigante Hiperbóreo.

"Lá!" falei para Blackjack. Ele mergulhou em direção à batalha. Eu saltei de suas costas e aterrissei na cabeça do gigante.

Quando o gigante olhou para cima, eu deslizei pelo seu rosto, golpeando seu nariz com meu escudo no caminho para baixo.

'RAWWWR!' O gigante recuou, sangue azul escorria de suas narinas.

Eu caí no pavimento correndo. O gigante soprou uma nuvem de neblina branca, e a temperatura caiu. O local onde eu havia aterrisado estava agora revestido de gelo, e eu estava coberto de geada como uma rosquinha açucarada.

"Ei, feioso!" Annabeth gritou. Eu esperava que fosse para o gigante e não pra mim.

O garoto azul gritou e virou na direção dela, expondo a parte de trás desprotegida de suas pernas. Eu ataquei e o esfaqueei bem atrás do joelho.

'WAAAAH!' O Hiperbóreo se curvou. Esperei que ele se virasse, mas ele congelou. Quero dizer, ele *literalmente* se tornou um bloco de gelo sólido. Do ponto onde eu o acertei, apareceram fissuras em seu corpo. Elas foram ficando maiores e mais largas até que o gigante se despedaçou em uma montanha de cacos azuis.

"Valeu," Annabeth se retraiu, tentando recuperar o fôlego. "O porco?"

"Costeletas de porco," eu disse.

"Bom." Ela flexionou o ombro. Obviamente, a ferida ainda a estava incomodando, mas ela viu minha expressão e rolou os olhos. "Eu estou bem, Percy. Vamos lá! Ainda há inimigos de sobra."

Ela tinha razão. A próxima hora foi um borrão. Lutei como nunca havia lutado antes – avançando por legiões de *dracaenae*, matando dúzias de telequines em cada ataque, destruindo empousas e nocauteando semideuses inimigos. Não importava quantos eu derrotava, mais deles tomavam seus lugares.

Annabeth e eu corremos de quadra em quadra, tentando nos assegurar que nossas defesas ainda estavam lá. Muitos de nossos amigos estavam caídos feridos nas calçadas. Muitos estavam desaparecidos.

Conforme a noite caía e a lua ficava mais alta, nós fomos obrigados a recuar metro após metro, até que estávamos apenas a uma quadra de distância, em qualquer direção, do edifício Empire State. Em certo ponto Grover estava próximo a mim, golpeando mulheres cobras na cabeça com sua clava. Então, ele desapareceu no meio da multidão, e era Thalia ao meu lado, fazendo os monstros recuarem com o poder do seu escudo mágico. Sra. O'leary veio do nada, pegando um gigante Lestrigão em sua boca, e o lançou para o ar como um frisbee. Annabeth usou seu boné de invisibilidade para se esgueirar atrás das linhas inimigas. Sempre que um monstro se desintegrava sem aparente razão com um olhar surpreso na cara, eu sabia que Annabeth estivera lá.

Mas ainda não era suficiente.

"Mantenham suas posições!" Katie Gardner gritou, em algum lugar à minha esquerda. O problema era que havia muito poucos de nós para manter o que fosse. A entrada para o Olimpo estava seis metros atrás de mim. Um anel de corajosos semideuses, caçadoras e espíritos da natureza guardavam as portas. Eu golpeei e cortei, destruindo tudo no meu caminho, mas mesmo eu estava ficando cansado, e eu não podia estar em todo lugar ao mesmo tempo.

Atrás das tropas inimigas, a poucos quarteirões a leste, uma luz brilhante começou a aparecer. Pensei que era o nascer do sol. Então percebi que Cronos estava avançando em nossa direção em uma carruagem dourada. Uma dezena de Lestrigões gigantes segurava tochas à sua frente. Dois Hiperbóreos carregavam seus estandartes preto e roxo. O senhor Titã parecia revigorado e descansado, seus poderes estavam em plena força. Ele avançava levando o tempo que queria, deixando que eu me desgastasse.

Annabeth apareceu ao meu lado. "Temos recuar para as portas. Protegê-las a todo custo!"

Ela tinha razão. Eu estava prestes a dar a ordem para recuar quando ouvi uma trombeta de caça.

Ela soou através dos ruídos da batalha como um alarme de incêndio. Um coro de trombetas respondeu a todo nosso redor, ecoando nos prédios de Manhattan.

Dei uma olhada para Thalia, mas ela franziu a testa.

"Não são as caçadoras," ela me assegurou. "Estamos todas aqui."

"Então, quem?"

O som das trombetas aumentou. Eu não sabia dizer de onde vinha por causa do eco, mas soava como se um exército inteiro estivesse se aproximando.

Fiquei com medo que fossem mais inimigos, mas as forças de Cronos pareciam tão confusas quanto nós. Gigantes abaixaram suas clavas. *Dracaenae* sibilaram. Mesmo a guarda de honra de Cronos parecia desconfortável.

Então, a nossa esquerda, uns cem monstros gritaram de uma só vez.

O flanco norte inteiro de Cronos ondulou para frente. Pensei que estávamos condenados, mas eles não atacaram. Eles passaram correndo por nós e se chocaram em seus aliados ao sul.

Uma nova explosão de trombetas quebrou a noite. O ar tremulou. Em um borrão de movimento, toda uma cavalaria surgiu na velocidade da luz.

"É isso aí!" uma voz gritou. "FESTA!"

Um chuva de flechas passou por cima de nossas cabeças e encontraram nossos inimigos, vaporizando centenas de demônios. Mas estas não eram setas normais. Elas faziam um zumbido enquanto voavam, tipo *WHEEEEEEE!* Algumas tinham um cata-vento preso a elas. Outras tinham luvas de boxe ao invés de pontas.

"Centauros!" Annabeth gritou.

O exército dos pôneis de festa explodiu no meio de nós em uma confusão de cores: camisas amarradas, perucas afro coloridas, óculos escuros enormes e caras pintadas para a guerra. Alguns tinham slogans escritos em suas costas como OS CAVALOS COMANDAM ou CRONOS É UM OTÁRIO.

Centenas deles encheram o quarteirão por completo. Meu cérebro não conseguia processar tudo que eu via, mas eu sabia que se eu fosse o inimigo, estaria correndo.

"Percy!" Quíron gritou através do mar de centauros selvagens.

Ele estava vestido de armadura da cintura para cima, seu arco na mão, e ele estava sorrindo de satisfação. "Desculpe pelo atraso!"

"CARA!" Outro centauro gritou. "Conversem depois. HORA DE DETONAR OS MONSTROS!"

Ele engatilhou e apontou uma arma de paintball de cano duplo, e deixou um cão infernal inimigo rosa brilhante. A tinta devia ter sido misturada com poeira de bronze celestial ou algo do tipo, porque assim que ela se espalhou no cachorro infernal, ele gritou e se dissolveu em uma poça rosa e preta.

"Pôneis de festa!" um centauro gritou. "SUL DA FLORIDA!"

Em algum lugar do campo de batalha, uma voz fanhosa gritou de volta, "DIVISÃO CENTRAL DO TEXAS!"

"HAWAÍ DETONA!" uma terceira berrou.

Foi a coisa mais linda que eu já vi. O exército Titã inteiro se virou e fugiu, empurrados para trás por uma avalanche de tiros de paintball, setas, espadas, e tacos de beisebol. Os centauros pisotearam tudo em seu caminho.

"Parem de correr, seus idiotas!" Cronos gritou. "Fiquem e ACKK!"

Esta última parte foi porque um Hiperbóreo apavorado tropeçou para trás e sentou em cima dele. O senhor do tempo desapareceu embaixo de uma enorme traseiro azul. Nós os empurramos por vários quarteirões até que Quíron gritou, "Parem! Mantenham suas posições, PAREM!"

Não foi fácil, mas finalmente a ordem foi transmitida para todas as fileiras de centauros, e eles começaram a recuar, deixando o inimigo escapar.

"Quíron é inteligente," Annabeth disse, limpando o suor de seu rosto. "Se prosseguíssemos, iríamos nos espalhar demais. Precisamos nos reagrupar."

"Mas os inimigos –"

"Eles não estão derrotados," ela concordou. "Mas já vai amanhecer. Pelo menos ganhamos algum tempo."

Não gostei de recuar, mas sabia que ela estava certa. Eu assisti enquanto o resto dos telequines fugia em direção ao rio East. Então me virei relutante e fui para o edifício Empire State.

Criamos um perímetro de duas quadras, com uma tenda de comando no edifício Empire State. Quíron nos informou que os Pôneis de Festa tinham enviado filiados de quase

todos os estados da união: quarenta da Califórnia, dois de Rhode Island, trinta de Illinois... Cerca de quinhentos no total tinham respondido ao chamado, mas mesmo com tantos, não podíamos defender mais do alguns quarteirões.

"Cara," disse um centauro chamado Larry. Sua camiseta o identificava como GRANDE CHEFE SUPER LEGAL, DIVISÃO DO NOVO MÉXICO. "Isso foi mais divertido do que a nossa última convenção em Las Vegas!"

"É," disse Owen de Dakota do Sul. Ele usava uma jaqueta preta de couro e um capacete antigo da segunda guerra. "Nós acabamos com eles!"

Quíron bateu nas costas de Owen. "Você agiram bem, meus amigos, mas não se descuidem. Cronos não deve nunca ser subestimado. Agora por que vocês não vão visitar o restaurante na 33rd e tomam um bom café da manhã? Eu ouvi que a divisão de Delaware encontrou uma reserva de cerveja."

"Cerveja!" Eles quase se pisotearam quando saíram galopando. Quíron sorriu. Annabeth lhe deu um grande abraço, e Sra. O'Leary lambeu seu rosto.

"Ieca," ele resmungou. "Pare com isso, cão. Sim, estou feliz por ver você também."

"Quíron, obrigado," eu disse. "Isso que é salvar o dia."

Ele encolheu os ombros. "Lamento ter levado tanto tempo. Centauros viajam rápido, como sabem. Podemos encurtar distâncias quando galopamos. Mesmo assim, reunir todos os centauros não foi tarefa fácil. Os Pôneis de Festa não são exatamente organizados."

"Como vocês conseguiram atravessar as defesas mágicas em torno da cidade?" Annabeth perguntou.

"Elas nos atrasaram um pouco," admitiu Quíron, "mas eu acho que elas foram principalmente destinadas a manter os mortais de fora. Cronos não quer os fracos seres humanos no caminho de sua grande vitória."

"Então talvez outros reforços possam chegar," eu disse esperançoso. Quíron passou a mão em sua barba. "Talvez, mas o tempo é curto. Logo que Cronos reagrupar, ele irá atacar novamente. Sem o elemento surpresa do nosso lado..."

Eu percebi o que ele quis dizer. Cronos não foi derrotado. Não por muito tempo. Eu meio que esperava que Cronos tivesse sido achatado debaixo do enorme traseiro daquele gigante Hiperbóreo, mas eu sabia melhor. Ele iria voltar, no mais tardar esta noite.

"E Tífon?" perguntei.

O rosto de Quíron escureceu. "Os deuses estão fatigados. Dioniso foi incapacitado ontem. Tífon abateu sua carruagem, e o deus do vinho caiu em algum lugar dos Apalaches. Ninguém o viu desde então. Hefesto também está fora de ação. Ele foi jogado tão violentamente para fora da batalha que criou um novo lago em West Virginia. Ele vai se curar, mas não rápido o suficiente para ajudar. Os outros ainda lutam. Eles conseguiram atrasar a chegada de Tífon. Mas o monstro não pode ser detido. Ele vai chegar em Nova York a essa hora amanhã. Quando ele e Cronos combinarem forças –"

"Então que chances temos?" eu disse. "Nós não podemos aguentar outro dia."

"Teremos que aguentar," Thalia falou. "Eu vou ver sobre colocar mais algumas armadilhas em volta do perímetro."

Ela parecia exausta. Sua jaqueta estava manchada de sujeira e pó de monstro, mas ela conseguiu ficar em pé e saiu cambaleando.

"Eu vou ajudá-la," Quíron decidiu. "Devo me assegurar que meus irmãos não exagerem demais com a cerveja."

Pensei que "exagerados" resumia bem os Pôneis de Festa, mas Quíron já estava a meio galope, deixando Annabeth e eu sozinhos.

Ela limpou o lodo de monstro de sua faca. Eu a vi fazer isso centenas de vezes, mas nunca pensei no porquê dela se importar tanto com a lâmina.

"Pelo menos a sua mãe está bem," falei.

"Se você chama lutar com Tífon estar *bem*." Ela olhou bem para mim. "Percy, mesmo com a ajuda dos centauros, estou começando a achar –"

"Eu sei." Tive um mau pressentimento que essa poderia ser a nossa última oportunidade de conversar, e senti que havia um milhão de coisas que eu não tinha dito a ela. "Escute, houve algumas... algumas visões que Hestia me mostrou."

"Você quer dizer sobre Luke?"

Talvez fosse só um palpite, mas eu tinha a sensação que Annabeth sabia o que eu estava escondendo. Talvez ela também tivesse seus próprios sonhos.

"É," eu disse. "Você e Thalia e Luke. A primeira vez que vocês se encontraram. E a vez em que conheceram Hermes."

Annabeth colocou sua faca na bainha. "Luke prometeu que nunca deixaria que eu me machucasse. Ele disse... ele disse que seríamos uma nova família, e que seria melhor que a dele."

Os olhos dela me lembraram daquela menina de sete anos de idade, em um beco escuro, zangada, com medo, desesperada por um amigo.

"Thalia falou comigo hoje mais cedo," eu disse. "Ela tem medo –"

"Que eu não possa enfrentar Luke," ela disse miseravelmente.

Eu assenti. "Mas há outra coisa que você deveria saber. Ethan Nakamura parece pensar que Luke ainda está vivo dentro de seu corpo, talvez até lutando com Cronos por controle."

Annabeth tentou esconder, mas eu quase pude ver sua mente trabalhando as possibilidades, talvez começando a ter esperanças.

"Eu não queria te contar," admiti.

Ela olhou para cima, para o edifício Empire State. "Percy, por tanto tempo na minha vida, eu senti que tudo estava mudando, o tempo todo. Eu não tinha ninguém com quem pudesse contar."

Assenti. Isso é algo que a maioria dos semideuses poderia compreender.

"Eu fugi quando eu tinha sete anos," disse ela. "Então, com Luke e Thalia, eu pensei que tinha encontrado uma família, mas nos separamos quase imediatamente. O que estou dizendo é... eu *odeio* quando as pessoas me deixam na mão, quando as coisas são temporárias. Acho que é por isso que quero ser uma arquiteta."

"Para construir algo permanente," falei. "Um monumento para durar mil anos."

Ela fitou meus olhos. "Acho que isso soa como o meu defeito mortal de novo."

Anos atrás no Mar de Monstros, Annabeth me dissera que sua maior falha era o orgulho – pensar que poderia consertar qualquer coisa. Eu vira um vislumbre do seu desejo mais profundo, mostrado a ela pela magia das Sereias. Annabeth tinha imaginado sua mãe e pai juntos, em frente de uma recém-reconstruída Manhattan, projetada por ela. E Luke estava lá também – bom novamente, dando a ela as boas vindas ao lar.

"Acho que entendo como você se sente," eu disse. "Mas Thalia está certa. Luke já traiu você vezes demais. Ele era mal antes mesmo de conhecer Cronos. Eu não quero que ele a machuque de novo."

Annabeth franziu os lábios. Eu podia dizer que ela estava tentando não ficar zangada.

"E você vai entender se eu continuar tendo esperança que vocês estejam errados."

Olhei para longe. Senti como se tivesse feito o meu melhor, mas que isso não fez que eu me sentisse melhor.

Do outro lado da rua, os campistas de Apolo tinham montado um hospital de campo para atender aos feridos – dúzias de campistas e quase o mesmo número de caçadoras.

Eu estava olhando os médicos trabalharem, e pensando nas nossas pequenas chances de defender o Olimpo...

E de repente: eu não estava mais lá.

Eu estava parado em um bar sujo com paredes pretas, letreiros de neon, e um monte de adultos festejando. Uma faixa pendurada no bar dizia FELIZ ANIVERSÁRIO, BOBBY EARL. Música sertaneja tocava nos alto-falantes. Grandes caras de jeans e camisas de trabalho lotavam o bar. Garçonetes levavam bandejas com bebidas e gritavam umas com as outras. Era bem o tipo de lugar que minha mãe nunca me deixaria ir.

Eu estava preso no fundo do lugar, perto dos banheiros (que não cheiravam muito bem) e de um par de máquinas antigas de fliperama.

"Ah bom, você está aqui," disse o homem na máquina de Pac-Man. "Eu gostaria de uma Coca Diet."

Ele era um cara rechonchudo em uma camiseta havaiana de pele de leopardo, shorts roxo, tênis vermelho, e meias pretas, o que não fazia exatamente com que ele se misturasse com a multidão. Seu nariz estava vermelho brilhante. Havia uma bandagem em volta dos seus cabelos pretos cacheados, como se ele estivesse se recuperando de uma concussão.

Eu pisquei. "Senhor D?"

Ele suspirou sem tirar os olhos do jogo. "Realmente, Peter Johnson, quanto tempo vai levar para você me reconhecer de imediato?"

"O mesmo tempo que você vai levar para acertar meu nome," murmurei. "Onde estamos?"

"Ora, na festa de aniversário do Bobby Earl," disse Dioniso. "Em algum lugar da adorável América rural."

"Pensei que Tífon tivesse te jogado para fora do céu. Fiquei sabendo que você se espatifou."

"Sua preocupação é comovente. Eu *realmente* me espatifei. Muito dolorosamente. Na verdade, parte de mim ainda está enterrada sob uns trinta metros de escombros em uma mina de carvão abandonada. Ainda vai levar muitas horas para eu ter força suficiente para me curar. Mas nesse meio tempo, parte da minha consciência está *aqui*."

"Em um bar, jogando Pac-Man."

"Hora da festa," disse Dioniso. "Certamente você já ouviu falar disso. Onde quer que haja uma festa, a minha presença é invocada. Por causa disto, eu posso existir em vários locais diferentes ao mesmo tempo. O único problema foi encontrar uma festa. Eu não sei se você está ciente do quão sério as coisas estão fora da sua segura pequena bolha em Nova York –"

"*Segura pequena bolha?*"

"– mas acredite em mim, os mortais aqui fora, no coração da América, estão em pânico. Tífon os está aterrorizando. Muito poucos estão dando festas. Aparentemente Bobby Earl e seus amigos, abençoados sejam, são um pouco lerdos. Eles ainda não descobriram que o mundo está acabando."

"Então... eu não estou aqui de verdade?"

"Não. Em um momento vou lhe enviar de volta a sua normal e insignificante vida, e será como se nada tivesse acontecido."

"E *por que* você me trouxe aqui?"

Dioniso bufou. "Oh, eu não queria você em particular. Qualquer um de vocês, tolos heróis, serviria. Até a garota Annie –"

"Annabeth."

"O ponto é que," ele disse, "eu trouxe você aqui na hora da festa para dar um aviso. Estamos em *perigo*."

"Nossa," falei. "Nunca teria percebido. Obrigado."

Ele olhou para mim e esqueceu momentaneamente do seu jogo. O Pac-Man foi comido pelo cara vermelho fantasma.

"*Erre es korakas*, Blinky!" Dioniso amaldiçoou. "Eu terei sua alma!"

"Hum, ele é um personagem de vídeo game," eu disse.

"Isso não é desculpa! Você está arruinando meu jogo, Jorgenson!"

"Jackson."

"Que seja! Agora ouça, a situação é mais grave do que você imagina. Se o Olimpo cair, não só os deuses desaparecerão, mas tudo que estiver conectado ao nosso legado também começará a sumir. A própria estrutura de sua pequena e fraca civilização –"

O jogo tocou uma música e o Sr. D passou para o nível 254.

"Rá!" ele gritou. "Tome isto, seu píxel sórdido!"

"Hum, estrutura da civilização," incitei.

"Sim, sim. Sua sociedade inteira irá se dissolver. Talvez não de imediato, mas marque minhas palavras, o caos dos Titãs significará o fim da civilização ocidental. Arte, direito, degustação de vinho, música, vídeo games, camisas de seda, quadros de veludo preto – todas as coisas que fazem a vida valer a pena vão desaparecer!"

"Então, por que os deuses não vêm correndo para nos ajudar?" Eu disse. "Deveríamos juntar nossa forças no Olimpo. Esqueça Tífon."

Ele estalou os dedos impacientemente. "Você se esqueceu da minha Coca Diet."

"Deuses, você é irritante." Consegui a atenção de uma garçonete e pedi o estúpido refrigerante. Coloquei na conta do Bobby Earl.

O Sr. D. tomou um longo gole. Seus olhos nunca deixaram o vídeo game. "A verdade é, Pierre –"

"Percy."

"– os outros deuses *nunca* admitirão isso, mas nós *realmente* precisamos de vocês mortais para salvar o Olimpo. Veja bem, nós somos manifestações da sua cultura. Se vocês não se importam o suficiente para salvar o Olimpo –"

"Como Pan," eu disse, "dependendo dos sátiros para salvar a natureza."

"Sim, quase isso. Eu negaria que alguma vez disse isso, claro, mas os deuses *precisam* dos heróis. Eles sempre precisaram. Caso contrário nós não manteríamos vocês, fedelhos irritantes, por perto."

"Eu me sinto tão querido. Obrigado."

"Use o treinamento que eu te dei no acampamento."

"*Que* treinamento?"

"Você sabe. Todas essas técnicas de herói e... Não!" Sr. D bateu no videogame. "*Na pari i eychi!* O último nível!"

Ele olhou para mim, e fogo roxo bruxuleou em seus olhos. "Pelo que me lembro, eu previ uma vez que você iria se mostrar tão egoísta como todos os outros heróis humanos. Bem, aqui está a sua oportunidade de provar que estou errado."

"Certo, deixar você orgulhoso está no topo da minha lista."

"Você deve salvar o Olimpo, Pedro! Deixe Tífon para os Olimpianos e salve os nossos tronos de poder. Isto deve ser feito!"

"Ótimo. Foi bom conversar com você. Agora, se não se importa, meus amigos estão me esperando –"

"Há mais," Sr. D. alertou. "Cronos ainda não alcançou sua força plena. O corpo do mortal era apenas uma medida temporária."

"Nós meio que presumimos isso."

"E você também presumiu que dentro de um dia, no máximo, Cronos vai queimar o corpo do mortal e assumir sua verdadeira forma de rei Titã?"

“E isso significaria...”

Dioniso inseriu outra moeda. “Você sabe as verdadeiras formas dos deuses.”

“Sim. Você não pode olhar pra eles sem fritar.”

“Cronos seria dez vezes mais poderoso. Sua simples presença incineraria você. E uma vez que ele alcance isso, ele dará mais poder aos outros Titãs. Eles estão fracos agora, em comparação com o que logo se tornarão, a menos que vocês possam detê-los. O mundo cairá, os deuses morrerão, e eu nunca baterei o recorde dessa máquina estúpida.” Talvez eu devesse ter ficado aterrorizado, mas honestamente, eu já estava tão assustado quanto poderia ficar.

“Posso ir agora?” perguntei.

“Uma última pergunta. Meu filho Pollux. Ele está vivo?”

Pestanejei. “Sim, da última vez que o vi.”

“Eu apreciaria muito se você pudesse mantê-lo dessa forma. Perdi seu irmão Castor no ano passado –”

“Eu me lembro.” Encarei Dioniso, tentando trabalhar a ideia de que ele poderia ser um pai cuidadoso. Imaginei quantos Olímpianos estavam pensando em seus filhos semideuses neste momento. “Farei o meu melhor.”

“O seu melhor,” murmurou Dioniso. “Bem, se isso não é *reconfortante*. Agora vá. Você tem algumas surpresas desagradáveis para lidar, e eu devo derrotar Blinky!”

“Surpresas desagradáveis?”

Ele acenou com sua mão, e o bar desapareceu.

Eu estava de volta na Quinta Avenida. Annabeth não tinha se movido. Ela não deu nenhum sinal de que eu estive fora ou algo do tipo.

Ela me pegou encarando e franziu o cenho. “Que foi?”

“Hum... nada, eu acho.”

Eu olhei avenida abaixo, me perguntando o que o Sr D quis dizer com surpresas desagradáveis. Como é que isso poderia piorar?

Meus olhos pararam em um surrado carro azul. O capô estava bem amassado, como se alguém tivesse tentado arrumar umas crateras enormes martelando. Minha pele formigou. *Por que* esse carro parecia familiar? Então percebi que era um Prius.

O Prius de *Paul*.

Eu disparei rua abaixo.

“Percy!” Annabeth chamou. “O que você está fazendo?”

Paul estava desmaiado no banco do motorista. Minha mãe estava ressonando ao lado dele. Minha mente parecia mingau. Como eu não tinha visto isso antes? Eles deviam estar aqui, sentados no meio do trânsito, por mais de um dia, a batalha acontecendo ao seu redor, e eu sequer notei.

“Eles... eles devem ter visto aquelas luzes azuis no céu.” Eu puxei as portas, mas estavam trancadas. “Eu preciso tirá-los daí.”

“Percy,” Annabeth disse suavemente.

“Eu eu não posso deixá-los aqui!” eu parecia um pouco louco. Eu esmurrei o para-brisa.

“Tenho que tirá-los. Tenho que –”

“Percy, apenas... apenas espere um pouco.” Annabeth acenou para Quíron, que estava conversando com alguns centauros uma quadra abaixo. “Nós podemos empurrar o carro para uma rua lateral, tudo bem? Eles vão ficar bem.”

Minhas mãos tremiam. Depois de tudo pelo que eu tinha passado ao longo desses últimos dias, eu me senti tão estúpido e fraco, mas a visão dos meus pais ali me fez querer desmoronar.

Quíron galopou até nós. “O que... Oh, minha nossa. Entendo.”

“Eles estavam vindo me encontrar,” eu disse. “Minha mãe deve ter sentido que algo estava errado.”

"Provavelmente," disse Quíron. "Mas, Percy, eles vão ficar bem. A melhor coisa que podemos fazer por eles é ficar concentrados em nosso trabalho."

Então notei algo no banco traseiro do Prius, e meu coração perdeu uma batida. Afivelado com o cinto de segurança atrás da minha mãe estava um jarro grego preto e branco com cerca de noventa centímetros de altura. Sua tampa envolta por um arnês de couro.

"Sem chance," murmurei.

Annabeth pressionou a mão na janela. "Isto é impossível! Eu pensei que você tinha deixado isso no Plaza."

"Trancado em um cofre," concordei.

Quíron viu o jarro e seus olhos se arregalaram. "Isso não é —"

"O jarro de Pandora." Eu contei a ele sobre o meu encontro com Prometeu.

"Então o jarro é seu," Quíron disse severamente. "Ele seguirá você e vai tentá-lo a abri-lo, não importa onde você o deixe. Ele irá aparecer quando você estiver mais vulnerável."

Como agora, eu pensei. Olhando para os meus pais desamparados.

Eu imaginei Prometeu rindo, tão ansioso para ajudar a nós, pobres mortais. *Desista da Esperança, e eu saberei que está se rendendo. Eu prometo que Cronos será clemente.*

A raiva me atravessou. Puxei contracorrente e atravessei a janela do lado do motorista como se ela fosse feita de plástico.

"Vamos colocar o carro em ponto morto," eu disse. "Empurrá-lo para fora da rua. E levar este jarro estúpido para o Olimpo."

Quíron assentiu. "Um bom plano. Mas, Percy..."

Seja lá o que ele fosse dizer, ele vacilou. Um som mecânico de batidas repetidas foi ficando mais alto - o *chop-chop-chop* de um helicóptero.

Em uma manhã normal de segunda-feira em Nova York, isto não teria sido grande coisa, mas depois de dois dias de silêncio, um helicóptero mortal era a coisa mais esquisita que eu já ouvira. A poucas quadras a leste, o exército de monstros gritou e zombou quando o helicóptero apareceu. Era um modelo civil pintado de vermelho escuro, com um logo verde brilhante, "DE", na lateral. As palavras sob o logotipo eram muito pequenas para ler, mas eu sabia o que elas diziam: DARE ENTERPRISES.

Minha garganta se fechou. Olhei para Annabeth e eu podia dizer que ela reconheceu o logotipo também. Seu rosto estava tão vermelho quanto o helicóptero.

"O que *ela* está fazendo aqui?" Annabeth quis saber. "Como ela passou pela barreira?"

"Quem?" Quíron parecia confuso. "Que mortal seria insano o suficiente —"

De repente, o helicóptero se lançou para frente.

"O encanto de Morfeu!" Quíron disse. "O tolo piloto mortal está adormecido."

Eu assisti horrorizado enquanto o helicóptero adernava para os lados, caindo na direção de uma fila de edifícios de escritórios. Mesmo se ele não batesse, os deuses do ar provavelmente o derrubariam por estar tão perto do prédio Empire State.

Eu estava paralisado, mas Annabeth assobiou e Guido, o pégaso, apareceu do nada.

Você chamou um cavalo bonito? ele perguntou.

"Vamos, Percy," Annabeth rosou. "Temos que salvar a *sua amiga*."



SOMOS AJUDADOS POR UM LADRÃO

Aqui está minha definição para *não divertido*. Voar em um pégaso direto para um helicóptero fora-de-controle. Se Guido fosse qualquer coisa menos que um excelente piloto, teríamos sido fatiados em confetes.

Eu podia ouvir Rachel gritando lá dentro. Por alguma razão, *ela* não tinha adormecido, mas eu podia ver o piloto deitado sobre os controles, balançando pra frente e pra trás conforme o avião oscilava na direção da lateral de um edifício empresarial.

“Ideias?” perguntei a Annabeth.

“Você terá que pegar o Guido e dar o fora,” ela disse.

“E o que *você* vai fazer?”

Em resposta, ela disse. “Hyah!” e Guido mergulhou.

“Se abaixe!” Annabeth gritou.

Passamos tão perto das hélices que senti a força do bater das lâminas no meu cabelo. Zunimos pelo lado do helicóptero, e Annabeth agarrou a porta.

Foi então que as coisas deram errado.

As asas de Guido se chocaram contra o helicóptero. Ele despencou comigo em suas costas, deixando Annabeth pendurada na lateral da aeronave.

Eu estava tão aterrorizado que mal conseguia pensar, mas enquanto Guido rodopiava, pude ter um lampejo de Rachel puxando Annabeth para dentro.

“Agente firme!” gritei para Guido.

Minha asa, ele gemeu. *Está quebrada*.

“Você consegue!” Tentei me lembrar desesperadamente do que Silena costumava nos dizer nas aulas de voo de pégaso. “Apenas relaxe a asa. Estique e plane.”

Nós parecíamos uma rocha – indo direto para o asfalto, noventa metros abaixo. Na última hora, Guido estendeu suas asas. Eu vi os rostos boquiabertos dos centauros, olhando para nós. Então saímos de nosso mergulho, voamos uns quinze metros, e tombamos no asfalto – pégaso sobre semideus.

Ai! Guido gemeu. *Minhas pernas. Minha cabeça. Minhas asas*.

Quíron galopou com sua mala de primeiros socorros e começou a trabalhar no pégaso.

Eu fiquei em pé. Quando olhei para cima, meu coração foi parar na minha garganta. O helicóptero estava a alguns segundos de bater na lateral do edifício.

Então, por milagre, o helicóptero se endireitou. Ele girou em um círculo e pairou. Muito lentamente, ele começou a descer.

Pareceu levar uma eternidade, mas finalmente o helicóptero pousou no meio da Quinta Avenida. Eu olhei para o para-brisa, e não pude acreditar no que estava vendo. Annabeth estava nos controles.

Eu corri enquanto as hélices paravam de rodar. Rachel abriu a porta lateral e arrastou o piloto.

Rachel ainda estava vestida como se estivesse de férias, com shorts de praia, uma camiseta, e sandálias. Seu cabelo estava emaranhado e seu rosto estava verde da viagem de helicóptero.

Annabeth saiu por último.

Eu a encarei assombrado. “Eu não sabia que você podia pilotar um helicóptero.”

“Nem eu,” ela disse. “Meu pai é louco por aviação. E também, Dédalo tinha algumas anotações sobre máquinas voadoras. Eu apenas segui minha intuição nos controles.”

“Você salvou minha vida.” Rachel disse.

Annabeth flexionou seu ombro machucado. “É, bem... não vamos fazer disso um hábito. O que *você* está fazendo aqui, Dare? Você não sabe nada melhor do que voar numa zona de guerra?”

“Eu –” Rachel olhou de relance pra mim. “Eu tinha que estar aqui. Eu sabia que Percy estava com problemas.”

“Nisso você acertou,” Annabeth resmungou. “Bem, se vocês me derem licença, eu tenho alguns *amigos* feridos para cuidar. Bom que você pode dar uma passada, Rachel.”

“Annabeth –” eu chamei.

Ela saiu tempestuosamente.

Rachel sentou no meio fio, e colocou sua cabeça entre as mãos. “Eu sinto muito, Percy. Eu não queria... eu sempre estrago tudo.”

Era meio difícil discutir com ela, embora eu estivesse feliz por ela estar a salvo. Olhei na direção para onde Annabeth fora, mas ela tinha desaparecido no meio da multidão. Eu não conseguia acreditar no que ela tinha acabado de fazer – salvado a vida de Rachel, aterrissado um helicóptero, e ido embora como se não fosse nada demais.

“Está tudo bem,” eu disse a Rachel, mas minhas palavras pareciam vazias. “Então, qual era a mensagem que você queria entregar?”

Ela franziu a testa. “Como você sabe disso?”

“Um sonho.”

Rachel não pareceu surpresa. Ela deu um puxão em seus shorts de praia. Eles estavam cobertos de desenhos, o que não era incomum pra ela, mas estes símbolos eu reconhecia: letras gregas, imagens de contos do acampamento, esboços de monstros e rostos de deuses. Eu não entendia como Rachel podia saber sobre algumas daquelas coisas. Ela nunca estivera no Olimpo ou no Acampamento Meio-Sangue.

“Eu tenho visto coisas também,” ela murmurou. “Digo, não somente através da Névoa. Isso é diferente. Eu tenho desenhado imagens, escrito textos –”

“Em grego antigo,” eu disse. “Você sabe o que elas significam?”

“Era sobre isso que eu queria falar com você. Eu esperava que... bem, se você tivesse saído em férias conosco, eu esperava que você pudesse me ajudar a descobrir o que está acontecendo comigo.”

Ela olhou para mim suplicante. Seu rosto estava bronzeado pela praia. Seu nariz estava descascando. Eu não conseguia superar o choque por ela estar aqui em pessoa. Ela havia forçado sua família a encurtar as férias, concordado em entrar para uma escola horrível, e voado em um helicóptero direto para uma batalha de monstros só para me ver. Do seu próprio jeito, ela era tão corajosa quanto Annabeth.

Mas o que estava acontecendo com ela com essas suas visões realmente estava me assustando. Talvez fosse algo que acontecesse com todos os mortais que podem ver através da Névoa. Mas minha mãe nunca havia falado sobre algo assim. E as palavras de Héstitia sobre a mãe de Luke continuavam voltando a minha cabeça: *May Castellan foi longe demais. Ela tentou ver demais.*

“Rachel,” eu disse. “Eu gostaria de saber. Talvez devêssemos perguntar a Quíron –”

Ela vacilou como se tivesse levado um choque elétrico. “Percy, algo está prestes a acontecer. Um artifício que termina em morte.”

“O que você quer dizer? Morte de quem?”

“Eu não sei.” Ela olhou em volta nervosamente. “Você não sente isso?”

“Era essa a mensagem que você queria me contar?”

“Não.” Ela hesitou. “Sinto muito. Não estou sendo clara, mas esse pensamento simplesmente veio até mim. A mensagem que escrevi na praia foi diferente. Seu nome estava nela.”

“Perseu,” eu lembrei. “Em grego antigo.”

Rachel assentiu. “Eu não sei o que significa. Mas sei que é importante. Você tem que ouvi-la. Ela dizia: *Perseu, você não é o herói.*”

Eu a encarei como se ela tivesse acabado de me esbofetear. “Você viajou milhares de quilômetros para me dizer que eu não sou o herói?”

“É importante,” ela insistiu. “Vai afetar o que você fará.”

“Não o herói da profecia?” perguntei. “Não o herói que derrota Cronos? O que você quer dizer?”

“Eu... eu sinto muito, Percy. Isso é tudo o que sei. Eu tinha que contar a você porque —”

“Bem!” Quíron veio galopando. “Esta deve ser a Srta. Dare.”

Eu queria gritar para ele ir embora, mas é claro que eu não podia. Eu tentei manter minhas emoções sob controle. Senti como se tivesse outro furacão particular rodopiando ao meu redor.

“Quíron, Rachel Dare,” eu disse. “Rachel, este é o meu professor, Quíron.”

“Olá,” Rachel disse melancolicamente. Ela não pareceu nada surpresa por Quíron ser um centauro.

“Você não está adormecida Srta. Dare,” ele observou. “E, contudo você é mortal?”

“Eu sou uma mortal,” ela concordou, como se fosse um pensamento deprimente. “O piloto adormeceu assim que passamos pelo rio. Eu não sei por que eu não dormi. Eu só sabia que eu tinha que estar aqui, para avisar Percy.”

“Avisar Percy?”

“Ela tem visto coisas,” falei. “Escrevendo textos e fazendo desenhos.”

Quíron levantou uma sobrancelha. “É mesmo? Conte-me.”

Ela disse a ele o mesmo que havia me dito.

Quíron afagou sua barba. “Srta. Dare... talvez devêssemos conversar.”

“Quíron,” eu falei abruptamente. Eu tive uma súbita visão terrível do Acampamento Meio-Sangue na década de noventa, e o grito de May Castellan vindo do sótão. “Você... você *ajudará* Rachel, não é? Digo, você a avisará que ela tem que tomar cuidado com essas coisas. Para não ir longe demais.”

Sua cauda balançou como quando ele está ansioso. “Sim, Percy. Eu farei o meu melhor para entender o que está acontecendo e aconselhar a Srta. Dare, mas isso talvez leve algum tempo. Enquanto isso, você deve descansar. Nós colocamos o carro dos seus pais em segurança. O inimigo parece estar aguardando por enquanto. Nós espalhamos camas pelo prédio Empire State. Durma um pouco.”

“Todo mundo fica me dizendo para dormir,” resmunguei. “Eu não preciso dormir.”

Quíron conseguiu sorrir. “Você já se olhou recentemente, Percy?”

Eu olhei de relance para minhas roupas, que estavam chamuscadas, queimadas, rasgadas, em farrapos pela minha última noite de batalhas constantes. “Eu pareço um morto,” admiti. “Mas você acha que eu consigo dormir depois do que acabou de acontecer?”

“Você deve ser invulnerável em combate,” Quíron repreendeu, “mas isso só deixa seu corpo cansado mais rápido. Eu me lembro de Aquiles. Sempre que aquele garoto não estava lutando, estava dormindo. Ele devia tirar umas vinte sonecas por dia. Você, Percy, precisa do seu descanso. Você pode ser nossa única esperança.”

Eu queria reclamar que eu *não era* a única esperança deles. De acordo com Rachel, eu nem ao menos era o herói. Mas a expressão nos olhos de Quíron deixava claro que ele não aceitaria um não como resposta.

“Claro,” resmunguei. “Conversem.”

Eu me arrastei na direção do edifício Empire State. Quando olhei para trás, Rachel e Quíron estavam andando juntos conversando seriamente, como se estivessem discutindo os preparativos de um funeral.

Dentro do saguão, encontrei uma cama vazia e capotei, certo de que nunca seria capaz de dormir. Um segundo depois, meus olhos se fecharam.

Em meus sonhos, eu estava de volta aos jardins de Hades. O Senhor dos Mortos andava de um lado para o outro, tampando suas orelhas enquanto Nico o seguia, balançando os braços.

“Você *tem* que fazer!” Nico insistia.

Deméter e Perséfone sentavam atrás deles na mesa de café da manhã. Ambas as deusas pareciam entediadas. Deméter despejava bocados de trigo em quatro grandes tigelas. Perséfone estava mudando os arranjos de flores magicamente na mesa, mudando as flores de vermelho para amarelo com bolinhas.

“Eu não *tenho* que fazer nada!” Os olhos de Hades brilharam. “Eu sou um deus!”

“Pai,” Nico disse, “se o Olimpo cair, a segurança do seu palácio não vai importar. Você vai desaparecer também.”

“Eu não sou um Olimpiano!” ele rosnou. “Minha família já deixou isso *bem* claro.”

“Você é,” Nico disse. “Quer você queria ou não.”

“Você viu o que eles fizeram com a sua mãe,” Hades disse. “Zeus a matou. E você quer que eu *ajude* a eles? Eles merecem o que vier.”

Perséfone suspirou. Ela passou seus dedos pela mesa, transformando, distraidamente, a prataria em rosas. “Poderíamos, por favor, não falar dessa mulher?”

“Você sabe o que ajudaria esse garoto?” Deméter meditou. “Lavoura.”

Perséfone rolou os olhos. “Mãe –”

“Seis meses atrás de um arado. Excelente modelador de caráter.”

Nico se pôs diante de seu pai, forçando Hades a encará-lo. “Minha mãe entendia sobre família. Foi por isso que ela não quis nos deixar. Você não pode abandonar sua família só porque eles fizeram algo horrível. Você causou coisas horríveis a eles também.”

“Maria morreu!” Hades lembrou a ele.

“Você não pode simplesmente se afastar dos outros deuses!”

“Tenho feito isso muito bem durante milhares de anos.”

“E isso o fez sentir melhor?” Nico demandou. “Aquela maldição no Oráculo te ajudou de alguma forma? Guardar mágoa é um defeito mortal. Bianca me alertou sobre isso, e ela estava certa.”

“Para semideuses! Eu sou imortal, todo-poderoso! Eu não ajudaria os outros deuses nem se eles me implorassem, nem se Percy Jackson em pessoa suplicasse –”

“Você é um pária tanto quanto eu!” Nico gritou. “Pare de guardar rancor por isso e faça algo de útil uma vez na vida. Só desse jeito eles irão te respeitar!”

A palma da mão de Hades se encheu com fogo negro.

“Vá em frente,” Nico disse. “Acabe comigo. Isso é justamente o que os outros deuses esperam de você. Prove que eles estão certos.”

“Sim, por favor,” Deméter pediu. “Cale a boca dele.”

Perséfone suspirou. “Ah, eu não sei. Eu prefiro lutar na guerra a comer outra tigela de cereal. Isso é um tédio.”

Hades rugiu de ódio. Sua bola de fogo atingiu uma árvore prata bem do lado de Nico, derretendo-a em uma poça de metal líquido.

E meus sonhos mudaram.

Eu estava parado do lado de fora das Nações Unidas, cerca de meio quilômetro a oeste do edifício Empire State. O exército Titã havia montado acampamento ao redor do complexo das ONU. Nos mastros estavam pendurados troféus horríveis – elmos e partes de armaduras de campistas derrotados. Ao longo da Quinta Avenida, gigantes afiavam seus machados. Telequines reparavam armaduras em forjas improvisadas.

Cronos em pessoa andava no topo do Plaza, girando sua foice de forma que forçava suas guarda-costas *dracaenae* a manter distância. Ethan Nakamura e Prometeu estavam perto, fora do alcance da foice. Ethan estava remexendo nas correias de seu escudo, mas Prometeu parecia tão calmo e sereno como sempre em seu smoking.

“Odeio este lugar,” Cronos grunhiu. “*Nações Unidas*. Como se a humanidade pudesse se unir. Lembre-me de pôr abaixo este edifício depois de destruímos o Olimpo.”

“Sim, senhor.” Prometeu sorriu como se a raiva de seu senhor o divertisse. “Destruiremos os estábulos no Central Park também? Eu sei o quanto os cavalos o aborrecem.”

“Não deboche de mim, Prometeu! Esses malditos centauros vão lamentar sua interferência. Eles servirão de alimento para os cães infernais, começando por aquele meu filho – aquele débil Quíron.”

Prometeu deu de ombros. “Aquele débil destruiu um exército de telequines com suas flechas.”

Cronos girou sua foice e cortou um mastro ao meio. As cores nacionais do Brasil caíram sobre o exército, amassando uma *dracaenae*.

“Nós vamos destruí-los!” Cronos rugiu. “Chegou a hora de libertar o drakon. Nakamura, você fará isso.”

“S-sim, senhor. Ao pôr do sol?”

“Não,” Cronos disse. “Imediatamente. As defesas do Olimpo estão seriamente comprometidas. Eles não esperam um ataque rápido. Além do mais, sabemos que esse drakon eles não podem matar.”

Ethan pareceu confuso, “Meu senhor?”

“Não se preocupe, Nakamura. Só faça o que mandei. Eu quero o Olimpo em ruínas na hora em que Tífon chegar à Nova York. Acabaremos com os deuses completamente.”

“Mas, meu senhor,” Ethan disse. “Sua regeneração.”

Cronos apontou para Ethan, e o semideus congelou.

“Por acaso parece,” Cronos disse. “que eu *preciso* me regenerar?”

Ethan não respondeu. Meio difícil fazer isso quando se está congelado no tempo.

Cronos estalou seus dedos e Ethan desmoronou.

“Em breve,” O Titã grunhiu, “essa forma será desnecessária. Não descansarei com a vitória tão próxima. Agora, vá!”

Ethan saiu cambaleando.

“Isso é perigoso, meu senhor,” Prometeu avisou. “Não seja apressado.”

“Apressado? Depois de apodrecer por três mil anos nas profundezas do Tártaro, você me chama de apressado? Eu cortarei Percy Jackson em milhares de pedaços.”

“Por três vezes você lutou com ele,” Prometeu lembrou. “E você ainda diz que isso está abaixo da dignidade de um Titã, lutar com um mero mortal. Eu me pergunto se o seu hospedeiro mortal está influenciando você, enfraquecendo seu julgamento.”

Cronos virou seus olhos dourados para o outro Titã. “Você está me chamando de fraco?”

“Não, meu senhor. Eu só quis dizer –”

“Sua lealdade está dividida?” Cronos perguntou. “Talvez você sinta falta de seus velhos amigos, os deuses. Gostaria de se juntar a eles?”

Prometeu empalideceu. “Eu me expressei mal, meu senhor. Suas ordens serão repassadas.” Ele se virou para os exércitos e gritou, “PREPAREM-SE PARA BATALHA!”

As tropas começaram a se agitar.

De algum lugar atrás do complexo ONU, um rugido de raiva chacoalhou a cidade – o som de um drakon acordando. O barulho era tão horrível que me acordou, e eu percebi que ainda podia ouvi-lo a quilômetros de distância.

Grover estava do meu lado, parecendo nervoso. “O que foi isso?”

“Eles estão vindo,” eu disse a ele. “E estamos em apuros.”

O chalé de Hefesto estava sem Fogo Grego. O chalé de Apolo e as Caçadoras estavam procurando por flechas. A maioria de nós já havia ingerido tanta ambrosia e néctar que não nos atrevíamos a tomar mais.

Tínhamos dezesseis campistas, quinze Caçadoras, e meia dúzia de sátiros em condições de combate. O resto tinha se refugiado no Olimpo. Os Pôneis de Festa tentaram se alinhar, mas eles cambaleavam e riam e todos eles cheiravam a cerveja. Os Texanos estavam batendo cabeça com os do Colorado. O Missouri estava discutindo com Illinois. As chances eram bem grandes de que o exército acabaria lutando entre si do que contra o inimigo.

Quíron galopou com Rachel em suas costas. Eu senti uma pontada de aborrecimento, porque Quíron raramente dava carona a alguém, e nunca a um mortal.

“Sua amiga aqui tem úteis perspectivas, Percy,” ele disse.

Rachel corou. “Apenas algumas coisas que vi em minha cabeça.”

“Um drakon,” Quíron disse. “Um drakon Lydiano, para ser exato. O tipo mais antigo e mais perigoso.”

Eu a encarei. “Como você sabe disso?”

“Eu não tenho certeza,” Rachel admitiu. “Mas esse drakon tem um destino específico. Ele será morto por uma criança de Ares.”

Annabeth cruzou os braços. “Como é possível você saber disso?”

“Eu só vi isso. Não sei explicar.”

“Bem, vamos torcer para que você esteja errada,” eu disse. “Porque nosso estoque de crianças de Ares está pequeno...” Um pensamento horrível me ocorreu, e eu praguejei em Grego Antigo.

“Que foi?” Annabeth perguntou.

“O espião,” eu disse a ela. “Cronos disse, *Sabemos que eles não podem derrotar este drakon*. O espião tem mantido ele informado. Cronos sabe que o chalé de Ares não está conosco. Ele de propósito pegou um monstro que não podemos matar.”

Thalia fechou a cara. “Se eu conseguir por as mãos nesse seu espião, ele vai se arrepender amargamente. Talvez possamos mandar outro mensageiro para o acampamento –”

“Eu já fiz isso,” Quíron disse. “Blackjack está a caminho. Mas se Silena não foi capaz de convencer Clarisse, duvido que Blackjack consiga –”

Um rugido fez o chão tremer. Parecia *muito* perto.

“Rachel,” eu disse, “entre no edifício.”

“Eu quero ficar.”

Uma sombra bloqueou o sol. Do outro lado da rua, o drakon resvalou na lateral de um arranha-céu. Ele rugiu, e milhares de janelas se despedaçaram.

“Pensando bem,” Rachel disse baixinho. “Estarei lá dentro.”

* * *

Deixe-me explicar: há dragões, e então há *drakons*.

Drakons são muitos milênios mais antigos que os dragões, e *muito* maiores. Eles parecem serpentes gigantes. A maioria não tem asas. A maioria não cospe fogo (embora alguns cusпам). Todos são venenosos. Todos são imensamente fortes, com escamas mais fortes que titânio. Seus olhos podem te paralisar; não a paralisia do tipo Medusa *te-transformar-em-pedra*, mas o *oh-meus-deuses-aquela-cobra-gigante-vai-me-comer* tipo de paralisia, que é ruim do mesmo jeito.

Nós tivemos aulas de lutas contra drakons no acampamento, mas não tinha como se preparar para uma serpente de sessenta metros, tão larga quanto um ônibus escolar, escorregando pelo lado de um edifício, seus olhos amarelos como faróis e sua boca cheia de dentes afiados como navalhas e grandes o suficiente para mascar um elefante.

Eu quase senti falta do porco voador.

Nesse meio tempo, o exército inimigo avançava pela Quinta Avenida. Fizemos o nosso melhor para tirar os carros do caminho para manter os mortais a salvo, mas isso só facilitou a aproximação dos nossos inimigos. Os Pôneis de Festa balançavam suas caudas nervosamente. Quíron galopava pra cima e pra baixo por suas fileiras, gritando encorajamentos para ficarem firmes e pensarem na vitória e na cerveja, mas imaginei que a qualquer segundo eles entrariam em pânico e fugiriam.

“Eu vou cuidar do drakon.” Minha voz saiu um pequeno guincho. Então gritei mais alto: “EU VOU CUIDAR DO DRAKON! Todos os outros mantenham a formação contra o exército inimigo!”

Annabeth veio para perto de mim. Ela tinha posto seu elmo de coruja sobre seu rosto, mas eu podia dizer que seus olhos estavam vermelhos.

“Você vai me ajudar?” perguntei.

“É isso que eu faço,” ela disse miseravelmente. “Eu ajudo meus amigos.”

Eu me senti um tremendo idiota. Eu queria puxá-la para um canto e dizer a ela que eu não queria que Rachel estivesse ali, que não foi ideia minha, mas nós não tínhamos tempo.

“Fique invisível,” eu disse. “Procure por aberturas em sua couraça, enquanto eu o mantenho ocupado. Apenas tome cuidado.”

Eu assobiei. “Sra O’Leary, junto!”

“*ROOF!*” Meu cão infernal correu por entre as linhas de centauros e me deu uma lambida que suspeitamente cheirava a pizza de pepperoni.

Saquei minha espada e fomos pra cima do monstro.

O drakon estava três andares acima de nós, deslizando pelos lados do edifício enquanto media nossas forças. Onde quer que ele olhasse, centauros congelavam de medo.

Do lado norte, o exército inimigo se chocou com os Pôneis de Festa, e nossas linhas se romperam. O Drakon deu o bote, engolindo três centauros californianos em uma só bocada, antes mesmo que eu conseguisse sequer me aproximar.

Sra. O’Leary se jogou pelo ar – uma sombra negra mortal com dentes e garras. Normalmente, um cão infernal saltando é uma visão aterrorizante, mas perto do drakon a Sra O’Leary parecia uma bonequinha de dormir infantil.

Suas garras bateram inofensivamente nas escamas do drakon. Ela mordeu a garganta do monstro, mas não conseguiu fazer nem um arranhão. Entretanto, seu peso foi o suficiente para derrubar o drakon da lateral do edifício. Eles caíram atrapalhadamente e bateram na calçada, cão infernal e serpente se enroscando e se batendo. O drakon tentou morder a Sra O’Leary, mas ela estava muito perto da boca da serpente. Veneno espalhou-se por todo canto, derretendo centauros em poeira junto com uns poucos monstros, mas a Sra. O’Leary passou ao redor da cabeça da serpente, arranhando e mordendo.

“YAAAH!” Eu cravei Contracorrente fundo no olho esquerdo do monstro. O holofote ficou preto. O drakon sibilou e se ergueu para atacar, mas eu rolei para o lado.

Ele arrancou um pedaço do tamanho de uma piscina do asfalto. Ele se virou pra mim com seu olho bom, e foquei em seus dentes para não ser paralisado. A Sra O’Leary fez seu melhor para causar uma distração. Ela pulou na cabeça da serpente e arranhou e rosnou como uma grande e irritada peruca preta.

O restante da batalha não estava indo bem. Os centauros tinham entrado em pânico sob o ataque devastador de gigantes e demônios. Por vezes uma camiseta laranja do acampamento aparecia no meio do mar de batalha, mas rapidamente desaparecia. Flechas voavam. Ondas de fogo explodiam em ambos os exércitos, mas a ação estava se movendo pela rua para a entrada do edifício Empire State. Estávamos perdendo terreno. De repente Annabeth se materializou nas costas do drakon. Seu boné caiu de sua cabeça assim que ela cravou sua faca de bronze em uma fissura nas escamas da serpente.

O drakon rugiu. Ele serpenteou, derrubando Annabeth de suas costas.

Eu a alcancei quando ela ia atingir o chão. Eu a tirei do caminho quando a serpente rolou, esmagando um poste bem onde ela estivera.

“Valeu,” ela disse.

“Eu te disse pra tomar cuidado!”

“É, bem, SE ABAIXE!”

Foi a vez dela me salvar. Ela me puxou quando os dentes do monstro passaram por cima de minha cabeça. Sra O’Leary se jogou contra o rosto do drakon para chamar sua atenção, e nós rolamos para fora do caminho.

Enquanto isso nossos aliados haviam recuado para as portas do edifício Empire State. O exército inimigo inteiro estava em volta deles.

Estávamos sem opções. Não tinha mais ajuda chegando. Annabeth e eu tínhamos que recuar antes que fossemos cortados do Monte Olimpo.

Então eu ouvi um estrondo ao sul. Não era um som que você costuma ouvir em Nova York, mas eu o reconheci imediatamente: rodas de bigas.

Uma voz de garota gritou, “ARES!”

E uma dúzia de bigas de guerra entrou na batalha. Cada uma continha uma bandeira vermelha com o símbolo da cabeça do javali selvagem. Cada uma era puxada por um time de cavalos esqueletos com crinas de fogo. Um total de trinta guerreiros descansados, com armaduras brilhantes e olhos cheios de ódio, apontaram suas lanças como um – formando as pontas de uma parede da morte.

“As crianças de Ares!” Annabeth disse em surpresa. “Como Rachel sabia?”

Eu não tinha uma resposta. Mas liderando o ataque estava uma garota com uma armadura vermelha familiar, seu rosto coberto por um elmo de cabeça de javali. Ela segurava no ar uma lança que estalava com eletricidade. Clarisse em pessoa tinha vindo

para o resgate. Enquanto metade de suas bigas atacava o exército de monstros, Clarisse liderou as outras seis direto para o drakon.

A serpente se ergueu e conseguiu se livrar da Sra. O'Leary. Meu pobre animal de estimação atingiu a lateral do edifício com um ganido. Eu corri para ajudá-la, mas a serpente já tinha se recomposto para a nova ameaça. Mesmo com um só olho, seu olhar foi suficiente pra paralisar dois motoristas das bigas. Eles bateram numa fila de carros. As outras quatro bigas continuaram avançando. O monstro mostrou suas presas para atacar e conseguiu uma boca cheia de dados de bronze celestial.

“EESSSSS!!!” ele gritou, o que provavelmente era drakoniano para *Aiiii!*

“Ares, comigo!” Clarisse gritou. Sua voz pareceu mais estridente do que o normal, mas acho que não era uma surpresa, levanto em conta com o que ela estava lutando.

Do outro lado da rua, a chegada de seis bigas deu uma nova esperança aos Pôneis de Festa. Eles se animaram nas portas do edifício Empire State, e o exército inimigo foi momentaneamente jogado em confusão.

Enquanto isso, as bigas de Clarisse circundavam o drakon. Lanças se quebravam contra a pele do monstro. Cavalos esqueletos cuspiam fogo e relinchavam. Mais duas bigas foram derrubadas, mas os guerreiros simplesmente se colocaram de pé, sacaram suas espadas, e foram ao trabalho. Eles atacavam fissuras nas escamas da criatura. Eles se desviavam do jorro de veneno como se eles tivessem treinado para isso por toda sua vida, o que, é claro, eles tinham.

Ninguém poderia dizer que os campistas de Ares não eram corajosos. Clarisse estava bem à frente, golpeando com sua lança na cara do drakon, tentando cegar seu outro olho. Mas enquanto eu olhava, as coisas começaram a dar errado. O drakon engoliu um dos campistas de Ares com uma bocada. Ele jogou um para um lado e espirrou veneno num terceiro, que recuou em pânico, sua armadura derretendo.

“Temos que ajudar,” Annabeth disse.

Ela estava certa. Eu simplesmente ficara lá parado de espanto. Sra. O'Leary tentou levantar, mas ganiu de novo. Uma de suas patas estava sangrando.

“Fique aí, garota,” eu disse a ela. “Você já ajudou muito.”

Annabeth e eu pulamos nas costas do monstro e corremos até sua cabeça, tentando desviar sua atenção de Clarisse.

Seus colegas de chال jogavam lanças, a maioria quebrava, mas algumas se alojavam nos dentes do monstro. Ele estalou sua mandíbula até que sua boca era uma mistura de sangue verde, veneno amarelo espumoso, e estilhaços de armas.

“Você consegue!” gritei para Clarisse. “Uma criança de Ares está destinada a matá-lo!”

Através de seu elmo, eu só conseguia ver seus olhos – mas podia dizer que algo estava errado. Seus olhos azuis brilhavam de medo. Clarisse nunca ficava assim. E ela não *tinha* olhos azuis.

“ARES!” ela gritou, naquela estranha voz estridente. Ela ergueu sua lança e atacou o drakon.

“Não,” murmurei. “ESPERE!”

Mas o monstro olhou para ela – quase com desprezo – e cuspiu veneno bem em seu rosto.

Ela gritou e caiu.

“Clarisse!” Annabeth pulou das costas do monstro e correu para ajudar, enquanto os outros campistas de Ares tentavam defender sua conselheira caída.

Eu cravei Contracorrente entre duas das escamas da criatura e consegui chamar sua atenção para mim.

Eu fui jogado e caí de pé. “ANDA, sua lagartixa estúpida! Olhe pra mim!”

Pelos próximos minutos, tudo que vi foram dentes. Eu recuei e desviei de veneno, mas não conseguia machucar a coisa.

Pelo canto do olho, pude ver uma biga voadora pousando na Quinta Avenida.

Então alguém correu ao nosso encontro. Uma voz de garota, tomada de dor, gritou, “NÃO! Maldita seja, POR QUÊ?”

Eu ousei olhar, mas o que vi não fez sentido. Clarisse estava deitada no chão onde havia caído. Sua armadura fumegava com o veneno. Annabeth e os campistas de Ares estavam tentando tirar seu elmo. E ajoelhada ao lado dela, seu rosto manchado de lágrimas, estava uma garota em roupas do acampamento. Era... Clarisse.

Minha cabeça rodou. Por que eu não percebi isso antes? A garota na armadura de Clarisse era muito mais magra, mais baixa. Mas por que alguém fingiria ser Clarisse?

Eu estava tão aturdido que o drakon quase me partiu ao meio. Eu desviei e a besta enterrou sua cabeça em um muro de tijolos.

“POR QUÊ?” A Clarisse verdadeira exigiu, segurando a outra garota em seus braços enquanto os campistas lutavam para remover seu elmo corroído por veneno.

Chris Rodriguez veio correndo da biga. Ele e Clarisse devem ter dirigido até aqui do acampamento, perseguindo os campistas de Ares, que haviam por engano seguido a garota errada, pensando que era Clarisse. Mas ainda não fazia sentido.

O drakon tirou sua cabeça da parede de tijolos e rugiu de fúria.

“Cuidado!” Chris alertou.

Ao invés de se virar para mim, o drakon ropodiou na direção da voz de Chris. Ele mostrou suas presas para o grupo de semideuses.

A Clarisse verdadeira olhou para o drakon, seu rosto tomado por puro ódio. Eu só havia visto um olhar assim tão intenso uma vez em minha vida. Seu pai, Ares, havia usado a mesma expressão quando eu o enfrentei em combate.

“VOCÊ QUER MORTE?” Clarisse gritou para o drakon. “BEM, PODE VIR!”

Ela pegou sua lança da garota caída. Sem nenhuma armadura ou escudo, ela avançou para o drakon.

Eu tentei vencer a distância para ajudar, mas Clarisse foi mais rápida. Ela se lançou para o lado quando o monstro atacou, pulverizando o chão na frente dela. Então ela pulou na cabeça da criatura. Enquanto ele se erguia, ela cravou sua lança no olho bom da criatura com tanta força que ela se partiu ao meio, libertando todo o poder mágico da arma. Eletricidade percorreu a cabeça da criatura, fazendo todo seu corpo tremer. Clarisse pulou, rolando em segurança para a calçada enquanto fumaça fervia na boca do drakon. A carne do drakon se dissolveu, e ele desmoronou formando um túnel vazio e escamoso com sua couraça.

O restante de nós olhou para Clarisse com admiração. Eu nunca vira ninguém derrubar um monstro tão grande sozinho. Mas Clarisse não parecia se importar. Ela correu de volta para a garota ferida que tinha roubado sua armadura.

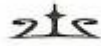
Annabeth finalmente conseguiu retirar o elmo da garota. Todos nós nos juntamos em volta: os campistas de Ares, Chris, Clarisse, Annabeth e eu. A batalha ainda continuava pela Quinta Avenida, mas naquele momento nada existia, exceto nosso pequeno círculo e a garota caída.

Suas feições, uma vez belas, estavam severamente queimadas pelo veneno. Eu podia dizer que nenhum montante de néctar ou ambrosia a salvaria.

Algo está prestes a acontecer. As palavras de Rachel soavam em meus ouvidos. *Um artifício que termina em morte.*

Agora eu sabia do que ela estava falando, e sabia quem havia liderado o chalé de Ares para a batalha.

Eu olhei para baixo para o rosto moribundo de Silena Beauregard.



EU SENTO NO TRONO QUENTE

“O que você estava pensando?” Clarisse deitou a cabeça de Silena em seu colo. Silena tentou engolir, mas seus lábios estavam secos e rachados. “Você não... ouvia. O chalé só... seguiria você.”

“Então você roubou minha armadura,” Clarisse disse incrédula. “Esperou até eu e Chris sairmos em patrulha; roubou minha armadura e fingiu ser eu.” Ela olhou para seus irmãos. “E NENHUM de vocês notou?”

Os campistas de Ares desenvolveram um súbito interesse em suas botas de combate.

“Não os culpe,” Silena disse. “Eles queriam... acreditar que eu era você.”

“Sua *estúpida* garota de Afrodite,” Clarisse soluçou. “Você enfrentou um Drakon? Por quê?”

“Tudo minha culpa,” Silena disse, uma lágrima correndo pelo lado de seu rosto. “O drakon, a morte de Charlie... o acampamento em perigo –”

“Pare com isso!” Clarisse disse. “Isso não é verdade.”

Silena abriu sua mão. Na palma estava uma pulseira de prata com um amuleto em forma de foice, a marca de Cronos.

Uma mão fria se fechou em volta do meu coração. “Você era a espiã.”

Silena tentou assentir. “Antes... antes de gostar de Charlie, Luke era agradável comigo. Ele era tão... encantador. Bonito. Depois de um tempo, eu quis parar de ajudá-lo, mas ele ameaçou contar. Ele prometeu... prometeu que eu estava salvando vidas. Poucas pessoas seriam feridas. Ele me disse que não machucaria... Charlie. Ele mentiu pra mim.”

Eu encontrei os olhos de Annabeth. Sua face estava pálida. Parecia como se alguém tivesse acabado de arrancar o mundo debaixo de seus pés.

Atrás de nós, a batalha rugia.

Clarisse gritou para seus irmãos. “Vão, ajudem os centauros. Protejam as portas. VÃO!”

Eles saíram às pressas para se juntar à luta.

Silena respirou pesada e dolorosamente. “Me perdoe.”

“Você não está morrendo,” Clarisse insistiu.

“Charlie...” os olhos de Silena estavam a milhares de quilômetros de distância. “Ver Charlie...”

Ela não falou novamente.

Clarisse a segurou e chorou. Chris colocou uma mão em seu ombro.

Finalmente Annabeth fechou os olhos de Silena.

“Temos que lutar.” A voz Annabeth estava trêmula. “Ela deu sua vida para nos ajudar. Temos que honrá-la.”

Clarisse fungou e limpou o nariz. “Ela foi uma heroína, entendeu? Uma heroína.”

Eu assenti. “Vamos, Clarisse.”

Ela pegou uma espada de um de seus irmãos caídos. “Cronos vai pagar.”

Eu gostaria de dizer que afastei o inimigo do edifício Empire State. A verdade é que Clarisse fez todo o trabalho. Mesmo sem sua armadura e lança, ela foi um demônio. Ela

dirigiu sua biga direto para o exército Titã e esmagou tudo em seu caminho. Ela estava tão inspirada, que até os centauros em pânico começaram a se animar.

As Caçadoras tiravam flechas dos caídos e lançavam saraivada após saraivada no inimigo. O chalé de Ares golpeou e cortou, o que era o que eles mais gostavam de fazer. Os monstros recuaram para a rua 35th.

Clarisse dirigiu até a carcaça do drakon e passou uma corda por suas órbitas vazias. Chicoteou seus cavalos e decolou, arrastando o drakon atrás da biga como se fosse um dragão chinês de ano novo. Ela se lançou contra o inimigo, gritando insultos e os desafiando a enfrentá-la. Enquanto ela dirigia, percebi que ela estava literalmente brilhando. Uma aura de fogo vermelho tremulava ao seu redor.

“A bênção de Ares,” Thalia disse. “Eu nunca vira isso ao vivo antes.”

Por um momento, Clarisse era tão invencível quanto eu. O inimigo jogava lanças e flechas, mas nada a acertava.

“EU SOU CLARISSE, MATADORA DE DRAKONS!” ela gritou. “Eu vou matar TODOS vocês! Onde está Cronos? Tragam ele aqui! Ele é um covarde?”

“Clarisse!” gritei. “Pare. Recue!”

“Qual é o problema, lorde Titã?” ela gritou. “CAI DENTRO!”

Não houve nenhuma resposta do inimigo. Aos poucos, eles começaram a recuar para trás de uma parede de escudos das *dracaenaes*, enquanto Clarisse dirigia em círculos em volta da Quinta Avenida, desafiando alguém a cruzar o seu caminho. A carcaça do drakon de sessenta metros de comprimento fazia um barulho oco de raspagem contra o pavimento, como se fossem milhares de facas.

Enquanto isso, tratamos nossos feridos, trazendo-os para o interior do saguão. Muito tempo depois do inimigo já ter recuado e saído da nossa vista, Clarisse ainda subia e descia a avenida com o seu horrível troféu, exigindo que Cronos lutasse com ela.

Chris disse, “Vou ficar de olho nela. Ela vai acabar cansando. Vou me certificar que ela entre.”

“E quanto ao acampamento?” perguntei. “Alguém ficou lá?”

Chris balançou a cabeça. “Só Argo e os espíritos da natureza. Peleu, o dragão, ainda está guardando a árvore.”

“Eles não vão durar muito tempo,” eu disse. “Mas estou feliz por vocês terem vindo.”

Chris assentiu tristemente. “Lamento que tenha demorado tanto. Tentei convencer Clarisse. Disse que não havia motivo para defender o acampamento se vocês morressem. Todos os nossos amigos estão aqui. Sinto muito por ter precisado Silena...”

“Minhas Caçadoras vão ajudá-los a ficar de guarda,” Thalia disse. “Annabeth e Percy, você deviam ir para o Olimpo. Tenho a sensação de que eles precisam de vocês lá em cima – para acertar a defesa final.”

O porteiro havia desaparecido do saguão. Seu livro estava virado para baixo na mesa e a cadeira vazia. O resto do saguão, no entanto, estava amontado de campistas feridos, caçadoras e sátiros.

Connor e Travis Stoll nos encontraram no elevador.

“É verdade?” Connor perguntou. “Sobre Silena?”

Assenti. “Ela morreu como heroína.”

Travis pareceu meio desconfortável. “Humm, eu também ouvi –”

“É só isso,” insisti. “Fim da história.”

“Certo,” Travis balbuciou. “Escute, achamos que o exército titã vai ter problemas em subir pelo elevador. Terão que subir em pequenos grupos. E os gigantes não vão caber de jeito nenhum.”

“Essa é a nossa maior vantagem,” eu disse. “Há alguma maneira de desativar o elevador?”

“É mágico,” Travis falou. “Normalmente você precisaria de um cartão de entrada, mas o porteiro desapareceu. Isso significa que as defesas estão ruindo. Qualquer pessoa pode entrar no elevador agora e ir direto pra cima.”

“Então temos que mantê-los longe das portas,” eu disse. “Nós vamos contê-los no saguão.”

“Precisamos de reforços,” Travis disse. “Eles vão continuar vindo. Em algum momento eles vão nos esmagar.”

“Não há reforços,” Connor queixou-se.

Olhei para fora e vi a Sra. O’leary, que estava respirando contra as portas de vidro e besuntando tudo com baba de cão infernal.

“Talvez isso não seja verdade,” eu disse.

Fui para fora e pus a mão no focinho da Sra. O’leary. Quíron havia enfaixado sua pata, mas ela ainda estava mancando. Seu pelo estava emaranhado com lama, folhas, pedaços de pizza, e sangue seco de monstro.

“Ei, menina.” Tentei soar otimista. “Eu sei que você está cansada, mas tenho mais um grande favor pra te pedir.” Eu me inclinei ao lado dela e sussurrei em seu ouvido. Depois que a Sra. O’Leary viajou pelas sombras, voltei para junto de Annabeth no saguão. No caminho para o elevador, vimos Grover ajoelhado ao lado de um sátiro gordo e ferido.

“Leneus!” falei.

O velho sátiro parecia horrível. Seus lábios estavam azuis. Ele tinha uma lança quebrada espetada em sua barriga, e suas pernas peludas de bode estavam torcidas num ângulo doloroso.

Ele tentou se focar em nós, mas não acho que tenha nos visto.

“Grover?” ele murmurou.

“Estou aqui, Leneus.” Grover estava piscando as lágrimas, apesar de todas as coisas horríveis que Leneus havia dito a ele.

“Nós... nós ganhamos?”

“Hum... sim.” Grover mentiu. “Graças a você, Leneus. Nós expulsamos o inimigo para longe.”

“Falei para você,” o velho sátiro balbuciou. “Verdadeiro líder. Verdadeiro...”

Ele fechou os olhos pela última vez.

Grover engoliu em seco. Colocou a mão na testa de Leneus e falou uma benção antiga. O corpo do velho sátiro se dissolveu, até que tudo que restou foi um pequeno broto em cima de um montinho de solo fresco.

“Um louro,” Grover disse com reverência. “Ah, esse velho bode sortudo.”

Ele pegou a muda em suas mãos. “Eu... devo plantá-la no Olimpo, no jardim.”

“Nós estamos indo pra lá,” eu disse. “Vamos.”

Música orquestrada tocava enquanto o elevador subia. Pensei na primeira vez em que visitei o Monte Olimpo, quando eu tinha doze anos. Annabeth e Grover estiveram comigo na época. Eu estava feliz por eles estarem comigo agora. Tinha a sensação de que poderia ser a nossa última aventura juntos.

“Percy,” Annabeth disse calmamente. “Você estava certo sobre Luke.” Era a primeira vez que ela falava desde a morte de Silena Beauregard. Ela mantinha os olhos fixos no visor do elevador enquanto ele piscava os números mágicos: 400, 450, 500.

Grover e eu nos entreolhamos.

“Annabeth,” eu disse. “Eu sinto muito –”

“Você tentou me avisar.” Sua voz estava trêmula. “Luke não é bom. Eu não acreditei em você até... até que ouvi como ele usou Silena. Agora eu sei. Espero que esteja feliz.”

“Isso não me deixa feliz.”

Ela colocou a cabeça contra a parede do elevador e não olhou para mim. Grover embalava sua muda de louro em suas mãos. "Bem... certamente é bom estarmos juntos de novo. Discutindo. Quase morrendo. Aterrorizados. Ah, olha. É o nosso andar." As portas se abriram e nós pisamos na passarela suspensa.

Deprimente não é uma palavra que normalmente descreve o Monte Olimpo, mas é o que parecia agora. Nenhum braseiro aceso. As janelas estavam escuras. As ruas estavam desertas e as portas fechadas. O único movimento era nos parques, que foram transformados em hospital de campanha. Will Solace e os outros campistas de Apolo se arrastavam em volta, cuidando dos feridos. Náiades e dríades tentavam ajudar, usando canções mágicas da natureza para curar queimaduras e envenenamento.

Enquanto Grover plantava a muda de louro, Annabeth e eu andávamos em volta tentando animar os feridos. Passei por um sátiro com uma perna quebrada, um semideus que estava enfaixado da cabeça aos pés, e um corpo coberto pela mortalha dourada do chalé de Apolo. Eu não sabia quem estava ali embaixo. Eu não queria descobrir.

Meu coração parecia chumbo, mas tentamos achar coisas positivas para dizer.

"Você vai estar em pé e lutando com Titãs em pouco tempo!" Eu disse a um campista.

"Você está ótimo," Annabeth disse a outro campista.

"Leneus se transformou em um arbusto!" Grover falou com um sátiro que gemia.

Achei o filho de Dioniso, Pollux, encostado em uma árvore. Ele tinha um braço quebrado, mas de outra forma ele parecia bem.

"Eu ainda posso lutar com a outra mão," ele disse, cerrando os dentes.

"Não," falei. "Você já fez o suficiente. Eu quero que fique aqui e ajude com os feridos."

"Mas –"

"Me prometa que vai ficar em segurança," eu disse. "Ok? Um favor pessoal."

Ele franziu a testa, incerto. Não era como se fôssemos bons amigos, nem nada, mas eu não ia contar a ele que era um pedido de seu pai. Isso iria apenas constrangê-lo.

Finalmente ele prometeu, e quando voltou a se sentar, eu podia dizer que ele estava um pouco aliviado.

Annabeth, Grover e eu continuamos caminhando em direção ao palácio. Seria para onde Cronos iria. Tão logo ele subisse pelo elevador – e eu não tinha dúvida que ele conseguiria, de uma forma ou de outra – ele destruiria a sala do trono, o centro de poder dos deuses.

As portas de bronze se abriram. Nossos passos ecoaram no chão de mármore. As constelações brilhavam friamente no teto do grande salão. O fogo da lareira estava baixo com um fraco brilho vermelho. Héstitia, sob a forma de uma pequena menina com vestes marrons, debruçada na beira, tremia. O Ofiotauro nadava tristemente em sua esfera de água. Ele soltou um tímido moo quando me viu.

Na claridade, os tronos projetavam sombras assustadoras, como se fossem mãos em garras.

Aos pés do trono de Zeus, olhando para as estrelas, estava Rachel Elizabeth Dare. Ela estava segurando um jarro grego de porcelana.

"Rachel?" falei. "Hum, o que você está fazendo com isso?"

Ela focalizou em mim como se estivesse saindo de um sonho. "Eu encontrei isso. É o jarro de Pandora, não é?"

Seus olhos brilhavam mais do que o habitual, e eu tive uma lembrança ruim de sanduíches mofados e biscoitos queimados.

"Por favor, coloque o jarro no chão," eu disse.

"Posso ver Esperança dentro dele." Rachel passou os dedos sobre os desenhos da cerâmica. "Tão frágil."

"Rachel."

Minha voz pareceu trazê-la de volta à realidade. Ela entregou o vaso, e eu o peguei. A cerâmica estava fria como gelo.

"Grover," Annabeth murmurou. "Vamos explorar ao redor do palácio. Talvez possamos encontrar mais algum fogo grego ou quem sabe algumas armadilhas de Hefesto."

"Mas –"

Annabeth deu uma cotovelada nele.

"Certo!" Ele ganiu. "Eu adoro armadilhas!"

Ela o arrastou para fora da sala do trono.

Mais perto do fogo, Héstitia estava encolhida em seu manto, balançando pra frente e pra trás.

"Venha," eu falei para Rachel. "Eu quero que você conheça alguém."

Sentamos ao lado da deusa. "Lady Hestia," eu disse.

"Olá, Percy Jackson," a deusa murmurou. "Está ficando frio. Mais difícil de manter o fogo aceso."

"Eu sei," falei. "Os Titãs estão próximos."

Héstitia olhou para Rachel. "Olá, minha querida. Finalmente você veio a nossa casa."

Rachel piscou. "Você estava me esperando?"

Héstitia estendeu as mãos, e as brasas brilharam. Eu vi imagens no fogo: minha mãe, Paul e eu comendo o jantar de Ação de Graças na mesa da cozinha; os meus amigos e eu ao redor da fogueira no Acampamento Meio-Sangue, cantando canções e assando marshmallows; Rachel e eu dirigindo o Prius de Paul ao longo da praia.

Eu não sabia se Rachel viu as mesmas imagens, mas a tensão deixou seus ombros. O calor do fogo parecia espalhar-se através dela.

"Para reivindicar o seu lugar na família," Héstitia disse a ela, "você deve deixar as distrações de lado. É a única maneira de você sobreviver."

Rachel assentiu. "Eu... eu entendo."

"Espere," eu disse. "Do que ela está falando?"

Rachel respirou tremulamente. "Percy, quando cheguei aqui... pensei que estava vindo por você. Mas não estava. Você e eu..." Ela balançou a cabeça.

"Espere. Agora eu sou uma *distração*? Isso é por que eu 'não sou o herói' ou o que seja?"

"Eu não sei se consigo explicar," ela disse. "Estive atraída por você porque... porque você abriu a porta para tudo isso." Ela gesticulou para a sala do trono. "Eu precisava compreender a minha verdadeira visão. Mas você e eu, isso não fazia parte dela. Nossos destinos não estão interligados. Acho que, no fundo, você sempre soube disso."

Eu a encarei. Talvez eu não fosse o cara mais brilhante do mundo quando se tratava de garotas, mas eu estava bem certo que Rachel acabara de me dar um fora, o que era um saco considerando que nos nunca estivemos realmente juntos.

"Então... o quê," eu disse. "Obrigado por me trazer ao Olimpo. Vejo você por aí. É isso que você está dizendo?"

Rachel olhou para o fogo.

"Percy Jackson," disse Héstitia. "Rachel disse a você tudo que ela podia. O momento dela está chegando, mas a sua decisão se aproxima ainda mais rapidamente. Você está preparado?"

Queria resmungar que não, eu não estava nem perto de estar preparado.

Olhei para o jarro de Pandora, e pela primeira vez eu tive necessidade de abri-lo. Esperança parecia bem inútil para mim agora. Tantos amigos meus estavam mortos.

Rachel estava me jogando pra escanteio. Annabeth estava zangado comigo. Meus pais estavam adormecidos nas ruas em algum lugar, enquanto um exército de monstros cercava o prédio. O Olimpo estava à beira da queda, e eu tinha visto tantas coisas cruéis que os deuses haviam feito: Zeus destruindo Maria di Angelo, Hades amaldiçoando o último Oráculo, Hermes virando as costas para Luke, mesmo quando soube que seu filho se tornaria mau.

Renda-se, a voz de Prometeu sussurrou no meu ouvido. *Caso contrário, seu lar será destruído. Seu precioso acampamento queimará.*

Então olhei para Héstia. Seus olhos vermelhos brilhavam calorosamente. Eu me lembrei das imagens que eu tinha visto no fogo – amigos e família, todos com quem eu me importava.

Lembrei-me de algo que Chris Rodriguez havia dito: *Não há motivo para defender o acampamento se vocês morrerem. Todos os nossos amigos estão aqui.* E Nico, enfrentando seu pai, Hades. *Se o Olimpo cair*, ele disse, *a segurança de seu próprio palácio não vai importar.*

Ouvi passos. Annabeth e Grover voltaram para a sala do trono e pararam quando nos viram. Eu provavelmente tinha um olhar muito estranho em meu rosto.

“Percy?” Annabeth não parecia mais com raiva – apenas preocupada. “Devemos, hum, sair de novo?”

De repente, senti como se alguém tivesse me injetado aço. Eu entendi o que tinha que fazer.

Olhei para Rachel. “Você não vai fazer nada estúpido, não é? Quero dizer... você conversou com Quíron, certo?”

Ela esboçou um leve sorriso. “Você está preocupado que *eu* faça algo estúpido?”

“Bem, eu quero dizer... você vai ficar bem?”

“Eu não sei,” admitiu ela. “Isso meio que depende de você salvar o mundo, herói.”

Peguei o jarro de Pandora. O espírito da Esperança flutuava dentro, tentando aquecer o recipiente frio.

“Héstia,” eu disse: “Eu dou isto a você como uma oferenda.”

A deusa inclinou a cabeça. “Eu sou a deusa menos importante. Por que você confiaria isso a mim?”

“Você é o último Olimpiano,” eu disse. “E o mais importante.”

“E isso seria por que, Percy Jackson?”

“Porque a esperança sobrevive melhor no coração,” eu disse. “Guarda isso pra mim, e eu não serei tentado a desistir novamente.”

A deusa sorriu. Ela pegou o jarro em suas mãos e ele começou a brilhar. O fogo da lareira ficou um pouco mais brilhante.

“Muito bem, Percy Jackson,” disse ela. “Que os deuses o abençoem.”

“Estamos prestes a descobrir.” Olhei para Annabeth e Grover. “Vamos, pessoal.”

Eu marchei em direção ao trono do meu pai.

O trono de Poseidon estava logo à direita do de Zeus, mas não era nem de perto tão grande. O assento de couro preto moldado estava anexado a um pedestal giratório, com um par de argolas de ferro na lateral para fixação de uma vara de pescar (ou um tridente). Basicamente parecia uma cadeira em um barco em alto mar, onde você se sentaria se quisesse caçar tubarões ou marlins ou monstros marinhos.

Deuses em seu estado natural têm cerca de seis metros de altura, de modo que eu podia apenas alcançar a borda do trono se esticasse os braços.

"Me ajudem a subir," eu disse a Annabeth e Grover.

"Você está louco?" Annabeth perguntou.

"Provavelmente," admiti.

"Percy," Grover falou, "os deuses *realmente* não apreciam pessoas sentando em seus tronos. Quero dizer, não apreciam do tipo transformam-você-em-uma-pilha-de-cinzas."

"Eu preciso chamar a atenção dele," eu disse. "É a única maneira."

Eles trocaram olhares inquietos.

"Bem," Annabeth falou, "isso vai chamar a atenção dele."

Eles uniram seus braços para fazer um degrau, então me impulsionaram para o trono. Eu me senti como um bebê balançando os pés tão distantes do chão. Olhei em volta para os tronos vazios e sombrios, e pude imaginar como seria estar sentado no Conselho Olímpiano – tanto poder, mas tanta discussão, sempre onze outros deuses querendo fazer as coisas do seu jeito. Seria fácil ficar paranóico, olhar só para os meus próprios interesses, especialmente se eu fosse Poseidon. Sentado em seu trono, senti como se tivesse todo o mar sob o meu comando – vastos metros cúbicos de oceano se agitando com poder e mistério. Por que Poseidon deveria ouvir alguém? Por que ele não deveria ser o maior dos doze?

Então sacudi minha cabeça. *Concentre-se.*

O trono tremeu. Uma onda vigorosa de raiva se chocou com a minha mente: *QUEM OUSA* –

A voz parou abruptamente. A raiva retrocedeu, o que foi algo bom, porque só essas duas palavras quase explodiram minha mente em pedaços.

Percy. A voz de meu pai ainda estava zangada, mas controlada. *O que, exatamente, você está fazendo no meu trono?*

"Me desculpe, Pai," eu disse. "Eu precisava chamar sua atenção."

Isso foi algo muito perigoso para se fazer. Mesmo para você. Se eu não tivesse olhado antes de explodir, você seria agora um pudim de água do mar.

"Me desculpe," eu disse de novo. "Ouça, as coisas estão bravas por aqui."

Contei o que estava acontecendo. Então falei sobre o meu plano.

Sua voz ficou em silêncio por um longo tempo.

Percy, o que você pede é impossível. O meu palácio –

"Pai, Cronos enviou um exército para lutar com você de propósito. Ele quer separá-lo dos outros deuses, porque ele sabe que você pode fazer a diferença."

Seja como for, ele está atacando o meu lar.

"Eu estou *no* seu lar," eu disse. "Olimpo."

O chão tremeu. Uma onda de irritação passou pela minha mente. Eu pensei que tinha ido longe demais, mas então o tremor abrandou. No fundo da minha ligação mental, ouvi explosões subaquáticas e sons de gritos de guerra: Ciclopes rugindo, tritões bradando.

"Tyson está bem?" perguntei.

A questão pareceu ter pego meu pai de surpresa. *Ele está bem. Indo muito melhor do que eu esperava. Embora "manteiga de amendoim" seja um estranho grito de guerra.*

"Você o deixou lutar?"

Pare de mudar de assunto! Você percebe o que está me pedindo para fazer? O meu palácio será destruído.

"E o Olimpo poderá ser salvo."

Você tem alguma ideia de quanto tempo eu trabalhei para remodelar este palácio? Só a sala de jogos levou seiscentos anos.

"Pai –"

Muito bem! Será feito como me pede. Mas, meu filho, reze para isto funcionar.

"Estou rezando. Estou falando com você, não é?"

Ah... sim. Bem pensado. Anfitriote – se aproximando!

O som de uma grande explosão destruiu nossa conexão.

Eu escorreguei do trono para o chão. Grover me estudava nervosamente. "Você está bem? Você empalideceu e... começou a soltar fumaça."

"Eu não fiz isso!" Então olhei para os meus braços. Vapor estava saindo pelas mangas de minha camisa. O pelo dos meus braços estava chamuscado.

"Se você ficasse lá por mais tempo," Annabeth disse, "você teria entrado em combustão espontânea. Espero que a conversa tenha valido pena?"

Moo, disse o Ofiotauro em sua esfera de água.

"Vamos descobrir em breve," falei.

Bem aí as portas da sala do trono se abriram. Thalia entrou marchando. Seu arco partido ao meio e sua aljava vazia.

"Vocês tem que descer agora," ela nos disse. "O inimigo está avançando. E Cronos está liderando."





MEUS PAIS VÃO A LUTA

Pela hora que nós chegamos à rua, já era tarde demais. Campistas e Caçadoras estavam caídos, feridos no chão. Clarisse deve ter perdido uma luta com um gigante Hiperbóreo, porque ela e sua biga estavam congeladas num bloco de gelo. Os centauros não estavam em nenhum lugar à vista. Ou eles entraram em pânico e fugiram ou tinham sido desintegrados. O exército Titã rodeava o prédio, ficando a talvez seis metros das portas. A vanguarda de Cronos estava na liderança: Ethan Nakamura, a rainha *dracaena* em sua armadura verde, e dois Hiperbóreos. Eu não vi Prometeu. Aquela doninha escorregadia estava provavelmente se escondendo no quartel general deles. Mas Cronos em pessoa estava em pé bem na frente, com sua foice na mão.

A única coisa em seu caminho era...

“Quíron,” Annabeth disse, sua voz trêmula.

Se Quíron nos escutou, ele não respondeu. Ele tinha uma flecha preparada, mirando direto no rosto de Cronos.

Logo que Cronos me viu, seus olhos dourados chamejaram. Cada músculo em meu corpo congelou. Então o lorde Titã virou sua atenção de volta para Quíron. “Saia da frente, filhinho.”

Ouvir Luke chamar Quíron de *filho* já era bem estranho, mas Cronos pôs desprezo em sua voz, como se *filho* fosse a pior palavra em que ele pudesse pensar.

“Eu não tenho medo,” o tom de Quíron era calmo como aço, do jeito que ele fica quando está realmente irado.

Tentei me mexer, mas meus pés pareciam concreto. Annabeth, Grover e Thalia estavam se esforçando também, como se estivessem presos do mesmo jeito.

“Quíron!” disse Annabeth. “Cuidado!”

A rainha *dracaena* ficou impaciente e atacou. A flecha de Quíron voou diretamente entre seus olhos e ela evaporou no lugar, sua armadura vazia retinindo no asfalto. Quíron buscou outra flecha, mas sua aljava estava vazia. Ele jogou o arco fora e sacou a espada. Eu sabia que ele odiava lutar com uma espada. Nunca foi sua arma favorita. Cronos riu. Ele avançou um passo, e a metade cavalo de Quíron escorregou nervosamente. Sua cauda se agitava para frente e para trás.

“Você é um professor,” Cronos zombou. “Não um herói.”

“Luke era um herói,” disse Quíron. “Ele era um dos bons, até que *você* o corrompeu.”

“TOLO!” a voz de Cronos chacoalhou a cidade. “Você encheu a cabeça dele com promessas vazias. Você disse que os deuses se importavam comigo!”

“Comigo,” notou Quíron. “Você disse *comigo*.”

Cronos pareceu confuso, e naquele momento, Quíron atacou. Foi uma boa manobra – uma finta seguida por um golpe no rosto. Eu mesmo não poderia ter feito melhor, mas Cronos era rápido. Ele tinha todas as habilidades de combate de Luke, o que era bastante. Ele bateu a espada de Quíron para o lado e gritou, “*PARA TRÁS!*”

Uma luz branca ofuscante explodiu entre o Titã e o centauro. Quíron voou na lateral do prédio com tanta força que a parede desmoronou e desabou em cima dele.

“Não!” Annabeth gemeu. O encanto de congelamento se quebrou. Nós corremos na direção de nosso professor, mas não havia sinal dele. Thalia e eu retiramos

desamparados os tijolos enquanto uma onda de risadas horríveis correu pelo exército Titã.

“VOCÊ!” Annabeth se virou para Luke. “E pensar que eu... que eu pensava –”

Ela sacou sua faca.

“Annabeth, não.” Tentei segurar seu braço, mas ela se livrou de mim.

Ela atacou Cronos, e o sorriso presunçoso dele sumiu. Talvez alguma parte de Luke se lembrasse de que ele costumava gostar dessa garota, costumava cuidar dela quando ela era pequena. Ela enfiou sua faca entre as alças da armadura dele, bem na clavícula. A lâmina devia ter afundado no peito dele. Ao invés disso, ela ricocheteou. Annabeth se dobrou, apertando seu braço contra o estômago. O solavanco deve ter sido suficiente para deslocar o ombro ruim dela.

Eu a arranquei de volta quando Cronos balançou sua foice, fatiando o ar onde ela estivera.

Ela lutou comigo e gritou, “Eu ODEIO você!” Eu não tinha certeza com quem ela estava falando – comigo ou Luke ou Cronos. Lágrimas listravam a poeira no rosto dela.

“Tenho que lutar com ele,” eu disse a ela.

“É minha luta também, Percy!”

Cronos gargalhou. “Tanta coragem. Posso ver porque Luke queria poupar você. Infelizmente, isso não será possível.”

Ele ergueu sua foice. Eu me preparei para defender, mas antes que Cronos pudesse golpear, o uivo de um cachorro atravessou o ar de algum lugar atrás do exército Titã.

“Arroooooooooo!”

Era querer demais, mas eu chamei “Sra. O’Leary?” As forças inimigas se agitaram inquietas. Então a coisa mais estranha aconteceu. Eles começaram a se afastar, liberando uma passagem através da rua como se alguma coisa atrás deles os estivesse forçando a isso.

Logo havia um corredor livre no centro da Quinta Avenida. De pé no fim do quarteirão estava meu cão gigante, e uma pequena figura em uma armadura negra.

“Nico?” eu chamei.

“ROWWF!” Sra. O’Leary saltou na minha direção, ignorando o rosnado dos monstros de ambos os lados. Nico caminhou a passos largos em frente. O exército inimigo recuava perante ele como se ele irradiasse morte, o que é claro que ele fazia.

Através do protetor facial de seu capacete em forma de caveira, ele sorriu. “Recebi sua mensagem. É tarde demais para me juntar à festa?”

“Filho de Hades,” Cronos cuspiu no chão. “Você ama tanto a morte que quer experimentá-la?”

“A sua morte,” disse Nico, “seria ótima para mim.”

“Eu sou imortal, seu tolo! Escapei do Tártaro. Você não tem nenhum negócio aqui, e nenhuma chance de viver.”

Nico sacou sua espada – um metro de aço Stygiano demoníaco e afiado, negro como um pesadelo. “Eu não concordo.”

O chão tremeu. Rachaduras apareceram na rua, nas calçadas, nas laterais dos prédios. Mãos esqueléticas agarravam o ar enquanto os mortos rasgavam seu caminho para dentro do mundo dos vivos. Havia milhares deles, e enquanto eles emergiam, os monstros do Titã se assustaram e começaram a recuar.

“MANTENHAM SUAS POSIÇÕES!” exigiu Cronos. “Os mortos não são páreos para nós.”

O céu ficou escuro e frio. As sombras engrossaram. Uma áspera corneta de guerra soou, e enquanto os soldados mortos formavam fileiras com suas armas e espadas e lanças, uma enorme carruagem rugia descendo a Quinta Avenida. Ela parou ao lado de Nico.

Os cavalos eram sombras vivas, moldadas da escuridão. A carruagem era incrustada com obsidiana e ouro, decorada com cenas de mortes dolorosas. Segurando as rédeas estava o próprio Hades, Senhor dos Mortos, com Deméter e Perséfone montadas atrás dele.

Hades vestia uma armadura negra e uma capa da cor de sangue fresco. No topo de sua cabeça pálida estava o elmo da escuridão: uma coroa que irradiava puro terror. Ela mudava de forma enquanto eu olhava – de uma cabeça de dragão para um círculo de chamas negras para uma espiral de ossos humanos. Mas essa não era a parte assustadora. O elmo alcançou a minha mente e inflamou meus piores pesadelos, meus medos mais secretos. Eu quis rastejar para um buraco e me esconder, e eu podia dizer que o exército inimigo se sentia do mesmo jeito. Somente o poder e a autoridade de Cronos impediam suas fileiras de fugir.

Hades sorriu friamente. “Olá, pai. Você parece... jovem.”

“Hades,” rugiu Cronos. “Espero que você e as senhoras tenham vindo para jurar obediência.”

“Temo que não.” Hades suspirou. “Meu filho aqui me convenceu que talvez eu deva priorizar a minha lista de inimigos.” Ele olhou de relance para mim com desgosto. “Por mais que eu não goste de certos semideuses *emergentes*, não seria bom o Olimpo cair. Eu sentiria falta de implicar com meus irmãos. E se há alguma coisa em que nós concordamos – é que você era um pai HORRÍVEL.”

“Verdade,” murmurou Deméter. “Não apreciava a agricultura.”

“Mãe!” reclamou Perséfone.

Hades sacou sua espada, uma lâmina Stygiana de dois gumes esculpida com prata. “Agora lute comigo! Pois hoje a Casa de Hades será chamada de salvadores do Olimpo.”

“Eu não tenho tempo para isso,” rosnou Cronos.

Ele golpeou o chão com sua foice. Uma rachadura se estendeu em ambas as direções, rodeando o edifício Empire State. Um muro de força cintilou ao longo da linha da fenda, separando a vanguarda de Cronos, meus amigos e eu da massa dos dois exércitos. “O que ele está fazendo?” balbuciei.

“Nos confinando,” disse Thalia. “Ele está derrubando as barreiras mágicas ao redor de Manhattan – deixando fora somente o prédio, e nós.”

Bem claramente, fora da barreira, motores de carros voltaram à vida. Pedestres acordavam e encaravam sem compreender os monstros e zumbis em volta deles. Não sei falar o que eles viram através da Névoa, mas tenho certeza que era bem assustador. Portas de carro se abriram. E no fim do quarteirão, Paul Bayck e minha mãe saíram do Prius deles.

“Não,” eu disse. “Não...”

Minha mãe podia ver através da Névoa. Eu podia dizer por sua expressão que ela entendia o quanto as coisas estavam sérias. Eu esperava que ela tivesse o bom senso de correr. Mas ela me olhou nos olhos, falou algo para Paul, e eles correram direto em nossa direção.

Eu não podia gritar. A última coisa que eu queria era direcionar a atenção de Cronos para ela.

Felizmente, Hades causou uma distração. Ele investiu contra o muro de força, mas sua carruagem se chocou contra ele e capotou. Ele se levantou, praguejando, e atingiu o muro com energia negra. A barreira continuou intacta.

“ATAQUEM!” ele rugiu.

Os exércitos dos mortos colidiram com os monstros do Titã. A Quinta Avenida explodiu num caos absoluto. Mortais gritavam e corriam para se proteger. Deméter

balançou sua mão e uma coluna inteira de gigantes se transformou num campo de trigo. Perséfone transformou as lanças das *dracaenae* em girassóis. Nico cortou e retalhou seu caminho através do inimigo, tentando proteger os pedestres da melhor maneira que podia.

Meus pais correram na minha direção, esquivando-se de monstros e zumbis, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-los.

“Nakamura,” disse Cronos. “Venha comigo. Gigantes – cuidem deles.” Ele apontou para meus amigos e eu. Então ele se esgueirou para dentro do saguão.

Por um segundo eu fiquei atordoado. Estive esperando uma briga, mas Cronos me ignorou completamente como se eu não valesse a pena. Isso me deixou furioso.

O primeiro gigante Hiperbóreo tentou me esmagar com seu porrete. Eu rolei entre suas pernas e apunhalei Contracorrente no seu traseiro. Ele se despedaçou numa pilha de cacos de gelo.

O segundo gigante soprou granizo em Annabeth, que mal conseguia ficar em pé, mas Grover a puxou para fora do caminho enquanto Thalia entrava em ação. Ela correu para cima das costas do gigante como uma gazela, fatiou com suas facas de caça através do monstruoso pescoço azul dele, e criou a maior escultura de gelo sem cabeça do mundo.

Eu olhei de relance para fora da barreira mágica. Nico estava abrindo caminho lutando na direção da minha mãe e Paul, mas eles não estavam esperando por ajuda. Paul pegou uma espada de um herói caído e se saiu muito bem mantendo uma *dracaena* ocupada. Ele a apunhalou nas vísceras, e ela se desintegrou.

“Paul?” eu disse com admiração.

Ele se virou para mim e sorriu. “Espero que seja um monstro isso que eu acabei de matar. Eu era um ator shakespeariano na faculdade! Fiz um pouco de esgrima!”

Eu gostei dele ainda mais por isso, mas então um gigante Lestrigão investiu contra a minha mãe. Ela estava remexendo num carro de polícia abandonado – talvez procurando pelo rádio de emergência – e estava virada de costas.

“Mãe!” gritei.

Ela girou quando o monstro estava quase em cima dela. Eu pensei que a coisa nas mãos dela fosse um guarda-chuva, até que ela engatilhou e o tiro da escopeta jogou o gigante seis metros para trás, direto na espada de Nico.

“Boa,” disse Paul.

“Quando você aprendeu a atirar com uma escopeta?” demandei.

Minha mãe soprou o cabelo pra fora do rosto. “Cerca de dois segundos atrás. Percy, nós vamos ficar bem. Vá!”

“Sim,” concordou Nico, “nós cuidaremos do exército. Você tem que pegar Cronos!”

“Vamos, Cabeça de Alga!” disse Annabeth. Eu assenti. Então olhei para a pilha de escombros ao lado do prédio. Meu coração se contorceu. Eu tinha me esquecido de Quíron. Como pude fazer isso?

“Sra. O’Leary,” falei. “Por favor, Quíron está ali embaixo. Se alguém pode tirá-lo de lá é você. Encontre-o! Ajude-o!”

Eu não tenho certeza do quanto ela entendeu, mas ela saltou para a pilha e começou a cavar. Annabeth, Thalia, Grover e eu corremos para os elevadores.



NÓS DESTRUÍMOS A CIDADE ETERNA

A ponte para o Olimpo estava se desfazendo. Nós saímos do elevador para a passarela de mármore branco, e imediatamente rachaduras apareceram sob nossos pés.

“Pulem!” Grover disse, o que era fácil pra ele, já que ele era parte bode montanhês.

Ele saltou para a próxima placa de pedra enquanto as nossas se inclinavam perigosamente.

“Deuses, eu odeio alturas!” Thalia gritou no que eu e ela pulamos. Mas Annabeth não estava em forma para pular. Ela cambaleou e gritou, “Percy!”

Eu agarrei sua mão quando o pavimento caiu, desfazendo-se em poeira. Por um segundo pensei que ela puxaria nós dois para baixo. Os pés dela balançaram no ar. Sua mão começou a escorregar até que eu a estava segurando somente pelos dedos. Então Grover e Thalia agarraram minhas pernas, e eu encontrei força extra. Annabeth *não* ia cair.

Eu a puxei para cima e nós caímos tremendo no pavimento. Eu não percebi que nós tínhamos os braços em volta um do outro até que ela enrijeceu de repente.

“Hum, obrigada,” ela murmurou.

Eu tentei dizer *Não foi nada*, mas saiu como, “Hã, duh.”

“Continuem se movendo!” Grover me puxou pelo ombro. Nós nos desembaraçamos e corremos através da ponte suspensa enquanto mais pedras se desintegravam e caíam no esquecimento. Nós chegamos na beirada da montanha assim que a seção final desmoronou.

Annabeth olhou para trás até o elevador, que estava agora totalmente fora de alcance – um conjunto de portas de metal polido suspenso no ar, atado a nada, seiscentos andares acima de Manhattan.

“Nós estamos sozinhos,” ela disse. “Por nossa conta.”

“Blah-há-há!” Grover disse. “A conexão entre o Olimpo e a América está se dissolvendo. Se falhar –”

“Os deuses não se mudarão para outro país desta vez,” Thalia disse. “Este será o fim do Olimpo. O fim *mesmo*.”

Nós corremos pelas ruas. Mansões estavam queimando. Estátuas haviam sido derrubadas. Árvores nos parques foram destruídas até só sobrarem farpas. Parecia que alguém tinha atacado a cidade com um cortador de grama gigante.

“A foice de Cronos,” eu disse.

Nós seguimos o tortuoso caminho até o palácio dos deuses. Eu não me lembrava que a estrada era tão longa. Talvez Cronos estivesse fazendo o tempo ir mais devagar, ou talvez fosse só o pavor que me atrasava. Todo o topo da montanha estava em ruínas – tantos prédios e jardins bonitos haviam desaparecido.

Alguns deuses menores e espíritos da natureza tinham tentado parar Cronos. O que sobrou deles estava espalhado ao longo da estrada: armaduras amassadas, roupas rasgadas, lanças e espadas quebradas ao meio.

Algum lugar a nossa frente, a voz de Cronos rosou: “Tijolo por tijolo! Essa foi minha promessa. DERRUBAR TIJOLO POR TIJOLO!”

Um templo de mármore branco com uma cúpula dourada de repente explodiu. A cúpula disparou para cima como uma tampa de bule e explodiu em um bilhão de pedaços, fazendo chover entulho por toda a cidade.

“Aquilo era um santuário para Ártemis,” Thalia rosnou. “Ele vai pagar por isso.”
Nós estávamos correndo debaixo do arco de mármore com as estátuas gigantes de Zeus e Hera quando toda a montanha gemeu, balançando de lado exatamente como um barco numa tempestade.

“Cuidado!” Grover ganiu. O arco se desintegrou. Eu olhei para cima em tempo de ver uma carrancuda Hera de vinte toneladas vir para cima de nós. Annabeth e eu teríamos sido esmagados, mas Thalia nos empurrou e nós aterrissamos fora de perigo.

“Thalia!” Grover gritou.

Quando a poeira clareou e a montanha parou de balançar, nós a encontramos ainda viva, mas suas pernas estavam imobilizadas embaixo da estátua.

Nós tentamos desesperadamente mover a estátua, mas para isso precisaríamos de alguns Ciclopes. Quando nós tentamos puxar Thalia debaixo dela, ela gritou de dor.

“Eu sobrevivi a todas essas batalhas,” ela rosnou, “e sou derrotada por um estúpido monte de pedra!”

“É Hera,” Annabeth disse em ultraje. “Ela tem feito isso comigo o ano todo. A estátua dela teria me matado se você não tivesse nos tirado do caminho.”

Thalia fez uma careta. “Bem, não fiquem parados aí! Eu vou ficar bem. Vão!”

Nós não queríamos deixá-la, mas eu podia ouvir Cronos rindo enquanto ele se aproximava do salão dos deuses. Mais prédios explodiram.

“Nós voltaremos,” prometi.

“Eu não vou a lugar nenhum,” Thalia resmungou.

Uma bola de fogo irrompeu no lado da montanha, bem perto dos portões do palácio.

“Nós temos que correr,” eu disse.

“Eu não acho que você quis dizer *para longe*,” Grover murmurou esperançosamente.

Eu corri na direção do palácio, Annabeth logo atrás de mim.

“Eu estava com medo disso,” Grover suspirou, e trotou atrás de nós.

As portas do palácio eram grandes o suficiente para passar um navio de cruzeiro por elas, mas elas tinham sido arrancadas de suas dobradiças e esmagadas como se não pesassem nada. Nós tivemos de escalar uma grande pilha de pedras quebradas e metais retorcidos para entrarmos.

Cronos estava no meio da sala do trono, seus braços abertos, olhando para o céu estrelado como se estivesse absorvendo tudo aquilo. Sua gargalhada ecoou ainda mais alta do que tinha sido no abismo do Tártaro.

“Finalmente!” ele gritou. “O Conselho Olímpiano – tão orgulhoso e poderoso. Qual trono de poder eu devo destruir primeiro?”

Ethan Nakamura estava de lado, tentando sair do caminho da foice de seu mestre. A lareira estava quase apagada, só algumas brasas brilhando profundamente nas cinzas. Héstia não estava em lugar nenhum à vista. Nem Rachel. Eu esperava que ela estivesse bem, mas eu vira tanta destruição que estava com medo de pensar nisso. O ofiotauro nadava na sua esfera de água no canto mais distante da sala, sabiamente não fazendo barulho, mas não demoraria muito até que Cronos o notasse.

Annabeth, Grover e eu demos um passo à frente entrando na iluminação das tochas. Ethan nos viu primeiro.

“Meu lorde,” ele avisou.

Cronos se virou e sorriu através do rosto de Luke. Exceto por seus olhos dourados, ele parecia exatamente como quatro anos atrás quando me dera as boas-vindas ao Chalé de

Hermes. Annabeth fez um som dolorido no fundo de sua garganta, como se alguém tivesse acabado de acertar um soco nela.

“Devo destruí-lo primeiro, Jackson?” Cronos perguntou. “É essa escolha que você fará – lutar comigo e morrer ao invés de se curvar? Profecias nunca terminam bem, você sabe.”

“Luke lutaria com uma espada,” eu disse. “Mas acho que você não tem a habilidade dele.”

Cronos deu um sorriso de escárnio. Sua foice começou a mudar, até que ele segurava a velha espada de Luke, Mordecostas, cuja lâmina é metade aço, metade bronze celestial. Ao meu lado, Annabeth engasgou como se ela tivesse acabado de ter uma ideia. “Percy, a lâmina!” Ela desembainhou sua faca. “*A alma do herói, lâmina amaldiçoada ceifará.*”

Eu não entendi porque ela estava me lembrando dessa linha da profecia naquele momento. Não era exatamente um apoio moral, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Cronos levantou sua espada.

“Espere!” Annabeth gritou.

Cronos veio até mim como um furacão.

Meus instintos me dominaram. Eu me esquivei e cortei e rolei, mas senti como se estivesse lutando com uma centena de espadachins. Ethan mergulhou para um lado, tentando ficar atrás de mim até que Annabeth o interceptou. Eles começaram a lutar, mas eu não pude me concentrar em como ela estava se saindo. Eu estava vagamente ciente de Grover tocando suas flautas de bambu. O som me encheu de calor e coragem – pensamentos sobre luz do sol e céu azul e uma calma clareira, em algum lugar bem distante da guerra.

Cronos me encurralou no trono de Hefesto – um enorme tipo mecânico como uma poltrona reclinável coberto com engrenagens douradas e prateadas. Cronos investiu e eu consegui pular direto no assento. O trono tremeu e zumbiu com mecanismos secretos. *Modo de defesa*, avisou. *Modo de defesa*.

Isso não podia ser bom. Eu pulei direto por sobre a cabeça de Cronos quando o trono soltou faíscas de eletricidade em todas as direções. Uma acertou Cronos no rosto, fazendo-o arquear seu corpo e erguer sua espada.

“ARGH!” Ele caiu de joelhos e soltou Mordecostas.

Annabeth viu sua chance. Ela chutou Ethan para fora do seu caminho e avançou contra Cronos. “Luke, escute!”

Eu queria gritar com ela, dizer que ela era louca por tentar argumentar com Cronos, mas não havia tempo. Cronos agitou sua mão. Annabeth voou para trás, batendo no trono de sua mãe e deslizando até o chão.

“Annabeth!” gritei.

Ethan Nakamura se ergueu. Ele agora estava entre Annabeth e eu. Eu não poderia lutar com ele sem virar minhas costas para Cronos.

A música de Grover assumiu um tom mais urgente. Ele se moveu na direção de Annabeth, mas ele não podia ir mais rápido e manter a música. Pequenas raízes cresciam entre as rachaduras das pedras de mármore.

Cronos se apoiou em um joelho. Seu cabelo ardia. Seu rosto estava coberto por queimaduras de eletricidade. Ele esticou o braço para sua espada, mas dessa vez ela não voou para suas mãos.

“Nakamura!” ele gritou. “Hora de se provar. Você conhece a fraqueza secreta de Jackson. Mate-o, e você terá recompensas sem limites.”

Os olhos de Ethan se dirigiram para meu tronco, e eu tinha certeza que ele sabia. Mesmo que ele não pudesse me matar ele mesmo, tudo o que tinha de fazer era contar a Cronos. De jeito nenhum eu poderia me defender para sempre.

“Olhe ao seu redor, Ethan,” eu disse. “O fim do mundo. É essa recompensa que você quer? Você realmente quer tudo destruído – o bom com o mau? *Tudo?*”

Grover estava quase com Annabeth agora. A grama engrossava no chão. As raízes estavam com quase trinta centímetros de comprimento, como bigodes de gato.

“Não há trono para Nêmesis,” Ethan murmurou. “Não há trono para a minha mãe.”

“Isso é verdade!” Cronos tentou se levantar, mas cambaleou. Acima da sua orelha esquerda, um bocado de cabelo loiro ainda fumegava. “Acabe com eles! Eles merecem sofrer.”

“Você disse que sua mãe era a deusa do equilíbrio,” eu lembrei a ele. “Os deuses menores merecem algo melhor, Ethan, mas destruição total não é *equilíbrio*. Cronos não constrói. Ele só destrói.”

Ethan olhou para o trono fervente de Hefesto. A música de Grover ainda soava, e Ethan vacilou ao ouvi-la, como se a música estivesse enchendo-o com nostalgia – o desejo de ver um belo dia, de estar em qualquer lugar menos aqui. Seu olho bom piscou.

E então ele investiu... mas não contra mim.

Enquanto Cronos ainda estava de joelhos, Ethan baixou sua espada no pescoço do Lorde Titã. Deveria tê-lo matado instantaneamente, mas a lâmina se despedaçou. Ethan caiu para trás, segurando seu estômago. Um fragmento de sua própria lâmina ricocheteou e perfurou sua armadura.

Cronos se ergueu instável, olhando para seu servo. “Traição,” ele rosnou.

A música de Grover ainda soava, e a grama crescia ao redor do corpo de Ethan. Ethan olhou para mim, seu rosto tenso de dor.

“Merecem algo melhor,” ele engasgou. “Se eles pelo menos... tivessem tronos –”

Cronos bateu o pé, e o chão se rompeu ao redor de Ethan Nakamura. O filho de Nêmesis caiu por uma fissura que ia direto pelo coração da montanha – direto para o céu aberto.

“Foi demais para ele.” Cronos pegou sua espada. “E agora o resto de vocês.”

Meu único pensamento era mantê-lo longe de Annabeth.

Grover estava ao lado dela agora. Ele tinha parado de tocar e estava alimentando-a com ambrosia.

Onde quer que Cronos pisasse, as raízes se enrolavam ao redor de seus pés, mas Grover parava sua magia cedo demais. As raízes não eram fortes ou grossas o suficiente para fazer mais do que irritar o Titã.

Nós lutamos através da lareira central, chutando brasas e faíscas. Cronos cortou fora um dos braços do trono de Ares, o que por mim estava bem, mas então ele me encurralou contra o trono do meu pai.

“Oh, sim,” Cronos disse. “Esse aqui vai dar uma ótima lenha para a minha nova lareira!”

Nossas lâminas se chocaram em uma chuva de faíscas. Ele era mais forte que eu, mas por um momento eu senti o poder do oceano em meus braços. Eu o empurrei para trás e ataquei de novo – golpeando com Contracorrente com tanta força contra a couraça da sua armadura que arranquei um pedaço do bronze celestial.

Ele bateu seu pé novamente e o tempo desacelerou. Eu tentei atacar, mas estava me movendo na velocidade de uma geleira. Cronos se virou calmamente, recuperando o

fôlego. Ele examinou o talho em sua armadura enquanto eu me debatia, amaldiçoando-o silenciosamente. Ele poderia ter todas as pausas que quisesse. Poderia me congelar no lugar a vontade. Minha única esperança era que o esforço estivesse drenando-o. Se eu pudesse desgastá-lo...

“É tarde demais, Percy Jackson,” ele disse. “Contemple.”

Ele apontou para a lareira central, e as brasas brilharam. Uma camada de fumaça cinza surgiu do fogo, formando imagens como uma mensagem de Íris. Eu vi Nico e meus pais na Quinta Avenida, lutando uma batalha sem esperança, cercados por inimigos. No fundo, Hades lutava na sua carruagem negra, convocando onda após onda de zumbis do subterrâneo, mas as forças do exército Titã pareciam ser igualmente sem fim. Enquanto isso, Manhattan estava sendo destruída. Mortais, agora completamente acordados, estavam correndo aterrorizados. Carros derrapavam e batiam.

A cena mudou, e eu vi algo ainda mais assustador.

Uma coluna de tempestade estava se aproximando do Rio Hudson, movendo-se com velocidade através da costa de Jersey. Carruagens circundavam-na, envolvidas em combate com a criatura na nuvem.

Os deuses atacaram. Relâmpagos acenderam. Flechas de ouro e prata riscaram na direção da nuvem como se fossem foguetes e explodiram. Devagar, a nuvem se dispersou, e eu vi Tífon claramente pela primeira vez.

Eu sabia que enquanto eu vivesse (o que poderia não ser por muito tempo) eu nunca seria capaz de tirar a imagem da minha cabeça. A cabeça de Tífon mudava constantemente. A cada momento ele era um monstro diferente, cada um mais horrível que o último. Olhar para seu rosto teria me deixado louco, então eu me concentrei no corpo dele, o que não era muito melhor. Ele era humanóide, mas a sua pele me lembrava um sanduíche de carne que ficou no armário de alguém o ano todo. Ele era verde malhado com bolhas do tamanho de prédios, e marcas enegrecidas por ter ficado eras preso sob um vulcão. Suas mãos eram humanas, mas com garras como as de uma águia. Suas pernas eram escamosas e reptilianas.

“Os Olímpianos estão dando seu último esforço,” riu Cronos. “Que patético.”

Zeus jogou um raio de sua carruagem. A explosão iluminou o mundo. Eu podia sentir o choque mesmo aqui, no Olimpo, mas quando a poeira baixou, Tífon ainda estava de pé. Ele cambaleou um pouco, com uma cratera fumarenta no topo de sua cabeça deformada, mas ele rugiu de raiva e continuou avançando.

Meus membros começaram a se soltar. Cronos não pareceu notar. Sua atenção estava concentrada na luta e em sua vitória final. Se eu pudesse aguentar por mais alguns segundos, e meu pai mantivesse sua palavra...

Tífon pisou no rio Hudson e mal afundou seu tornozelo.

Agora, pensei, implorando para a imagem na fumaça. *Por favor, tem que acontecer agora.*

Como um milagre, uma corneta de concha soou da figura nevoenta. O chamado do oceano. O chamado de Poseidon.

Ao redor de Tífon, o rio Hudson irrompeu, tremendo com a força de ondas de doze metros. Para fora da água saltou uma nova carruagem – esta era puxada por massivos cavalos-marinhos, que nadavam no ar tão facilmente quanto na água. Meu pai, brilhando com uma aura azul de poder, fez um círculo desafiador ao redor das pernas do gigante. Poseidon não era mais um homem velho. Ele parecia consigo mesmo novamente – bronzeado e forte com uma barba escura. Conforme ele balançou seu tridente, o rio respondeu, formando um funil de nuvens ao redor do monstro.

“Não!” Cronos berrou depois de um momento de silêncio chocado. “NÃO!”

“AGORA, MEUS IRMÃOS!” A voz de Poseidon estava tão alta que eu não tinha certeza se a ouvia pela imagem de fumaça ou se ela cruzara toda a cidade. “LUTEM PELO OLIMPO!”

Guerreiros surgiram do rio, guiando nas ondas tubarões gigantes e dragões e cavalos-marinhos. Era uma legião de Ciclopes, e liderando-os batalha adentro estava...

“Tyson!” gritei.

Eu sabia que ele não podia me ouvir, mas eu olhei para ele com admiração. Ele tinha magicamente crescido. Ele tinha que ter nove metros, tão grande quanto qualquer de seus primos mais velhos, e pela primeira vez ele estava vestindo uma armadura de batalha completa. Galopando atrás dele estava Briares, O de Cem-Mãos.

Todos os Ciclopes seguravam enormes e cumpridas correntes de ferro negras – grandes o suficiente para ancorar um navio de batalha – com ganchos na ponta. Eles as giraram como laços e começaram a enredar Tífon, arremessando cordas ao redor das pernas e braços da criatura, usando a maré para continuarem circundando, lentamente prendendo o monstro. Tífon sacudiu e rosnou e puxou as correntes, puxando alguns Ciclopes de suas montarias; mas havia correntes demais. O grande peso do batalhão de Ciclopes começou a puxar Tífon para baixo. Poseidon jogou seu tridente e atingiu o monstro na garganta. Sangue dourado, icor imortal, jorrou da ferida, formando uma cachoeira maior do que um arranha-céu. O tridente voou de volta para a mão de Poseidon.

Os outros deuses investiram com força renovada. Ares avançou e atingiu Tífon no nariz. Ártemis atirou no monstro uma dúzia de flechas prateadas direto no olho. Apolo atirou uma saraivada de flechas em chamas no monstro incendiando sua tanga. E Zeus continuava acertando o monstro com raios, até que, finalmente, lentamente, a água subiu, envolvendo Tífon como um casulo, e ele começou a afundar sob o peso das correntes.

Tífon gritou em agonia, se debatendo com tanta força que as ondas varreram a costa de Jersey, alagando prédios de cinco andares e inundando a Ponte George Washington – mas para baixo ele foi conforme meu pai abria um túnel especial para ele – um redemoinho de água sem fim que o levaria diretamente para o Tártaro. A cabeça do gigante afundou num espiral fervente, e ele foi embora.

“BAH!” Cronos gritou. Ele golpeou através da fumaça com sua espada, fazendo a imagem em pedaços.

“Eles estão a caminho,” eu disse. “Você perdeu.”

“Eu ainda nem comecei.”

Ele avançou numa rapidez cegante. Grover – sátiro corajoso e estúpido que era – tentou me proteger, mas Cronos o jogou para o lado como se fosse uma boneca de pano.

Eu pisei de lado e investi debaixo da guarda de Cronos. Era um bom truque. Infelizmente, Luke o conhecia. Ele amorteceu o impacto e me desarmou usando um dos primeiros movimentos que me ensinara. Minha espada deslizou pelo chão e caiu diretamente pela fissura aberta.

“PARE!” Annabeth veio de lugar nenhum.

Cronos se virou para encará-la e atacou com Mordecostas, mas de algum jeito Annabeth aparou o impacto com o cabo de sua adaga. Era um movimento que somente o mais rápido e habilidoso lutador de faca poderia realizar. Não me pergunte onde ela achou força, mas ela pisou mais próximo dele, suas lâminas cruzadas, e por um momento ela ficou cara a cara com o Lorde Titã, segurando-o no lugar.

“Luke,” ela disse, cerrando os dentes, “Eu entendo agora. Você tem que confiar em mim.”

Cronos rosnou em ultraje. “Luke Castellan está morto! O corpo dele vai queimar assim que eu assumir minha forma verdadeira!”

Eu tentei me mexer, mas meu corpo estava congelado novamente. Como podia Annabeth, machucada e quase morta de exaustão, ter a força para lutar com um titã como Cronos?

Cronos investiu contra ela, tentando deslocar sua lâmina, mas ela o segurou no lugar, os braços dela tremendo conforme ele forçava a espada na direção do pescoço dela.

“Sua mãe,” Annabeth grunhiu. “Ela viu o seu destino.”

“Servir a Cronos!” o titã rugiu. “Este é o meu destino.”

“Não!” Annabeth insistiu. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, mas eu não sabia se eram pela dor ou pela tristeza. “Esse não é o fim, Luke. A profecia: ela viu o que você faria. É sobre você!”

“Eu vou te esmagar, criança!” Cronos berrou.

“Você não vai,” Annabeth disse. “Você prometeu. Você está detendo Cronos mesmo agora.”

“MENTIRAS!” Cronos forçou de novo, e desta vez Annabeth perdeu o equilíbrio. Com sua mão livre, Cronos esbofeteou seu rosto, e ela deslizou para trás.

Eu convoquei toda a minha força. Consegui me levantar, mas era como segurar o peso do céu de novo.

Cronos foi para cima de Annabeth, sua espada levantada.

Sangue escorria pelo canto da boca dela. Ela balbuciou, “Família, Luke. Você prometeu.”

Eu dei um doloroso passo à frente. Grover estava novamente de pé, perto do trono de Hera, mas ele parecia lutar para se mover também. Antes que qualquer um de nós conseguisse chegar perto de Annabeth, Cronos vacilou.

Ele olhou para a faca nas mãos de Annabeth, o sangue em seu rosto. “*Promessa.*”

Então ele engasgou como se não pudesse respirar. “Annabeth...” Mas não era a voz do titã. Era a voz de Luke. Ele cambaleou para frente, como se não pudesse controlar o próprio corpo. “Você está sangrando...”

“Minha faca.” Annabeth tentou erguer a adaga, mas ela caiu de sua mão. Seu braço estava dobrado num ângulo estranho. Ela olhou para mim, implorando, “Percy, por favor...”

Eu pude me mover de novo.

Eu me adiantei e apanhei a faca dela. Eu bati Mordecostas para fora das mãos de Luke, e ela girou para dentro da lareira. Luke quase não prestou atenção em mim. Ele avançou na direção de Annabeth, mas eu me pus entre os dois.

“Não toque nela,” eu disse.

Raiva passou pelo rosto dele. A voz de Cronos rosou: “Jackson...” Era a minha imaginação, ou todo o corpo dele estava brilhando, ficando dourado?

Ele engasgou de novo. A voz de Luke: “Ele está mudando. Ajudem. Ele... ele está quase pronto. Ele não precisará mais do meu corpo. Por favor –”

“NÃO!” Cronos berrou. Ele procurou por sua espada, mas estava na lareira, brilhando entre as brasas.

Ele cambaleou na direção dela. Tentei impedi-lo, mas ele me empurrou com tanta força que eu aterrissei perto de Annabeth e bati minha cabeça na base do trono de Atena.

“A faca, Percy,” Annabeth sussurrou. Sua respiração estava fraca. “Herói... lâmina amaldiçoada...”

Quando minha visão focalizou novamente, eu vi Cronos apanhando sua espada. Então ele berrou de dor e a derrubou. Suas mãos estavam esfumaçadas e queimadas. O fogo da lareira cresceu vermelho vivo, como se a foice não fosse compatível com ele. Eu vi a imagem de Héstia tremulando nas cinzas, franzindo a testa para Cronos com desaprovação.

Luke se virou e desmoronou, apertando suas mãos arruinadas. “Por favor, Percy...”
Lutei para ficar de pé. Andei na direção dele com a faca. Eu devia matá-lo. Esse era o plano.

Luke parecia saber o que eu estava pensando. Ele umedeceu os lábios. “Você não pode... não pode fazer por si mesmo. Ele vai quebrar o meu controle. Ele vai se defender. Só a minha mão. Eu sei onde. Eu posso... posso mantê-lo sob controle.”

Ele estava definitivamente brilhando agora, sua pele começando a soltar fumaça.

Eu levantei a faca para golpear. Então olhei para Annabeth, Grover segurando-a em seus braços, tentando protegê-la. E eu finalmente entendi o que ela estava tentando me dizer.

Você não é o herói, Rachel havia dito. Vai afetar o que você fará.

“Por favor,” Luke gemeu. “Não há tempo.”

Se Cronos evoluísse para sua forma verdadeira, não haveria como pará-lo. Ele faria Tífon parecer um valentão de parquinho.

A linha da grande profecia ecoava em minha cabeça: *A alma do herói, lâmina amaldiçoada ceifará.* Todo o meu mundo ficou de cabeça para baixo, e eu entreguei a faca a Luke.

Grover ganiu. “Percy? Você está... hum...”

Maluco. Insano. Perdendo o juízo. Provavelmente.

Mas eu assisti enquanto Luke agarrava o punho.

Eu fiquei na frente dele – indefeso.

Ele soltou as tiras da armadura, expondo um pequeno pedaço da sua pele logo abaixo do seu braço esquerdo, um lugar que seria bem difícil de atingir. Com dificuldade, ele se esfaqueou.

Não era um corte profundo, mas Luke gemeu. Seus olhos brilharam como lava. A sala do trono tremeu, me fazendo perder o equilíbrio e cair. Uma aura de energia cercou Luke, ficando cada vez mais e mais brilhante. Eu fechei meus olhos e senti uma força como uma explosão nuclear atingir minha pele e rachar meus lábios.

Fez-se silêncio por um longo tempo.

Quando abri meus olhos, vi Luke estendido na lareira. No chão ao seu redor havia um círculo enegrecido de cinzas. A foice de Cronos tinha se liquefeito em metal fundido e estava gotejando nas brasas da lareira, que agora brilhavam como um forja de ferreiro.

O lado esquerdo de Luke estava ensanguentado. Seus olhos estavam abertos – olhos azuis, do jeito que eles costumavam ser. Sua respiração arquejava profundamente.

“Boa... lâmina,” ele crocitou.

Eu me ajoelhei ao seu lado. Annabeth veio mancando com o apoio de Grover. Os dois tinham lágrimas nos olhos.

Luke olhou fixamente para Annabeth. “Você sabia. Eu quase matei você, mas você sabia...”

“Shhh.” A voz dela tremeu. “Você foi um herói no final, Luke. Você irá para o Elísio.”

Ele balançou a cabeça fracamente. “Pensando... em renascer. Tentar três vezes. Ilhas dos Abençoados.”

Annabeth fungou. “Você sempre se esforçou demais.”

Ele levantou a mão queimada. Annabeth tocou a ponta dos dedos dele.

“Você...” Luke tossiu e seus lábios tingiram-se de vermelho. “Você me amou?”

Annabeth enxugou as lágrimas. “Houve um tempo em que eu pensei que... bem, eu pensei...” Ela olhou para mim, como se ela estivesse se deliciando com o fato de que eu ainda estava ali. E eu percebi que fazia a mesma coisa. O mundo estava desmoronando, e a única coisa que realmente importava para mim era que ela estava viva.

“Você era como um irmão pra mim, Luke,” ela disse suavemente. “Mas eu não amei você.”

Ele assentiu, como se esperasse aquilo. Ele estremeceu de dor.

“Nós podemos pegar ambrosia,” Grover disse. “Nós podemos –”

“Grover,” Luke engoliu. “Você é o sátiro mais valente que eu já conheci. Mas não. Não há cura...” Outra tosse.

Ele agarrou a manga da minha camisa, e eu pude sentir o calor de sua pele como se fosse fogo. “Ethan. Eu. Todos os indeterminados. Não deixe... Não deixe acontecer de novo.”

Seus olhos estavam raivosos, mas suplicantes também.

“Não deixarei,” falei. “Eu prometo.”

Luke assentiu, e sua mão caiu.

Os deuses chegaram alguns minutos depois em todas as suas regalias de guerra, trovejando sala do trono adentro e esperando por uma batalha.

O que eles encontraram foram Annabeth, Grover, e eu parados ao redor do corpo quebrado de um meio-sangue, na indistinta e calorosa luz da lareira.

“Percy,” meu pai chamou, admiração em sua voz. “O que... o que é isso?”

Eu me virei e encarei os Olímpianos.

“Nós precisamos de uma mortalha,” eu anunciei, minha voz embargada. “Uma mortalha para o filho de Hermes.”



VINTE



NÓS GANHAMOS PRÊMIOS FABULOSOS

As três Parcas em pessoa levaram o corpo de Luke.

Eu não via as velhas senhoras há anos, desde que eu testemunhara elas cortarem um fio da vida em uma barraca de frutas do outro lado da rua, quando eu tinha doze anos. Elas me assustaram naquela época, e elas me assustaram agora – três avós fantasmagóricas com bolsas com fios de lã e agulhas de tricô.

Uma delas olhou para mim, e mesmo que ela não tenha dito nada, minha vida passou literalmente por meus olhos. De repente eu tinha vinte anos. Então eu era um homem de meia idade. Em seguida, velho e murcho. Toda a força deixara meu corpo, e eu vi minha própria lápide e uma cova aberta, um caixão sendo baixado para dentro da terra. Tudo isso aconteceu em menos de um segundo.

Está feito, ela disse.

A Parca levantou um pedaço de fio azul – e eu sabia que era o mesmo que eu tinha visto quatro anos atrás, o fio da vida que eu as vi cortar. Eu pensara que era a minha vida. Agora percebia que era a de Luke. Elas tinham me mostrado a vida que teria que ser sacrificada para consertar as coisas.

Elas recolheram o corpo de Luke, agora enrolado em uma mortalha branca e verde, e começaram a levá-lo para fora do salão do trono.

“Espere,” Hermes disse.

O deus mensageiro estava vestido em sua típica túnica grega branca, sandálias, e elmo. As asas de seu capacete se agitavam enquanto ele andava. As cobras George e Marta se enroscaram em volta do seu caduceu, murmurando, *Luke, pobre Luke.*

Pensei em May Castellan, sozinha em sua cozinha, assando biscoitos e fazendo sanduíches para um filho que nunca voltaria para casa.

Hermes desembrulhou o rosto de Luke e beijou sua testa. Ele murmurou algumas palavras em grego antigo – uma bênção final.

“Adeus,” ele sussurrou. Então ele acenou com a cabeça, permitindo que as Parcas levassem o corpo de seu filho.

Enquanto elas saíam, pensei na Grande Profecia. As linhas agora faziam sentido para mim. *A alma do herói, lâmina amaldiçoada ceifará.* O herói era Luke. A lâmina amaldiçoada era a faca que ele havia dado a Annabeth anos antes – amaldiçoada porque Luke havia quebrado sua promessa e traído seus amigos. *Seus dias uma única escolha irá encerrar.* Minha escolha, de dar a ele a faca, e acreditar, assim como Annabeth, que ele ainda era capaz de consertar as coisas. *O Olimpo preservar ou aniquilar.* Ao se sacrificar, ele havia salvado o Olimpo. Rachel estava certa. No fim, eu não era mesmo o herói. Luke era.

E entendi outra coisa: Quando Luke mergulhou no Rio Styx, ele tivera que focar em algo importante que o mantivesse preso a sua vida mortal. De outra forma ele teria dissolvido. Eu vira Annabeth, e tive a sensação de que ele também. Ele tinha imaginado aquela cena que Héstita me mostrou – dele em seus bons e velhos tempos com Thalia e Annabeth, quando ele prometeu que eles seriam uma família. Machucar Annabeth na batalha o chocou e o fez se lembrar da promessa. Tinha permitido a sua consciência mortal tomar o controle novamente, e vencer Cronos. Seu ponto fraco – seu calcanhar de Aquiles – salvou a todos nós.

Ao meu lado, os joelhos de Annabeth cederam. Eu a peguei, mas ela gritou de dor, e percebi que havia segurado seu braço quebrado.

“Ah deuses,” eu disse. “Annabeth, me desculpe.”

“Está tudo bem,” ela disse enquanto desmaiava em meus braços.

“Ela precisa de ajuda!” gritei.

“Deixa comigo.” Apolo se aproximou. Sua armadura ardente era tão brilhante que era difícil olhar pra ele, e seus óculos Ray-Ban combinando e seu sorriso perfeito o faziam parecer um modelo masculino para equipamentos de guerra. “Deus da cura, a seu serviço.”

Ele passou sua mão sobre o rosto de Annabeth e murmurou um encantamento. Imediatamente suas contusões sumiram. Seus cortes e cicatrizes desapareceram. Seu braço se endireitou e ela suspirou em seu sono.

Apolo sorriu. “Ela ficará bem em alguns minutos. Tempo suficiente para que eu componha um poema sobre nossa vitória: ‘Apolo e seus amigos salvam o Olimpo.’ Boa, não?”

“Obrigado, Apolo,” falei. “Eu, hum, vou deixar você cuidar da poesia.”

As próximas horas foram um borrão. Eu me lembrei da promessa que fiz para minha mãe. Zeus sequer piscou quando lhe contei meu estranho pedido. Ele estalou seus dedos e me disse que o topo do edifício Empire State estava agora brilhando em azul. A maioria dos mortais se perguntaria o que aquilo significava, mas minha mãe saberia: Eu tinha sobrevivido, o Olimpo estava salvo.

Os deuses foram consertar a sala do trono, o que foi surpreendentemente rápido com doze seres super poderosos trabalhando. Grover e eu cuidamos dos feridos, e uma vez que a ponte sobre o céu foi reformada, nós cumprimentamos nossos amigos que sobreviveram. Os Ciclopes tinham resgatado Thalia de baixo da estátua caída. Ela estava de muletas, mas de outra forma estava bem. Connor e Travis Stolls tinham conseguido passar por tudo com apenas alguns pequenos arranhões. Eles me prometeram que não tinham roubado muito a cidade. Eles me disseram que meus pais estavam bem, embora não fosse permitido que eles entrassem no Monte Olimpo. A Sra. O’Leary havia desenterrado Quíron dos escombros e o levado de volta ao acampamento. Os Stolls pareciam um pouco preocupados com o velho centauro, mas pelo menos ele estava vivo. Katie Gardner relatou que ela tinha visto Rachel Elizabeth Dare correr pra fora do edifício Empire State no fim da batalha. Rachel parecia ilesa, mas ninguém sabia para onde ela fora, o que também me deixou preocupado.

Nico di Angelo chegou ao Olimpo para uma acolhida de herói, seu pai logo atrás dele, apesar do fato de Hades só poder visitar o Olimpo no solstício de inverno. O deus dos mortos pareceu surpreso quando seus parentes vieram e deram tapinhas em suas costas. Duvido que ele já tenha recebido uma recepção tão entusiasmada antes.

Clarisse entrou marchando, ainda tremendo pelo tempo que ficou no bloco de gelo, e Ares gritou, “Esta é a minha garota!”

O deus da guerra bagunçou o cabelo dela, e deu um soco em suas costas, chamando-a de a melhor guerreira que ele jamais viu. “Aquela matança de drakon? É DISSO que eu tô falando!”

Ela parecia bem sobrecarregada. Tudo o que ela conseguia fazer era assentir e piscar, como se temesse que ele começasse a bater nela, mas uma hora ela começou a sorrir.

Hera e Hefesto passaram por mim, e enquanto Hefesto estava um pouco irritado com o meu pulo em seu trono, ele achou que eu tinha feito “um bom trabalho, no todo.”

Hera bufou em desdém. “Imagino que não vou destruir você e aquela garotinha agora.”

“Annabeth salvou o Olimpo,” eu disse a ela. “Ela convenceu Luke a parar Cronos.”

“Hum,” Hera rodopiou para longe ofendida, mas presumi que nossas vidas estavam a salvo, pelo menos por enquanto.

A cabeça de Dioniso ainda estava enrolada em uma bandagem. Ele me olhou da cabeça aos pés e disse, “Bem, Percy Jackson. Vejo que Pollux sobreviveu, então acho que você não é totalmente incompetente. Isso tudo é graças ao meu treinamento, suponho.”

“Hum, sim, senhor,” falei.

Sr. D assentiu. “Como agradecimento por minha bravura, Zeus cortou minha pena naquele horrível acampamento pela metade. Agora só me faltam cinquenta anos ao invés de cem.”

“Cinquenta anos, hein?” Tentei imaginar ter que aturar Dioniso até eu ser um homem velho, supondo que eu vivesse tanto tempo.

“Não se anime, Jackson,” ele disse, e percebi que ele estava dizendo meu nome corretamente. “Eu ainda pretendo tornar sua vida miserável.”

Eu não consegui não sorrir. “Naturalmente.”

“Então estamos entendidos.” Ele se virou e começou a consertar seu trono de vinhas, que tinha sido chamuscado pelo fogo.

Grover ficou ao meu lado. De vez em quando ele caía no choro. “Tantos espíritos da natureza mortos, Percy. *Tantos.*”

Eu pus meus braços em volta de seus ombros e dei a ele um lenço para assoar o nariz. “Você fez um ótimo trabalho, garoto bode. Nós *vamos* nos recuperar dessa. Plantaremos novas árvores. Limparemos os parques. Seus amigos reencarnarão em um mundo melhor.”

Ele fungou desajeitadamente. “Eu... eu imagino que sim. Mas foi bastante difícil reuni-los antes. Eu ainda sou um exilado. Mal consegui que alguém me ouvisse sobre Pan. Agora eles vão me ouvir de novo alguma vez? Eu os levei a um massacre.”

“Eles ouvirão,” prometi. “Porque você se importa com eles. Você se importa com a Natureza mais do que qualquer outro.”

Ele tentou sorrir. “Obrigado, Percy. Espero... espero que você saiba que eu tenho muito orgulho de ser seu amigo.”

Eu bati de leve em seu braço. “Luke estava certo sobre uma coisa, garoto bode. Você é o sátiro mais corajoso que eu já conheci.”

Ele corou, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, cornetas de concha soaram. O exército de Poseidon marchou para a sala do trono.

“Percy!” Tyson gritou. Ele correu até mim com seus braços abertos. Felizmente ele havia encolhido de volta ao seu tamanho normal, então seu abraço foi como ser atingido por um trator, e não pela fazenda toda.

“Você não está morto!” ele disse.

“É!” concordei. “Incrível, não?”

Ele bateu palmas e riu feliz. “Eu também não estou morto. Viva! Nós acorrentamos Tífon. Foi divertido!”

Atrás dele, uns cinquenta Ciclopes em armadura riram e assentiram e se cumprimentaram.

“Tyson nos liderou,” um trovejou. “Ele é corajoso!”

“O mais corajoso dos Ciclopes!” outro rugiu.

Tyson corou. “Não foi nada.”

“Eu vi você!” eu disse. “Você foi incrível!”

Eu achei que o pobre do Grover fosse desmaiar. Ele morre de medo de Ciclopes. Mas ele segurou os nervos e disse, “É. Hum... três vivas para o Tyson!”

“YAAAAARRRRRRR!” os Ciclopes rugiram.

“Por favor, não me comam,” Grover murmurou, mas não acho que alguém ouviu.

As cornetas de concha soaram de novo. Os Ciclopes se separaram, e meu pai entrou na sala do trono em sua armadura de guerra, seu tridente brilhando em suas mãos.

“Tyson!” ele gritou. “Muito bem, meu filho. E Percy –” Seu rosto ficou rígido. Ele apontou seu dedo pra mim, e por um segundo fiquei com medo que ele fosse me evaporar. “Eu até te perdoo por sentar em meu trono. Você salvou o Olimpo!”

Ele abriu os braços e me deu um abraço. Percebi, um pouco envergonhado, que eu nunca tinha abraçado meu pai antes. Ele era quente – como um humano normal – e cheirava a praia e brisa marítima.

Quando se afastou, ele sorriu para mim. Eu me senti tão bem, admito que meus olhos ficaram um pouco úmidos. Acho que até esse momento eu não tinha permitido a mim mesmo ter consciência do quão assustado eu estivera nos últimos dias.

“Pai –”

“Shh,” ele disse. “Nenhum herói está a salvo do medo, Percy. E *você* superou qualquer herói. Nem mesmo Hércules –”

“POSEIDON!” uma voz rugiu.

Zeus tinha sentado em seu trono. Ele olhava pela sala para meu pai enquanto os outros deuses entravam e tomavam seus assentos. Até Hades estava presente, sentado em uma cadeira de pedra simples na base da lareira. Nico sentava de pernas cruzadas aos pés de seu pai.

“Bem, Poseidon?” Zeus grunhiu. “Você é orgulhoso demais para se juntar a nós no conselho, meu irmão?”

Pensei que Poseidon fosse ficar furioso, mas ele apenas me olhou e piscou. “Ficaria honrado, Lorde Zeus.”

Acho que milagres realmente acontecem. Poseidon sentou-se em seu trono marítimo, e o Conselho Olímpiano se reuniu.

Enquanto Zeus falava – um longo discurso sobre a bravura dos deuses etc – Annabeth entrou e parou ao meu lado. Ela parecia bem para alguém que tinha acabado de desmaiar.

“Perdi muita coisa?” ela sussurrou.

“Ninguém está planejando nos matar, até agora,” eu sussurrei de volta.

“Primeira vez hoje.”

Eu gargalhei, mas Grover me cutucou porque Hera estava nos olhando feio.

“Quanto aos meus irmãos,” Zeus disse, “estamos agradecidos” – ele limpou sua garganta como se as palavras fossem difíceis de sair – “er, agradecidos pela ajuda de Hades.”

O senhor dos mortos assentiu. Ele tinha um olhar presunçoso em seu rosto, mas eu acho que ele tinha conquistado o direito. Ele afagou seu filho Nico nos ombros, e Nico parecia mais feliz do que ele jamais esteve.

“E, é claro,” Zeus continuou, embora parecesse que suas calças estivessem queimando, “nós devemos... hum... agradecer Poseidon.”

“Desculpe-me, irmão,” Poseidon disse. “O que você disse?”

“Devemos agradecer Poseidon,” Zeus rosnou. “Sem ele... teria sido difícil –”

“Difícil?” Poseidon perguntou inocentemente.

“Impossível,” Zeus disse. “Impossível derrotar Tífon.”

Os deuses murmuraram concordando e levantaram suas armas em aprovação.

“O que nos deixa,” Zeus disse, “com apenas a questão de agradecer aos nossos jovens heróis semideuses, que defenderam o Olimpo tão bem – mesmo tendo alguns amassados em meu trono.”

Ele chamou Thalia à frente primeiro, sendo ela sua filha, e prometeu ajudá-la a preencher as fileiras das Caçadoras.

Ártemis sorriu. “Você se saiu bem, minha tenente. Você me deixou orgulhosa, e todas as Caçadoras que pereceram em meu serviço nunca serão esquecidas. Elas irão para o Elísio, tenho certeza.”

Ela olhou direto para Hades.

Ele deu de ombros. “Provavelmente.”

Ártemis o encarou um pouco mais.

“Tudo bem,” Hades resmungou. “Vou acelerar seus processos de admissão.”

Thalia encheu-se de orgulho. “Obrigada, minha senhora.” Ela se curvou para os deuses, até para Hades, e depois ela saiu mancando para ficar ao lado de Ártemis.

“Tyson, filho de Poseidon!” Zeus chamou. Tyson parecia nervoso, mas ele foi para o meio do Conselho, e Zeus falou.

“Ele não perde muitas refeições, não é?” Zeus murmurou. “Tyson, por sua bravura na guerra, e por liderar os Ciclopes, você está promovido a general dos exércitos do Olimpo. De agora em diante, você deverá liderar seus irmãos para batalha sempre que for requerido pelos deuses. E você terá um novo... hum... que tipo de arma você desejaria? Uma espada? Um machado?”

“Um bastão!” Tyson disse, mostrando sua clava quebrada.

“Muito bem,” Zeus disse. “Nós lhe daremos um novo, er, bastão. O melhor bastão que possa ser encontrado.”

“Hooray!” Tyson gritou, e todos os Ciclopes aplaudiram e deram tapinhas em suas costas enquanto ele se juntava a eles.

“Grover Underwood dos sátiros!” Dioniso chamou.

Grover se aproximou nervosamente.

“Ah, pare de mastigar sua camisa,” Dioniso repreendeu. “Honestamente, eu não vou te tostar. Por sua bravura e sacrifício e blá, blá, blá, e desde que, infelizmente, temos uma vaga, os deuses decidiram nomeá-lo membro do Conselho do Casco Fendido.”

Grover caiu pra trás.

“Ah, ótimo,” Dioniso suspirou, enquanto muitas náiades se adiantaram para ajudar Grover. “Bem, quando ele acordar, alguém diga a ele que ele não será mais um exilado, e que todos os sátiros, náiades, e outros espíritos da natureza terão, daqui pra frente, que tratá-lo como Senhor da Natureza, com todos os direitos, privilégios e honras, blá, blá, blá. Agora, por favor, levem-no para fora antes que ele acorde e comece a bajular.”

“COMIIIIIDA,” Grover gemeu, enquanto os espíritos da natureza o levavam embora.

Imaginei que ele ficaria bem. Ele acordaria como Senhor da Natureza, rodeado por um monte de náiades cuidando dele. A vida podia ser pior.

Atena chamou, “Annabeth Chase, minha filha.”

Annabeth apertou meu braço, e depois se aproximou e se ajoelhou aos pés de sua mãe.

Atena sorriu. “Você, minha filha, superou todas as expectativas. Usou toda sua inteligência, sua força, e sua coragem para defender esta cidade, e nossos assentos de poder. Nos chamou a atenção o fato do Olimpo estar... bem, destruído. O Lorde Titã causou muito estrago que terá que ser reparado. Poderíamos reconstruir com magia, é claro, e deixá-lo exatamente como era. Mas os deuses acham que a cidade pode ser melhorada. Então aproveitaremos essa oportunidade. E você, minha filha, projetará essas melhorias.”

Annabeth olhou para cima, surpresa. “Minha... minha senhora?”

Atena sorriu torto. “Você é uma arquiteta, não é? Você estudou as técnicas do próprio Dédalos. Quem melhor para redesenhar o Olimpo e fazer dele um monumento que durará por outra era?”

“Você quer dizer que... eu posso desenhar o que eu quiser?”

“O que seu coração desejar,” a deusa disse. “Faça-nos uma cidade que dure séculos.”

“Desde que você coloque várias estátuas minhas,” Apolo adicionou.

“E minhas,” Afrodite concordou.

“Ei, e minhas!” Ares disse. “Grandes estátuas com espadas iradas e –”

“Tudo bem!” Atena interrompeu. “Ela já entendeu. Levanta-se, minha filha, arquiteta oficial do Olimpo.”

Annabeth levantou em êxtase e veio até mim.

“Mandou ver,” eu disse a ela, sorrindo.

Pela primeira vez ela estava sem palavras. “Eu... eu tenho que começar a planejar... papel de desenho, e, hum, lápis –”

“PERCY JACKSON!” Poseidon anunciou. Meu nome ecoou pela câmara.

Todos os murmúrios cessaram. A sala estava silenciosa exceto pelo som do fogo crepitando na lareira. Os olhos de todos estavam em mim – todos os deuses, semideuses, os Ciclopes, os espíritos. Eu andei para o meio da sala do trono. Héstia sorriu pra mim, encorajando. Ela estava na forma de uma garota agora, e parecia feliz e contente por estar sentada perto do seu fogo novamente. Seu sorriso me deu coragem para continuar caminhando.

Primeiro me curvei para Zeus. Depois, eu me ajoelhei aos pés do meu pai.

“Levante-se, meu filho,” Poseidon disse.

Eu fiquei de pé desconfortavelmente.

“Um grande herói deve ser recompensado,” Poseidon disse. “Há alguém aqui que negaria que meu filho é merecedor?”

Esperei que alguém se pronunciasse. Os deuses nunca concordam em nada, e muitos deles ainda não gostavam de mim, mas nenhum protestou.

“O Conselho concorda,” Zeus disse. “Percy Jackson, você terá direito a um presente dos deuses.”

Eu hesitei. “Qualquer presente?”

Zeus assentiu severamente. “Eu sei o que você vai pedir. O maior presente de todos. Sim, se você quiser, ele será dado a você. Os deuses não concedem esse presente a um herói há séculos, mas Perseu Jackson – se você desejar – você poderá se tornar um deus. Imortal. Eterno. Você servirá como tenente de seu pai para sempre.”

Eu olhei para ele, atordoado. “Hum... um deus?”

Zeus rolou os olhos. “Um deus menor, aparentemente. Mas sim. Com o consenso de todo o Conselho, eu posso torná-lo imortal. Então terei que aturá-lo para sempre.”

“Hum,” Ares meditou. “Quer dizer que posso esmagá-lo até virar polpa o tanto que eu quiser, e ele simplesmente vai continuar voltando para mais. Gostei dessa ideia.”

“Eu aprovo também,” Atena disse, embora ela estivesse olhando para Annabeth.

Eu olhei para trás. Annabeth estava tentando não encontrar meus olhos. Seu rosto estava pálido. Eu me lembrei de dois anos atrás, quando pensei que ela fosse se juntar a Ártemis e se tornar uma Caçadora. Eu estivera na beira de um ataque de pânico, pensando que a perderia. Agora, ela parecia estar exatamente da mesma forma.

Pensei nas Três Parcas, e o modo como vi minha vida passar por mim. Eu poderia evitar tudo aquilo. Sem envelhecimento, sem morte, sem corpo no túmulo. Poderia ser um adolescente para sempre, no melhor da forma, poderoso, e imortal, servindo a meu pai. Eu poderia ter poder e vida eterna.

Quem poderia recusar isso?

Então olhei para Annabeth de novo. Pensei nos meus amigos do acampamento: Charles Beckendorf, Michael Yew, Silena Beauregard, e tantos outros que estavam mortos agora. Pensei em Ethan Nakamura e Luke.

E eu sabia o que fazer.

“Não,” eu disse.

O Conselho ficou em silêncio. Os deuses franziram a testa uns para os outros, como se tivessem ouvido mal.

“Não?” Zeus disse. “Você está... *rejeitando* nosso presente generoso?”

Havia um tom perigoso em sua voz, como uma tempestade pronta a irromper.

“Estou honrado e tudo mais,” falei. “Não me entendam mal. É só que... eu ainda tenho muito que viver. Eu odiaria chegar ao meu auge no segundo ano.”

Os deuses estavam me encarando, mas Annabeth estava com as mãos sobre a boca. Os olhos brilhando. E isso meio que fez valer a pena pra mim.

“Mas eu quero um presente,” eu disse. “Vocês prometem conceder meu desejo?”

Zeus pensou sobre isso. “Se estiver ao nosso alcance.”

“Está,” eu disse. “E nem é difícil. Mas eu preciso que vocês jurem pelo Rio Styx.”

“O quê?” Dioniso se exaltou. “Você não confia em nós?”

“Alguém me disse certa vez,” falei, olhando para Hades, “que você sempre deve obter um juramento solene.”

Hades deu de ombros. “Culpado.”

“Muito bem!” Zeus rosnou. “Em nome do Conselho, juramos pelo Rio Styx conceder seu pedido *razoável* contanto que esteja ao nosso alcance.”

Os outros deuses murmuraram em aprovação. Um trovão ressoou, chacoalhando a sala do trono. O acordo estava feito.

“De agora em diante, eu quero que vocês reconheçam adequadamente as crianças dos deuses,” falei. “Todas as crianças... de *todos* os deuses.”

Os Olímpianos se mexeram desconfortáveis.

“Percy,” meu pai disse. “o que exatamente você quer dizer?”

“Cronos não teria se levantado se não fosse por tantos semideuses que se sentiam abandonados por seus pais,” eu disse. “Eles se sentiam zangados, ressentidos, e não amados, e eles tinham um bom motivo.”

As narinas reais de Zeus inflaram. “Você ousa acusar –”

“Sem mais crianças indeterminadas,” eu disse. “Quero que vocês prometam reclamar suas crianças – todas as suas crianças semideusas – quando elas fizerem treze anos. Elas não serão deixadas no mundo por conta própria e a mercê de monstros. Eu quero que elas sejam reclamadas e trazidas para o acampamento para que recebam treinamento, e sobrevivam.”

“Agora, espere só um momento,” Apolo disse, mas eu já estava engatado.

“E os deuses menores,” Eu disse. “Nêmesis, Hecate, Morfeu, Jano, Hebe – todos eles merecem perdão geral e um lugar no Acampamento Meio-Sangue. Suas crianças não devem ser ignoradas. Calypso e os outros do tipo titã pacíficos devem ser perdoados também. E Hades –”

“Você está me chamando de *deus menor*?” Hades rugiu.

“Não, meu senhor,” eu disse rapidamente. “Mas suas crianças não devem ser excluídas. Elas devem ter um chalé no acampamento. Nico provou isso. Semideuses não reclamados não serão mais amontoados no chalé de Hermes, se perguntando quem são seus pais. Eles terão seu próprio chalé, para todos os deuses. E sem mais pacto dos Três Grandes. Isso não funciona mesmo. Vocês têm que parar de tentar se livrar dos semideuses poderosos. Nós vamos treiná-los e aceitá-los ao invés disso. Todas as crianças dos deuses serão bem-vindas e tratadas com respeito. Este é o meu pedido.”

Zeus bufou. “Isso é tudo?”

“Percy,” Poseidon disse, “você pede demais. Você supõe demais.”

“Vocês estão presos ao seu juramento,” eu disse. “Todos vocês.”

Recebi muitos olhares duros. Estranhamente, foi Atena que falou: “O garoto está certo. Nós fomos imprudentes ignorando nossas crianças. Isso se mostrou uma fraqueza estratégica nesta guerra e quase causou a nossa destruição. Percy Jackson, eu tive minhas dúvidas sobre você, mas talvez,” – ela relanceou para Annabeth, e depois falou como se as palavras tivessem um gosto amargo – “talvez eu estivesse errada. Eu voto para que aceitemos o plano do garoto.”

“Hunf,” Zeus disse. “Ter uma mera criança lhe dizendo o que fazer. Mas eu suponho...”

“Todos a favor,” Hermes disse.

Todos os deuses levantaram as mãos.

“Hum, obrigado,” falei.

Eu me virei, mas antes que pudesse sair, Poseidon chamou, “Guarda de Honra!”

Imediatamente os Ciclopes vieram para frente e formaram duas fileiras dos tronos às portas – um corredor para que eu passasse. Eles ficaram em posição de sentido.

“Todos salvem, Perseu Jackson,” Tyson disse. “Herói do Olimpo... e meu grande irmão!”





BLACKJACK É ROUBADO

Annabeth e eu estávamos tomando nosso rumo quando vi Hermes em um jardim fora do palácio. Ele olhava fixamente uma mensagem de Íris na névoa de uma fonte.

Eu olhei para Annabeth. “Te encontro no elevador.”

“Tem certeza?” Então ela estudou meu rosto. “É, você tem certeza.”

Hermes não pareceu notar minha aproximação. As mensagens de Íris estavam passando tão rápidas que eu mal pude entendê-las. Notícias mortais de todo país relampejavam: cenas da destruição de Tífon, a destruição que nossa batalha deixou por Manhattan, o presidente dando uma entrevista coletiva, o prefeito de Nova York, alguns veículos do exército descendo a Avenida das Américas.

“Incrível,” Hermes murmurou. Ele se virou para mim. “Três mil anos, e eu nunca vou me habituar ao poder da Névoa... e à ignorância mortal.”

“Obrigado, eu acho.”

“Ah, não você. Embora, suponho que deveria, pela recusa da imortalidade.”

“Era a escolha certa.”

Hermes me fitou curiosamente, então voltou sua atenção para a mensagem de Íris. “Olhe para eles. Eles já decidiram que Tífon foi uma estranha série de tempestades. Bem que eu queria. Eles não descobriram como todas as estátuas da parte de baixo de Manhattan foram removidas de seus suportes e feitas em pedaços. Eles continuam mostrando uma foto de Susan B. Anthony estrangulando Frederick Douglass. Mas eu acho que até pra isso eles encontrarão uma explicação lógica.”

“Quão ruim está a cidade?”

Hermes deu de ombros. “Surpreendentemente, não tão ruim. Os mortais estão aturdidos, é claro. Mas isto é Nova York. Eu nunca vi um grupo de humanos tão resilientes. Imagino que eles voltarão ao normal em algumas semanas; e é claro, eu estarei ajudando.”

“Você?”

“Eu sou o mensageiro dos deuses. É meu dever monitorar o que os mortais estão dizendo e, se necessário, ajudá-los a ver sentindo no que está acontecendo. Vou tranquilizá-los. Acredite em mim, eles vão falar que foi um estranho terremoto, ou uma oscilação solar. Qualquer coisa, menos a verdade.”

Ele soou amargo. George e Martha se enrolaram em seu caduceu, mas estavam silenciosas, o que me fez imaginar que Hermes estava *realmente*, realmente bravo. Eu provavelmente deveria ter ficado quieto, mas falei, “Eu lhe devo desculpas.”

Hermes me deu um olhar cauteloso. “E por que seria?”

“Eu pensei que você fosse um pai ruim,” admiti. “Pensei que você tivesse abandonado Luke porque sabia seu destino e não fez nada para ajudá-lo.”

“Eu *sabia* o destino dele,” Hermes falou miseravelmente.

“Mas você sabia além da parte ruim – que ele se tornaria mau. Você entendeu o que ele faria no fim. Você sabia que ele faria a escolha certa. Mas não podia contar a ele, podia?”

Hermes encarou a fonte. “Ninguém pode interferir com o destino, Percy, nem mesmo um deus. Se eu tivesse contado a ele o que estava por vir, ou tentado influenciar suas escolhas, teria tornado as coisas ainda piores. Permanecer em silêncio, ficar longe dele... foi a coisa mais difícil que eu já fiz.”

“Você teve de deixar que ele encontrasse seu próprio caminho,” eu disse, “e que tivesse sua participação na salvação do Olimpo.”

Hermes suspirou. “Eu não deveria ter ficado bravo com Annabeth. Quando Luke a visitou em São Francisco... bem, eu sabia que ela estava no destino dele. Eu previ isso. Pensei que talvez ela pudesse fazer o que eu não pude, e salvá-lo. Quando ela se recusou a ir com ele, eu mal pude conter minha raiva. Eu devia saber melhor. Eu estava realmente furioso comigo mesmo.”

“Annabeth o salvou,” eu disse. “Luke morreu um herói. Ele se sacrificou para matar Cronos.”

“Eu aprecio suas palavras, Percy. Mas Cronos não morreu. Não se pode matar um Titã.”

“Então –”

“Eu não sei,” ele grunhiu. “Nenhum de nós sabe. Explodiu em poeira. Se dispersou ao vento. Com sorte, ele se alastrou de forma tão tênue que jamais será capaz de formar uma consciência de novo, muito menos um corpo. Mas não cometa o erro de achar que ele está morto, Percy.”

Meu estômago deu um solavanco. “E quanto aos outros Titãs?”

“Escondendo-se,” Hermes disse. “Prometeu enviou a Zeus uma mensagem com um monte de desculpas por ter ajudado Cronos. ‘Eu estava apenas tentando minimizar os danos,’ blá, blá. Ele vai manter a cabeça baixa por alguns séculos, se for esperto. Crios fugiu e o monte Ótris se desintegrou em ruínas. Oceanus recuou para o fundo do mar quando ficou claro que Cronos havia perdido. Entretanto, meu filho Luke está morto. Ele morreu acreditando que eu não me importava com ele. Eu nunca vou me perdoar.”

Hermes golpeou com seu caduceu através da névoa. A mensagem de Íris desapareceu.

“Há muito tempo atrás,” eu disse, “você me disse que a coisa mais difícil em ser um deus era não poder ajudar seus filhos. Você também me disse que não se pode abandonar a família, por mais tentador que seja.”

“E agora você sabe que eu sou um hipócrita?”

“Não, você estava certo. Luke amava você. No fim, ele percebeu seu destino. Eu acho que ele percebeu porque você não podia ajudá-lo. Ele se lembrou do que era importante.”

“Tarde demais para ele e para mim.”

“Você tem outros filhos. Honre Luke reconhecendo-os. Todos os deuses podem fazer isso.”

Os ombros de Hermes afundaram. “Eles tentarão, Percy. Oh, todos tentaremos manter nossa promessa. E talvez por um tempo as coisas melhorem. Mas nós deuses nunca fomos bons em manter juramentos. Você nasceu de uma promessa quebrada, não é? Eventualmente nos tornaremos esquecidos. Como sempre.”

“Vocês podem mudar.”

Hermes riu. “Depois de três milênios, você acha que os deuses podem mudar sua natureza?”

“Sim,” eu disse. “Eu acho.”

Ele pareceu surpreso com isso. “Você acha... que Luke realmente me amava? Depois de tudo que aconteceu?”

“Tenho certeza disso.”

Hermes encarou a fonte. “Eu vou te dar uma lista dos meus filhos. Há um garoto em Wisconsin. Duas garotas em Los Angeles. Alguns outros. Você cuidará para que eles cheguem ao acampamento?”

“Prometo,” falei. “E eu não esquecerei.”

George e Martha se entrelaçavam em volta do caduceu. Eu sei que cobras não podem sorrir, mas elas pareciam estar tentando.

“Percy Jackson,” Hermes disse, “você pode nos ensinar uma coisa ou duas.”

Outra deusa me esperava no caminho para sair do Olimpo. Atena me aguardava de braços cruzados e com uma expressão que me fez pensar *Uh-oh*. Ela havia trocado sua armadura por jeans e uma blusa branca, mas ela não parecia menos preparada para uma guerra. Seus olhos cinza ardiavam.

“Bem, Percy,” ela disse. “Você continuará mortal.”

“Hum, sim senhora.”

“Eu saberia suas razões.”

“Eu quero ser um cara comum. Quero crescer. Ter, você sabe, uma experiência escolar normal.”

“E minha filha?”

“Eu não podia deixá-la,” admiti, minha garganta seca. “Ou Grover,” eu adicionei rapidamente. “Ou –”

“Poupe-me.” Atena ficou mais perto de mim, e eu podia sentir sua áurea de poder fazendo minha pele coçar. “Eu avisei a você uma vez, Percy Jackson, que para salvar um amigo você destruiria o mundo. Talvez eu estivesse errada. Você parece ter salvado seus amigos e o mundo. Mas pense muito bem em como você procederá de agora em diante. Eu lhe dei o benefício da dúvida. Não estrague tudo.”

Só para deixar seu argumento claro, ela irrompeu em uma coluna de chamas, carbonizando a frente da minha camiseta.

Annabeth me esperava no elevador. “Por que você está cheirando a fumaça?”

“Longa estória,” eu disse. Juntos descemos para o térreo. Nenhum de nós disse nada. A música era horrível – Neil Diamond ou algo do tipo. Eu devia ter feito isso parte do meu pedido para os deuses também: músicas mais legais no elevador.

Quando chegamos ao saguão, eu vi minha mãe e Paul discutindo com o cara careca da segurança, que tinha retornado ao seu posto.

“Estou lhe dizendo,” minha mãe gritou, “nós temos que subir! Meu filho –” Então ela me viu e seus olhos se arregalaram. “Percy!”

Ela me abraçou me deixando sem ar.

“Nós vimos o prédio brilhar azul,” ela disse. “Mas você não descia. Você subiu horas atrás!”

“Ela estava ficando meio ansiosa,” Paul disse secamente.

“Eu estou bem,” prometi enquanto minha mãe abraçava Annabeth. “Está tudo bem agora.”

“Sr. Bayck,” Annabeth disse, “aquilo foi um golpe de espada irado.”

Paul deu de ombros. “Parecia a coisa a ser feita. Mas Percy, isso é mesmo... quero dizer, essa história de sexcentésimo andar?”

“Olimpo,” eu disse. “É.”

Paul olhou para o teto com uma expressão sonhadora. “Eu gostaria de ver isso.”

“Paul,” minha mãe censurou. “Não é para mortais. De qualquer maneira, o importante é que estamos salvos. Todos nós.”

Eu estava quase relaxando. Tudo parecia perfeito. Annabeth e eu estávamos bem. Minha mãe e Paul sobreviveram. O Olimpo estava salvo.

Mas a vida de um semideus nunca é fácil assim. Bem aí Nico veio correndo da rua, e sua expressão me disse que havia algo errado.

“É a Rachel,” ele disse. “Acabei de esbarrar nela na rua 32nd.”

Annabeth franziu a testa. “O que ela fez desta vez?”

“É pra onde ela foi,” Nico disse. “Eu disse a ela que ela morreria se tentasse, mas ela insistiu. Ela apenas pegou Blackjack e –”

“Ela pegou o meu pégaso?” demandei.

Nico assentiu. “Ela está indo para a Colina Meio-Sangue. Ela disse que tinha que chegar no acampamento.”





EU SOU JOGADO

Ninguém rouba o meu pégaso. Nem mesmo Rachel. Eu não tinha certeza se estava mais zangado ou surpreso ou preocupado.

"O que ela estava pensando?" Annabeth disse enquanto corríamos para o rio.

Infelizmente, eu fazia uma boa ideia, e isso me encheu de pavor.

O trânsito estava horrível. Todo mundo foi para as ruas observar os danos da guerra. Sirenes de polícia se lamuriavam em cada quarteirão. Não havia possibilidade de pegar um táxi, e os pégasos tinham voado embora. Eu me conformaria com alguns Pôneis de Festa, mas eles desapareceram junto com a maior parte da cerveja do centro da cidade. Então corremos, passando por uma multidão de mortais confusos que se aglomeravam nas calçadas.

"Ela nunca vai conseguir atravessar as defesas," Annabeth disse. "Peleus vai devorá-la."

Eu não tinha pensado nisso. A Névoa não enganaria Rachel como a maioria das pessoas. Ela seria capaz de encontrar o acampamento sem problemas, mas eu tinha esperança que as fronteiras mágicas a mantivessem de fora como um campo de força. Não me ocorreu que Peleus poderia atacar.

"Temos que nos apressar." Olhei para Nico. "Imagino que você não poderia convocar alguns cavalos esqueleto."

Ele ofegava enquanto corria. "Tão cansado... não poderia convocar um osso de cachorro."

Nós subimos pelo aterro e chegamos à costa, e eu soltei um sonoro assovio. Odiei fazer isso. Mesmo com o dólar de areia que eu tinha dado para o rio East para uma limpeza mágica, a água aqui ainda estava bem poluída. Eu não queria deixar nenhum animal marinho doente, mesmo eles vieram ao meu chamado.

Três linhas apareceram na água cinzenta, e um bando de cavalos-marinhos subiu à superfície. Eles relincharam infelizes, sacudindo a lama do rio de suas crinas. Eram lindas criaturas, com caudas de peixe multicoloridas, e cabeça e patas de garanhão branco. O cavalo-marinho da frente era muito maior do que os outros – uma carona perfeita para um Ciclope.

"Arco-íris!" chamei. "Como vai, amigo?"

Ele relinchou se queixando.

"É, eu sinto muito," falei. "Mas é uma emergência. Nós precisamos chegar ao acampamento."

Ele resfolegou.

"Tyson?" eu disse. "Tyson está bem! Eu sinto muito que ele não esteja aqui. Ele agora é um grande general do exército Ciclope."

"NEEEEIGGGH!"

"Sim, tenho certeza que ele ainda vai lhe trazer maçãs. Agora, sobre aquela carona..."

Em pouco tempo, Annabeth, Nico e eu estávamos cruzando o rio East mais rápido do que jet skis. Muito velozes, passamos por baixo da ponte Throgs Neck em direção ao Estreito de Long Island.

Pareceu levar uma eternidade até que vimos a praia do acampamento. Agradecemos os cavalos-marinhos, pulamos para terra firme só para descobrir Argo esperando por nós. Ele estava na areia com os braços cruzados, sua centena de olhos nos fitando seriamente.

"Ela está aqui?" perguntei.

Ele assentiu severamente.

"Está tudo bem?" Annabeth disse.

Argo balançou a cabeça.

Nós o seguimos trilha acima. Era surreal estar de volta ao acampamento, porque tudo parecia tão pacífico: sem edifícios queimando, sem guerreiros feridos. Os chalés brilhavam à luz do sol, e os campos reluziam com o orvalho. Mas o lugar estava praticamente vazio.

Acima, na Casa Grande, algo estava definitivamente errado. Luz verde disparava de todas as janelas, assim como eu havia visto no meu sonho sobre May Castellan. Névoa – do tipo mágica – girava em torno do jardim. Quíron estava deitado em uma padiola com tamanho apropriado para cavalos na quadra de vôlei, um bando de sátiros em volta dele. Blackjack batia os cascos nervosamente na grama.

Não me culpe, chefe! ele suplicou quando me viu. *A menina esquisita me obrigou!* Rachel Elizabeth Dare estava parada no topo dos degraus da varanda. Seus braços estavam levantados como se ela estivesse esperando que alguém dentro da casa jogasse uma bola pra ela.

"O que ela está fazendo?" Annabeth exigiu. "Como ela passou pelas barreiras?"

"Ela voou," um dos sátiros disse, olhando acusadoramente para Blackjack. "Passou direto por cima do dragão, direto através dos limites das barreiras mágicas."

"Rachel!" chamei, mas os sátiros me detiveram quando tentei chegar mais perto.

"Percy, não," Quíron advertiu. Ele estremeceu quando tentou se mover. Seu braço esquerdo estava em uma tipóia, suas duas patas traseiras em talas, e sua cabeça envolta em bandagens. "Você não pode interromper."

"Pensei que você tinha explicado as coisas pra ela!"

"Eu expliquei. E a convidei para vir aqui."

Eu o encarei, incrédulo. "Você disse que não deixaria mais ninguém tentar novamente! Você disse –"

"Eu sei o que eu disse, Percy. Mas eu estava errado. Rachel teve uma visão sobre a maldição de Hades. Ela acredita que pode estar suspensa agora. Ela me convenceu de que merecia uma chance."

"E se a maldição *não estiver* suspensa? Se Hades ainda não chegou nesse ponto, ela vai ficar louca!"

A Névoa girou em torno de Rachel. Ela tremeu como se estivesse entrando em choque.

"Ei!" gritei. "Pare!"

Eu corri na direção dela, ignorando os sátiros. Cheguei a três metros de Rachel e bati em algo como uma bola de praia invisível. Eu fui jogado para trás caí na grama.

Rachel abriu os olhos e se virou. Parecia que estava sonâmbula – como se ela pudesse me ver, mas apenas em sonho.

"Está tudo bem." Sua voz parecia longe. "É por isso que eu vim."

"Você vai ser destruída!"

Ela balançou a cabeça. "É a este lugar que eu pertença, Percy. Eu finalmente entendi o porquê."

Parecia demais com o que May Castellan havia dito. Eu tinha que pará-la, mas eu não conseguia sequer ficar de pé.

A casa tremeu. A porta se escancarou e luz verde jorrou por ela. Eu reconheci o cheiro mofado e morno de cobras.

A névoa se enrolou em centenas de cobras de fumaça, escorregando pelas colunas da varanda, ondulando ao redor da casa. Então o oráculo apareceu no vão da porta.

A múmia ressequida se arrastou para frente no seu vestido arco-íris. Ela parecia pior do que o habitual, o que era dizer muito. Seu cabelo estava caindo em chumaços. Sua pele curtida estava rachando como um assento desgastado de ônibus. Seus olhos vidrados encaravam sem expressão o espaço, mas eu tinha a sensação arrepiante que ela estava sendo atraída na direção de Rachel.

Rachel estendeu os braços. Ela não parecia assustada.

"Você esperou tempo demais," Rachel disse. "Mas estou aqui agora."

O sol brilhou mais intensamente. Um homem apareceu acima da varanda, flutuando no ar – um cara loiro com uma toga branca, com óculos escuros e um sorriso pretensioso.

"Apolo," eu disse.

Ele piscou para mim, mas levou o dedo aos lábios.

"Rachel Elizabeth Dare," disse ele. "Você tem o dom da profecia. Mas também é uma maldição. Tem certeza de que quer isso?"

Rachel assentiu. "É meu destino."

"Você aceita os riscos?"

"Aceito."

"Então prossiga," o deus disse.

Rachel fechou os olhos. "Eu aceito este papel. Comprometo-me com Apolo, deus dos oráculos. Abro meus olhos para o futuro e abraço o passado. Eu aceito o espírito de Delfos, Voz dos Deuses, Orador de Mistérios, Vidente do Destino."

Eu não sabia de onde ela tirava as palavras, mas elas fluíram dela conforme a névoa engrossava. Uma coluna verde de fumaça, como uma serpente enorme, saiu da boca da múmia e deslizou escada abaixo, envolvendo carinhosamente os pés de Rachel. A múmia do Oráculo se desintegrou, caindo até que não restou mais nada além de um monte de pó e um velho vestido colorido. Névoa envolveu Rachel em uma coluna. Por um momento eu não pude vê-la. Então a fumaça clareou.

Rachel caiu e se enroscou em posição fetal. Annabeth, Nico, e eu corremos para frente, mas Apolo disse, "Parem! Esta é a parte mais delicada."

"O que está acontecendo?" eu quis saber. "O que você quer dizer?"

Apolo estudou Rachel com preocupação. "Ou o espírito toma conta dela, ou não."

"E se isso não acontecer?" Annabeth perguntou.

"Cinco sílabas," Apolo disse, contando nos dedos. "*Isso seria realmente muito ruim.*"

Apesar da advertência de Apolo, eu corri a frente e me ajoelhei ao lado de Rachel. O cheiro do sótão tinha desaparecido. A Névoa afundou no solo e a luz verde sumiu. Mas Rachel ainda estava pálida. Ela quase não estava respirando.

Então seus olhos se abriram. Ela focou em mim com dificuldade.

"Percy."

"Você está bem?"

Ela tentou se sentar. "Opa." Ela apertou as mãos em suas têmporas.

"Rachel," Nico disse, "a sua aura de vida quase desapareceu completamente. Eu pude ver você morrendo."

"Eu estou bem," ela murmurou. "Por favor, me ajude a levantar. As visões – elas são um pouco desorientadoras."

"Você tem certeza que está bem?" perguntei.

Apolo desceu suavemente para a varanda. "Senhoras e senhores, eu lhes apresento o novo Oráculo de Delfos."

“Você está brincando,” Annabeth disse.

Rachel conseguiu dar um sorriso fraco. “É um pouco surpreendente pra mim também, mas é o meu destino. Eu vi isso quando estava em Nova York. Eu sei por que nasci com a verdadeira visão. Eu estava destinada a me tornar o Oráculo.”

Eu pisquei. “Quer dizer que você pode dizer o futuro agora?”

“Não o tempo todo,” disse ela. “Mas há visões, imagens, palavras em minha mente. Quando alguém me faz uma pergunta, eu... Ah, não –”

“Está começando,” Apolo anunciou.

Rachel se dobrou como se alguém a tivesse socado. Então ela se endireitou e seus olhos brilharam verde-serpente.

Quando falou, sua voz triplicou – como se três Rachels estivessem falando ao mesmo tempo.

“O chamado por sete meio-sangues atendido será

Por tempestade ou fogo o mundo cairá

Um juramento a ser mantido com um último suspiro

E nos Portões da Morte empunham armas os inimigos”

Na última palavra, Rachel desmoronou. Nico e eu a pegamos e levamos para a varanda. Sua pele estava febril.

“Eu estou bem,” ela disse, sua voz retornando ao normal.

“O que foi aquilo?” perguntei.

Ela balançou a cabeça, confusa. “O que foi o quê?”

“Acredito,” Apolo disse, “que acabamos de ouvir a próxima Grande Profecia.”

“O que isso significa?” eu quis saber.

Rachel franziu a testa. “Eu sequer me lembro o que eu disse.”

“Não,” Apolo ponderou. “O espírito só falará através de você ocasionalmente. O resto do tempo, a nossa Rachel será como ela sempre foi. Não há nenhuma razão em atormentá-la, mesmo que ela tenha acabado de fazer a próxima grande previsão para o futuro do mundo.”

“O quê?” eu disse. “Mas –”

“Percy,” Apolo disse, “eu não me preocuparia muito. A última Grande Profecia sobre você levou quase setenta anos para se completar. Esta pode nem acontecer durante a sua vida.”

Eu pensei sobre as linhas que Rachel falara naquela voz assustadora: sobre tempestades e fogo e os Portões da Morte. “Talvez,” disse eu, “mas não pareceu nada bom.”

“Não,” disse Apolo alegremente. “Realmente não pareceu. Ela vai ser um ótimo oráculo!”

Foi difícil deixar o assunto pra lá, mas Apolo insistiu que Rachel precisava descansar, e ela parecia bastante desorientada.

“Me desculpe, Percy,” ela disse. “No Olimpo, eu não expliquei tudo a você, mas o chamado me assustou. Eu não achei que você entenderia.”

“Eu ainda não entendo,” admiti. “Mas acho que estou feliz por você.”

Rachel sorriu. “Feliz provavelmente não é a palavra certa. Ver o futuro não vai ser fácil, mas é o meu destino. Só espero que a minha família...”

Ela não concluiu seu pensamento.

“Você ainda vai para a Academia Clarion?” perguntei.

“Eu fiz uma promessa ao meu pai. Acho que vou tentar ser uma garota normal durante o ano letivo, mas –”

“Mas agora você precisa dormir,” Apolo repreendeu. Quíron, eu não acho que o sótão é o lugar adequado para o nosso novo oráculo, não acha?”

“Não, certamente não é.” Quíron parecia muito melhor agora que Apolo tinha aplicado um pouco de cura mágica nele. “Rachel pode usar o quarto de hóspedes na Casa Grande por enquanto, depois pensaremos melhor no assunto.”

“Estou pensando em uma caverna nas colinas,” Apolo meditou. “Com tochas e uma grande cortina púrpura na entrada... bem misterioso. Mas dentro, almofadas cobrindo as laterais, com uma sala de jogos e um daqueles sistemas de home theater.”

Quíron pigarreou alto.

"O quê?" Apolo perguntou.

Rachel me beijou na bochecha. “Adeus, Percy,” ela sussurrou. “E eu não preciso ver o futuro para lhe dizer o que fazer agora, não é?”

Seus olhos pareciam mais penetrantes do que antes. Eu corei. “Não.”

“Ótimo,” disse ela. Então se virou e seguiu Apolo para a Casa Grande.

O resto do dia foi tão estranho quanto o começo. Campistas voltavam aos poucos de Nova York de carro, pégaso e carruagem. Os feridos foram atendidos. Para os mortos foram dados os ritos fúnebres na fogueira.

A mortalha de Silena era cor de rosa, mas com um bordado de uma lança elétrica. Os Chalés de Ares e Afrodite a proclamaram como uma heroína, e queimaram a mortalha juntos. Ninguém mencionou a palavra *espiã*. Esse segredo queimou até virar cinzas enquanto a fumaça perfumada subia para o céu.

Mesmo Ethan Nakamura recebeu uma mortalha – de seda preta com um desenho de espadas cruzadas sob um conjunto de balanças. Enquanto a mortalha pegou fogo, eu torci para que Ethan soubesse que havia feito diferença no final. Ele pagou com muito mais do que um olho, mas os deuses menores finalmente teriam o respeito que mereciam.

O jantar no pavilhão foi tranquilo. O único ponto alto foi Juniper, a ninfa, que gritou, “Grover!” e deu a seu namorado um grande abraço derrubando-o, fazendo com que todos aplaudissem.

Eles desceram para a praia para dar um passeio ao luar, e eu estava feliz por eles, embora a cena me fizesse lembrar Silena e Beckendorf, o que me deixou pra baixo.

Sra. O’leary brincava ao redor feliz da vida, comendo todos os restos de comida de cima das mesas. Nico sentou à mesa principal com Quíron e o Sr. D, e ninguém pareceu achar que não era apropriado. Todo mundo dava tapinhas nas costas de Nico, cumprimentando-o pela sua luta. Até as crianças de Ares pareciam achar que ele era super legal. Ei, apareça com um exército de guerreiros mortos-vivos para salvar o dia, e de repente todo mundo é seu melhor amigo.

Lentamente, as pessoas foram se dispersando. Alguns foram para a fogueira cantar. Outros foram para a cama. Eu me sentei sozinho na mesa de Poseidon observando o luar no estreito de Long Island. Eu podia ver Grover e Juniper na praia, de mãos dadas e conversando. Era tranquilo.

"Ei." Annabeth escorregou para o meu lado no banco. "Feliz aniversário."

Ela trazia um enorme bolinho disforme com cobertura azul.

Olhei para ela. "O quê?"

“É 18 de agosto,” disse ela. “Seu aniversário, não é?”

Fiquei espantado. Nem tinha lembrado, mas ela estava certa. Eu fiz dezesseis anos nesta manhã – a mesma manhã em que eu havia feito a escolha de dar a faca a Luke. A profecia havia se realizado na hora certa, e eu não tinha sequer pensado no fato de ser meu aniversário.

"Faça um pedido," ela disse.

"Você fez este bolo sozinha?" perguntei.

"Tyson ajudou."

"Isso explica porque se parece com um tijolo de chocolate," falei. "Com cimento azul extra."

Annabeth riu.

Eu pensei por um segundo, depois apaguei a vela.

Cortamos pela metade e dividimos, comendo com os dedos. Annabeth sentou mais perto, e ficamos olhando o mar. Grilos e monstros estavam fazendo barulho na floresta, mas fora isto estava silencioso.

"Você salvou o mundo," ela disse.

"Nós salvamos o mundo."

"E Rachel é o novo Oráculo, o que significa que ela não vai poder namorar."

"Você não parece decepcionada," eu notei.

Annabeth deu de ombros. "Oh, eu não me importo."

"Uh-huh."

Ela ergueu uma sobrancelha. "Você tem algo a me dizer, Cabeça de Alga?"

"Você provavelmente vai chutar a minha bunda."

"Você *sabe* que eu chutaria mesmo."

Eu limpei o resto de bolo das minhas mãos. "Quando eu estava no rio Styx, me tornando invulnerável... Nico disse que eu tinha que me concentrar em algo que me mantivesse preso a este mundo, que me fizesse querer ser mortal."

Annabeth mantinha seus olhos no horizonte. "Sim?"

"Então no Olimpo," eu disse, "quando eles quiseram me tornar um deus e tal, eu fiquei pensando –"

"Ah, você bem que queria."

"Bem, talvez um pouco. Mas eu não aceitei, porque eu pensei – eu não queria que as coisas continuassem as mesmas por toda eternidade, porque as coisas sempre podem melhorar. E eu estava pensando..." Minha garganta estava realmente seca.

"Alguém em particular?" Annabeth perguntou com uma voz macia.

Eu olhei e vi que ela estava tentando não sorrir.

"Você está rindo de mim," reclamei.

"Não estou, não!"

"Você *realmente* não está facilitando as coisas."

Então ela riu de verdade, e colocou as mãos em volta do meu pescoço. "Eu nunca, *nunca* vou facilitar as coisas pra você, Cabeça de Alga. Acostume-se com isso."

Quando ela me beijou, eu tive a sensação de que meu cérebro estava derretendo direto pelo meu corpo.

Eu poderia ter ficado daquele jeito para sempre, mas uma voz atrás de nós rugiu: "Bem, já era hora!"

De repente, o pavilhão estava cheio de tochas e campistas. Clarisse liderou os bisbilhoteiros que nos cercaram e nos colocaram em seus ombros.

"Ah, deixa disso!" reclamei. "Não há privacidade?"

"Os pombinhos precisam se refrescar!" Clarisse disse com alegria.

"O lago de canoagem!" Connor Stoll gritou.

Com uma alegria enorme, eles nos levaram morro abaixo, mas nos mantiveram perto o suficiente para darmos as mãos. Annabeth estava rindo, e eu não pude deixar de rir também, mesmo que o meu rosto estivesse completamente vermelho.

Demos as mãos bem no momento em que eles nos jogaram na água. No fim das contas, fui o último a rir. Fiz uma grande bolha de ar no fundo do lago.

Nossos amigos ficaram esperando que voltássemos à superfície, mas, ei – quando você é o filho de Poseidon, não precisa ter pressa.
E foi o melhor beijo embaixo d'água de todos os tempos.





NÓS DIZEMOS ADEUS, MAIS OU MENOS

O acampamento foi até mais tarde naquele verão. Durou mais duas semanas, exatamente até o começo do novo ano letivo, e eu tenho que admitir que foram as melhores duas semanas da minha vida.

É claro, Annabeth me mataria se eu dissesse algo diferente, mas também tinha um bocado de outras coisas legais acontecendo. Grover tinha assumido o controle dos sátiros buscadores e os estava mandando pelo mundo para encontrar meio-sangues não reivindicados.

Até agora, os deuses tinham mantido sua promessa. Novos semideuses estavam pipocando em todos os lugares – não só nos Estados Unidos, mas em vários outros países também.

“Nós mal conseguimos dar conta,” Grover admitiu numa tarde enquanto estávamos dando um tempo perto do lago de canoagem. “Nós vamos precisar de um orçamento maior para viagens, e eu poderia usar mais uma centena de sátiros.”

“É, mas os sátiros que você *tem* estão trabalhando pra caramba,” eu disse. “Acho que eles estão com medo de você.”

Grover enrubesceu. “Isso é bobagem. Eu não sou assustador.”

“Você é um lorde da Natureza, cara. O escolhido de Pan. Membro do Conselho do –”

“Para com isso!” Protestou Grover. “Você é tão mau quanto Juníper. Eu acho que ela quer que eu concorra à presidência depois disso.”

Ele mastigou uma lata de alumínio enquanto nós olhávamos por cima do lago para a fileira de novos chalés em construção. O formato de U brevemente seria um retângulo completo, e os semideuses tinham realmente pagado a nova tarefa com gosto.

Nico tinha alguns construtores mortos-vivos trabalhando no chalé de Hades. Ainda que ele fosse a única criança lá, estava ficando bem legal: paredes sólidas de obsidiana com uma caveira acima da porta e tochas que ardiam com fogo verde vinte e quatro horas por dia. Ao seu lado estavam os chalés de Íris, Nêmesis, Hécate e diversos outros que eu não reconheci. Eles continuavam adicionando novos à planta todos os dias. Estava indo tão bem, que Annabeth e Quíron estavam falando sobre incluir uma ala inteiramente nova de chalés para que houvesse espaço suficiente.

O chalé de Hermes estava bem menos lotado agora, porque muitas das crianças não reivindicadas tinham recebido sinais de seus pais divinos. Acontecia quase toda noite, e toda noite mais semideuses cruzavam as fronteiras da propriedade com guias sátiros, geralmente perseguidos por alguns monstros nojentos, mas quase todos eles conseguiram entrar.

“Vai ser muito diferente no próximo verão,” eu disse. “Quíron espera que nós tenhamos o dobro de campistas.”

“É,” concordou Grover, “mas ainda vai ser o mesmo velho lugar.”

Ele suspirou contente.

Eu observei Tyson liderar um grupo de Ciclopes construtores. Eles estavam içando enormes rochas para o chalé de Hécate, e eu sabia que era um trabalho delicado. Cada pedra estava gravada com uma escrita mágica, e se eles deixassem uma delas cair, ela iria explodir ou transformar todos no raio de meio quilômetro em árvores. Achei que ninguém além de Grover iria gostar disso.

“Eu viajarei bastante,” avisou Grover, “protegendo a natureza e encontrando meio-sangues. A gente não vai se ver muito.”

“Não vai mudar nada,” eu disse. “Você ainda é meu melhor amigo.”

Ele sorriu. “Tirando Annabeth.”

“Isso é diferente.”

“É,” ele concordou. “Com certeza.”

No fim da tarde, eu estava dando uma última caminhada ao longo da praia quando uma voz familiar disse, “Bom dia para pescar.”

Meu pai, Poseidon, estava parado na rebentação com a água batendo em seus joelhos, vestindo sua típica bermuda, boné surrado, e uma super discreta camisa rosa e verde do Tommy Bahama. Ele tinha uma vara para pescar em alto mar em suas mãos, e quando ele lançou a linha foi embora – tipo lá pro meio do estreito de Long Island.

“Ei, pai,” eu disse. “O que traz você aqui?”

Ele piscou. “Não consegui falar em particular com você no Olimpo. Queria lhe agradecer.”

“Agradecer a mim? Você veio para o resgate.”

“Sim, e tive meu palácio destruído no processo, mas você sabe – palácios podem ser reconstruídos. Eu recebi tantos cartões de agradecimento dos outros deuses. Até Ares escreveu um, ainda que eu ache que Hera o forçou. É bem gratificante. Então, obrigado. Suponho que até os deuses podem aprender novos truques.”

O mar começou a borbulhar. Ao final da linha do meu pai, uma enorme serpente marinha verde emergiu da água. Ela açoitou e lutou, mas Poseidon apenas suspirou. Segurando sua vara de pescar com uma mão, ele sacou sua faca e cortou a linha. O monstro afundou abaixo da superfície.

“Não é um tamanho bom para comer,” ele reclamou. “Eu tenho que soltar esses pequenos ou os guardas florestais vão cair em cima de mim.”

“Pequenos?”

Ele sorriu. “Você está se saindo bem com esses novos chalés, a propósito. Suponho que isso significa que posso reivindicar todos os meus outros filhos e filhas e mandar alguns irmãos para você no próximo verão.”

“Há-há.”

Poseidon enrolou de volta sua linha vazia.

Eu joguei o peso do corpo para a outra perna. “Hum, você *estava* brincando, certo?”

Poseidon me deu uma de suas piscadelas de brincadeira, e eu ainda não sabia se ele tinha falado sério ou não. “Vejo você em breve, Percy. E lembre-se, saiba quais são os peixes grandes o bastante para físgar, hein?”

Com isso ele se dissolveu na brisa marinha, deixando uma vara de pescar caída na areia.

Aquela noite seria a última no acampamento – a cerimônia das contas. O chalé de Hefesto tinha feito o design da conta este ano. Mostrava o edifício Empire State, e gravado em minúsculas letras gregas, espiralando em torno da imagem, estavam os nomes de todos os heróis que tinham morrido defendendo o Olimpo. Havia nomes demais, mas eu estava orgulhoso de usar a conta. Eu a coloquei no meu colar do acampamento – quatro contas agora. Eu me senti como um veterano. Pensei sobre a primeira fogueira do acampamento a que eu tinha comparecido, quando tinha doze anos, e o como eu me senti tão em casa. Isso pelo menos não havia mudado.

“Nunca se esqueçam deste verão!” Quíron falou para nós. Ele tinha se recuperado notavelmente bem, mas ele ainda trotava na frente da fogueira mancando levemente.

“Nós descobrimos bravura e amizade e coragem neste verão. Nós defendemos a honra do acampamento.”

Ele sorriu para mim, e todos aplaudiram. Enquanto eu olhava para a fogueira, vi uma garotinha num vestido marrom cuidando das chamas. Ela piscou para mim com brilhantes olhos vermelhos. Ninguém mais pareceu notá-la, mas percebi que talvez ela preferisse assim.

“E agora,” Quíron disse, “cedo pra cama! Lembrem-se, vocês devem desocupar seus chalés até amanhã ao meio-dia, a menos que tenham combinado de ficar o ano conosco. As harpias da limpeza vão comer qualquer retardatário, e eu odiaria terminar o verão com um tom amargo!”

Na manhã seguinte, Annabeth e eu estávamos no topo da Colina Meio-Sangue. Nós observamos os ônibus e vans se afastando, levando a maioria dos campistas de volta para o mundo real. Poucos veteranos estavam ficando para trás, e alguns dos novatos, mas eu estava voltando para a Goode High School para o meu segundo ano – a primeira vez na minha vida que eu estaria cursando dois anos na mesma escola.

“Tchau,” Rachel disse para nós enquanto colocava a sacola no ombro. Ela parecia bem nervosa, mas estava mantendo a promessa com seu pai e indo para a Academia Clarion Academy em New Hampshire. Seria o verão seguinte até que tivéssemos nosso Oráculo de volta.

“Você vai se sair bem,” Annabeth a abraçou. Engraçado, ela parecia estar se dando muito bem com Rachel esses dias.

Rachel mordeu o lábio. “Espero que você esteja certa. Estou um pouco preocupada. E se alguém me perguntar o que vai cair no próximo teste de matemática e eu começar a despejar uma profecia no meio da aula de geometria? *O teorema de Pitágoras será a segunda questão...* Deuses, isso seria embaraçoso.”

Annabeth riu, e para o meu alívio, isso fez Rachel sorrir.

“Bem,” ela disse, “vocês dois sejam bons um com o outro.” Vai entender, mas ela olhou para *mim* como se eu fosse algum tipo de encrenqueiro.

Antes que eu pudesse protestar, Rachel se despediu e correu colina abaixo para pegar sua carona.

Annabeth, graças aos deuses, iria permanecer em Nova York. Ele obteve permissão de seus pais para frequentar um internato na cidade e assim poder ficar perto do Olimpo e supervisionar os esforços da reconstrução.

“E perto de mim?” perguntei.

“Bem, alguém tem um grande senso de sua própria importância.” Mas ela enlaçou seus dedos nos meus. Lembrei do que ela tinha me dito em Nova York, sobre construir algo permanente, e eu pensei que talvez – apenas talvez, nós tivéssemos tendo um bom começo.

O dragão de guarda Peleus se enroscou contente em volta do pinheiro, debaixo do Velocino de Ouro, e começou a roncar, soprando vapor a cada respiração.

“Você esteve pensando sobre a profecia de Rachel?” perguntei para Annabeth.

Ela franziu a testa. “Como você sabia?”

“Porque eu conheço você.”

Ele me bateu com o ombro. “Ok, eu andei pensando. *O chamado por sete meio-sangues atendido será.* Imagino quem serão eles. Nós vamos ter tantas caras novas no próximo verão.”

“Sim,” concordei. “E toda aquela coisa do mundo cair por tempestade ou fogo.”

Ela franziu os lábios. “E inimigos nos Portões da Morte. Eu não sei, Percy, mas não gosto disso. Pensei que... bem, talvez nós tivéssemos um pouco de *paz* pra variar.”

“Não seria o Acampamento Meio-Sangue se fosse pacífico,” eu disse.

“Acho que você tem razão... Ou talvez a profecia não aconteça por anos.”

“Poderia ser um problema para outra geração de semideuses,” concordei. “Então vamos poder relaxar e aproveitar.”

Ela assentiu, mas ainda parecia inquieta. Eu não a culpava, mas era difícil se sentir chateado num dia agradável, com ela ao meu lado, sabendo que eu não estava realmente dizendo adeus. Nós tínhamos bastante tempo.

“Uma corrida até a estrada?” eu disse.

“Você vai perder tão feio.” Ela partiu descendo a Colina Meio-Sangue e eu corri atrás dela.

Pela primeira vez, eu não olhei para trás.





NÃO TEMOS FINS LUCRATIVOS



2010